

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 22
JANEIRO / FEVEREIRO 2018

237

EDITORIA
MAG
www.clubedoaudiovideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

EDIÇÃO ESPECIAL - MELHORES DO ANO



2

0

1

7



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO
HEGEL H90

CABO DE INTERCONEXÃO
SUNRISE LAB REFERENCE
MAGICSCOPE

PRODUTO DO ANO
EDITOR

NESTE ANO, **DEZESSEIS** PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, **SETE** RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!



Ano Novo, Novas Marcas

Em 2018, o **AV Group** traz mais 4 novas marcas de sucesso para incorporar a seu portfolio.

ARCAM

Renomada indústria britânica de eletrônicos e amplificadores Hi-End. Possui uma premiada linha Processadores AV, Receivers, Amplificadores e Integrados.



ZEKTOR

Fabricante de matrizes de áudio e vídeo e kits extensores de vídeo para sistemas residenciais e corporativos de alta performance. Garantia de qualidade de produtos "Made in USA".



Metra

HOME THEATER GROUP

A linha mais completa, e de melhor custo-benefício, de Cabos HDMI 18Gbps que possibilitam resoluções 4K até 3840 x 2160, 10-bit de profundidade de cores (com possibilidade de revisão futura para 12-bit), High Dynamic Range (HDR), Taxas de frequência até 120p, Chroma Sub-Sampling até 4:4:4. Para aplicações de alta performance.



Cool Automation

Referência mundial na integração sistemas de ar-condicionado com as plataformas de controle mais utilizadas no mercado, como por exemplo: Crestron, Savant, RTI, Control 4, Fibaro etc. Perfeito também para integração de termostatos Nest aos sistemas de ar-condicionados mais comumente utilizados no Brasil.



AV GROUP

Entre em contato conosco e conheça mais sobre todas as marcas que distribuímos.

Novo Contato:

+55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

LUTRON

JBL SYNTHESIS

Cool Automation

WOLF
CINEMA

mark
Levinson

REVEL

lexicon

REL
ACOUSTICS LTD.

SI

EMOTIVA
AUDIO CORPORATION

ZEKTOR

Metra
HOME THEATER GROUP

ARCAM

ÍNDICE



AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H90

16

E EDITORIAL 4

Retrospectiva 2017

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

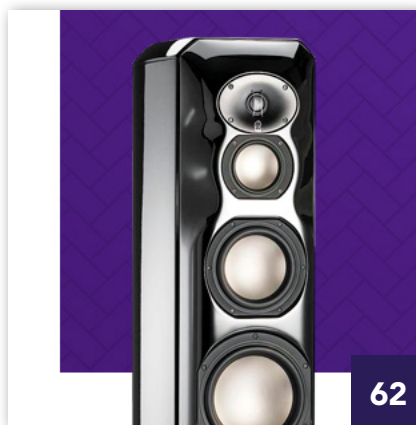
TESTES DE ÁUDIO

16
Amplificador integrado
Hegel H90

22
Cabo de interconexão Sunrise
Lab Reference Magicscope



22



62



128

MELHORES DO ANO 2017

29
Como utilizar a edição
Melhores do Ano

30
Cabos

50
Fusível

52
Rack

56
Toca-discos

60
Pré de phono

62
Áudio

128
Vídeo

VENDAS E TROCAS 136

Excelentes oportunidades
de negócios

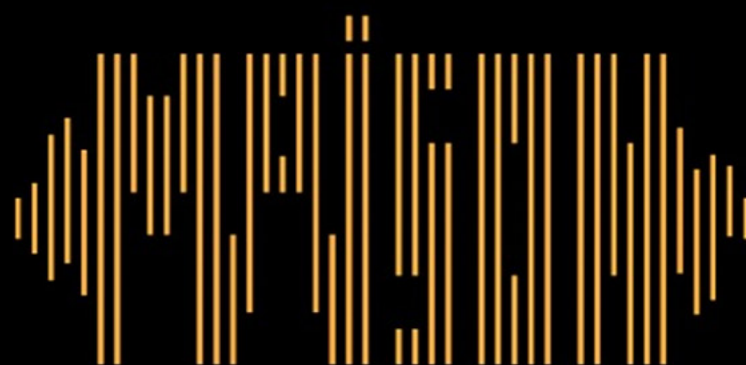


Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

RETROSPECTIVA 2017

Deixemos de lado as dificuldades que o país continua a atravessar e miremos exclusivamente no segmento em que atuamos, o hi-end. Ainda que tenha sido um ano marcado pela cautela e compasso de espera por aqui, temos sim motivos para acreditar que foi um ano marcado por acontecimentos pontuais bastante importantes. Começarei pelo crescimento consistente dos fabricantes de cabos nacionais. O audiófilo neste segmento tem muito o que comemorar, pois atualmente o leque de opções é cada vez maior, tanto em termos de performance, quanto de preço. E o mercado, de forma global, também apresentou produtos com melhor performance e preços mais condizentes com a nova realidade mundial. O leitor atento irá poder conferir essa constatação ao ver as opções de cabos testados por nós no ano passado. Outra tendência que ganhou corpo e parece ser um avanço irreversível é o mercado de caixas acústicas, que também passa a oferecer, junto com o segmento de caixas amplificadas e sem fio, caixas convencionais com performance inimaginável para o segmento de entrada no hi-end. Em nenhum ano anterior a 2017 tivemos uma gama de caixas com uma performance tão impressionante a preços tão sedutores. Outro avanço que certamente tem como maior objetivo 'seduzir' uma nova geração de potenciais consumidores de áudio hi-end, são os amplificadores integrados que são verdadeiros sistemas de áudio, com DAC internos, streaming e todas as facilidades para ser uma central

de entretenimento confiável e com performance audiófila. Esse foi o ano desses integrados para todos os bolsos e gostos! Mostrando aos nossos milhares de novos leitores que o hi-end finalmente perde aquela 'mácula' de produtos apenas para poucos mortais. E, no segmento analógico, o que predominou com a crise que paralisa o país foram as opções de toca-discos de entrada bons e baratos, possibilitando que aqueles que desejam um upgrade seguro em seu velho e surrado toca-disco possam, finalmente, realizar esse sonho. No segmento de vídeo, a briga promete ser boa para os próximos anos, com as duas tecnologias, QLED da Samsung e OLED da LG, brigando cabeça a cabeça. Nesse ano quem ganhou a briga com enorme vantagem foi a Samsung, com seu modelo QLED Q9F, com seis pontos de vantagem em relação aos produtos concorrentes. Mas, pela apresentação da nova geração OLED na CES 2018, essa briga promete novos rounds emocionantes. Nós estaremos atentos, amigo leitor, para mostrar cada detalhe, tendências e novidades tanto deste segmento de vídeo como de áudio hi-end, mês a mês. Enquanto isso saboreie esta Edição Especial de Melhores do Ano e reveja tudo que de melhor foi lançado em 2017. Pois ainda que 2018 seja um ano de eleições por aqui, o ano promete ser de retomada de negócios, com o lançamento de inúmeras novidades e avanços tecnológicos significativos! Que nesse ano que se inicia possamos finalmente respirar ares de mudança e de esperança! ■



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END

A
**MAISON DE LA MUSIQUE
ESTÁ TRAZENDO
O HIGH-END
PARA DENTRO DO
SHOPPING**



Av. Ibirapuera, 3.303 / loja 43 - Moema, São Paulo
comercial@maisondelamusique.com.br



NOVIDADES

SOM MAIOR ANUNCIA DOIS NOVOS LANÇAMENTOS DA NAD: O PLAYER DIGITAL M50.2 E O AMPLIFICADOR INTEGRADO DIGITAL M32



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R2YZUIQA5KY](https://www.youtube.com/watch?v=R2YZUIQA5KY)

Com distribuição exclusiva através da Som Maior e de uma ampla rede de revendedores independentes, dois novos produtos da NAD estão chegando ao mercado brasileiro: o M50.2 Digital Player e o M32 DirectDigital™ DAC Amplifier.

O player digital M50.2 é um produto que substitui com várias vantagens um sistema de áudio baseado em computador, uma solução adotada por muitas pessoas que desejam criar e organizar uma ampla biblioteca musical através de downloads e da cópia de CDs. Entre algumas dessas vantagens, estão a segurança contra vírus, sua operação silenciosa, dada a inexistência de ventiladores para refrigeração, e a ausência de conflitos entre programas.

O M50.2 possui a mais recente geração de processadores ARM de superelevado desempenho. Ele proporciona a audição de música em alta resolução de até 192kHz / 24 bits e streaming sem fio para vários ambientes. Por ser um produto definido em grande parte por software, ele é capaz de manter-se sempre atualizado com novos recursos, codecs de áudio e serviços na nuvem à medida que estes forem desenvolvidos e introduzidos. Isso está diretamente ligado ao seu prático e inteligente sistema operacional BluOS, que reúne e organiza toda uma biblioteca musical formada por álbuns e faixas adquiridas de serviços de download e copiadas de uma coleção de CDs. Através do aplicativo BluOS e sua conexão com a Internet, ele busca os metadados e as artes das capas sem a necessidade do uso de um computador. A propósito, o M 50.2 realiza a cópia de CDs automaticamente e de uma forma que preserva integralmente,

bit a bit, a sua qualidade original. E para armazenar toda uma vasta e valiosa biblioteca musical ele conta com 4 TB de memória em uma configuração RAID, com 2 TB reservados às músicas e 2 TB como cópia de segurança.

Além da sua enorme capacidade de armazenamento de músicas, o M50.2 inclui serviços de streaming como os da Spotify, Deezer e Tidal e de rádio da TuneIn, além da possibilidade de realizar downloads diretos de alta resolução dos sites da HDTracks e da HighResAudio. Seu amplo suporte a formatos de áudio inclui MP3, AAC, WMA, Ogg Vorbis, WMA-L, FLAC, ALAC, WAV e AIFF. Vale também ressaltar sua capacidade de reproduzir músicas em alta resolução gravadas utilizando o codec de áudio MQA (Master Quality Authenticated), cuja proposta é dar a você acesso a downloads e streamings de músicas com a mesma qualidade de áudio que foi aprovada por técnicos e artistas no estúdio de gravação.

Para fazer uma excelente companhia para o M50.2 Digital Player, nada melhor do que o M32 DirectDigital™ DAC Amplifier, a começar pelo personalíssimo design da Série Masters da NAD. O M32 é um amplificador com a tecnologia DirectDigital, utilizada sob licença da Cambridge Silicon Radio (CSR), produzindo uma potência de 180 W RMS por canal quando usado tanto com caixas acústicas de 4 quanto de 8 ohms de impedância, dentro de 20 Hz a 20 kHz, com ambos os canais acionados, e com a baixíssima distorção harmônica total de 0,005%!

O M32 combina todas as funções de pré-amplificador e amplificador em um único estágio de amplificação. Graças à tecnologia MDC (Modular Design Construction) da NAD, ele está pronto para a inclusão de futuros upgrades, uma garantia de sua permanente atualização. Através da instalação do módulo MDC BluOS opcional, o M32 entra para o ecossistema BluOS™, permitindo seu acesso a uma biblioteca musical guardada em discos rígidos, em dispositivos de armazenamento de grande capacidade de dados, conhecidos como NAS, ou na nuvem. Além desse módulo, o M32 tem espaço no painel traseiro para mais dois destinados à sua expansão e customização, todos eles compatíveis com áudio de alta resolução de até 192 kHz / 24 bits.

Com sua seção de amplificação DirectDigital™, o sinal no M32 permanece no âmbito digital desde as entradas até as saídas para as caixas acústicas, o que torna seu estágio de préamplificação imune a interferências do estágio de potência. Ele é, portanto um amplificador realmente digital, e não Classe D como tantos outros. Através de uma drástica eliminação de ruídos e distorções o M32 proporciona uma reprodução rica, nítida e detalhada, com uma experiência de audição inigualável. Seu display TFT por toque substitui vários controles mecânicos e amplia a faixa de ajustes possíveis. Como tudo é definido por software, outros novos controles e recursos poderão ser posteriormente incluídos através de atualizações do firmware.

Em termos de conectividade, o M32 possui duas entradas digitais ópticas e duas coaxiais, AES / EBU e mais três para fontes analógicas, sendo uma delas, a Phono, para um toca discos de vinil, proporcionando aos fãs dos LPs uma exuberante reprodução de gravações de todos os gêneros musicais. Além dessas, o M2 tem saída para fone de ouvido com circuito de amplificação discreto, capaz de acionar até fones planares e de elevada impedância e de extrair o máximo do seu desempenho. Vale também lembrar que as quatro entradas digitais são compatíveis com áudio de alta resolução de até 192 kHz / 24 bits. A Respeito da NAD

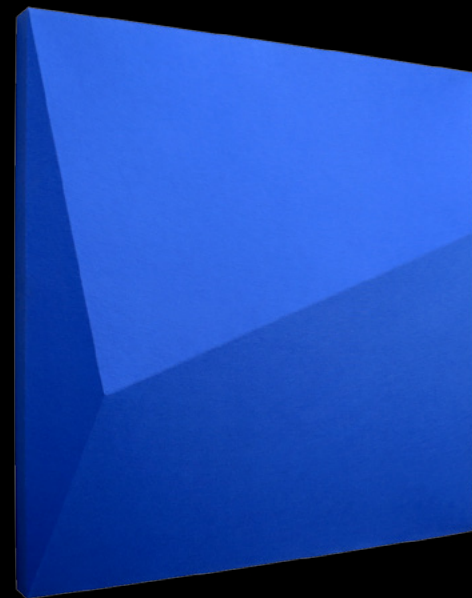


Presente em mais de 80 países, a NAD Electronics têm renome graças aos seus produtos de áudio e de vídeo inovadores e líderes em suas classes. Cada aparelho da NAD é projetado e fabricado segundo sua filosofia de “Música em Primeiro Lugar”, tendo como resultado uma reprodução de áudio autêntica, precisa e reveladora de detalhes. Ela acredita que a real finalidade dos seus equipamentos é a reprodução de um som realista e envolvente, seja de músicas ou de filmes, e que as qualidades centrais para que isso se torne realidade são os projetos bem elaborados, o uso de componentes de qualidade premium e muitas horas de audição crítica antes de um novo produto ser lançado no mercado. ■

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Axabó oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br

PANASONIC APRESENTA A LUMIX GH5S PARA PRODUTORES DE VÍDEOS PROFISSIONAIS



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IEWAKXU6WC8](https://www.youtube.com/watch?v=IEWAKXU6WC8)

Câmera DSLM, híbrida com sensor MOS 10.2MP de alta sensibilidade para melhor qualidade de imagem com baixa luz, permite gravação com até 51.200 de ISO.

A Panasonic apresenta a nova câmera híbrida DSLM (Digital Single Lens Mirrorless) LUMIX GH5S com capacidade de gravação de vídeo expandida e qualidade de imagem melhorada. Desenhada e desenvolvida para produtores de vídeos profissionais, a máquina atinge a melhor qualidade de imagem especialmente em situações de baixa luz.

O novo sensor digital MOS de 10.2 megapixels com tecnologia Dual Native ISO e Venus Engine 10 reproduz fielmente até mesmo partes escuras da imagem, permitindo uma captura com ISO alto quando o uso de iluminação complementar pode não ser possível. Esse sensor é de um tipo multi-aspecto com margem suficiente para possibilitar o mesmo ângulo de visão em relações de aspecto 4:3,

17:9, 16:9 e 3:2. O sensor também permite fotografias no formato 14-bit RAW, oferecendo maior flexibilidade para trabalhos de desenvolvimento de fotografias estáticas profissionais em RAW.

A tecnologia Dual Native ISO elimina o barulho para produzir uma filmagem mais limpa quando realizada com luz total. Cinegrafistas e fotógrafos agora podem desfrutar do mesmo campo de visão diagonal em todas as relações de aspecto com a função True "Multi-Aspect Ratio".

A exemplo das filmadoras profissionais, a LUMIX GH5S é compatível com Time Code IN/OUT, fácil de configurar usando terminal de sincronismo de flash e cabo de conversão para um terminal BNC padrão. Isto é importante para "sincronização labial" ao usar múltiplas câmeras. A LUMIX GH5S pode ser usada como geradora de Time Code para outras câmeras GH5S e filmadoras profissionais.



A nova LUMIX GH5S estabelece um novo marco ao realizar a primeira gravação de vídeo 4K 60p do mundo em Cinema 4K (4096x2160), capaz de gravação 4:2:2 10-bit interna até Cinema 4K30p e de 4:2:0 8-bit interna até Cinema 4K60p. Essa sub amostra de cor normalmente usada para a produção de filmes, para uma reprodução ainda mais fiel de cores. A LUMIX GH5S também grava em 4:2:2 10-bit 400-Mbps All-Intra em 4K 30p/25p/24p e em 200 Mbps All-Intra em Full-HD.

Mantendo a tradição da LUMIX GH, não há limite de tempo para gravação de vídeo Full-HD e 4K. O modelo é compatível com vídeos 4K HDR, modo Hybrid Log Gamma (HLG) em Photo Style. Está disponível um modo de gravação em baixo bit-rate, o 4K HEVC para HLG, que permite playback em equipamento AV compatível com o formato HLG Display, como TVs Panasonic 4K HDR.

A função VFR (Variable Frame Rate) possibilita que os usuários gravem vídeos com time-lapse e em câmera lenta em C4K/4K (60 fps, no máximo 2.5x mais lentos) e FHD (240 fps, no máximo 10x mais lentos). Uma LUT (Look Up Table) V-LogL e Rec.709 foi pré-instalada na câmera, assim os usuários podem reproduzir vídeos gravados em V-Log sem precisar adquirir separadamente um Software Upgrade Key. Quatro LUTs adicionais podem ser instalados usando o formato de arquivo Panasonic Varicam (VLT).

A tecnologia DFD (Profundidade da Defocus) e o processamento de sinal digital de ultra-alta velocidade alcançam autofocus rápido de aproximadamente 0,07 segundo com 12 fps (AFS)/8 fps (AFC) em 12-bit RAW e 10 (AFS)/7 (AFC) fps em disparo contínuo de alta velocidade em 14-bit RAW. Além de um total de 225 áreas de foco, as opções para reconhecimento facial/ocular, Tracking AF, 1-area AF e Pinpoint AF estão disponíveis para um foco preciso. A 4K PHOTO possibilita uma captura de alta velocidade com 60 fps em uma resolução equivalente a aproximadamente 8-megapixels.

FILMAGENS EXCEPCIONAIS MESMO COM BAIXA LUZ

A LUMIX GH5S ostenta um desempenho na detecção de luminosidade -5EV com Low Light AF graças à sensibilidade maior e

ao ajuste otimizado do sensor. O Live Boost é outro recurso que torna possível verificar a composição mesmo com escuridão total ao aumentar a sensibilidade apenas para Live View. A porcentagem de ampliação em MF assist é maior que as convencionais, 10x a 20x, o que é conveniente, especialmente para fotografia astronômica. A função AF Point Scope, introduzida pela primeira vez na Lumix G9, e o modo noturno também são integrados.

RESISTÊNCIA

Para tornar a GH5S resistente o suficiente para suportar até mesmo uso de campo pesado, a câmera é composta de uma liga de magnésio total com fundição injetada na frente, atrás e na estrutura superior, não apenas à prova de respingos e de poeira, mas também de congelamento a até 10 graus Celsius negativos. A GH5S é equipada com duas ranhuras para cartões de memória SD compatíveis com UHS-II e Video Speed Class 90, de alta velocidade e capacidade. Os usuários têm a flexibilidade de escolher o método de gravação entre Relay Recording, Backup Recording ou Allocation Recording. É fornecido o terminal HDMI Type A juntamente com a interface USB-C Gen1.

A GH5S inclui conectividade Bluetooth e Wi-Fi® para oferecer uma experiência de fotografia mais flexível e compartilhamento instantâneo de imagens de fácil operação. A compatibilidade com Bluetooth 4.2 (chamado BLE: Bluetooth Low Energy) possibilita conexão constante com um smartphone/tablet com consumo de energia mínimo. Quanto ao Wi-Fi, pode ser selecionada a frequência de 5 GHz (IEEE802.11ac) além da convencional de 2.4 GHz (IEEE 802.11b/g/n) para uma conexão ainda mais segura e estável.

A Panasonic LUMIX GH5s estará disponível nos EUA a partir de 2 de fevereiro e será vendida no varejo por US\$ 2.499 (apenas o corpo). ■

Para mais informações:

www.panasonic.com.br

CONHEÇA OS PRODUTOS DA SAMSUNG QUE NÃO PODEM FALTAR NAS FÉRIAS



ASSISTA AO VÍDEO DA GEAR 360, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AJYP710AL8C](https://www.youtube.com/watch?v=AJYP710AL8C)

Com a chegada das férias muitas pessoas se preparam para viajar e escolher quais os melhores acessórios para dispositivos móveis, wearables ou tablets, que mais combinam com o estilo de cada usuário pode ser uma tarefa difícil. Por isso, a Samsung preparou uma lista de sugestões que mostra qual o melhor modelo para levar na mala nestas férias.

Diversão em 360°

A câmera é um item indispensável em qualquer viagem. Poder registrar todos os momentos e compartilhá-los em tempo real é o objetivo para muitos. Pensando nisso, a Samsung destaca a Gear 360, a câmera que possibilita capturar vídeos em 4K, foto com 15MP e realizar transmissões ao vivo. Os usuários podem, ainda, acessar vários modos de visualização e ferramentas de edição, além de efeitos e filtros de fotos, para criar conteúdos personalizados e exclusivos. A Gear 360 é resistente à poeira e aos respingos de água, por meio da certificação IP53, e é compatível com os principais smartphones da Samsung. O modelo tem preço sugerido de R\$1.999,00.



Liberdade para ouvir suas músicas

Para os viajantes que não abrem mão de ouvir seus hits preferidos, o Gear IconX é o fone ideal para as viagens longas. O modelo é projetado para dar total liberdade aos usuários sendo possível ouvir música de dois modos. No off-line, no qual pode transferir músicas

do smartphone ou computador, e ouvi-las mesmo que o dispositivo não esteja por perto. Já o modo streaming permite reproduzir as faixas via Bluetooth ou por aplicativos. Além disso, o fone possui carregamento rápido e autonomia de, aproximadamente, cinco horas de reprodução de música via streaming ou sete horas de reprodução offline e 4GB de armazenamento interno. Com o Gear IconX também é possível baixar músicas e criar listas de reprodução personalizadas, como “favoritos”, por exemplo. Para controlar é muito simples, basta usar o touchpad ou comandos de voz, por meio da conexão com a Bixby, para reproduzir ou pausar as músicas, aumentar o som ou ainda fazer uma ligação. O fone está disponível na cor preta pelo preço sugerido de R\$ 1.499,00.



ASSISTA AO VÍDEO DO GEAR ICONX, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BVCNCDPB5XO](https://www.youtube.com/watch?v=BVCNCDPB5XO)



Jogos a qualquer momento

Para os aficionados por games e que não ficam longe dos jogos nem nas férias, o Gear VR com controle, é ideal para levar na mala. O óculos de realidade virtual oferece mais flexibilidade na realização de comandos e movimentos⁷. Já o touchpad do controle facilita a navegação enquanto visualizam a tela do smartphone acoplado. A lente possibilita maior campo de visão e uma tecnologia avançada de correção de distorção, o que minimiza movimentos de cabeça e torna o uso do aparelho mais confortável. O Gear VR com controle tem preço sugerido de R\$ 799,00.



ASSISTA AO VÍDEO DO GEAR ICONX, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3GI-IV5TNEK](https://www.youtube.com/watch?v=3GI-IV5TNEK)



Entretenimento para toda a família

O Galaxy Tab A 8" é o tablet perfeito para aqueles momentos em que se deseja relaxar ou mesmo pesquisar novos lugares ou atividades. Um dos grandes diferenciais do tablet é a sua bateria de longa duração que permite aos usuários assistirem a filmes, ler e-mails, a partir de uma única carga que dura até 14 horas de uso⁸. Além disso, o aparelho é uma ótima opção para quem quer fazer fotos, mesmo quando o ambiente está com pouca luz, já que possui câmera frontal de 5MP, com abertura de lente de F2.2, a câmera traseira de 8MP com abertura de F1.9, com um novo flash para fotos mais claras e brilhantes. O Galaxy Tab A 8" está disponível na cor preta e o preço sugerido é de R\$ 1.299,00.



Tecnologia para crianças

Para o entretenimento das crianças, o Galaxy Tab A 7" é uma ótima opção, já que o tablet é focado em diversão. O modelo conta com áreas específicas para desenho e novos efeitos de som, com uma linguagem educativa que incentiva a criatividade dos pequenos. Além disso, traz a funcionalidade Modo Infantil que permite que os pais controlem o ambiente online acessado pelas crianças. Em uma versão mais leve, com somente 8,7mm de espessura e 289g de peso, o tablet, que vem em versões 4G e Wi-Fi, conta com uma bateria de maior duração. O Galaxy Tab A 7" Wi-Fi tem preço sugerido de R\$ 599,00. Já o modelo 4G está disponível a R\$ 799,00. ■

Para mais informações:
www.samsung.com/br



HI-END PELO MUNDO



NOVOS FONES SENNHEISER HD820

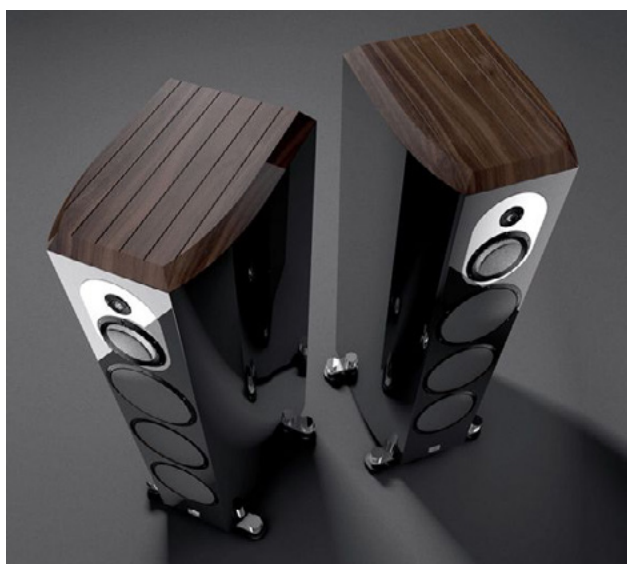
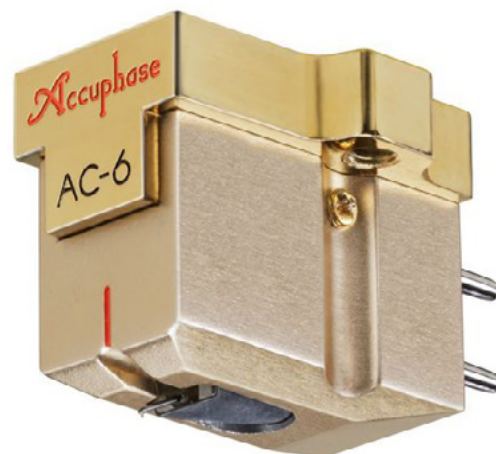
A alemã Sennheiser, uma das mais consideradas fabricantes de fones de ouvido, sempre se mantendo atualizada, está lançando o modelo HD820, trazendo algumas inovações. Segundo o fabricante, o HD820 traz transparência e naturalidade, provendo a melhor qualidade de som, sem ser um fone “open back”, ou seja, sem ser aberto. O HD820 vem equipado com almofadas de microfibra, cabos de cobre OFC com banho de prata e plugues com banho de ouro, e traz entre suas especificações a impedância de 300 ohms e a resposta de frequência de 12 Hz a 43.8 kHz. O preço do HD820 é de US\$ 2.399, nos EUA.

www.sennheiser.com

NOVA CÁPSULA MOVING COIL ACCUPHASE AC-6

A japonesa Accuphase é conhecida por seus amplificadores, fontes digitais e prês de fono, além de vários acessórios. Em 1979, a empresa lançou sua primeira cápsula, a Moving Coil AC-1 e, depois, uma sucessão de modelos. Depois de anos fora do mercado de cápsulas, a empresa está apresentando a AC-6, de quinta geração, com estrutura de titânio, cantilever sólido de boro, magneto de neodímio e agulha com perfil semi-contact-line. Com saída de 0.4 mV e resposta de frequência de 10 Hz a 50 kHz, o preço da AC-6 ainda não foi divulgado.

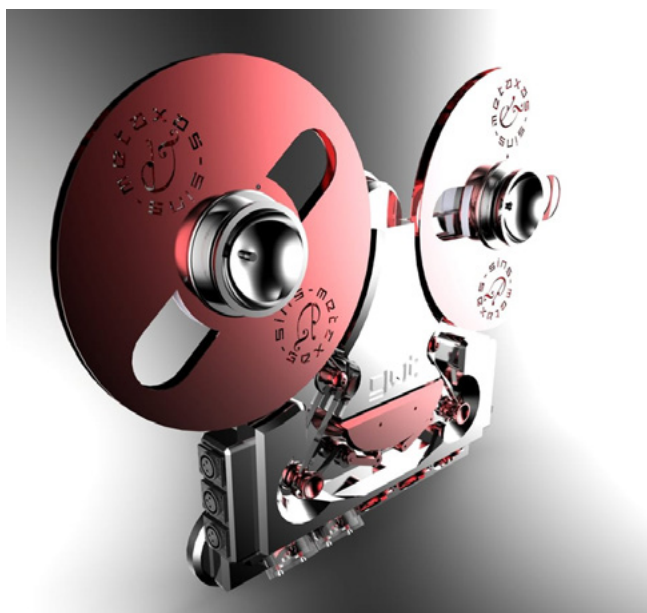
www.accuphase.com



CAIXAS ACÚSTICAS MARTEN MINGUS SUPREME EDITION

A empresa sueca Marten apresentou seu novo modelo de caixas acústicas, a Supreme Edition da linha Mingus - uma linha abaixo da top, a Coltrane. A Mingus Supreme Edition é uma versão especial da Mingus Quintet que traz topo de madeira maciça, aumentando a rigidez, cabeamento interno da linha Statement da Jorma Design, crossover de primeira ordem (garantindo coerência de fase), e seus drivers são todos CELL Concept, desenvolvidos em conjunto com a célebre Accuton. O preço das Supreme Edition ainda não foi divulgado.

www.marten.se



GRAVADOR DE ROLO GQT DA METAXAS & SINS

O engenheiro australiano Kostas Metaxas, com sua grife de equipamentos de design especial, a Metaxas & Sins, devido à sua afinidade e uso de gravadores de rolo profissionais em suas gravações de nível audiofilo, e devido ao crescimento do uso de gravadores de rolo em sistemas audiódilos, está projetando um novo equipamento modelo GQT, nome em homenagem ao fundador da fabricante de gravadores de rolo Stellavox, Georges Quellet. O belo GQT usará motores DC e operará em 15 ips de velocidade apenas, e será apresentado no Hi-End Show de Munique, Alemanha, em maio próximo. ■

www.metaxas.com

AMPLIFICADORES LILT DA S.A.LAB

Baseada em Moscou, a empresa russa S.A.Lab anunciou sua nova linha de amplificadores, a Lilt, que consiste do Lilt Power, com 12 Watts em 4 ohms por canal, com válvulas 6V6 em push-pull na saída e que também pode operar como amplificador integrado, o Lilt Preamplifier, que usa válvulas 12AX7 e 12AY7, e o Lilt Phono, com válvulas retificadoras 5AY3. O preço estimado de cada componente - que estarão disponíveis em diferentes cores - será de €800, na Europa. ■

en.salaboratory.com



NOVO CLAMP CONSTELLATION DA DALBY AUDIO

A empresa de design e desenvolvimento inglesa Dalby Audio, que fabrica cabos, dispositivos de isolamento e amplificadores valvulados, está lançando um clamp de referência para toca-discos de vinil chamado Constellation, feito de uma peça maciça de titânio, desenhada sem linhas angulares, e uma peça de ébano africano sólido. O belo clamp Constellation, que não teve seu preço divulgado ainda, foi desenvolvido para também ser usado em vários toca-discos que tenham suspensão. ■

www.dalbyaudio.com



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson Nº526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164

TOP 5(6) - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224
Luxman M-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson Nº536 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.233

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference MagicScope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Ágata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sunrise Lab Reference MagicScope - 94 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.237
Ortofon Reference Blue - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.235



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IQ_Z4YUSGGO](https://www.youtube.com/watch?v=IQ_Z4YUSGGO)

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H90

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Mediagear, importadora oficial da marca Hegel, cedeu para teste o novo amplificador integrado H90, que trouxe melhorias significativas em relação ao seu antecessor, o H80. A Hegel pegou o melhor do H80 (sua amplificação e DAC interno), fez atualizações importantes na amplificação, trazendo a segunda geração da tecnologia patenteada SoundEngine2, que aumentou o fator de amortecimento para mais de 2000. Adicionou a tecnologia DualAmp/DualPower, que separa os circuitos de amplificação e alimentação dos estágios de ganho de tensão e de corrente, que aliado à baixíssima impedância de saída (marca registrada dos Hegel), o fez se aproximar ainda mais dos outros produtos Hegel. Pegou o melhor do Röst como, por exemplo, o novo mostrador OLED com caracteres brancos, mais bonitos e mais fáceis de ler que o antigo mostrador digital azul. Colocou acesso à Internet via porta Lan (RJ45) para streamer de música, e integração total com produtos Apple como Airplay, iPhone, iPad e computadores Mac.

A interatividade entre Hegel e Apple é de fato muito boa, mas não pense que os outros gadgets ficaram de lado. É possível comandar a biblioteca musical através de smartphones, tablets e computadores que operam com outros sistemas operacionais que não o iOS, inclusive as novas versões do Linux.

O controle remoto é minimalista e bastante funcional. Como é comum os controles Hegel operarem outros sistemas, este também pode operar as principais funções de outros tocadores de música. Leve, fino e discreto, seu formato lembra bastante o controle do Apple TV.

Seu conversor digital/analógico, mais próximo do DAC do H360, agora conta com três entradas: ótica, coaxial S/PDIF e uma USB, que utiliza a tecnologia Synchrodac, síncrona, que a Hegel afirma ser mais eficaz, oferecendo maior resolução e menor distorção que o modo assíncrono.

Na parte analógica continuam as duas entradas RCA de linha e uma saída variável RCA. Fazendo falta a entrada balanceada que antes equipava seu antecessor. O H90 possui amplificação Classe A/B, tem potência de 60 Watts por canal em 8 ohms, resposta de frequência de 5Hz a 100KHz, potência suficiente para empurrar a maioria das caixas existentes no mercado com bastante fôlego.

Outra coisa que gostei no H90 é que os conectores de caixa estão dispostos em um formato diferenciado, em que os terminais positivos estão mais afastados que os negativos. Não sei se foi uma questão de acomodação interna, mas a verdade é que ficou bem mais seguro utilizar conectores do tipo spade sem se preocupar que o positivo toque no negativo. Sofro com este problema de espaço entre terminais com a caixa acústica Pioneer SP-FS52: são tão próximos os terminais que é impossível não ficar preocupado verificando para onde anda apontando os spades a cada movimentação de cabos.

COMO TOCA

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fonte digital: CD-Player e master clock dCS Puccini, notebook Samsung (com JRiver), iPhone 4S e Samsung Galaxy Win 2 (ambos com JRremote). Cabos de força: Transparent XL MM, Sax Soul Zafira III e Chord Sarum Tuned Array. Cabos de interligação: Sax Soul Cables Zafira III RCA, Sunrise Lab Reference II RCA, Sunrise Lab Reference BNC para o clock dCS, e Wireworld Platinum Starlight 7 USB. Cabos de caixa: Kimber Cable KS 3035 e Wireworld Eclipse 6.

Caixas acústicas: Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, Monitor Audio Silver 1 e Dynaudio Excite X14. Fone de ouvidos: Klipsch M40 e Sennheiser HD600.

Antes de ir para o teste, preciso agradecer ao meu amigo Aício Reginatto Júnior por me socorrer cedendo o CD-Player e clock dCS Puccini, e outros apetrechos para terminar o review.

Voltando ao teste, o H90 chegou amaciado, mesmo assim por precaução deixamos por mais 150 horas e iniciamos os testes. Assim que as primeiras notas do saxofone de Bud Shank no disco LA4 Just Friends (faixa 1) ecoou pela sala de audição, imediatamente voltei no tempo quando ainda era um calouro na ULM (Universidade Livre de Música), quando ainda tinha Kenny G como ídolo máximo e fui arrebatado pelo som de um outro aluno na fase final do curso. Seu som cheio de vigor com texturas, brilhos e colorações tão exóticas me faziam tremer por dentro! Era um som limpo, simples e rasgado, cheio de melancolia, que só boquilhas abertas com palhetas moles e um coração aberto conseguem tirar de um sax Alto. O H90 fez meu corpo tremer como naquele dia, pois as texturas no som de Bud Shank são assim rasgadas, estaladas e cheias de nuances que são difíceis de reproduzir eletronicamente sem que este quesito vá para o vinagre, evidenciando sua assinatura assombrosamente parecida com do seu irmão maior o H360, exibindo texturas lindas sem endurecimento do saxofone nem perda da intencionalidade. Tudo isso graças ao seu rígido controle sobre as caixas, tomando para si a responsabilidade de todo o acontecimento musical.





Após retomar o controle do meu corpo, antes paralisado pelos encantos do H90, coloquei o disco do contrabaixista Ron Carter Nonet, Eight Plus (faixa 7): o H90 mostrou texturas maravilhosas e bastante reais, sendo possível perceber uma característica bastante peculiar deste disco: além de todo o trabalho exuberante dos cellos e da percussão, passados 1:50m de música, dá início ao solo e o “roncar” do contrabaixo tem um efeito bastante interessante, causado pelo arco - o som extraído parece de arco novo ou de um arco com pouco breu, ou a junção dos dois (vai saber...). O fato é que o arco não parece “estressar” tanto as cordas como seria o normal, a crina pouco gruda nas cordas produzindo um timbre que em alguns sistemas pode soar desequilibrado, fanho, tornando o solo pouco interessante e estranho aos ouvidos. Neste quesito o H90 passa com louvor - zero de estranheza - as texturas são as melhores possíveis!

Os graves são um ponto fora da curva, são vincados com ótimo recorte e extensão com ótimo deslocamento de ar e modulações muito claras. Até pelo fone de ouvidos os graves se mostram precisos e com ótima extensão.

Outro ponto forte deste integrado é o seu corpo harmônico. Com o disco Modern Cool, da Patricia Barber (faixa 5), o corpo da percussão, do prato de condução e a voz da cantora tinham ótimo tamanho, sua voz poderosa era de um realismo quase palpável, era pura sedução! O H90 fazia questão de manter o trompete em sua alça de mira, não deixando ultrapassar o limite de seu tamanho em nenhum momento.

Uma boa surpresa foi ouvir Rachele Ferrell Live In Montreaux (faixa 10). Aquela massa obtida pelo conjunto musical, principalmente do piano tocado por ela e sua voz avassaladora, põem à prova qualquer sistema - até os milionários. Neste quesito o H90 mostrou competência e, mesmo em meio a toda aquela profusão sônica, o piano trabalhava o crescendo com bastante ar à sua volta, até o ápice onde tudo enlouquece e o massacre da serra elétrica começa. É

claro que o H90 não tirou tudo de letra frente a esse verdadeiro paredão, pois se assim o fizesse não se chamaria H90 e sim H360, mas ele tocou novamente de forma descomplicada e com ótima folga e inteligibilidade sem se intimidar com a complexidade técnica e artística desta obra. Nada escapou aos seus olhos, ele lançava luz sobre todos os músicos nenhuma pequena colcheia passou despercebida.

O controle vocal da Rachele Ferrell é inebriante e, ao mesmo tempo, perigoso para alguns sistemas: o endurecimento nas altas pode ser um verdadeiro anticlímax. No H90 nenhuma frequência era indesejada, tudo é bem-vindo e acontece de forma bastante equilibrada e natural com ótima resolução mesmo para trompetes com surdina e a última oitava do piano.

Como ouvi em conversas com amigos, e li muitos comentários sobre o casamento dos produtos Hegel e Monitor Audio não ser dos melhores, resolvi cassar a aposentadoria das minhas Silver 1 e tirar minhas próprias conclusões. A baixíssima impedância de saída e o fator de amortecimento pra lá dos 2000 fizeram com que o H90 não tomasse conhecimento sobre a existência da S1. Empurrou muito bem a caixa, tratando suas limitações com condescendência. Ainda na faixa 10 do disco Live In Montreaux da Rachele Ferrell, o que ficou evidente foi o nervosismo da caixa, que tornava o acontecimento musical apressado como se os músicos estivessem segurando uma batata quente nas mãos. Ainda assim o refinamento do H90 não transformou as limitações do tweeter da S1 em sofrimento musical. Ao contrário, segurou seu ímpeto jovial e o colocou mais perto da realidade. Até o grave que é um pouco de mais para o tamanho de seu gabinete o H90 controlou com perfeição limitando suas tentativas de descer sem controle. Gostaria de ter testado com uma PL100 ou 200 para liquidar com as dúvidas - não foi possível. Mesmo assim ficou claro que a assinatura Hegel não é o motivo de alguns divórcios com Monitor Audio e sim como é feita sua harmonização no sistema.

Já com as Excite 14 a calma e suavidade entre este conjunto chamou bastante atenção. A Dynaudio tocou com uma docilidade e equilíbrio cativantes!

Com as Pioneer SP-FS52 by Andrew Jones, o H90 sentiu-se em casa tocando com desenvoltura tudo que lhe era passado. O RCA Zafira III com conectores WBT de prata trouxeram para as Pioneer maior arejamento e extensão nas altas, o que deixou as apresentações ainda mais gostosas de ouvir.

Com fone de ouvidos seu som era muito bom, correto e equilibrado. Faltando apenas uma pitada nas altas, nada que estragasse o prazer de ouvir. A folga do H90 é uma ótima aliada dos fones mais tecnicamente comprometidos.

CONCLUSÃO

Com o H90 a Hegel trouxe a alta qualidade audiófila mais para perto de nós seres mortais, muitas vezes desenganados com este hobby. A jornada não é fácil, é como encontrar uma agulha no palheiro e o Hegel H90 é certamente uma agulha brilhante em meio a um enorme palheiro de produtos equivocados tonalmente, dando-nos uma boa dose do mágico som Hegel H360 por uma fração de seu preço.

Se o amigo leitor procura por um amplificador integrado sério, correto e antenado com as novas tendências tecnológicas, deve ouvir o H90. Duvido que não se surpreenda e passe a considerá-lo um forte candidato.

PONTOS POSITIVOS

Novo mostrador OLED, compatibilidade com várias caixas acústicas de marcas e assinaturas diferentes, compatibilidade total com diferentes gadgets, programas e serviços de streaming de música.

PONTOS NEGATIVOS

Não tem entrada balanceada XLR, como no Röst e seu antecessor, o H80.

ESPECIFICAÇÕES	Potência	2 x 60 W em 8 Ohms
	Carga mínima	2 Ohms
	Entradas analógicas	2 x (RCA)
	Entradas digitais	- 1 x (RCA) coaxial S / PDIF - 3 x S / PDIF óptico - 1 x USB, 1 x) - 1 x Network
	Saída de nível de linha	1 variável (RCA)
	Resposta de frequência	5 Hz - 100 kHz
	Relação sinal-ruído	Mais de 100 dB
	Crosstalk	Menos de -100 dB
	Distorção	Menos de 0,01% @ 25 W 8 Ohms 1 kHz
	Intermodulação	Menos de 0,01% (19 kHz + 20 kHz)
	Fator de amortecimento	Mais de 2000 (potência principal estágio de saída)
	Dimensões (L x A x P)	43 cm x 8 cm x 31 cm
	Peso	11 kg

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H90	
Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	11,0
Textura	11,0
Transientes	12,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,0
Total	87,0
VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 10.675



Linda por fora Inteligente por dentro



A renomada linha **Silver** da Monitor Audio chega a sua sexta geração recheada de novidades. Mas algumas coisas nunca mudam: o acabamento impecável, a tecnologia, a qualidade acústica e a montanha de prêmios!



016 3621-7699
contato@mediagear.com.br
www.mediagear.com.br





CABO DE INTERCONEXÃO SUNRISE LAB REFERENCE MAGICSCOPE

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Como escrevi no teste dos cabos de caixa e digital Reference MagicScope, a Sunrise Lab nos mandou o pacote para a realização do teste. E fiquei devendo aos leitores o teste dos cabos de interconexão RCA e XLR da série. A separação foi motivada por falta de tempo, já que o final de ano o número de coisas pendentes é sempre muito grande e também pelo fato que queria testar os cabos de interconexão com o maior número possível de equipamentos. Para os que não leram a primeira parte do teste, fica aqui minha sugestão (publicado na edição 236, de dezembro 2017).

Assim como com a nova versão do integrado V8 MkIV, a nova linha de cabos Reference MagicScope não tem nada em comum com a linha Reference anterior. O Ulisses partiu de uma nova topologia para desenvolver essa nova geração, com novos materiais e uma abordagem realmente criativa que ele batizou de MagicScope.

Publico aqui integralmente o texto que o fabricante disponibiliza em seu site sobre o sistema MagicScope.

“Trata-se de um sistema que tem como objetivo reduzir e controlar certas ondas estacionárias que trafegam nos cabos sempre que neles circulam sinais elétricos. Essas ondas são como turbulências em um rio, dificultando a capacidade de vazão do mesmo. Nos condutores elétricos, são causadas por inúmeros motivos: impurezas do material, irregularidades nas superfícies dos condutores, pelas diferenças de velocidade entre os vários condutores que compõem os fios, pela diferença de como o material isolante atua na superfície de cada condutor e também pela diferença de como as interferências eletrostáticas e eletromagnéticas atuam em cada fio do condutor, além de outras. Sempre indesejáveis, impedem que o sinal de áudio seja transmitido com perfeita integridade pelos cabos. Apesar de ►



serem de amplitudes pequenas, mesclam-se ao sinal principal e o modulam, modificam e trazem como principal consequência alterações na velocidade de propagação de forma dependente da amplitude e da frequência. As consequências em termos auditivos são a perda de resolução, desequilíbrio tonal, timbre ruim, baixa dinâmica, etc. Tradicionalmente esses problemas são tipicamente contornados minimizando-se a seção, mas aumentando a área contida (como no caso dos cabos concêntricos), minimizando a área de contato com o isolante, controlando as vibrações do cabo e ou utilizando misturas de materiais de características físicas distintas. Cada solução encontrada por um fabricante tem seus desdobramentos e nenhuma é absolutamente infalível, além de também (dependendo do material utilizado) ter o problema de encarecer o produto final. A solução encontrada pela Sunrise visa obter cabos de altíssimo nível e de excepcional relação custo e benefício. A técnica utiliza a introdução estratégica de pequenos componentes eletrônicos, objetivando provocar pequenas rotações de fase entre condutores do cabo. Essas pequenas rotações de fase provocam auto-cancelamento das estacionárias que mais afetam o tipo de sinal que trafega no condutor.”

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: sistema de referência da Cavi, CD-Player Emotiva ERC-3, pré-amplificador Emotiva XSP-1 e power estéreo XPA. As caixas foram: Dynaudio Emit M20, Emotiva T1 e Kharmas Exquisite Midi. Cabos de caixa: Sunrise Reference MagicScope e Transparent Reference XL MM2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2 e Chord Sarun.

Em nosso sistema de referência, utilizamos simultaneamente o RCA entre o DAC dCS Scarlatti e o pré Dan D’Agostino, e o XLR entre o pré de linha e o power Hegel H30. Sua assinatura sônica possui as mesmas qualidades dos outros dois modelos testados (silêncio de fundo impressionante, velocidade, corpo harmônico exuberante e uma energia literalmente visceral). A sensação de energia e deslocamento de ar é tão impressionante que, no primeiro momento, o ouvinte se assusta com essa característica. O mesmo ocorre com a recuperação e apresentação de micro-dinâmica. E quando utilizado com todo o set Reference MagicScope, o sistema ganha uma folga

na apresentação de macro-dinâmica estonteante! Tanto que, ao ouvir aquelas gravações mais comprimidas com maior folga, inteligibilidade e conforto auditivo, temos instintivamente o desejo de ‘abusar’ um pouco mais do volume, como se a gravação tivesse literalmente sido ‘descomprimida’ em uma nova remixagem.

Os ataques em instrumentos de cordas e percussão ganham em precisão e velocidade, tornando-nos mais alerta e participantes do acontecimento musical. Mas não se engane amigo leitor, a sensação de conforto auditivo é integralmente plena, o que ocorre é que com o seu silêncio de fundo, a organização dos planos, foco e recorte de cada instrumento se torna muito mais perceptível e apreciável dentro do imaginário palco sonoro.

Trata-se, na verdade, de uma ampliação da percepção do acontecimento musical em nossa sala e em nosso sistema.

Misturando o Reference MagicScope com nossos cabos de referência (Transparent Opus G5, Crystal Cables Absolute Dream e Sax Soul Ágata), a sinergia foi excelente, mas para atingir a melhor performance com suas melhores características, o ideal será um set completo de Reference, pois a utilização do cabo digital, o de caixa e o de interconexão em conjunto foi espetacular!

O equilíbrio tonal do set completo é impressionante. Uma extensão absurda em ambas as pontas, com um corpo harmônico muito correto tanto nos graves como nos agudos. Sua região média é transparente sem, no entanto, perder calor e naturalidade. O silêncio de fundo realmente possibilita que vozes e solistas tenham uma apresentação que se materializa à nossa frente, como se o som simplesmente brotasse do silêncio absoluto.

Aliás essa característica foi a que mais chamou a atenção de todos que compartilharam do teste em nossa sala. Alguns traduziram esse refinamento como maior tridimensionalidade ou maior sensação holográfica. Independente das explicações que cada um deu a essas audições, o que é importante ressaltar é justamente esse grau de magia e interação entre a música e o ouvinte que o Reference MagicScope proporciona em sistema bem ajustados.

No setup todo da Emotiva, que está em amaciamento, o set Reference casou como uma luva, trazendo uma precisão e energia que, a princípio, nos pareceu não ser uma das características predominante desse sistema (seu som até o momento, com 200 horas de queima, pareceu mais relaxado). Tanto que acabei por acelerar a queima e entrada dos Emotivas em teste, para não perder a oportunidade de ouvi-los com os References, que já estão vendidos.

Para os amantes de música clássica com variações dinâmicas consideráveis, que procuram um set de cabos Estado da Arte para o seu sistema, sugiro uma audição cuidadosa dos Reference MagicScope, pois eles podem literalmente elevar suas audições

para um outro patamar de satisfação. Assim como os amantes de big bands e de rock (principalmente heavy metal). A capacidade de 'organizar' gravações tecnicamente limitadas desse cabo é algo impressionante. Que você só ira entender ouvindo, amigo leitor.

CONCLUSÃO

O RCA de 1 metro Reference MagicScope custa também menos de 1000 dólares, o que o torna uma opção extremamente viável para uma legião de audiofilos e melômanos que possuem sistemas Diamante Referência e Estado da Arte! O XLR custa um pouco mais: por volta de 1600 dólares, o que perto dos valores dos cabos Estado da Arte importados é uma fração! O que também o torna extremamente competitivo.



Junte-os ao digital (caso você necessite de um) e o de caixa e você terá um set de cabos Estado da Arte com uma assinatura sônica exuberante e de uma relação entre inteligibilidade e conforto auditivo impossível de se extrair com esse valor! Então, se procurar seus cabos definitivos, com um custo integralmente admissível, escute-os!

Garanto que a chance de você os escolher para o seu sistema é enorme!

ESPECIFICAÇÕES - RCA

Cabo flexível coaxial com diâmetro aproximado de 6.5 mm

Condutor central possui 0.42 mm² de cobre OFC multifilar trançado

Blindagem tripla: uma camada de cobre trançado oblíquo, borracha condutiva e manta de blindagem eletromagnética externa

Acabamento em termo retrátil e capa de nylon preta

Capacitância (por metro) 115 pF

Indutância (por polo/metro) 2,05 nH

Terminação RCA em cobre OFC banhado a ródio

Peso (1 metro/par sem embalagem): 150 gramas

ESPECIFICAÇÕES - XLR

Cabo flexível duplo coaxial torcido em hélice com diâmetro aproximado de 6.5/13 mm

Condutores centrais possuem 0.84 mm² de cobre OFC multifilar trançado total

Blindagem tripla: uma camada de cobre trançado oblíquo, borracha condutiva e manta de blindagem eletromagnética externa

Acabamento em termo retrátil e capa de nylon cinza

Capacitância (por metro) 115 pF x 2

Indutância (por polo/metro) 2,05 nH x 2

Terminação XLR em cobre OFC banhado a ouro Neutrik

Peso (1 metro/par sem embalagem): 400 gramas

PONTOS POSITIVOS

Cabos Estado da Arte com preço de cabos hi-end de entrada.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

CABO DE INTERCONEXÃO SUNRISE LAB REFERENCE MAGICSCOPE

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,0
Total	94,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

RCA

Até 1.0 metro / par com
terminação padrão: R\$ 2.800
Cada metro/par adicional: R\$ 600

XLR

Até 1.0 metro / par com
terminação padrão: R\$ 4.800
Cada metro adicional: R\$ 1.000

Sunrise Lab
(11) 5594.8172

**ESTADO
DA ARTE**





dCS Network Bridge

A integração perfeita entre a sua música digital e o seu DAC

A plataforma Network Bridge permite que você transmita arquivos de música de alta resolução bit-perfect a partir de armazenamento conectado à rede, unidades USB conectadas, serviços de transmissão online, além de dispositivos Apple através do Apple Airplay, produzindo áudio perfeito para seu DAC.

- Aceita dados do UPnP, USB assíncrono e Apple Airplay.
- Os serviços de streaming suportados incluem TIDAL e Spotify Connect.
- Roon ready.
- Down-sampling opcional compatível com os DACs mais antigos.
- O sistema de auto-clocking melhora a facilidade de uso e minimiza o jitter.
- A regulação de potência em multi-stage isola os circuitos digitais e de clock.
- Firmware atualizável via Internet para futuras atualizações de funcionalidades e de desempenho.
- Reproduz arquivos amostrados a taxas de até 24 bits, 384kS/s, suportando todos os principais codecs lossless, mais DSD/64 ou DSD/128 em formatos nativos ou DoP.



**FERRARI
TECHNOLOGIES**
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

dCS
ONLY THE MUSIC

EDIÇÃO ESPECIAL

MELHORES DO ANO

2017

CONHEÇA OS 38 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2017



METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 16 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 7 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentaram uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO TIMELESS AUDIO AMATI - RCA E XLR

Fernando Andrette



Como escrevi no teste do rack da Timeless, essa é uma nova empresa nacional que entra no mercado com uma linha muito interessante de produtos para o mercado hi-end. Seu grande diferencial me parece ser a qualidade e esmero na apresentação dos seus produtos, um nível de acabamento e cuidados que só estamos acostumados a ver em produtos importados. Esse detalhamento em todas as etapas, da escolha da matéria prima ao acabamento final do produto, espelham o perfeccionismo do projetista e engenheiro Giovanni Palomba.

A Timeless Audio está colocando de uma só fornada quatro modelos de cabos: Amati, Maggini, Guarneri e Stradivari. Todos utilizam a tecnologia Lowest Capacitance que pode ser resumida na escolha dos materiais para a fabricação deles. Após testes exaustivos com diversos materiais, o engenheiro Giovanni chegou à conclusão que os materiais orgânicos levam vantagens quanto às características físicas e elétricas. Em medições de laboratório, testes comparativos do coeficiente dielétrico (uma medida de absorção elétrica em relação ao vácuo), descobriu-se que quanto mais baixa esta constante, melhor.

O Teflon (muito utilizado por inúmeros fabricantes de cabos) possui um coeficiente dielétrico ao redor de 1,7 a 2,0 (dependendo de sua qualidade e densidade), enquanto que o algodão e a seda orgânica que a Timeless utiliza, possuem coeficientes dielétricos entre 1,15 e

1,3. Nos testes auditivos isso representou um maior arejamento e detalhamento na reprodução musical. O Amati, ainda que seja o cabo de entrada da Timeless, do primeiro protótipo ao produto finalizado foram três anos de pesquisa e desenvolvimento.

O objetivo (ainda que seja o cabo mais acessível do fabricante), foi buscar uma sonoridade extremamente musical, um timbre correto e uma alta compatibilidade tanto com sistemas mais modestos, como com os mais sofisticados. Segundo o fabricante, é o cabo indicado para audiófilos e melômanos que buscam o conforto auditivo absoluto em seus sistemas. Descrevo abaixo as principais características de construção do Amati, segundo o fabricante:

Geometria: helicoidal cruzada. Por ser cruzada, a interação eletromagnética entre os condutores é mínima, e a capacitância está próxima a 5pf/metro, sendo praticamente imune a interferências eletromagnéticas externas, o que permitiu uma configuração minimalista, sem blindagem, podendo ser utilizado para aplicação até de baixo nível de sinal, como phono.

Dielétrico: de algodão impregnado com ceras naturais. O composto algodão / cera mostrou-se auditivamente eficaz no controle de micro vibrações.

Condutores: são utilizados dois condutores de cobre de alta pureza, com a bitola adequada para privilegiar o corpo harmônico e manter o Skin Effect sob controle, o cobre é então tratado termicamente (de modo a eliminar tensões ocasionadas no processo de conformação) e depois de pronto o cobre é recoberto por uma fina camada de estanho com estrutura amorfa.

Conectores: utilizando o conceito de baixa massa, os conectores são de uma liga especial de cobre de alta durabilidade (Telurium Cooper), folheado a ouro. O pino central é oco (minimizando o Skin effect) e o retorno do sinal é feito através de um condutor minimalista, com um único ponto de contato, para minimizar correntes parasitas e eliminar reflexões do sinal.

Corpo dos conectores: foram criadas duas versões, em madeira ou polímero. A madeira escolhida se chama Jacarandá, obtida com origem controlada, e conhecida mundialmente pelo nome de Brazilian Rosewood. Uma madeira muito utilizada por luthiers por suas excelentes características sonoras. O longo tempo de estabilização do Jacarandá (130 anos!) transforma a estrutura molecular da madeira, e a seiva presente na estrutura se cristaliza conferindo propriedades de amortecimento especial. Auditivamente, reflete-se na qualidade do timbre e, na prática, no encaixe firme e seguro quando conectado a qualquer equipamento.

Recebemos para teste tanto a versão Single-Ended (RCA) como a balanceada (XLR), ambos com 1 metro. É o cabo mais leve e maleável que já testamos. No seu acabamento branco algodão, e envolto em uma embalagem que poderia armazenar jóias, o Amati nos foi entregue com 100 horas de amaciamento.

Ouvimos os cabos nos seguintes equipamentos: dCS Scarlatti (DAC), pré-amplificadores Dan D'Agostino e Luxman (leia Teste 1 na edição 232), powers Hegel H30 e pré de phono Tom Evans Groove+.

Como tínhamos ambas versões, pudemos alternar em todos os equipamentos o XLR e o RCA (e também ambos ligados no sistema de referência). Como já estavam com 100 horas de amaciamento e soaram muito bem já na primeira audição, pudemos acompanhar a evolução do Amati em nosso sistema de referência por 7 dias. Acho que a Timeless foi extremamente feliz em todos os detalhes do seu cabo de entrada, pois o acabamento também se reflete em sua sonoridade! É um cabo com zero de fadiga auditiva, proporcionando ao ouvinte um relaxamento completo em suas audições, mesmo com discos mais agressivos ou uma apresentação mais frontalizada. O som é orgânico, natural com um equilíbrio tonal muito correto. Não existem arestas em nenhum dos extremos, nada sobra e também nada falta! A região média é de uma beleza ímpar. As vozes soam com extrema clareza e detalhamento, e os graves possuem corpo muito correto, peso, energia e enorme velocidade!

A apresentação é sempre para trás das caixas, com uma excelente profundidade e largura do imaginário palco sonoro. Os planos são

muito bem apresentados, assim como o foco e recorte bem corretos. As duas qualidades que mais me cativaram no Amati foram: seu equilíbrio tonal e sua apresentação de texturas. Com esse cabo no sistema o ouvinte pode se dar ao luxo de 'perceber' as mais sutis intencionalidades tanto da composição, quanto da execução.

Confesso que teria este cabo exclusivamente para ouvir dois tipos de obras: quartetos de cordas e voz à capela! Foram dezenas de discos de quartetos e corais, e a cada audição uma grande surpresa em notar como o cabo Amati consegue extrair o sumo da intencionalidade. Costumo chamar essas audições especiais como 'ver' o que estamos ouvindo, tornando-nos cúmplices silenciosos!

Mas, não se enganem achando que o Amati joga todas as suas fichas para seduzir pela musicalidade e calor, pois seus atributos vão muito além! Sua velocidade é corretíssima, em termos de ritmo e andamento deixando as apresentações cativantes.

E sua apresentação de macro-dinâmica é surpreendente, pois ainda que não possua a mesma 'folga' em passagens fortíssimas, ele consegue manter uma 'organização' do discurso musical que não leva o som a endurecer. Na micro-dinâmica o silêncio de fundo dele faz uma enorme diferença, o que permite audições muito 'concentradas' sem esforço adicional algum para perceber determinadas nuances.

O corpo harmônico também se mostrou muito melhor do que poderia imaginar para sua faixa de preço. Ouvindo alguns discos de percussão gravados em tempo real, é possível observar a relatividade e coerência do tamanho de cada instrumento muito próximo do que estamos acostumados a ouvir ao vivo. Um corpo harmônico mais 'realista' ajuda em muito a 'enganar' nosso cérebro, como se estivéssemos presentes no momento da gravação.

Nos exemplos do quesito Organicidade, o tenor José Cura se materializou à nossa frente, no disco Anelo! Assim como as vozes à capela em Água de Beber, no Genuinamente Brasileiro vol.II.

CONCLUSÃO

Nas informações no blog do fabricante, ele afirma que o cabo Amati é para audiófilos que já passaram por inúmeras etapas em busca do 'santo graal sonoro' e buscam apenas ouvir seus discos com um grande prazer auditivo. Ao ouvir este cabo tenho que concordar e dizer que os objetivos foram integralmente alcançados!

E, para você leitor, que esteja a procura de um cabo com essas qualidades, gostaria de tentar passar minhas impressões de como 'compreendi' o cabo Amati. Há muito tempo, em nossos cursos de percepção auditiva, lembro os participantes que nenhum equipamento ou acessório é neutro completamente. Sempre haverá uma assinatura sônica por de trás de cada produto bem feito. De uma maneira didática, para todos entenderem aonde desejo chegar, eu divido o tipo de assinatura sônica em dois grandes grupos: os que nos dão a sensação do ouvinte a uma determinada distância do acontecimento musical (como em uma sala de espetáculos acompanhando uma obra sinfônica na décima fila) e o sistema que nos passa a reprodução pelo

CABOS



microfone - pela percepção do microfone no momento da captação. O primeiro nos dá uma percepção do todo, muito mais do que do detalhe, propiciando audições mais relaxadas. No segundo somos o tempo todo levados a ampliar nosso grau de concentração pois é como se estivéssemos a poucos metros dos músicos.

Digo a todos, no curso, que descobrir que tipo de audiofilo você é certamente lhe poupará de muita perda de tempo e dinheiro.

O Amati se enquadra na assinatura sônica que apresenta a música com o distanciamento 'conveniente' para que o audiófilo ou melômano apenas sente e desfrute de suas obras preferidas, sem ser pego de sobressalto com detalhes não inerentes à obra musical que estamos ouvindo.

Ele prima pelo conforto auditivo, aliando naturalidade e musicalidade que só os cabos com um excelente equilíbrio tonal possuem. E nada de excesso de transparência ou algum tipo de pirotecnia sonora. Apenas a música a brotar do silêncio à nossa sala de audição, com uma beleza que nos permite apreciar a obra por completo.

Nos meus quase 60 anos de vida, posso dizer que essa 'maturidade auditiva' geralmente só aparece depois de passarmos por todas as possibilidades que nosso gosto pessoal e nosso dinheiro permitirem

(no hi-end as possibilidades são quase infinitas). Se você se encontra nessa encruzilhada de sua trajetória audiófila e está querendo ouvir apenas a música e já abandonou a fase de ser surpreendido com descobertas de detalhes em seus discos de cabeceira, o Amati pode ser o cabo perfeito para esse momento.

Um cabo com todas as qualidades inerentes para ser considerado um cabo hi-end, mas sem jogar 'luz' no que não é necessário para ouvir suas obras preferidas. Se esse é seu desejo, ouça-o! ■

AVMAG #232

Timeless Audio
(11) 98211.9869 (Giovanni)
www.timeless-audio.com.br
racks.timeless@gmail.com
RCA: R\$ 2.318
XLR: preço sob consulta para definição do terminal

NOTA: 90,0

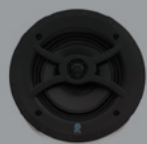


ESTADO DA ARTE

XC Series



C383XC



C363XC



M80XC



M55XC



L42XC



L41XC



L12XC



C283



C263



W253L

2 Series



C263LP



C283LP

3 Series



C383



C363



C363DT

5 Series



C583



C563



C563DT



C540



W553L

7 Series



C763L



C783



C763

8 Series



W893

9 Series

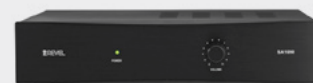


W990

Subwoofer



B28W



SA1000



REVEL

A linha mais completa e aclamada de caixas de embutir e para sonorização de ambientes internos e externos.

AV GROUP

Novo Contato:

+55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

LUTRON

JBL SYNTHESIS

lexicon

SI

mark levinson

MOTIVA AUDIO CORPORATION

WOLF CINEMA

REL ACOUSTICS LTD.

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO ORTOFON REFERENCE BLUE

Fernando Andrette



Testar cabos é como montar um quebra cabeças sem uma referência visual. Para muitos é uma tarefa sem propósito e chata. Para mim, uma oportunidade de conhecer diferentes filosofias de inúmeros fabricantes. Existem aqueles que acham que cabos soam todos iguais, e existem aqueles que acreditam que o cabo certo para o seu sistema deverá ser encontrado, mesmo que essa busca possa demorar muito tempo.

Aos que acham puro placebo essa peregrinação, certamente já encontraram o cabo 'perfeito' para o seu sistema e, portanto, esse artigo não será de utilidade alguma. Já para a legião de melômanos e audiófilos que buscam o cabo certo para dar aquele 'toque final' ao seu sistema, sugiro a leitura do teste.

A Ortofon é o mais antigo fabricante de cápsulas para toca-discos, com 100 anos de existência. Suas cápsulas atendem a um leque de consumidores muito extenso e eclético, que vai de DJs à audiófilos. Aqui na Áudio & Vídeo Magazine já testamos dezenas de cápsulas desse fabricante. E o que chama muito a atenção é o fato de todas as suas cápsulas, independente do modelo, possuir uma relação custo e performance muito boa! A Ortofon mantém uma divisão de engenheiros no Japão para o desenvolvimento de novos materiais e agora, também, para a produção de uma nova linha de cabos, batizada de Reference. Em uma só fornada foram desenvolvidos quatro cabos

para essa série: Red, Blue, Bronze e Black. À princípio, a ideia era dar a mesma assinatura sônica da linha de cápsulas (Red, Blue, Bronze e Black), porém o resultado foi tão surpreendente que a linha de cabos Reference ganhou 'carreira solo'.

A Ortofon, de maneira sucinta, define que cada cabo, assim como as cápsulas, possui uma assinatura sônica individual. O cabo Red (assim como a cápsula Red) possui uma assinatura com boa resolução de micro-dinâmica e um som mais relaxado, ideal para sistemas de entrada. E, como a cápsula Red, possui um preço menor. O Reference Blue é um cabo com uma maior extensão nos dois extremos, maior resolução dinâmica e uma transparência superior em todo o espectro audível. O Reference Bronze possui um som ainda mais refinado e detalhado, definido pelo fabricante como mais neutro. E o top, o Reference Black, é um cabo de referência audiófila, com um grau de precisão e neutralidade também para sistemas top.

Segundo o fabricante, todos os quatro cabos da linha Reference utilizam cobre OFC com 4N de pureza e HiFC (cobre puro de alta performance) no condutor central do sinal. Sendo que o que muda em cada cabo é a geometria e a quantidade e bitola dos fios. No Reference Blue é um condutor de sinal OFC 4N de 0,18 mm com 20 fios, um condutor de sinal OFC 4N de 0,12 mm com 30 fios, e o condutor de sinal central HiFC 4N de 0,08 mm com 49 fios. ►

A blindagem é de fita de alumínio e a isolamento de elastômero livre de halogênio. E a capa é de fibra de nylon. Os plugs são usinados e proprietários da Ortofon Japan, com banho de ouro internamente.

Visualmente é um cabo com excelente acabamento, leve e maleável. Seus plugues possuem ótima pressão e, depois de conectado, excelente contato.

O Reference Blue veio zerado e lacrado. Sua embalagem é simples, porém bem eficiente na proteção do cabo. Fizemos nossa audição inicial ligando-o da saída do pré de phono Tom Evans ao nosso pré de linha Dan D'Agostino. Como estava ouvindo LPs naquele momento, achei que poderia retirar o Sax Soul Ágata e plugar o Reference Blue. Ainda que totalmente zero, o Reference Blue foi de uma sonoridade muito convincente, com bom corpo, uma inteligibilidade na micro-dinâmica muito boa, rápido, incisivo e com uma região média muito natural e relaxada. O extremo alto muito recuado, mas sem nenhum sinal de dureza ou metalização.

Como estávamos queimando também o CD-Player da Emotiva, pluguei o Reference Blue nele e deixei ambos amaciando. Com 100 horas, repeti novamente a audição com os mesmos LPs. Muita coisa mudou: os agudos vieram para o lugar, os médios-graves encorparam e a região média recuou, ampliando dramaticamente o palco sonoro em profundidade.

Um dos LPs que estava escutando era justamente a nona de Beethoven, o último movimento, e na primeira audição o coral estava literalmente em cima dos metais e das madeiras. Agora não: os planos estavam com maior arejamento e os naipes com um recorte e foco muito mais precisos.

Como tinha que acabar o teste do Hegel H360 (leia Teste 1 na edição 235), resolvi dar mais 100 horas de queima para o Blue antes de iniciar os testes auditivos. Para o teste utilizamos o Blue ligado entre o DAC dCS Scarlatti e o integrado da Hegel H360, e também entre o DAC dCS Scarlatti e nosso sistema de referência.

O Reference Blue é surpreendente por dois aspectos: a facilidade em que organiza o acontecimento musical dentro do palco sonoro, e seu notório equilíbrio entre transparência e musicalidade. Ele se submete às mais difíceis provas de macro-dinâmica, sem mostrar vulnerabilidade ou falta de controle. E consegue nos manter presos à informação musical sem exigir um esforço adicional. É muito veloz e preciso, com ótimo deslocamento de ar nas baixas frequências. Sua região média é palpável, com calor suficiente para permitir audições agradáveis, mesmo em gravações tecnicamente limitadas.

Seu grau de compatibilidade foi alto, tanto que para tirar 'a prova dos nove', acabei por ouvir o Blue também ligado no CD-Player da Emotiva (um player de entrada) e sua assinatura sônica foi importante para 'impor' uma performance mais detalhista e precisa em termos de andamento, tempo e ritmo.

O corpo harmônico, ainda que não seja mais 'realista', é muito coerente em termos de proporcionalidade. Ouvindo uma big band é possível notar a coerência em relação aos instrumentos de sopro solistas. Seu maior trunfo é, sem dúvida, seu equilíbrio tonal. Mesmo não possuindo uma extensão tão refinada nos extremos como outros cabos top, é preciso lembrar que seu custo não é de cabo top e sim de cabo de entrada, para os padrões audiófilos.

Após ouvir o Reference Blue fiquei bastante interessado em escutar todos os cabos desta série, pois se seguem esse padrão (tanto acima como abaixo), a Ortofon desenvolveu uma linha de cabos de interconexão surpreendente, tanto em termos de performance, como de preço.

CONCLUSÃO

Aos leitores que esperaram tantos anos para possuir um cabo Estado da Arte por menos de R\$ 1.500, eis a grande oportunidade! Certamente na trilha aberta pelo Reference Blue da Ortofon, outros virão. Talvez o próprio Red desta série também possa ser uma opção segura para os que possuem um sistema Diamante Recomendado e Diamante Referência.

Espero ter a resposta muito em breve, já que solicitamos ao distribuidor que, assim que possível, nos envie todos os cabos da série Reference.

O Blue é um senhor cabo e com uma performance impressionante e, aparentemente, sem concorrente direto na sua faixa de preço! Muito equilibrado tonalmente, com excelente dinâmica (macro e micro), ótima inteligibilidade sem perder calor e naturalidade, e com um grau de compatibilidade alto.

Pode perfeitamente ser o cabo definitivo em muitos sistemas Estado da Arte que não mostravam todo seu potencial exatamente pela falta de um cabo de interconexão à altura. Sua relação custo-performance o coloca na linha de frente dos produtos que galgam ser Produto do Ano!

Se você faz parte da legião de leitores que está à espera de um cabo para o ajuste fino do seu sistema, ouça-o! ■

AVMAG #235
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 1.590 (1 m)

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABOS AES/EBU ZAFIRA E ÁGATA DA SAX SOUL

Fernando Andrette



Das linhas Zafira e Ágata da Sax Soul, faltava apenas testar os cabos digitais. Confesso que minha curiosidade em conhecer os cabos digitais deste fabricante era muito grande, pois, como usuário dos cabos Ágata (RCA e XLR), deduzi que a linha digital também pudesse ter o mesmo desempenho sônico. Quando os cabos ficaram prontos, sugeri que fossem mandados para teste primeiramente um modelo do Zafira e um Ágata, ambos AES/EBU.

Minha escolha recaiu nesse tipo de cabo pelo fato do dCS Scarlatti possuir duas entradas AES/EBU, o que permitiria a realização de um comparativo em tempo real, tanto entre os dois modelos como um comparativo com o nosso AES/EBU de referência (Absolute Dream, da Crystal Cable). Ambos os modelos possuem cinco seções de blindagem, sendo que o condutor principal do Zafira é composto de Ouro / Prata e Cobre, e o Ágata de Ouro / Prata / Paládium e Cobre.

Os terminais XLR são Furutech e o preço do 1 metro do Zafira é R\$ 6.000, e do Ágata R\$ 8.000. Ambos foram utilizados durante dois meses entre o transporte e o DAC do sistema Scarlatti da dCS. E como ambos já vieram pré-amaciados, com 100 horas de queima, colocamos os dois imediatamente para avaliação. Queríamos saber qual a diferença de assinatura sônica e qual é a distância, em termos de performance, entre os cabos.

Depois de realizarmos uma primeira audição com ambos, deduzimos, que o Zafira ainda necessitava de um maior período de queima, pois os extremos ainda estavam com pouca extensão e um decaimento mais abrupto nas altas frequências. Já o Ágata, com 100 horas de queima, já apresentou um excelente equilíbrio tonal, texturas muito ricas e refinadas, excelente corpo em todo o espectro audível e macro e micro dinâmicas excepcionais.

Ainda assim, como teríamos que deixar por mais 100 horas de queima o Zafira, acabamos também por estender pelo mesmo prazo à queima do Ágata. Para os futuros interessados, uma primeira dica: o Zafira realmente necessita de uma queima de no mínimo 200 horas para estabilizar e mostrar seus inúmeros atributos. O Ágata também se favorece de uma queima mais longa, porém as diferenças são muito mais pontuais e sutis! A maior diferença das 100 para as 200 horas, no Ágata, ocorreu na dimensão do palco e na profundidade do acontecimento musical, propiciando um recorte e foco muito mais precisos e um aumento considerável e muito bem-vindo no silêncio de fundo.

O Ágata digital é um cabo espantosamente correto e pode propiciar um grau de refinamento do sistema que agradará em cheio todos que clamam por um cabo digital que possua sobra suficiente para gravações tecnicamente limitadas e que necessitam de um maior conforto auditivo. Sua transparência é excelente, sem abrir mão de um alto grau de naturalidade e musicalidade. Encontra-se em um nível de performance muito raro e pode ser o cabo digital definitivo em muitos sistemas Estado da Arte de nível superlativo. Custando uma fração do nosso cabo de referência!

Em relação ao Absolute Dream, o Ágata só perde em detalhes pontuais. São cabos muito semelhantes e parelhos em muitos dos quesitos de nossa metodologia. No equilíbrio tonal, o Crystal Cable possui um nadinha a mais de extensão e arejamento no extremo agudo e maior recorte e corpo nos graves. Em compensação, a fundação do grave do Ágata nos pareceu mais sólida e com um pouco mais de energia (o que é excelente para determinados estilos musicais).

No Sound Stage, enquanto o Crystal Cable prima pelo silêncio em volta dos instrumentos solistas, o Ágata possui um foco e recorte cirúrgico que permite ao ouvinte apreciar cada solo com o mais absoluto

conforto auditivo. Em termos de transientes ambos são muito semelhantes tanto em velocidade como na apresentação de andamento e ritmo.

As texturas também soaram muito semelhantes. O Crystal possui uma apresentação em que a intencionalidade é mais presente, e o Ágata realça a paleta de cores e timbres. Foi o quesito no qual mais discos escutei para poder chegar a essa conclusão, e para o meu gosto poder ter ambos os cabos para ouvir de forma distinta as mesmas obras simultaneamente foi uma experiência enriquecedora, e que me faz desejar em um futuro próximo ter ambos os cabos em meu sistema, justamente para poder escutar de maneira distinta um dos quesitos que mais admiro de nossa metodologia.

Sempre lembro aos novos leitores que chegaram agora, que os melhores exemplos de textura são obras de quartetos de cordas. Tenho uma centena de gravações de excelente nível artístico e técnico de vários períodos da música clássica. Com o Ágata, você escuta a qualidade do instrumento, da captação e masterização com enorme facilidade.

A mesma gravação no Crystal nos leva a apreciar o virtuosismo do músico e da obra (intencionalidade). São vertentes ou maneiras de escutar em um sistema de alto nível que nos possibilitam escolher o grau de intimidade e entrega que você deseja ter com suas obras preferidas. São cabos que estão muito além de apenas serem corretos nos trazendo nuances, detalhes e sensações auditivas e emocionais que nos colocam em um outro nível de percepção, como ouvintes!

Na dinâmica ambos são majestosos, principalmente na macro, impetuosos com enorme folga e energia. O Ágata parece mais 'nervoso' na região médio-grave e o Crystal em todo o espectro audível. Na micro-dinâmica o Crystal apresenta um silêncio de fundo desconcertante, o que dá ao ouvinte uma perspectiva das nuances como se tivesse mais luz e foco!

Materialização do acontecimento musical (organicidade) é uma qualidade que coloca ambos os cabos em um pódio restrito aos cabos realmente tops! E certamente o Ágata leva uma enorme vantagem pelo seu preço.

Corpo harmônico foi outro quesito em que as diferenças foram muito sutis, porém na região média-alta instrumentos de sopro, vozes femininas e cordas (viola e violino) o Crystal se mostrou mais próximo do real.

Musicalidade: o Ágata soou mais quente, convidativo e sedoso. O Crystal, mais neutro, imparcial e mais dependente das gravações tecnicamente mais corretas. Porém ambos apresentam total ausência de fadiga auditiva.

Comparando o Zafira com o Ágata, as diferenças são audíveis. Diria que o Zafira é um cabo também Estado da Arte para sistemas muito corretos e sinérgicos, porém sem a mesma folga e refinamento. As principais diferenças estão no equilíbrio tonal: o Zafira não tem a mesma extensão e arejamento do Ágata em nenhum dos extremos,

transientes não possuem a mesma velocidade e autoridade na apresentação de andamento e ritmo. E não possui a mesma folga na apresentação da macro-dinâmica. Por outro lado, é um cabo extremamente sedutor e com uma apresentação natural e de uma musicalidade extrema! Você pode se programar para longas audições com total conforto auditivo e zero de fadiga auditiva. Em gravações tecnicamente 'bem' limitadas foi extremamente correto, permitindo aumentar o volume muito mais próximo do ideal. É o cabo digital perfeito para aqueles que desejam ajustar sua fonte digital em definitivo, procurando extrair o melhor do conjunto sem 'exaltar' nenhum quesito. É o que chamo de encaixe perfeito, pois acerta o que estava 'faltando', porém não joga 'luz' adicional no que já estava bom.

Parece simples, porém os que já tem muitos anos de estrada sabem por experiência que quanto melhor o sistema, subir um degrau em tudo, sem perder nada do que já se conquistou, não é assim tão fácil. E o Zafira consegue com enorme mérito agregar o todo!

Conhecendo nossos leitores como conheço, muitos devem estar se perguntando, por dois mil reais de diferença, então não vale a pena ir direto para o Ágata? Sim e não, respondo eu. Se você acredita em elo mais fraco, pode ser que o seu sistema seja perfeito para o Zafira e não para o Ágata. E aí já estou ouvindo alguém da galera gritar: "E como eu sei que o meu sistema não está à altura do Ágata e está perfeito para o Zafira?". Simples, meu amigo, ouça os dois no seu sistema e se você não perceber diferenças significativas entre os cabos, acredite, seu sistema está perfeito para o Zafira.

Agora se no seu sistema as diferenças além de audíveis, com o Ágata tudo cresce de maneira exponencial e correta, fique com o Ágata.

CONCLUSÃO

Vai parecer redundante, mas eu tenho que insistir: se você ainda tem algum preconceito com produto feito no Brasil, está na hora de você rever seus conceitos. A Sax Soul possui cabos de excelente qualidade. Ouça-os e tire suas próprias conclusões. Só não pode mentir e sair espalhando por aí que ouviu, abriu os cabos e descobriu que são fios Pirelli (como um cidadão mal intencionado do nordeste anda falando nas redes sociais). Isso chama-se má-fé, meu amigo!

Então, como sempre digo, confie no seu ouvido. Se você busca uma solução definitiva em cabo digital para o seu sistema, ouça ambos. Pode ser que finalmente um desses cabos atenda a todas as suas expectativas! ■

CABOS AES/EBU ZAFIRA
R\$ 6.000

NOTA: 92,0

CABOS AES/EBU ÁGATA
R\$ 8.000

NOTA: 100,0

AVMAG #233
Sax Soul
(11) 98593.1236

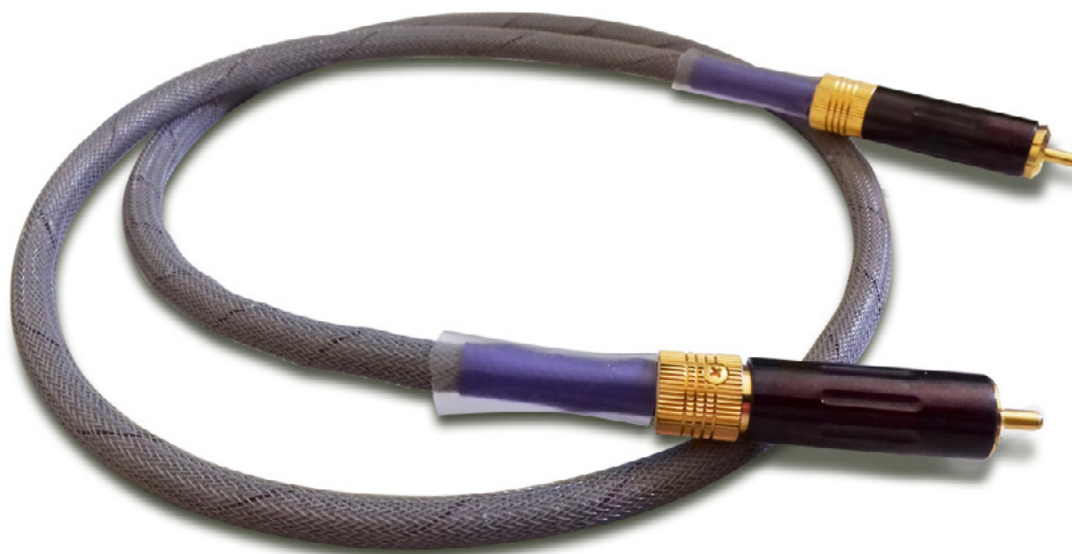


ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DIGITAL SUNRISE LAB REFERENCE MAGICSCOPE

Fernando Andrette



Como estamos publicando na sequência os testes dos cabos da linha Reference MagicScope, não colocarei a explicação dada pelo fabricante em relação à Topologia MagicScope, já detalhada no teste do cabo de caixa (leia Teste 3 na edição 236).

O cabo digital enviado com terminal RCA da Furutech é um cabo flexível coaxial com diâmetro de 7 mm. O condutor central possui 0,4 mm² de cobre OFC multifilar. A blindagem é quádrupla: duas camadas de cobre não trançado helicoidal, borracha condutiva e manta de blindagem eletromagnética. Acabamento em termo retrátil e capa de nylon cinza claro. Capacitância por metro: 105 pF. Indutância por metro: 1,8 nH. Aceita terminação RCA ou BNC. Sintonia do MagicScope: 32 MHz.

Foi fundamental termos recebido simultaneamente para o teste o cabo de caixa, interconexão (XLR e RCA) e o digital, pois assim pudemos ouvir o set completo e constatar que a assinatura sônica é a mesma, e que as principais virtudes (energia, silêncio de fundo, velocidade, precisão e dinâmica) estão presentes em toda a série.

O Digital Reference MagicScope foi utilizado entre o transporte da dCS Scarlatti e o DAC também da dCS. E entre o transporte Scarlatti e o DAC dos amplificadores da Hegel H360 e Röst. O Digital foi o cabo que exigiu maior queima: no total foram 350 horas. E dos três cabos testados é o que sofre maiores transformações à medida que vai amaciando. O usuário deverá ter paciência, pois ele realmente precisa dessa longa queima para mostrar seu enorme potencial. Não que ele saia tocando torto ou feio. Não se trata disso. É que suas maiores virtudes vão desabrochando sucessivamente.

Nas primeiras 50 horas nota-se um ajuste no equilíbrio tonal, nos dois extremos. Primeiro são os graves que encorpam e ganham maior peso na fundação da primeira oitava. Ficou nítido esse detalhe já que o disco que usamos para o amaciamento das primeiras 100 horas foi uma gravação solo de órgão de tubo. Com quase 70 horas os agudos também estabilizam, com uma abertura e arejamento na última oitava superior. Com 100 horas os médios se encaixam com um sutil recuo, permitindo que os planos sejam notados de maneira cirúrgica. ►

Gravações de obras sinfônicas ganham respiro, profundidade, e um recorte e foco primorosos.

Começa a segunda etapa de queima, com o aprofundamento do silêncio de fundo, que nos permite notar a beleza e refinamento na apresentação da micro-dinâmica. O ouvinte atento e familiarizado com suas obras preferidas, nota que inúmeras informações não tão bem detalhadas (ou difusas) ganham luz e uma materialidade quase que palpável.

Outra mudança significativa e impactante ocorre no médio-grave com a apresentação de um corpo harmônico exuberante. A música passa a pulsar com uma maior intensidade, sendo perceptível fisicamente a energia e o deslocamento do ar. Quando esse momento da queima ocorreu estávamos escutando várias gravações do Ben Harper e a presença da cozinha (bateria, baixo elétrico e percussão) se tornou tão mais evidente e precisa, que a sensação é que tivéssemos aumentado o volume.

Com 300 horas, o round final: o ganho de uma folga adicional para aquelas gravações que sempre ‘emperram’ na macro-dinâmica. Aquele ‘up’ adicional que você sempre desejou ter naquela passagem que você vive ouvindo e se decepcionando com o resultado! Nos Cursos de Percepção Auditiva apresento esses exemplos em sistemas de categorias diferentes e peço para os participantes notarem a diferença de folga entre os sistemas. E no Nível 2, que é o curso referente a cabos, demonstro como o cabo errado pode comprometer todo um setup Estado da Arte. Geralmente nesse exemplo as pessoas compreendem na prática a questão do ‘elo fraco’, e passam a redobrar os cuidados na escolha de seus cabos a cada upgrade realizado em seus sistemas.

O Reference MagicScope Digital é um cabo que possui uma ‘folga incomum’ para o seu preço. Ter um desempenho de um cabo Estado da Arte e custar 3 mil reais é um fato inédito nas duas décadas de vida dessa publicação. Posso garantir que os cabos evoluíram muito, e felizmente os preços estão caindo satisfatoriamente. Porém, nessa nova geração de cabos com preços mais condizentes, a performance nos quesitos utilizados em nossa avaliação não são tão homogêneos assim. Sempre um quesito ou outro ainda destoa um pouco, e conseguir uma coerência em todos os quesitos com um preço mais acessível, aí sim é um mérito e tanto! Os cabos digitais Estado da Arte que temos hoje são caros e, quanto maior a performance e refinamento, mais caros ainda! Alguns chegam a custar o preço de um CD-Player top! O que, convenhamos, inviabiliza e muito esse upgrade. Quando o Ulisses me disse que estava desenvolvendo uma nova geração de cabos para substituir toda a sua linha atual, minha primeira pergunta foi: virá um cabo digital no mesmo patamar de qualidade? Pois cabos digitais serão, nos próximos anos, os cabos com maior demanda de

mercado, então os fabricantes que se prepararem para esse momento certamente terão um enorme retorno financeiro.

O que mais encanta nessa nova versão da linha Reference, como já escrevi nas conclusões do cabo de caixa, é a relação de custo e performance do produto. O que possibilitará centenas de leitores que buscam um upgrade em seus cabos realizar esse sonho.

A Sunrise Lab sempre primou por desenvolver produtos que atendam a uma faixa do mercado que deseja um produto hi end que caiba no seu orçamento. Em tempos tão bicudos como o que vivemos, ter propostas que vão de encontro aos nossos desejos de aprimorar nossos sistemas, soa realmente como música aos nossos ouvidos.

CONCLUSÃO

A linha Reference MagicScope é capaz de atender desde o consumidor que possui um bom sistema Diamante bem ajustado até um Estado da Arte que necessita justamente, para o melhor de sua performance, cabos condizentes.

Porém, quando se colocava na ponta do lápis o investimento necessário para esse salto, o principal obstáculo era o custo. Agora esse obstáculo não existe mais! Se você deseja realizar esse upgrade em seu sistema, ouça a nova linha Reference MagicScope! Ela possui um grau de compatibilidade e performance realmente muito interessante. E quem imaginaria ser possível, tempos atrás, um cabo digital Estado da Arte por menos de 1000 dólares? Agora é possível! ■

AVMAG #236

Sunrise Lab
(11) 5594.8172
Até 1,5 metro com
terminação padrão: R\$ 3.000
Cada 0,5 metro
adicional: R\$ 700

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE CAIXA ACÚSTICA SUNRISE LAB
REFERENCE MAGICSCOPE

Fernando Andrette



Foi um ano bastante produtivo para a Sunrise Lab, com o lançamento do novo amplificador integrado V8 MkIV e com o desenvolvimento de uma família completa de novos cabos. No primeiro momento, a Sunrise disponibilizou para teste um novo cabo de caixa, um de interconexão e um digital. Os três entraram em teste simultaneamente, porém com a chegada do final de ano e diversos compromissos com consultoria e a nova plataforma de negócios hi-end, tivemos que dividir os testes em duas partes.

Nesta edição publicaremos o teste do cabo de caixas e o digital. E na próxima edição os de interconexão XLR e RCA. Mas, as novidades não se resumem a essa nova linha batizada de Reference MagicScope: para o primeiro trimestre de 2018 a Sunrise colocará a disposição uma linha ainda acima da Reference MagicScope, para brigar com os modelos top de linha comercializados em nosso mercado.

Assim como o novo integrado V8 MkIV, que deu uma salto significativo em relação a geração anterior, os novos cabos da linha Reference não possuem nenhuma semelhança com a antiga linha Reference, pois a tecnologia MagicScope colocou a linha em um outro patamar de performance e qualidade. Segundo o fabricante, o cabo de caixa é composto por dois condutores (positivo e negativo) com um diâmetro aproximado de 8 mm. Cada pólo do cabo utiliza 12 mm² de cobre OFC multifilar distribuídos concêntricamente em seis condutores independentes. Com acabamento em termo retrátil e capa de nylon predominantemente preta, possui proteção eletromagnética e eletrostática, capacidade de corrente aproximada de 35 Amperes ou AWG 6.7, resistência ôhmica por pólo/metro de 0,00015 Ohm e capacitância entre os pólos por metro de 180 pF. Sua indutância por pólo/metro é de 1,2 nH e o cabo aceita tanto terminação banana como spade.

Sempre lembro o leitor que tentar tirar informações adicionais é quase como um 'parto', pois todos escondem o seu 'pulo do gato'. No entanto, ao ouvir essa nova família de cabos, as qualidades foram tão evidentes que tive que perguntar onde estava o truque para tamanho

salto! A resposta até que veio de forma didática e a público, para todos que se interessem por esse tipo de informação.

"O sistema MagicScope desenvolvido pela Sunrise Lab (e até onde eu conheça, nenhum outro fabricante utilizou essa abordagem de construção), é um sistema que tem como objetivo reduzir e controlar certas ondas estacionárias que trafegam nos cabos que neles circulam sinais elétricos. Essas ondas são como turbulências em um rio, dificultando a vazão do mesmo. Nos condutores elétricos, são causadas por inúmeros motivos tais como: impurezas do material, irregularidades nas superfícies dos condutores, pelas diferenças de velocidade entre os vários condutores que compõe os fios, pela diferença de como o material isolante atua na superfície de cada condutor e também pela diferença de como as interferências eletrostáticas e eletromagnéticas atuam em cada fio do condutor. Sempre indesejáveis, impedem que o sinal de áudio seja transmitido com perfeita integridade pelos cabos. Apesar de serem de amplitudes muito pequenas, mesclam-se ao sinal principal e o modulam, trazendo como principal consequência alterações na velocidade de propagação de forma dependente da amplitude e da frequência. As consequências em termos auditivos são a perda de resolução, desequilíbrio tonal, baixa dinâmica, etc. Tradicionalmente, esse problema é tipicamente contornado minimizando-se a seção, mas aumentando a área contida (como os cabos concêntricos), minimizando a área de contato com o isolante, controlando as vibrações do cabo e utilizando misturas de materiais de características físicas distintas. Cada fabricante busca sua solução, porém nenhuma é cem por cento infalível, além de que quanto maior os cuidados, a possibilidade de encarecimento do produto é inevitável. O engenheiro Ulisses (em um ano inspirado de insights), utilizou uma estratégia distinta de todos os melhores e mais renomados fabricantes de cabo hi end. Ele desenvolveu micro componentes eletrônicos objetivando provocar pequenas rotações de fase entre os condutores do cabo. Essas pequenas rotações de fase provocam o auto cancelamento das estacionárias que mais afetam o sinal que trafega no condutor."

Essa é a explicação que a Sunrise nos enviou e que certamente estará no site da empresa, assim que essa nova linha for disponibilizada ao público.

Nossa função na revista é 'traduzir' ao nosso leitor e explicar usando nossa metodologia como esses cabos se comportaram em três meses de testes com inúmeros equipamentos. O primeiro a vir para teste foi justamente o cabo de caixa, em um momento que tínhamos a nossa disposição as seguintes caixas acústicas: Kharma Exquisite Midi, Dynaudio Emit M20, Emotiva T1 e B1, e Raidho C-3.1, e os seguintes amplificadores: Hegel H360, Hegel Röst (leia Teste 1 na edição 236), Hegel H90, Emotiva BasX TA-100 (leia Teste 2 na edição 236), Power Hegel H30 e monoblocos Mark Levinson N°536. Fontes digitais utilizadas no teste: CD-Player Emotiva BasX CD-100 (leia Teste 2 na edição 236), Luxman D-06 e sistema digital dCS Scarlatti. ►

Fonte analógica: toca-discos Air Tight, braço SME Series V, cápsula Air Tight PC-1 Supreme e pré de phono Tom Evans Groove+.

Gostei muito da flexibilidade do cabo, nada de rigidez ou peso excessivo. Pode tranquilamente fazer curvas sem derrubar ou colocar excesso de força nos terminais do amplificador ou da caixa.

O modelo enviado para teste foi com terminal spade de ródio com cobre, e veio com aproximadamente 50 horas de queima, já tocando muito bem. Excelente soundstage, corpo harmônico, equilíbrio tonal e uma energia desconcertante! Meu filho o chamou de 'nervoso' ao escutar uma big band. Com 100 horas de queima o médio deu uma pequena recuada, o extremo agudo apareceu, trazendo um decaimento muito suave e um melhor arejamento na apresentação de ambiências. E uma velocidade e precisão na apresentação de transientes desconcertante! Parece que os músicos estão sempre em atenção total (ou 'pilhados', como descreveu meu filho).

Escutávamos o disco do trio Tribal Tech, Face First, e a precisão milimétrica do baterista Kirk Covington ganhou ainda maior destaque. Tanto que chamou nossa atenção imediatamente!

Com 200 horas pudemos começar nossos testes. As maiores variações das 100 para as 200 horas foram na estabilização do corpo na região médio-grave e na apresentação do foco, recorte, planos e micro e macro-dinâmica. Os amantes dessas qualidades irão se chocar com a precisão que esse cabo nos apresenta esses quesitos. Tudo é cirurgicamente revelado, tornando as gravações mais primorosas, literalmente holográficas. Você por exemplo consegue perceber sutis variações de altura, de um baterista ao tocar mais próximo da borda do prato ou mais ao centro. Ou perceber a técnica de uso dos pedais do piano em uma mesma obra, gravada por solistas distintos. Ouvir as escorregadas, ou os erros de mixagem em um corte abrupto de um instrumento ainda soando.

Quando achávamos que o cabo já estava inteiramente amaciado, uma nova surpresa com quase 300 horas: a apresentação da textura dos agudos. Esse é um dos requintes de poucos (muito poucos) cabos de caixa top, permitir que se observe até mesmo a qualidade da ponta da baqueta e a técnica do baterista. Assim como a qualidade dos pratos! O Sunrise Lab Reference MagicScope é desse naipe raro, de cabos que permitem ao ouvinte entrar na sutileza dos detalhes, levando-nos a admirar ainda mais aquele disco que tanto gostamos de escutar. Aliado a esse refinamento incrementa sua velocidade e precisão e você acabará por chamar esse cabo de Mágico! Dúvida? Então o escute em seu sistema e compare-o com seu cabo de referência. Pode não soar melhor para o seu gosto, mas essas características lhe serão bem evidentes, acredite.

Mostrando o cabo a alguns amigos músicos, minha curiosidade é o quanto eles observariam dessa sua assinatura sônica 'nervosa', em que a quantidade de energia apresentada é sentida fisicamente pelo ouvinte. Dois amigos que conhecem meu sistema de referência foram convidados para o teste. Eu não disse a eles o que havia de diferente em meu sistema, só dei a dica de que um cabo havia sido trocado.

Apresentei as mesmas faixas de dez discos, todas usadas em nossa metodologia e que ambos conhecem e apreciam sua qualidade artística e técnica de gravação. No primeiro exemplo, ambos notaram que havia uma energia adicional, porém totalmente integrada ao contexto, que a eles agradava e muito. Chamaram essa energia adicional de aproximação com a música ao vivo. Não pela perspectiva do ouvinte, e sim dos músicos interagindo no palco sem o uso de amplificação.

Depois da audição completa dos dez discos, ambos disseram que esse cabo havia dado uma 'apimentada' no tempero musical. Foi muito similar a impressão que meu filho teve ao ouvir a big band do tecladista Joe Zawinul - dizer que os músicos estavam 'pilhados'.

Esse é o resumo da avaliação desse incrível cabo de caixa. Seja lá o que o engenheiro Ulisses colocou de especial para 'desafogar o sinal' ele o fez com extrema maestria e conhecimento. Pois tanto o seu cabo de caixa, como o de interconexão e o digital, possui essa característica, que dá vida a música de maneira visceral! Claro que deixar um sistema mais 'aceso' pode não ser do agrado ou desejo de todos, agora o que é preciso acrescentar é que ele o faz mantendo absolutamente tudo em equilíbrio. O que ele têm em relação a outros cabos concorrentes é uma folga impressionante. E essa folga possibilita essa apresentação tão impactante dos transientes, micro e macro-dinâmica.

Ouvimos com diferentes amplificadores e caixas acústicas e esses equipamentos todos se beneficiaram do uso deste cabo. O caso mais contundente foi com o integrado Emotiva e a caixa B1, ambos pareciam ter mudado de patamar.

CONCLUSÃO

Cabos de caixa Estado da Arte com essas características (de enorme folga), conheço dois: o Absolute Dream da Crystal Cable e a geração G5 da Transparent. Claro que essa lista deve ter mais uma meia dúzia de cabos tops. A questão é o custo desses cabos: em relação ao da Sunrise custam no mínimo dez vezes mais! E o que mais empolga é que esse não será o modelo top, pois em breve haverá uma linha acima. E, segundo o Ulisses, ainda assim será bem mais barato que qualquer dos produtos concorrentes!

Para quem deseja realizar um upgrade final em seu sistema Estado da Arte, ou para todos aqueles que possuem o V8 dois, três ou quatro, ouçam meu conselho que lhes dou de graça: escutem em seu sistema o Reference MagicScope. O cabo de caixa com a melhor relação custo e performance que testamos nos 23 anos da revista! Preciso acrescentar mais alguma coisa?

AVMAG #236

Sunrise Lab
(11) 5594.8172
Até 2 metros / par com
terminação padrão: R\$ 6.500
Cada 0,5 metro /
par adicional: R\$ 1.300

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE CAIXA SAX SOUL ÁGATA

Fernando Andrette



Finalmente conseguimos juntar todos os modelos dos cabos Ágata e realizar o teste do último componente que faltava, o cabo de caixa. Não foi por falta de empenho de ambos os lados (revista e fabricante) para a realização deste teste, mas quando havia a disponibilidade de tempo de nossa parte, o cabo que viria para teste havia sido vendido e vice versa - quando o cabo estava disponível por algumas semanas, nosso calendário de testes em execução estava tomado. No final de fevereiro o Jorge me ligou e confirmou que teria o cabo na medida que precisamos e pelo tempo que fosse necessário e conseguimos então realizar o tão prometido teste do cabo top de linha da Sax Soul.

Como eu já tenho em meu sistema de referência um set de RCA e um de XLR, fora o cabo de força, e todos já amaciados, o tempo de avaliação caiu substancialmente, pois foi apenas o tempo de amaciamento do cabo de caixa para iniciarmos os testes. Sugiro a todos os interessados que também leiam os testes do de interconexão e do de força, publicados nas edições 217 e 225, respectivamente.

O processo de fabricação é o mesmo dos outros cabos desta serie: 3 condutores com 120 fios de cobre elaborados em uma trança especial, mais o condutor central de um único fio com Paládio / Ouro / Prata, que sem dúvida é o grande pulo do gato e tem sua composição

guardada a sete chaves. Tudo envolvido em uma dupla blindagem feita especialmente para a linha Ágata. Os terminais são todos WBT. No caso do exemplar enviado para o teste na ponta do amplificador era banana e na ponta das caixas forquilha. O cabo é feito um a um de maneira artesanal e leva duas semanas para estar inteiramente pronto. O fabricante faz um pré-amaciamento de 50 horas antes de entregar o cabo para o cliente. O Ágata é um cabo direcional, e esse direcionamento vêm indicado pelo fabricante.

Se contarmos as 50 horas de queima inicial, diria que o Ágata de caixa estará em sua plenitude com 300 horas! Pois foi o tempo de amaciamento necessário para o equilíbrio tonal estabilizar e a sensação de holografia 3D se estabelecer e não sofrer mais nenhuma variação.

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Kharma Exquisite, JBL Project K2 S9900, Raidho C3, Pioneer SP-BS22-LR (leia Teste 3 na edição 228) e Revel Ultima Salon 2. Os amplificadores foram: Sunrise Lab V8 MkIV, Luxman L-590AXII, Mark Levinson N°336 (monoblocos) e Hegel H30. Utilizamos o Ágata RCA ligado entre o pré de phono Tom Evans e o pré de linha Dan D'Agostino, o XLR entre o pré de linha e os powers e o cabo de força na fonte do pré de phono.

Para facilitar o teste e sabermos com segurança o que estávamos a escutar, nas primeiras quatro semanas depois do amaciamento só escutamos o Ágata de caixa ligado a nossa caixa de referência, a Kharma Exquisite. Só na última parte do teste (as últimas duas semanas) é que utilizamos as outras caixas que estavam disponíveis ou em teste. Portanto comecei descrevendo que o grau de compatibilidade do cabo Ágata de caixa com os amplificadores e caixas é alto, bem alto.

Com todos os amplificadores e caixas utilizados, o comportamento e a assinatura sônica do cabo não sofreu nenhum tipo de falta de sinergia ou desequilíbrio. E sempre se mostrou perfeitamente 'à vontade' com qualquer setup. Eu sempre destaco este quesito, principalmente nos cabos Estado da Arte, pois sempre percebo uma correlação grande entre compatibilidade e equilíbrio tonal, pois quando o cabo altera seu equilíbrio tonal, dependendo do setup em que está ligado, seu grau de compatibilidade é bem menor.

Como é sua sonoridade?

O Ágata encanta por inúmeros motivos: tem uma naturalidade e um arejamento exuberante. Seu silêncio de fundo é magistral. Os sons brotam realmente do silêncio criando uma holografia 3D em termos de soundstage, muito realista e com um foco e recorte de tirar o fôlego! Essas características lhe dão uma enorme folga, mesmo em passagens muito complexas e com enorme variação dinâmica. O ouvinte não precisa sair correndo atrás do acontecimento musical, pois tudo chega até nossos ouvidos de maneira organizada e com camadas e planos, tanto em termos de largura como de profundidade, no imaginário palco sonoro. Os extremos do espectro audível possuem um decaimento muito suave e com enorme precisão e fidelidade. Mas, na minha modesta opinião, os seus graves se destacam de tal maneira e com tanta autoridade, que fazem muitos outros cabos concorrentes parecerem anoréxicos em termos de corpo e de refinamento do invólucro harmônico.

Mas, por favor, não confundam essa reprodução dos graves profundos com algum tipo de coloração ou truque, pois não se trata disso e sim da qualidade exuberante tanto do seu equilíbrio tonal quanto do seu silêncio de fundo. Sua região média é palpável, presente, envolvente e de uma naturalidade que deixa uma pergunta no ar: como ele consegue nos apresentar a música de forma tão eloquente e ao mesmo tempo tão singela?

Este grau de folga eu só presenciei em outros três cabos de caixa: o Absolute Dream da Crystal Cable e os Transparent Audio Opus G5 e Reference XL G5 - mas os três custando muito mais que o Ágata! Os agudos são extremamente corretos, incisivos e com um corpo também muito impressionante.

Costumo escutar excelentes cabos de caixa na faixa de preço do Ágata que ainda que possuam agudos muito naturais e corretos,

pecam no tamanho / corpo dos instrumentos. Principalmente na reprodução de pratos. Sempre soam menores, pobres no tamanho de um chimbal. No Ágata essa limitação não existe, os pratos de condução são do tamanho real e isso permite que o ouvinte tenha uma ideia exata da qualidade da captação da gravação. Uso como avaliação deste exemplo a faixa 9 do CD Genuinamente Brasileiro vol 2, em que na introdução do tema o percussionista utilizou um enorme prato de percussão. No arranjo estava escrito que a dinâmica precisaria crescer até a melodia começar. Lembro-me que tivemos que trocar duas vezes o microfone, pois ambos não davam conta da dinâmica do prato no crescendo e saturava. Acabamos por usar um B&K 4006 para conseguir gravar essa introdução, e se nota perfeitamente o crescimento do corpo do prato na variação dinâmica que o músico executou. Em muitos cabos de caixa e também em muitos sistemas o prato não cresce em tamanho, só na dinâmica! No Ágata não: conseguimos desfrutar da variação dinâmica do piano para o fortíssimo e o corpo cresce na mesma proporção.

Falemos das texturas e transientes. Sou apaixonado por texturas - para mim um sistema Estado da Arte que não consiga me apresentar o tecido musical integralmente, não me convence. Preciso escutar e quase ver o que ocorreu na sala de gravação. Entender a complexidade do arranjo, o nível artístico do músico, a qualidade do seu instrumento e acima de tudo perceber a intencionalidade do que foi proposto como discurso musical! Se o audiófilo gastou um caminhão de dinheiro na busca do sistema dos seus sonhos, o sistema tem o dever de proporcionar esse grau de prazer auditivo. E à medida que estou envelhecendo, mais valor eu dou ao grau de inteligibilidade, intencionalidade e ausência de fadiga auditiva. Esta tríade é o que norteia e me guia em busca deste tão sonhado santo graal sonoro! Deixo as cerejas do bolo a quem ainda se seduz por detalhes pontuais.

Voltando ao Ágata, falemos da dinâmica e organicidade (já que em algumas linhas acima descrevi em detalhes a beleza do corpo harmônico). Tanto a micro quanto a macro dinâmica é excelente. Tenho tantos exemplos deste quesito que gastaria páginas e páginas detalhando cada exemplo. Vou me concentrar em apenas dois exemplos: os tiros de canhão da Abertura 1812 do CD da Telarc na macro dinâmica, e o CD Anelo do tenor José Cura.

Como eu já havia percebido, a qualidade e precisão dos graves profundos do 1812, peguei leve no volume dos tiros de canhão, pois temia pela integridade de todas as caixas utilizadas no teste (óbvio que deixei de fora a mini monitor da Pioneer). O realismo, a grandiosidade do corpo dos tiros e a velocidade são semelhantes a tomar um soco na boca do estômago! Não tem como não se assustar e temer que os cones dos woofers pulem em nosso colo! Indescritível a sensação das ondas percorrendo o chão da sala e subindo por nossas pernas! Uma mistura de delírio juvenil (quando ouvíamos os sistemas dos nossos pais ou

CABOS

parentes escondidos e queríamos saber o limite do volume suportável e apreensão senil (de que as caixas vão explodir na nossa frente!).

E o exemplo de organicidade: nada melhor que o José Cura nas faixas 18 e 19. Meu amigo, ele está na nossa frente em pé em carne e osso! Você o vê, como se estivesse na sala de gravação a três metros de distância!

Tome Musicalidade!

Com tantos atributos e tanta correção, o que podemos esperar do Ágata em termos de musicalidade? Tudo. Exatamente o que a gravação extraiu daquele momento você poderá tranquilamente, em sua sala, em sua cadeira favorita, desfrutar, descobrir detalhes e multiplicar o seu tempo dedicado diariamente às suas audições, pois a fadiga auditiva é zero, não existe. Em seu lugar, o ouvinte se enche de coragem em buscar aquelas saudosas gravações empoeiradas nas prateleiras, por jamais tocarem bem em setup algum, para ver se agora elas poderão ser resgatadas. É um deleite este momento, a redescoberta de todas as nossas gravações que tanto amamos e que tantas recordações nos trazem! Este é o Ágata de caixa, um senhor cabo Estado da Arte que escreve uma nova página na audiofilia nacional.

Dizer que a série Ágata é o melhor cabo nacional jamais produzido por aqui, é a mais pura redundância. O importante é saber que ele concorre com inúmeros cabos consagrados internacionais que custam até três vezes ou mais o seu preço. E, por puro preconceito, deixar de conhecer esta linha tão espetacular, irá fatalmente doer no seu bolso! Se você possui um sistema Estado da Arte e busca um cabo de caixa para lhe dar um último upgrade, escute-o. De preferência um set completo de Ágatas: eles podem elevar o seu prazer em ouvir música para sempre. ■

AVMAG #228

Sax Soul Cables

(11) 98593.1236

R\$ 16.000

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE

CABOS DE FORÇA TRANSPARENT OPUS POWER CORD E OPUS POWER SOURCE

Fernando Andrette

Tivemos a oportunidade por duas semanas de escutar dois cabos de força da geração Opus da Transparent Cable. A linha PowerLink MM2 durante quase uma década foi a geração top dos cabos de força deste fabricante. E, segundo relatos da imprensa internacional, a linha Opus teve o seu desenvolvimento guardado em segredo por quase três anos antes de ser apresentado ao mercado no final de 2015. Segundo o gerente de projetos e operações da empresa, Josh Clark, tudo na geração batizada de G5 possui avanços tecnológicos como maior controle de ressonâncias e um novo desenho geométrico de fios de cobre OFHC uniformemente separados por enchimentos silenciosos e eletricamente neutros.

Visualmente é fácil detectar as modificações em relação à linha MM2 pelo diâmetro dos cabos, o novo network mais leve e aparentemente mais rígido e pelos novos conectores com um contato muito mais firme e preciso que os do MM2. Foram enviados para avaliação dois modelos um de 10A (Opus Power Source) para ser utilizado em componentes digitais ou prês amplificadores e um de 15A (Opus Power Cord) para amplificadores, condicionadores, etc. O fabricante também disponibiliza terminais opcionais para 20A, e o comprimento padrão é de 1,8 metros.

Como vieram inteiramente queimados, nosso trabalho foi apenas de mantê-los amaciando por 24 horas, para eliminação do stress mecânico. Como estávamos no meio das avaliações das caixas Revel Salon 2 (leia teste 1 na edição 229), achamos conveniente apenas substituir dois dos nossos cabos MM2 pelos Opus e ver o que ocorria. Não gosto nunca de substituir dois componentes no mesmo instante, então à escolha recaiu em ouvir primeiro o de 10A ligado no DAC dCS Scarlatti. Diria que as primeiras impressões foram positivas mas, no entanto, sutis. Estávamos escutando diversos discos de solos de piano do Nelson Freire, e o som, de uma maneira geral, ganhou mais corpo e uma riqueza e definição no ataque das notas e na sua sustentação. As texturas também ganharam em graciosidade e leveza, principalmente nas duas ultimas oitavas da mão direita com uma apresentação mais nítida do feltro do martelo. E nos fortíssimos esse 'aveludamento' se mostrou muito bem vindo, tanto em conforto auditivo, quanto em precisão de ataque e decaimento.

Ouvimos por três dias o Opus Power Source 10A no DAC dCS Scarlatti e depois voltamos o MM2 e levamos o Opus para o nosso pré de linha. No Dan D'Agostino as diferenças foram maiores do que no DAC: maior silêncio de fundo que resultou em nítida melhora na



inteligibilidade da micro-dinâmica e uma apresentação de texturas ainda mais precisas. As vozes ganharam em precisão, ataque, decaimento e silêncio de fundo, permitindo observar e escutar inúmeros detalhes de boca, respiração antes muito mais sutis.

Para não nos confundirmos, já que o tempo corria desfavoravelmente para nós. Retiramos o 10A e passamos a escutar o 15A, ligado primeiramente no H30 da Hegel e, nos últimos dois dias da avaliação, no amplificador integrado da Luxman (leia teste 2 na edição 229).

As diferenças entre o MM2 e o Opus de 15A não foram nada sutis em ambos os amplificadores. O ganho em dinâmica, transientes e silêncio de fundo foi muito consistente. A energia que o sistema ganhou e o deslocamento de ar em diversas gravações como órgão de tubo, bateria, percussão e solo de piano, foram muito significativas. Em termos de equilíbrio tonal e texturas, as diferenças não foram tão importantes, no entanto nos quesitos acima mencionados e em algumas gravações específicas como a Abertura 1812 de Tchaikovsky, o salto em macro-dinâmica foi literalmente impactante!

Faltava colocar os dois Opus em funcionamento, juntos, para ver que resultado obteríamos. A dúvida foi aonde inserir o 10A: no DAC ou no pré de linha? Como tínhamos ainda quatro dias, resolvi ouvir o 10A primeiro no DAC, em que as diferenças não tinham sido gritantes, e depois no pré, em que as diferenças foram muito mais explícitas. Com os dois Opus achei que as diferenças no DAC se ampliaram, com uma melhora também no foco, recorte e planos. Mas se tivesse que escolher entre o DAC e o pré, não perderia meu tempo: colocaria o 15A no Power e o 10A no pré de linha. O sistema ganhou em folga nas

passagens mais complexas, uma inteligibilidade ainda melhor e uma macro dinâmica imprescindível para se ouvir música sinfônica! Tudo regado a um conforto auditivo estupendo!

CONCLUSÃO

É sempre uma decisão muito difícil escolher o set ideal de cabos para um sistema Estado da Arte. Primeiro pelo valor desses cabos e segundo pela sinergia, gosto pessoal e compatibilidade com o sistema. Minha experiência com cabos da Transparent Cables é que seu grau de compatibilidade é alto, mas não é uma unanimidade (nunca será). Conheço uma legião muito seleta de leitores que possuem sistemas Estado da Arte impecavelmente ajustados, mas que como seus próprios donos dizem: "pode ainda sofrer algum ajuste pontual".

Para este seletto grupo eu recomendo sim uma audição dos Opus Power Cord, pois seus benefícios são muito bem vindos, para todos que enaltecem e buscam zero de fadiga auditiva em seus sistemas. E o Opus Power Cord sinaliza integralmente nesta direção. ■

AVMAG #229

Ferrari Technologies
(11) 5102.2902

Opus Power Cord (15A) - US\$ 7.500

Opus Power Source (10A) - US\$ 7.250

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE CAIXA TRANSPARENT AUDIO REFERENCE XL G5

Fernando Andrette



Os resultados que obtive até o momento, com todos os cabos que ouvi e testei da Geração 5 da Transparent Audio, levam-me a redobrar o cuidado tanto no tempo de audição como no realizar das avaliações, com os similares da geração anterior, no caso a MM2. A razão para esse procedimento é que as diferenças são muito consistentes e vale a pena fazer esse comparativo G5 versus MM2. Nossos leitores já tiveram a oportunidade de ler nossas impressões do cabo de interconexão Opus e os novos modelos de cabos de força. Agora terão a oportunidade de conhecer o novo cabo de caixa Reference XL G5, que veio a substituir o Reference XL MM2, que ficou no mercado por quase meia década.

Como escrevi na abertura de ambos os testes do Opus G5 e dos novos cabos de força, essa nova geração, segundo o gerente de operações Josh Clark da Transparent, são o resultado de três anos de pesquisa e desenvolvimento, em que cada etapa foi revisada e aprimorada com novos módulos de network que oferecem maior rigidez e amortecimento vibracional. As redes que ajustam a indutância foram também aprimoradas para manter o ruído fora do caminho do sinal, e um novo ajuste elétrico feito para melhor amortecimento e muito maior estabilidade elétrica. E os problemas associados aos cabos na flexão e torção também foram abordados e melhorados. Segundo o fabricante, todo esse cuidado no desenvolvimento da

Geração 5 resultou em um aumento considerável na faixa dinâmica, um maior silêncio de fundo e uma neutralidade ainda mais precisa.

Desde o lançamento da linha XL, há uma década os cabos dessa série são 'personalizados' para os componentes do sistema do cliente. Um exemplo: as terminações dos cabos de caixa são ajustadas para combinar perfeitamente com as posições e ligações de polaridade no amplificador e na caixa acústica. A Transparent há muitos anos defende que diferentes componentes de áudio têm diferentes impedâncias de entrada e saída, portanto a calibragem é feita de forma individual para aquele sistema. Claro que você deve estar se perguntando: e quando mudo um componente do meu sistema, o que faço? Você entra em contato com o distribuidor e ele providenciará a nova calibração do cabo. Eu pessoalmente já utilizei algumas vezes esse procedimento, com as trocas de pré-amplificadores, powers e caixas. E posso dar meu testemunho que funciona.

Claro que, como testamos diversos equipamentos, não é possível manter apenas um set completo de cabos Transparent, pois estaríamos cometendo um erro grosseiro, já que esse fabricante defende a calibração de seus cabos para cada setup. Mas em pontos estratégicos do nosso sistema de referência, é perfeitamente possível utilizá-los já que são peças que não são trocadas sempre.

Assim utilizamos em nosso sistema de referência os seguintes cabos da Transparent: todos os cabos digitais coaxiais modelo Referência no sistema Scarlatti da dCS, Opus G5 de interconexão entre o DAC Scarlatti e o pré Dan D'Agostino, e o de caixa Reference XL MM2 entre o power Hegel H30 e as caixas Kharma Exquisite Midi.

O cabo de caixa Reference XL MM2 já está em uso há mais de 4 anos e na venda das caixas Evolution Acoustics MM3 ele foi novamente para a fábrica para ser recalibrado por duas vezes - a primeira com a entrada dos monoblocos da Air Tight e depois para a entrada do power Hegel.

É um cabo que gosto muito e diria que conheço bem todas suas virtudes e limitações. Por isso quando a Ferrari me disse que estaria disponibilizando para teste o novo Reference XL G5, já calibrado para esse setup (Hegel H30 com Kharma), recebi a notícia com extremo interesse, pois o salto dado do Opus para o Opus G5 foi muito grande!

Visualmente a maior diferença está no network (também batizado no Brasil de 'marmitta'): menor, mais leve e com um design de acabamento mais próximo da linha Opus. O diâmetro dos cabos também mudou (no G5 a bitola é visualmente menor). A Ferrari teve o cuidado de até a metragem ser a mesma que o meu Reference XL (3,5 m). Como se trata de um teste comparativo e como o cabo veio calibrado para o meu setup (amplificador & caixa acústica), fizemos o teste em duas etapas: primeiro substituindo o nosso Reference pelo G5 e, depois de integralmente amaciado, fizemos uso da bi-cablagem tocando ambos simultaneamente e depois invertendo suas posições. Antes que dê um nó na cabeça dos nossos milhares de novos leitores eu explico: muitas caixas hi-end possibilitam o recurso de bi-amplificar ou bi-cablar. Alguns fabricantes defendem que esse recurso permite extrair todo o potencial de suas caixas. Para tanto a caixa em vez de ter um par de terminais (positivo e negativo), possuem por caixa dois pares. Para bi-cablar, basta ter em mãos dois pares de cabo para cada caixa. No caso da Karma a bicablagem é ainda mais fácil, pois o fabricante substituiu o jumper por uma chave - bastou ligar os dois pares de cabos Reference XL e alterar a chave e passamos a ouvir primeiro o Reference XL G5 alimentando os médios e agudos e o MM2 os graves, e depois o inverso.

Agora que esclareci aos novos leitores o processo de bi-cablagem vamos voltar à primeira etapa. Os cabos desse fabricante não precisam de meses de queima para extrair o seu melhor, mas percebo mudanças para lá de 250 horas. Diria que de 300 a 350 horas você já terá o cabo bem amaciado. Com esse tempo em mente é que fizemos a audição para primeiras impressões, e depois o ouvimos a cada 100 horas de queima. O duro é interromper a primeira audição, pois depois de 4 a 5 horas ele já começa a mostrar inúmeras de suas virtudes que irão desabrochar logo adiante.

O primeiro grande detalhe que chama muito a atenção é o seu descongestionamento nos crescendos! É um senso de organização e um controle férreo em todo o espectro audível que nos sinaliza de maneira clara o que está por vir. Com 100 horas, a diferença mais significativa em relação à geração anterior é a sensação de tridimensionalidade que o palco ganha. Foco, recorte, silêncio entre os instrumentos, tudo é melhor e mais realisticamente apresentado. Os planos não se amontoam e os naipes da orquestra se posicionam de maneira confortável, mesmo em gravações com excesso de microfones sobre a orquestra. Em gravações primorosas, como as da Reference Recordings, a amplitude em termos de largura, altura e profundidade se mostram magistrais! Tudo é direcionado para que o ouvinte tenha o maior conforto auditivo possível!

Com 200 horas, a naturalidade e beleza das texturas desabrocham, com tanta clareza e encanto que a pilha de gravações a serem escutadas só aumenta. Eu quase cheguei a acreditar que 200 horas já seriam o suficiente para o início dos testes, mas fui salvo pelas gravações de pratos e pela observação da ambiência de grandes salas de concerto, que se mostraram muito próximas do Reference XL MM2, o que me levou a deduzir que deveria frear minha pressa e esperar.

Após 300 horas: o Nirvana! A pilha dos discos da metodologia já estava devidamente preparada por quesito, porém por algum motivo 'inconsciente' (será mesmo?), eu decidi ouvir vinil, pois calhou de ser um domingo, frio com muita névoa a cobrir o horizonte. Escolhi dois discos que adoro do grupo Shakti, uma mistura de jazz e música indiana que tenho desde 1984. Esses dois discos foram tocados em mais de uma dúzia de toca discos diferentes ao longo dos anos - mas a primeira audição de ambos foi feita em um Thorens TD-160 com uma cápsula Stanton 500, anos atrás.

A entrada das tablas em ambos os canais tinha uma energia, um controle dos graves e uma precisão jamais em audição alguma escutado! Foi um nocaute sonoro! A extensão, velocidade e corpo dos graves e dos médios, a riqueza de harmônicos e o recorte dos instrumentos deram um novo 'arranjo' a dois discos meus de cabeceira. Resultado: o teste que era para começar naquele nevoado domingo, transformou-se em uma seção puramente analógica com a audição de mais de 25 LPs, que tomou a tarde e adentrou pela noite fria e iluminada por uma lua crescente, que teimava em se refletir no piso da sala. Afirmo que foi uma audição memorável, daquelas que todos desejamos repetir, repetir e repetir. Em cada LP uma surpresa, como se estivesse a ouvir remixagens bem feitas - talvez melhores que as originais (como se isso fosse possível). Nesse momento tive a clareza do salto dado pela Transparent com sua nova geração de cabos de caixa. Estamos falando da linha Reference, a terceira linha deste fabricante, pois agora existem duas linhas acima desta!

CABOS

Para não me tornar enfadonho, vou resumir ao caro leitor minhas observações gerais. Fora as que já mencionei de macro-dinâmica, tridimensionalidade, velocidade, naturalidade, corpo dos baixos e médios-graves, não posso deixar de mencionar a qualidade do outro extremo: os agudos. Para os que acham-se marinheiros de primeira viagem, sugiro a audição de gravações com pratos, muitos pratos, como os de condução, os chineses, chimbali, etc. O que mais impressiona na geração 5 é a extensão, velocidade, corpo e o decaimento. É tão mais natural e transparente, que você percebe o tipo de acabamento na ponta da baqueta. Podem ser em gravações de jazz dos anos sessenta, ou gravações mais modernas (sugiro estas pelas diferenças audíveis dos pratos e baquetas) - até as texturas são apresentadas com maior precisão e naturalidade. E aí entra um outro grande diferencial dessa nova geração de cabos: seu silêncio de fundo, que permite uma reprodução espantosa da micro-dinâmica!

AxB na bi-cablagem: a idéia na verdade deste teste veio do meu filho, ao perceber o quanto estava impressionado com o cabo. Ao explicar para ele que a calibragem de ambos era a mesma, assim como a metragem, ele me disse: "os leitores não gostariam de saber o que ocorre com ambos tocando a mesma música?".

Para facilitar minhas próprias conclusões limitei-me aos discos da Cavi Records.

Ouvindo Água de Beber - Comecei por colocar o Reference XL MM2 alimentando os graves e o G5 os médios/agudos. Bi-cablando a Karma o palco cresceu tanto em termos de largura e profundidade que foi preciso ouvir algumas vezes essa faixa antes de iniciar o teste. As vozes masculinas que estão em ambas pontas saíram para mais de um metro das caixas. O foco, recorte e silêncio, entre cada um dos vocalistas se tornou palpável! O violão e a percussão atrás foram pelo menos mais meio metro para o fundo. Depois de ouvir duas vezes a faixa inteira, invertemos os cabos. O G5 foi para os graves e o MM2 subiu para os médios/agudos. Dois choques imediatos: a energia, corpo, pressão e extensão do grave da moringa. E a volta para o espaço que estou acostumado a ouvir dos seis vocalistas.

Segundo disco, André Mehmarí Lacrimae, faixa 12 - Novamente o MM2 nos graves e o G5 nas médias/altas. A mão direita do pianista André Mehmarí novamente saiu quase um metro para fora das caixas. O trabalho nos pratos ganhou uma graciosidade e uma apresentação de intencionalidade e micro-dinâmica absurda, soavam até o limite do decaimento. Invertendo os cabos, o contrabaixo foi muito favorecido em termos de corpo e velocidade. A mão esquerda do piano ganhou peso, energia e velocidade e a mão direita voltou para dentro da caixa e os pratos voltaram a soar bonitos corretos, naturais, sem aquela expressividade e intencionalidade.

Terceiro exemplo, CD Timbres, faixas do contrabaixo acústico, violão e clarone - Claro que nem perdi tempo de ouvir os três exemplos,

concentrei-me no primeiro (o mais fidedigno). Depois de ouvir os três exemplos, ao inverter os cabos tenho que confessar que, nesse disco específico, o melhor mesmo foi voltar a mono-cablagem e escutar só com o G5!

CONCLUSÃO

Talvez centenas de leitores possuam cabos da Transparent e estejam satisfeitos com eles em seus sistemas. Mas, acreditem, essa nova linha é um salto muito consistente e pode representar um sólido upgrade em um sistema já muito bem ajustado e sinérgico.

Eu também tinha minhas dúvidas quando fiz o upgrade do meu Opus para o Opus G5, achava que a diferença em termos de valores era acentuadamente alta para fazer sentido tamanho investimento. Pois bem, só você poderá saber se vale a pena ou não. Mas imagine que você tenha a certeza que seu sistema poderia ganhar um pouco mais de 'folga' em termos de macro-dinâmica, e que gravações mais comprimidas e equalizadas poderiam soar mais 'palatáveis'. Mas esses desejos pontuais não passam pela troca de nenhum dos equipamentos. Então o caminho pode ser este: upgrade nos cabos. Acredito que vale a pena ao menos ouvir, para ver o que acontece, ainda que seja um investimento alto em um sistema Estado da Arte, pode ser a solução final!

AVMAG #231
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 27.000

NOTA: 103,5



ESTADO DA ARTE



VISITE
NOSSO
SHOWROOM

OS MELHORES EQUIPAMENTOS DE ÁUDIO E VÍDEO HI END, NOVOS E SEMINOVOS, VOCÊ ENCONTRA NA HIFICLUB.

VENDA, TROCA E CONSIGNAÇÃO DE
EQUIPAMENTOS HI END.

CONDIÇÃO PROMOCIONAL
3X NO CARTÃO SEM JUROS*

*SOBRE O PREÇO À VISTA



17
ANOS
DE MERCADO

facebook.com/hificlubbr



instagram.com/hificlubbr



(31) 2555 1223



comercial@hificlub.com.br



www.hificlub.com.br



R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG



FUSÍVEL

FUSÍVEIS SAX SOUL ÁGATA

Fernando Andrette



Todo audiófilo e melômano em algum momento irá se interessar em trocar os fusíveis originais de seus equipamentos e em fazer uma reforma na parte elétrica, onde provavelmente optará pelo uso de uma chave seccionadora pela praticidade, segurança e possibilidade também de upgrades nos fusíveis originais. Já publicamos testes comparativos dos melhores fusíveis existentes no mercado e muitos leitores nos confessaram que a simples troca do fusível original foi capaz de adiar futuros upgrades.

Os fusíveis são responsáveis por melhoras audíveis e fáceis de serem percebidas até pelos mais leigos. Atualmente o mercado oferece uma dezena de opções importadas e duas opções nacionais (Magis Audio e Sax Soul). O fusível para chave seccionadora de 32 ampéres, da Magis Áudio, eu conheço bem pois o utilizo há mais de um ano. São caros, mais muito eficientes e seguros. Porém uma proposta relativamente barata que fosse superior a todos os fusíveis importados que conheço e utilizei ao longo desses últimos anos, só surgiu recentemente.

Os fusíveis da Sax Soul Ágata são tratados criogenicamente por 72 horas. São feitos com o mesmo fio Ágata usado nos cabos top de linha deste fabricante. Todos são slow (a atuação do fusível slow é mais lenta que o modelo fast que, teoricamente, abre instantaneamente

quando nele é aplicada a corrente nominal). E a Sax Soul disponibiliza versões de 10 ampéres, 15 ampéres para equipamentos de áudio e vídeo e 32 ampéres para chaves seccionadoras. E nos de 32 ampéres existem duas versões: com mais um fio de cobre ou a versão original com a mesma seção de fios do cabo Ágata.

Para a avaliação o fabricante enviou versões de 10 e 15 ampéres para usarmos no nosso sistema de referência e as duas versões de 32 ampéres para chave seccionadora, a com mais cobre e a original. Como eram numerosas opções de fusíveis, decidimos iniciar nossas avaliações pelos fusíveis de 32 ampéres para seccionadora. Substituímos o Magis Audio pelo Ágata original (denominarei assim o que é uma réplica do cabo original, diferente do que tem um fio a mais de cobre), e deixamos queimando por 100 horas.

Como a seccionadora nunca é desligada, em 4 dias pudemos dar início ao teste. A primeira observação é o seu silêncio de fundo – o sistema ganhou um silêncio sepulcral. Consequentemente a micro dinâmica deu um salto gigantesco! Segunda observação: a ampliação do palco em termos de largura e profundidade. Ampliando o silêncio em volta de cada instrumento, principalmente em pequenos grupos de câmara. Terceira observação: a naturalidade e a riqueza das texturas e do equilíbrio tonal, principalmente nas altas frequências. Os pratos ►



(todos, independente da qualidade da gravação) ganharam melhor decaimento, corpo e velocidade. Quarta observação: melhora significativa na sensação de materialidade física do acontecimento musical! A riqueza de detalhes de articulação e de recuperação do invólucro harmônico foi, na minha opinião, a mais grata surpresa deste fusível! Um bom exemplo de melhora na reprodução do invólucro harmônico foram as guitarras, principalmente com efeitos de distorção, pois como a distorção suja o sinal, os acordes geralmente parecem mais pobres em termos de inteligibilidade. O ganho, em termos de inteligibilidade, qualidade e técnica do músico e do instrumento, foi impressionante.

E, por último, outra bela surpresa foi a melhora no corpo harmônico das regiões médio-grave e média-alta. Com isso solos de piano, cravo e órgão de tubo ganharam mais peso e mais energia tanto no ataque como na sustentação e no decaimento. As audições com a versão original levaram duas semanas, com resultados tão surpreendentes que eu confesso que fiquei na dúvida se alterava o cronograma de teste e ouvia antes da versão com cobre os fusíveis dos equipamentos.

Porém resolvi seguir o script e trocamos os fusíveis da seccionadora. Mais quatro dias de queima para a versão de 32 amperes com mais um fio de cobre e repetimos todo o ritual: mesmos discos, mesmo volume, mesmo setup. Diria para vocês que foi uma parada dura definir qual fusível soou melhor para o meu gosto e meu sistema!

Todas as qualidades observadas na versão anterior se fizeram presentes nesta versão. No entanto, para o meu gosto pessoal, optei por essa versão com mais um fio de cobre, por um único motivo: o equilíbrio entre musicalidade e transparência se mostrou, aos meus ouvidos, mais sedutor! O original, pelo seu sepulcral silêncio de fundo, possibilita uma integral apresentação de tudo quanto é detalhe, o que certamente é muito encantador e deve ser o sonho de inúmeros audiófilos. Já o fusível com um fio a mais de cobre tornou as audições (volto a lembrar: para o meu gosto pessoal), muito mais sedutoras e emocionais.

Um tanto subjetivo? Sim, com certeza, mas o fato do fabricante disponibilizar duas opções para o mercado é algo digno de nota. Aí cada um poderá escolher qual opção casa melhor com seu sistema e gosto!

Para o teste com os fusíveis de 10 e 15 ampères, fizemos em duas etapas também. Primeiro ouvimos os fusíveis de 10 amperes no power Hegel e nos powers da Mark Levinson n°535. E depois os de 15 amperes nos mesmos amplificadores. Ambos se mostraram superiores a todos os fusíveis que já utilizamos (Furutech verde ou azul, Hi-Fi Tuning ou Synergistich Research Black).

Foram duas semanas de testes comparativos com todos esses fusíveis citados! O Ágata novamente mostrou um silêncio de fundo muito superior e um equilíbrio tonal corretíssimo, principalmente em ambos os extremos. Você toma um susto, literalmente, ao ouvir como a resposta nos graves são mais estendidas, melhor definidas e com mais peso e energia, e o agudo com um decaimento mais suave, mais encajado e veloz.

Faltava ligar os de 10 ampères nos pré-amplificadores Mark Levinson e Dan D'Agostino, e manter os de 15 amperes nos powers. O resultado foi primoroso. Um grau de inteligibilidade total e zero de fadiga auditiva, mesmo em pressões sonoras com pico de 120dB!

CONCLUSÃO

Deixei o melhor para o fim. O preço!

O fusível de 10 ou 15 ampères custará, para o consumidor final, R\$ 100! Isso mesmo! E os de 32 amperes: R\$ 300! O que o coloca em posição privilegiada no mercado, em relação a qualquer fusível importado!

Junte-se ao quesito preço, sua superior qualidade, e qualquer um que deseje 'experimentar' em seu sistema ou em sua rede elétrica este seguro upgrade, poderá fazê-lo. Acredite: vale a pena este investimento, tenha você um sistema singelo de entrada ou um sistema Estado da Arte!

Será, em minha opinião, um retumbante sucesso de venda e de crítica! ■

AVMAG #231

Sax Soul
(11) 9853.1236
NH - R\$ 300
20 mm - R\$ 100
32 mm - R\$ 200

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

RACK

RACK TIMELESS UNLIMITED

Fernando Andrette



Quem me apresentou o engenheiro Giovanni Palomba foi um amigo em comum, o César, violinista da OSESP. Alguns meses atrás ele me postou inúmeras fotos de produtos da Timeless e disse que gostaria muito que eu escutasse principalmente seus racks, cabos e acessórios. Coloquei-me prontamente à disposição, e alguns dias depois Giovanni e César trouxeram a nossa sala de teste o rack Unlimited (top de linha), um conjunto de acessórios anti-vibração e dois cabos RCA ainda em desenvolvimento.

Com as fotos enviadas, eu já havia ficado muito impressionado com a qualidade de design e acabamento do rack, mas vê-lo ao vivo o impacto é ainda mais retumbante. Adianto aos nossos leitores que, independente da performance do produto - sobre a qual falarei mais adiante - nunca em tempo algum foi desenvolvido um rack hi-end desse nível no Brasil. É um produto para ser exportado para todos os continentes e ser colocado lado a lado com os melhores racks hi-end disponíveis hoje no mercado.

Trata-se de um Smart Product, criado de maneira inteligente e modular, permitindo ao usuário ir configurando a quantidade de prateleiras

de acordo com as suas necessidades. Segundo o engenheiro Giovanni, o Unlimited utiliza nanotecnologia e geometria áurea para o controle de vibrações, e todo o seu design nos passa realmente uma sensação de leveza e enorme praticidade e simplicidade na montagem e na escolha dos tamanhos e possibilidades de uso. Como já escrevi acima, o Unlimited é a versão top. Sua estrutura é feita a partir de uma matriz composta de fibras de algodão, nanopartículas de cerâmica piezoelétrica e resina. Esse material é prensado e submetido a altas temperaturas (135°C por 5 horas) e a superfície das prateleiras recoberta por inox de um lado e do outro por madeira nobre. A estrutura do rack é usinada em processo CNC em máquinas de alta precisão, o que garante alto padrão de qualidade e precisão para o encaixe das peças.

As Chapas de inox são cortadas pelo processo CNC laser sendo então coladas na estrutura do rack com uma cola de alta performance para uso aeroespacial. Todos os parafusos também são de inox, garantindo a longevidade mesmo em locais de maresia. Para chegar ao produto final o rack foi inicialmente desenvolvido a partir de uma simulação computacional na qual foram determinados os modos de

ressonância do conjunto. Depois foram feitos 13 protótipos comparando os estudos teóricos, medições físicas e testes auditivos.

Um detalhe que acredito que tenha feito enorme diferença na performance do produto foi a utilização de uma liga de aço inox austenítico (não magnético), que atua como uma barreira eletrostática, eliminando ruídos e loop de terra. Outro ponto ao qual o fabricante dá muita ênfase é na combinação do inox na parte superior com o recheio, que gera um excelente amortecimento. Como as prateleiras são submetidas a flexões e contrações, os modos ressonantes são dissipados de maneira muito mais precisa e rápida, segundo o fabricante.

Outro ponto importante que o fabricante ressalta são os pés separadores de cada prateleira. Um estudo geométrico dos pés se mostrou extremamente eficiente no desacoplamento de cada prateleira e do rack, como um todo, apoiado no chão. Portanto, o princípio de funcionamento do Unlimited leva em consideração que todos os equipamentos irão fatalmente vibrar pela excitação do ar, e o ideal é que esses equipamentos estejam em prateleiras que dissipem o mais eficaz e rapidamente toda essa vibração. Na concepção do engenheiro Giovanni, o princípio é amortecer e dispersar os modos de vibração dos equipamentos - e o ideal é acoplar os equipamentos ao rack de maneira a fazê-los vibrar em conjunto e em harmonia com o rack. Pode parecer óbvio essa necessidade do sistema, independente do material de cada componente, de vibrar em conjunto e em harmonia com o rack. O difícil é materializar essa concepção teórica na prática. Será que o Unlimited consegue essa proeza?

Segundo o fabricante a capacidade recomendada por prateleira é de no máximo 60 Kg. As prateleiras da versão que testamos possuem 500 x 600 mm. O espaçamento padrão entre as prateleiras é de 250 mm (mas podem ser solicitadas outras medidas por encomenda). Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos instalados no rack: sistema digital dCS Scarlatti (transporte, clock e DAC), Mark Levinson Audio Play 519 (ler Teste 1 nesta edição), CD-Player e DAC Artera Play da Quad, toca-discos Rega P1 (leia Teste 3 na edição 230), power Hegel H30, power Artera Stereo da Quad, e integrados Luxman 590AX MkII, Hegel 360 e Mark Levinson 585. Pré de phono Tom Evans Groove+, DAC Luxman DA-150 e os prés de linha Dan D'Agostino e Mark Levinson 526.

Produtos com pesos distintos e construções muito diferentes, ainda que a grande maioria com gabinete de metal - exceto o Tom Evans que tem gabinete de acrílico e o Rega P1, com prato de resina fenólica.

Para dar uma sequência lógica ao teste, os primeiros equipamentos que escutamos foram os nossos de referência, que estão acondicionados no rack Pagode da Finite Elemente, comercializados no Brasil pela German Audio. Tenho o rack Pagode como nossa referência há

mais de quatro anos, e a qualidade que mais me agrada neste rack alemão é sua neutralidade. Ele não imprime nenhuma característica e também não suprime nada, ao contrário da esmagadora maioria dos racks que têm a tendência de diminuir o corpo dos instrumentos, principalmente no médio-grave e grave.

Como o rack em teste veio com 4 prateleiras, e no Pagode são apenas 3 prateleiras - deixando o Hegel H30 em um suporte à parte, ao lado do rack - pude colocar toda nossa eletrônica no Unlimited, exceto nosso toca-disco e o Tom Evans. Primeira observação: o usuário deverá estar atento à profundidade dos seus equipamentos e à localização das entradas e saídas dos mesmos, pois dependendo do caso (como o nosso, em que os equipamentos são grandes) o terceiro apoio do rack, que fica nas costas dos equipamentos, deverá ser aberto (veja foto abaixo). Com essa opção foi possível ligar todos os cabos entre os módulos do dCS sem problemas.

A princípio a troca do Pagode para o Unlimited deu-me uma sensação de alteração ligeira na região do médio-grave. Ainda que outras características tenham me agradado muito, como um recorte ainda mais definido e preciso nos planos de grandes orquestras, uma velocidade e precisão nos transientes muito convincente e cativante e, principalmente, um grave com enorme recorte, energia e precisão.

Ai pintou a primeira dúvida! A diminuição no corpo do médio-grave foi em decorrência desse aumento da energia e precisão do grave ou foi realmente uma mudança na assinatura geral do sistema? Como eu utilizo o próprio spike que separa o módulo principal do pré Dan D'Agostino da sua fonte, e já vi esse mesmo fenômeno ocorrer quando utilizo o rack da Audio Concept, resolvi tirar o spike e colocar o Varifoot da Hi-Fi Experience, que utilizo exatamente nesse caso. Bingo! O médio-grave ganhou o corpo que havia perdido e a mesma energia e precisão dos graves. Então vamos à primeira conclusão: haverá equipamentos em que será preciso extrair ou alterar (se for possível) o spike dos mesmos. A Timeless oferece uns desacopladores interessantes, estamos começando a testá-los e, mais adiante, publicaremos nossas observações.

Com essa única mudança no pré, a assinatura sônica ficou muito semelhante a do rack Pagode. Para prosseguir com o teste, escolhi o segundo setup que ouviria nos dois racks. Como tinha que fechar o teste do Audio Player da Mark Levinson e do P1 da Rega, optei por ouvir por dois dias o Mark Levinson no rack pagode com o Dan D'Agostino e o Hegel e depois ouvir, também por dois dias, este mesmo setup no rack Unlimited. As diferenças com o Mark Levinson foram mais audíveis. O grau de inteligibilidade na região média foi maior no Unlimited, como se a micro-dinâmica estivesse com um silêncio de fundo maior. Porém o corpo e a energia dos graves no Pagode se mostraram mais agradáveis ao meu gosto.

RACK



O oposto ocorreu com o toca-discos P1 e o pré da Tom Evans acoplados ao rack Unlimited. Neste setup tudo foi melhor (tanto em relação ao Pagode, quanto ao Audio Concept). Maior descongestionamento em toda a região média, maior energia nos graves e um equilíbrio sonoro geral muito mais agradável e convincente. Faltava ouvir os integrados e o conjunto da Quad (que ainda está em amaciamento). O integrado da Mark Levinson teve um comportamento muito semelhante ao Audio Player: gostei muito da sua sonoridade no rack em teste, com maior arejamento em todas as frequências, um grau de inteligibilidade perfeito mesmo na micro-dinâmica e um excepcional silêncio de fundo, perceptível claramente no hiss de gravações analógicas!

Já o Luxman gostou mais da companhia do rack Pagode, com uma apresentação mais coerente nas regiões médio-grave e grave. E o Hegel 360 se deu muito bem em ambos os racks!

Deixei por ultimo o conjunto da Quad, pois como ambos ainda não estão totalmente amaciados, as conclusões são muito mais difíceis. Mas ainda assim gostei mais da assinatura sônica de ambos no rack em teste. Essa característica de um foco e recorte preciso ajudou muito o conjunto em termos de inteligibilidade e transparência.

Escolher um rack para um sistema hi-end exige paciência e é preciso utilizar o rack com o seu sistema e em sua sala de audição.

Como os racks geralmente são pesados e de difícil transporte, muitos audiófilos ou compram no escuro ou pelo que ouviram e gostaram na casa de amigos. Nesse aspecto, os racks considerados 'leves' levam enorme vantagem em termos de logística, pois podem ir até a casa do pretendente e este pode fazer todos os testes desejáveis antes de bater o martelo. Só por essa possibilidade o Unlimited já leva uma enorme vantagem em relação aos racks concorrentes, que beiram os 100 kg!

Mas seu diferencial vai muito além dessa característica. Ele possui uma série de qualidades que, no sistema certo, pode elevar a performance de todo o setup de maneira muito audível e convincente. O que mais gosto no nosso rack de referência, como já citei na abertura deste teste, é seu alto grau de neutralidade e compatibilidade com 'n' sistemas. E o Unlimited vai também nesta direção: compatibilidade alta, e uma assinatura sônica que não se impõe ao sistema, (talvez não tão alta como o Pagode), mas o suficiente para agradar a uma imensa legião de audiófilos que querem um rack moderno e leve e que amplie a performance de seu sistema! E com um diferencial essencial para todos que precisam da autorização de sua cara metade! Nesse quesito ele bate até mesmo o Pagode, que tanto aprecio justamente por suas linhas sóbrias e o bom gosto na escolha do tom da madeira. Com o Unlimited o audiófilo tem tudo para ganhar o consentimento de sua cara metade instantaneamente!

E, por último, um argumento também matador: o preço! Ainda que não seja barato, o Unlimited custa menos da metade do Pagode com as mesmas prateleiras. Ter um produto neste padrão, fabricado aqui no Brasil, é um significativo passo adiante. Oxalá ele sirva de inspiração para futuros produtos eletrônicos, caixas acústicas, etc. Não tenho a menor dúvida que este produto tem tudo para fazer uma carreira internacional tão sólida como já trilhou a Audiopax.

Se você deseja um rack definitivo para o seu sistema, ouça o Unlimited. Quem sabe ele não é a 'cereja do bolo' que faltava em seu sistema!

Rack Timeless Unlimited - 500 x 600 mm (maior)

- 2 (duas) prateleiras: R\$ 9.150
- 3 (três) prateleiras: R\$ 13.600
- 4 (quatro) prateleiras: R\$ 18.050

Rack Timeless Unlimited - 400 x 500 mm (menor)

- 2 (duas) prateleiras: R\$ 7.950
- 3 (três) prateleiras: R\$ 11.800
- 4 (quatro) prateleiras: R\$ 15.650

AVMAG #230

Timeless Audio
(11) 98211.9869
racks.timeless@gmail.com
www.timeless-audio.com.br

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE



Quantas empresas no mercado hi-end chegam aos 90 anos, com tanta vitalidade e reconhecimento? Em 2014, a Luxman completou 90 anos de vida! Seu maior desafio em um mercado tão competitivo e dinâmico foi manter-se como um dos principais pilares de referência no desenvolvimento de produto com design, tecnologia e performance excepcionais. Para uma data tão significativa, seus engenheiros desenvolveram o pré-amplificador C-900U e o power amplificador M-900U.

INPUT SELECTOR



C-900U
Control Amplifier

M-900U
Stereo Amplifier



Agende um horário e venha conhecer os produtos Estado da Arte da Luxman, em nosso showroom.

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Loja 56 - Centro - São Paulo / SP

www.alphaav.com.br

II 3255-9353 / 3255-2849



TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS REGA PLANAR 1

Fernando Andrette



Com o crescimento vertiginoso das vendas LPs em todo o mundo, é salutar que os grandes fabricantes de toca-discos estejam atentos a esse novo nicho de mercado de jovens que redescobriram o vinil e desejam adquirir um equipamento bom, barato e fácil de ajustar. Sendo um dos mais respeitados fabricantes do mercado há décadas a Rega, em julho de 2016, disponibilizou seu mais amigável e barato toca-discos, sem perder a fleuma que acompanha toda a série Planar, de excelente custo e performance.

O Planar 1, ou P1, utiliza o novo braço RB110 com novos rolamentos sem arraste e um novo sistema de anti-skating automático (que espera por patente no Reino Unido e em toda a Europa). Este novo braço foi desenvolvido exatamente para o consumidor avesso a ajustes de anti-skating e VTA, e que só deseja tirar o toca-discos da embalagem, instalar em seu sistema, ajustar o peso da cápsula e sair ouvindo seus bolachões. E a Rega foi mais longe ao disponibilizar, também, uma nova cápsula de entrada Moving Magnet com cantilever de carbono, um novo motor síncrono de 24 V e polia de alumínio com baixo nível de ruído e melhor estabilidade de velocidade. Além da base nova, de plástico Thermoset, o prato de 23 mm de resina fenólica também é novo, com alto grau de resistência e leve o suficiente para uma maior estabilidade de velocidade, assim como os novos pés, que aumentam a estabilidade e reduzem a transferência de vibração.

Visualmente, ainda que bastante espartano, o usuário percebe se tratar de um produto bem planejado e que não parece ser frágil ou descartável. Instalar o P1 é tarefa para qualquer criança com mais de 8 anos. Depois de devidamente instalado em uma base sólida é ajustar o peso da cápsula e só! Como diz o fabricante: 'Plug & Play'! Não têm mistérios e nem ajustes adicionais a se realizar durante a queima da cápsula, que é de pelo menos 100 horas! Se bem que, com quase 250 horas, houveram avanços significativos na extensão de ambas as pontas do espectro audível, como uma melhora muito importante também no corpo da região médio-grave.

O P1 foi utilizado em conjunto com o pré de phono Tom Evans Groove+ e o Reference da Sunrise Lab. O conjunto do braço RB110 com a cápsula Rega Carbon é muito coerente, e acho que os engenheiros da Rega conseguiram extrair o máximo de ambos.

COMO TOCA?

Surpreendente para um produto de entrada! Essa é a primeira conclusão que o ouvinte terá ao ouvir os primeiros acordes de seus discos preferidos. Ótima inteligibilidade, baixo ruído de fundo, região média muito detalhada, com foco, recorte e planos corretos e acima de tudo aquele gostinho de pode preparar a pilha de discos, pois as audições atravessarão o dia! Ainda que a cápsula Carbon necessite de pelo menos 100 horas de amaciamento, à medida que os dias vão passando, é audível a melhora e o aumento do conforto auditivo. ►

Mas os amantes ou grave dependentes terão que esperar pelas 200 horas, para que o corpo, peso e deslocamento de ar apareçam com maior autoridade. Achei até que os engenheiros optaram por uma maior ênfase nos graves do que nos agudos - será uma escolha pensada, para um público mais novo? Fiquei com esta impressão à medida que os dias passaram e vi os graves surgirem e os agudos permanecerem na berlinda. Falo do extremo agudo, aonde encontra-se a ambiência das salas de gravação e da última oitava de instrumentos específicos como flautim, órgão de tubo, pratos, trompete com surdina, sax soprano etc. Nesses instrumentos o decaimento na última oitava foi bastante acentuado. Aí fica a pergunta: como seria o comportamento do P1 com uma cápsula MM de maior envergadura nos extremos? Teríamos uma melhor resposta sem perda das qualidades deste conjunto? Sinceramente não tenho a resposta, mas também não imagino que o usuário do P1 tenha essas pretensões de realizar upgrades neste toca-discos.

Os transientes são bons, com excelente andamento tanto de tempo como de ritmo. O conjunto braço/cápsula demonstrou enorme compatibilidade com diferentes gêneros musicais. Quanto ao corpo dos instrumentos, gostei muito mais da reprodução de instrumentos de percussão, contrabaixo, órgão de tubo, todos na região grave. À medida que subimos para o andar de cima, achei o corpo dos pratos um pouco reduzido (ou 'pobre', seria mais correto).

Quando estava no fim do teste, nos chegaram as caixas tipo coluna da Pioneer 'by Andrew Jones' modelo SP-SF52: três vias com resposta de 40 Hz a 20 kHz. Como precisávamos deixá-las queimando, usamos boa parte da queima com a audição de muitas horas do P1. Pelo preço das caixas, achamos serem bastante compatíveis com o P1 e, assim, pudemos fechar o teste de maneira mais coerente (com produtos similares em preço e performance).

CONCLUSÃO

O Rega Planar 1 se destina a todos melômanos e audiófilos que ainda hoje possuem velhos toca-discos herdados dos pais, tios ou avós e que ainda utilizam cápsulas Leson e que jamais passaram por uma história técnica. E que reproduzem (ainda que de maneira precária) os bons e velhos bolachões!

Com o P1, esses ouvintes terão uma ideia precisa do motivo de milhares de audiófilos não abrirem mão de continuar ouvindo vinil e insistir em defender essa mídia com tamanha veemência! Sua habilidade de dar tons mais precisos e justos às qualidades escondidas nos sulcos fará desses novos admiradores dessa velha mídia, consumidores cada vez mais atentos e ansiosos em descobrir gravações editadas somente nesse formato. E, ao penetrar neste 'universo musical paralelo' com um toca-discos honesto em custo e performance, darão seus primeiros passos neste admirável mundo analógico!

A Rega acertou em cheio, e disponibiliza ao mercado um produto que coloca um degrau acima os toca-discos de entrada, possibilitando a todos audições mais calorosas e fidedignas! Para qualquer leitor que possua mais de 50 LPs bem conservados, o investimento se justifica integralmente! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RCS9IJ_GLQY](https://www.youtube.com/watch?v=RCS9IJ_GLQY)

AVMAG #230
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 2.490

NOTA: 62,0



OURO RECOMENDADO

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS VOXOA T40

Juan Lourenço



O mercado de aparelhos de áudio de entrada anda cada dia mais interessante, é uma novidade atrás da outra. A importadora Alpha Áudio & Vídeo, representante da marca chinesa Voxoa disponibilizou para teste o conjunto composto pelo amplificador híbrido V30, caixas K20 testados na edição 233 de Setembro, e pelo toca-discos de vinil T40, avaliado nesta edição.

Assim como no restante do conjunto já testado, o Voxoa T40 tem design moderno e atemporal, integrando de forma suave o visual já consagrado dos anos 70 com um pacote tecnológico que ampliam as possibilidades de interação do ouvinte com a música.

As primeiras impressões sobre o T40 são bastante positivas. Seu peso de 9 Kg e motor DC com tração por polia (Belt Drive) passam a sensação de robustez e qualidade. Gostei bastante da caixa a qual o aparelho veio embalado, compacta, leve, e o mais importante: protege bem o aparelho de trancos e solavancos.

O gabinete do T40 é feito de Plástico injetado, tem boa rigidez e não sofre torções ao ser manuseado. É dividido em duas partes: preto texturizado na parte inferior, e preto liso fosco na parte superior, que em minha opinião o deixou muito harmonioso e discreto.

Ao abrir a caixa pude observar que a tampa é bem construída tem paredes de boa espessura e com um leve reforço nas quinas, junto com a tampa está a embalagem lacrada contendo manual de instruções e um CD-ROM com programa para gravação e edição de músicas. Achei que a correia estivesse no saquinho, mas não, estava em seu local de destino, no prato. Os pés utilizam mola e borracha,

uma receita muito eficiente adotado em diversos toca-discos famosos, como o Technics por exemplo. Solução bastante eficaz na diminuição das vibrações vindas do rack ou prateleira. Seu prato de alumínio fundido pintado de preto reforça o compromisso da marca com a qualidade. O conjunto braço e cápsula aliam baixo custo e bom desempenho.

Essencialmente a função de uma cápsula fonográfica é captar todas as informações contidas no sulco do disco, trazendo à superfície as nuances da música nele contidas. Para isso, os componentes da cápsula: agulha, cantilever, amortecedores e bobinas, precisam trabalhar em perfeita harmonia. Os ajustes de braço e cápsula trarão ao conjunto o equilíbrio necessário para que a música apareça em todo o seu esplendor. A Voxoa entende que a complexidade e o tempo despendidos para se fazer um ajuste completo de braço e cápsula, seriam um verdadeiro fardo para quem tem pouca experiência com toca-discos. E são até para os experientes! Pensando descomplicar este processo, os ajustes foram reduzidos ao mínimo necessário.

A sopa de letrinhas: VTA, SRA, Azimuth, Zenith, foram pré-ajustados na fábrica. Deixando apenas os três mais fáceis e essenciais para uma reprodução equilibrada e coerente.

São eles: Encaixe da cápsula e Shell no braço, ajuste do contrapeso, e Anti-Skating. Estes dois últimos são de uma importância vital para que o aparelho mostre todas as nuances da música e prolongue a vida útil da cápsula. Basicamente o que o contrapeso faz é alinhar o cantilever (suporte onde a agulha é fixada), com as bobinas magnéticas contidas no interior da cápsula, assim, transformando pulsos elétricos

em sons audíveis. Música! O Anti-Skating regula a tendência do braço de ir para o centro do disco, fazendo com que a agulha “raspe” dos dois lados do sulco, conseqüentemente melhorando o foco e evitando o desgaste acentuado de um dos lados da ponta da agulha. No T40 estes ajustes são muito simples e intuitivos. As informações técnicas como ajuste de peso mínimo e máximo aplicado sobre a cápsula vão de 3.5 a 8.5g, Anti-Skating de 0 a 7g, facilmente ajustados por botões giratórios. Estas informações também constam no manual do aparelho. A sinergia entre o braço em S e a cápsula Audio-Técnica AT 3600L é muito boa. O casamento favorece e muito a qualidade sonora, além de ser barata, a cápsula é de fácil reposição, sendo encontrada em lojas e na Internet.

O acabamento do T40 é condizente com o seu preço. Mesmo assim, a qualidade na produção e montagem não foi posta de lado. Não encontrei rebarbas nos encaixes da base nem no prato de alumínio. A pintura preta que contrasta com a luz estroboscópica não tem qualquer imperfeição.

É cada vez mais comum filmar o desembalar de produtos e postar nas redes sociais, alguns com cenas fortes de produtos escorregando das mãos em direção ao chão, a Internet está repleta destes vídeos. No T40 é um pouco mais difícil de acontecer, pois nos dois lados da base inferior, há um recuo possibilitando o encaixe dos dedos da mão mantendo o aparelho firme da retirada da caixa de papelão até o seu destino final.

A Voxoa está alinhada com as necessidades da nova geração de amantes do vinil, prova disso é que o T40 vem equipado com pré de phono interno, com a opção de utilizar um pré de phono externo e uma saída USB para transferência do conteúdo dos LP's para o computador. Devo dizer que até a chegada do T40, não havia se quer sonhado em utilizar um toca-discos para gravar músicas. A experiência foi muito boa, gostei tanto que gravei dois discos. O processo é muito fácil e intuitivo. É instalar no computador o programa Audacity (que já está em português) contido no CD-ROM, espetar o cabo USB selecionar a entrada no programa USB, baixar o lift do toca discos e clicar no REC. Mais fácil que isso impossível! E a gravação fica muito boa para os padrões digitais.

Para avaliar o T40 foram usados os equipamentos: Amplificador integrado Sunrise Lab V8 MK IV; pré de Phono Sunrise Lab The PhonoStage II SE (além do pré de phono interno do T40); caixas acústicas: Dynaudio Focus 220 MK II e Pioneer SP-FS52; e cabos de força: Wireworld Silver Electra; Sunrise Lab Premier, de interconexão: Sunrise Lab Premier RCA ligado a saída do T40; Wireworld Eclipse 6 XLR; cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 e Wireworld Eclipse 6.

O T40 foi posto no rack com ajuste inicial de 1,5 g no contrapeso e posição 1 no Anti-Skating para amaciar a cápsula. As primeiras audições me surpreenderam bastante, ainda que fosse frontal, sua região média é bastante correta mesmo em fase prematura de amaciamento, porém todo o resto é lento e congestionado. Depois demais vinte horas tocando, os agudos começam a aparecer de forma tímida, os metais soam com um pouco mais de brilho. O que mais estranhei foram os graves, não soa como grave de uma nota só, mas continua preguiçoso. A ilusão de palco começa a se desenhar ganhando foco e recorte.

Após mais 24 horas tudo assentou no lugar, a região média recuou, beneficiando os médio graves e agudos, que agora soavam molhados e com boa extensão, o som agora era como deve ser o som de um toca-discos, cativante!

A ilusão de Palco que este aparelho provê é de nível muito a cima da sua faixa de preço. Tem boa largura e altura, mostrando os músicos onde eles estavam na gravação. A ambiência é muito boa, macro e micro dinâmicas são de excelente nível.

Na faixa três Duende, do disco Black Ligth Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens, o T40 deu um verdadeiro show, apresentando todo o acontecimento musical com muita competência, não se intimidando com a bateria, mostrando com bom foco e recorte cada lugar que as rápidas baquetas de Terry Bozzio batiam. A guitarra e o violão de Steve Stevens tinham uma ótima textura, principalmente no violão. O T40 apresentou muito bem o contrabaixo de Tony Levin que era bastante real e com texturas muito boas, o que ainda me incomodava, era a velocidade do grave que não estava no nível dos médios e agudos, além de não descer tanto quanto a cápsula parecia indicar.

Eu diria que seu pré interno é competente, desempenha bem seu papel, da proposta, mas que provavelmente tem um corte um pouco mais de frequência um pouco a cima do que a cápsula gostaria. Quando mudei para o pré The PhonoStage da sunrise Lab, o T40 se agigantou, O grave ganhou mais extensão, ficaram mais corretos e com texturas muito bonitas. Os médios ficaram ainda sedutores, vozes e violinos soaram lindamente.

No disco Natalie Cole - Still Unforgettabl, pelo selo Dimi records, a primeira faixa: Walkin' My Baby Back Home a cantora faz um belo dueto com seu pai, Nat king Cole, Em nenhum momento as vozes se entrelaçaram, eles cantam juntinhos e já ouvi em alguns toca-discos de entrada um atropelar o outro. Os instrumentos da Big Band soavam descongestionados, não sendo preciso muita atenção para entender o que cada naipe fazia. Destaque para as madeiras e metais, saxofones trombones e topetes tocavam com bom corpo, equilibrados e com ótimas texturas.

CONCLUSÃO

O único gênero musical que o T40 não é lá muito fã é o erudito. Ainda assim, ele não faz feio. É que a praia dele é mesmo o publico jovem, tanto é que ele tocou de tudo com muita desenvoltura. Indo de Kraftwerk - Minimum Maximum passando por Sade, Pink Floyd e Helloween, uma banda de Power metal que eu gosto. Se mostrando um toca-discos valente, versátil e que satisfaz gostos musicais variados, que não se intimida quando posto à prova, e que definitivamente vale muito mais do que custa. Podendo extrair muito mais dele quando acompanhado de um pré externo. ■

AVMAG #234
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 1.580

NOTA: 67,0



OURO RECOMENDADO

PRÉ DE PHONO

PRÉ DE PHONO E.R. PIRES ELC-104

Juan Lourenço



Este nosso hobby é repleto de boas surpresas, e certamente conhecer pessoas e fazer amizades é a melhor delas, depois vêm as descobertas musicais e os sistemas eletrônicos, exatamente nessa ordem para mim. Uma dessas boas surpresas foi ter conhecido o Rafael Capucci, que até hoje me incentiva bastante na audiófilia. Fã do digital, ele dizia que só teria um toca-discos se o mesmo fizesse escorrer uma lágrima em seu rosto, nunca conseguimos tal façanha, mas, de tanto falarmos em vinil e ver os amigos comprando, resolveu emprestar um para ouvir em sua casa e nos contou que quase derramou a tal lágrima. Então decidi comprar o seu.

Combinamos de ir à feira de vinil que aconteceria no Museu da Imagem e do Som - MIS - em São Paulo, para comprar alguns discos e colocar o papo em dia. Lá tive o primeiro contato com os produtos da empresa E.R.Pires, o ELC 104 aqui testado, e o ELC-107 híbrido valvulado. Como estava concentrado em ajudar o Rafael, não pude saber muitos detalhes sobre os produtos, mas fiquei imaginando como tocariam. A outra boa surpresa que o hobby me reservou foi que, meses depois estou aqui testando aquele pré de phono que fiquei tão curioso para ouvir.

A E.R.Pires foi fundada nos anos 1990 pelo Sr. Edson, inicialmente produzindo interfaces MIDI para computadores e teclados. Em 2005 desenvolveu o seu primeiro pré de phono, o ELC-104, como uma opção de baixo custo para a digitalização de LPs. Suas qualidades sônicas chamaram a atenção dos consumidores, que fizeram dele o par ideal em seus sistemas. O Sr. Edson foi muito feliz no design do ELC-104, pois acertou em cheio com seu estilo retro. Prova disso é o tempo que este pré está no mercado: mais de dez anos!

O ELC-104 é um pré-amplificador para cápsulas padrão Moving Magnet (MM). Vem embalado em uma caixa de papelão branco, dentro dela o manual de instruções e uma fonte externa 110 / 220 V AC, construída especialmente para ele. O gabinete é feito em aço com pintura epóxi, tem dimensões mínimas, e esse é seu maior trunfo, cabendo em qualquer pequeno espaço na estante ou rack, integrando-se ao ambiente como peça de decoração.

Na parte frontal do aparelho temos a chave liga / desliga e um LED azul, sutilmente encoberto por uma lente transparente que suaviza o efeito descompassado que a luz teria em um equipamento de visual vintage. Atrás, dois pares de RCA para interligação entre o toca-discos e o amplificador, parafuso GND para aterramento da cápsula e a entrada do pino de alimentação.

Mesmo o pré tendo tamanho diminuto, o Sr. Edson encontrou uma maneira de ajudar os marinheiros de primeira viagem, sinalizando a entrada RCA com decalque de um toca-discos, e um amplificador para o RCA de saída. Nem querendo dá para confundir.

Para o teste foram utilizados os integrados Sunrise Lab V8 MkIV e Emotiva TA 100. Os toca-discos foram o Voxa T40 e o Technics SP-25 com braço Linn. Caixas acústicas foram as Dynaudio Focus 220 MkII. Cabo de força Sunrise Lab Premier, de interconexão Sunrise Lab Premier RCA, e de caixa os Transparent Reference XL MM2.

Como o grave do ELC-104 chamou a atenção desde as primeiras horas do, amaciamento resolvi começar pelo disco *Etudes*, do contrabaixista Ron Carter, faixa *Rufus*. Nesta faixa Ron utiliza alguns dos seus truques para “trazer” a nota escorregadia até o ponto ideal de afinação. O ELC-104 mostrou essas notas de maneira esperada, com ►

bom corpo e bom equilíbrio, sem deixar o timbre “entortar”. O baterista Tony Williams coloca à mesa todo o seu arsenal pirotécnico e o ELC-104 mostra tudo de maneira bastante natural. O sax soprano de Bill Evans e o trompete de Art Farmer têm boa extensão e não endurecem tornando a audição prazerosa.

Falta um pouco mais de refinamento para que o ELC-104 mostre todas as artimanhas dos músicos, mesmo assim não faz feio, compensando com intencionalidade, palco de bom tamanho, corpo e texturas que nos faz acompanhar o quarteto com entusiasmo.

Na música *Lundu*, do álbum *Dança dos Escravos* do multi-instrumentista Egberto Gismonti, o ELC-104 mostra texturas e ambiência no violão suficiente para fazer qualquer amante do instrumento abrir o sorriso de felicidade.

Passando para o rock: faixa *Black Planet* do álbum *First And Last And Always* da banda inglesa de rock gótico Sisters of Mercy, mensagem Mobile Fidelity Sound Lab. O Doktor Avalanche - simulador de batidas de bateria - soou muito bem pelo ELC-104, a voz mórbida e melancólica de Andrew Eldritch tinha peso e um timbre que me fazia sentir toda aquela tensão quase apocalíptica.

As vozes de Sade e Tracy Chapman tocaram muito bem, com uma docilidade que me fez repetir algumas vezes. Trouxe ao T40 aquilo que falta a seu pré, um pouco mais de grave e médio grave.

O ELC-104 é um pequeno notável, não tem a pretensão de ser a próxima referência em prés de phono, estando mais para um segundo degrau na escada do mundo analógico. Ele nos faz ouvir relaxados a música, sem compromisso, sem pressa, convidando à audição como fazíamos quando garotos.

AVMAG #235

E. R. Pires
(11) 4335.7162
R\$ 189

NOTA: 62,5



OURO RECOMENDADO



SS

Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



Entre em contato: (11) 98593-1236 | www.saxsoul.com.br

ÁUDIO

DAC USB LUXMAN DA-150

Fernando Andrette



Ao saber que a Alpha Áudio & Vídeo receberia uma unidade do DAC DA-150 da Luxman, fui pessoalmente solicitar o equipamento para teste. Afinal, eu já havia, em outras oportunidades, testado tanto o modelo de entrada DA-100, como o modelo mais sofisticado o DA-250. E ambos nos conquistaram pela versatilidade, acabamento primoroso e, claro, pela segura performance.

Lançado no começo de 2016, o DA-150 vem galgando enorme sucesso justamente por custar menos da metade do DA-250 e, ainda assim, manter uma performance muito próxima do topo de linha. Os engenheiros da Luxman foram muito felizes, já que em termos de tamanho ele é semelhante ao DA-100, porém em seu coração ele possui refinamento e topologia muito semelhantes ao DA-250.

Também compatível com DSD de 5,6Mhz e PCM até 32-bits / 192 kHz, o circuito foi totalmente redesenhado em relação ao DA-100 e com um consumo também menor de energia. O DA-150 utiliza um chip DAC PCM-1595 e também está equipado com um clock de baixa frequência de 44.1/48 kHz semelhante ao utilizado no DA-250. O circuito de amplificação do pré de fone de ouvido é muito semelhante ao do DA-250, com saída de 200 mW (16 ohms), 400 mW (32 ohms) e 130 mW (600 ohms).

Ao desenvolverem essa linha, os engenheiros da Luxman detectaram que inúmeros usuários tinham a necessidade de um DAC hi-end de confiabilidade e que seria bastante útil se o mesmo também disponibilizasse um pré de fone de ouvido para audições solitárias.

O sucesso foi tão grande que, em apenas cinco anos, o fabricante japonês disponibilizou três versões com o mesmo perfil.

Quando testei o DA-100, ainda que tenha reconhecido suas virtudes, achei que ele era um pré de fone de ouvido mais eficiente que o DAC em si. Já no teste do DA-250, foi o contrário, o usuário ganha um DAC hi-end de excelente nível para ligar no seu sistema de referência e, de crédito, leva um também excelente pré de fone de ouvido. E o DA-150, como se posiciona? Essa é a pergunta correta a ser feita. Respondendo de maneira objetiva, ele atende aos dois segmentos de forma muito competente! E, pelo sucesso nos países asiáticos, acredito que o potencial público do produto entendeu perfeitamente a proposta do fabricante, pois ele possui um DAC muito superior ao do DA-100, um pré de fone do mesmo nível que o produto de entrada, com um gabinete também de tamanho reduzido, com uma performance bem mais próxima do modelo top de linha. Tornando-se o DAC ideal para quem já possui um sistema de bom nível e deseja fazer um upgrade em seu sistema digital.

O que sempre me surpreende neste lendário fabricante japonês é que mesmo seus produtos de entrada possuem uma qualidade de acabamento exuberante! Deixando muitos dos concorrentes em situação constrangedora! É um produto de dimensões reduzidas, com um painel simples em que temos, à esquerda, o botão de operação com um pequeno LED acima, seguido de um visor de cor vermelha que indica o Sampling Rate e kHz, acima três LEDs indicando a entrada ►

utilizada (USB, Ótica ou Coaxial), dois botões menores para a escolha da filtragem e a seleção de entradas, o botão maior de volume e uma saída de fone de ouvido.

Nas suas costas, entrada IEC, uma saída analógica RCA e as três entradas digitais: Coaxial, Ótica e USB.

Para o teste, utilizamos o fone de ouvido Sennheiser HD-800, cabos de interconexão RCA Luxman JPR-10000, Ortofon Reference Blue e Ágata da Sax Soul. Como transporte digital: dCS Scarlatti e CD-Player Emotiva CD-100. O DAC DA-150 foi ligado aos integrados V8 Mk4 (leia Teste 1 na edição 234), Hegel H360 e H90, e ao pré-amplificador Dan D'Agostino. Caixas Acústicas: Dynaudio Emit M20 (leia Teste 2 na edição 234), Emotiva T1 e Kharma Exquisite Midi. Cabos digitais coaxiais: Transparent Reference e QED 40.

O Luxman veio amaciado com quase 200 horas de uso. Ouvimos por duas semanas primeiro seu pré de fone, ligado ao Sennheiser HD-800. Ainda que não tenha o mesmo refinamento nos extremos e o mesmo silêncio de fundo do DA-250, sua performance é muito boa. Excelente corpo, transientes de ótimo nível e uma apresentação de equilíbrio tonal que permite audições longas sem fadiga auditiva. O que mais chama atenção é o nível de transparência e recuperação de micro-dinâmica. Nestes dois quesitos, ele não deve nada ao DA-250. Sua sonoridade é quente, mesmo em gravações tecnicamente mais limitadas, com um detalhe muito importante: mesmo em volume reduzido o grave e médio-grave possui peso e boa resolução. Os agudos nunca se mostraram estridentes ou com excesso de brilho.

Aprovado como pré de fone de ouvido, passamos a escutar o DA-150 como DAC, ligado primeiramente ao nosso sistema de referência com o cabo de interconexão Ágata entre o Luxman e nosso pré de linha e o cabo digital Transparent entre o transporte da dCS Scarlatti e o Luxman.

Seu som é cheio, com uma apresentação grandiosa das orquestras tanto na abertura da imagem sonora, como na profundidade. Os timbres são muito corretos e naturais. Vozes, cordas, metais possuem energia, excelente dinâmica, calor e excelente silêncio de fundo. Lembrou-me muito a assinatura sônica do player D-06 deste fabricante. Muito semelhante em termos de equilíbrio, correção tonal, e no refinamento.

Com as audições se prolongando pela noite e com o calor que, este começo de primavera, já nos submete, notei que o DA-150 gosta de trabalhar quente. Sua sonoridade fica ainda mais cativante e nos deixa inteiramente relaxados e dispostos a esticar as audições pela noite adentro. Como já escrevi, alguns parágrafos acima, ele não possui a extensão nos extremos do DA-250, porém ele consegue ser inteiramente prestativo nos decaimentos, graças ao seu incrível silêncio de fundo. É um DAC já bastante suscetível aos seus pares, tanto na escolha do cabo de força, como do cabo digital e fonte (transporte ou computador).

O melhor resultado sônico ocorreu com o cabo de força Definite da Sunrise Labs e o Reference Coaxial da Transparent. Com o cabo original de força e o QED 40 (coaxial) o decaimento no extremo agudo foi mais abrupto e o corpo dos graves bem menor. Pela sua faixa de preço, acredito que o V8 Mk4 e o Hegel H90 sejam mais compatíveis com o produto. Nessas duas configurações o DA-150 se apresentou muito bem!

Ouvimos todos os discos da metodologia no DA-150 e no CD-Player Emotiva CD-100. As diferenças, em termos gerais, foram muito significativas! Um equilíbrio tonal muito mais correto, um foco, recorte e ambiência mais precisos, texturas mais fidedignas, assim como andamento, ritmo e dinâmica. Para todos aqueles que já abandonaram o uso de CD-Player e possuem todo seu acervo no computador, o DAC-150 pode ser uma solução muito consistente, com a vantagem de não ser um DAC proibitivo em termos de valores.

Com a dinâmica do mercado hi-end, as opções de DACs são inúmeras. Como os valores para essa solução: também começam em uma centena de dólares e podem tranquilamente chegar aos milhares de verdinhas! O que sugere que qualquer usuário que esteja optando por essa solução, deva antes de tudo avaliar e conhecer muito bem todas as opções existentes.

CONCLUSÃO

Se você já definiu que seu futuro upgrade é um DAC, para ser ligado ao seu computador, e seu sistema já está suficiente sinérgico e ajustado, o DA-150 entre os DACs de valores intermediários e justos é uma excelente opção a ser escutada. E se você é um amante de fones de ouvidos e desejaria um que aliasse qualidade e versatilidade, o DA-150 passa a ser uma opção ainda mais atraente. E se o seu gosto musical é eclético e muitos dos seus discos de cabeceira não são um primor técnico de gravação, o DA-150 é uma escolha acertada, pois consegue tornar 'palatável' essas gravações. E, por último, o DA-150 se mostrou extremamente compatível com todos as configurações utilizadas, assim como os cabos, sempre mantendo sua assinatura sônica muito correta e agradável!

Na sua faixa de preço, acho muito pouco provável você achar um pacote de virtudes tão consistente e sedutor! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DNJ0K0AWR4I](https://www.youtube.com/watch?v=DNJ0K0AWR4I)

AVMAG #234
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 9.590

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO

SISTEMA COMPACTO VOXOA V30 & K20

Fernando Andrette



O mercado de entrada abre cada vez mais seu leque de opções, com sugestões que podem vivamente surpreender os consumidores, não só pelos valores, como também pela performance cada vez mais consistente e refinada.

A empresa chinesa Voxoa é um fabricante que possui uma extensa linha de produtos hi-fi que atende desde o DJ até o melômano, com um orçamento justo mas pretensões de adquirir um sistema robusto, confiável e com uma performance decente. Para a apresentação deste fabricante, agora oficialmente representado pela Alpha Áudio & Vídeo, escolhemos para teste o sistema composto do amplificador híbrido V30, as caixas K20 e o toca-discos belt-drive T40. Ao ouvir o sistema, percebemos que valeria a pena separar o conjunto, deixando para um segundo teste o toca-discos T40.

A Voxoa, já atenta às necessidades dos usuários mais jovens, disponibiliza duas versões do V30: sem Bluetooth e com (V30BT). Os produtos Voxoa chamam a atenção pela qualidade de fabricação e pelo minimalismo na apresentação dos mesmos. O V30 é um amplificador integrado de 25 watts por canal híbrido (pré valvulado e power transistorizado), de gabinete de metal que utiliza um par de válvulas 12AX7.

No painel frontal temos dois grandes botões: o de seletor de entrada e o de volume. E no painel traseiro, à esquerda, duas entradas de linha, uma saída pré-out para uso de um power externo, no centro

um par de terminais de caixas-acústicas e, à direita, a tomada IEC e o botão de liga/desliga. Também, embaixo dos terminais de caixa, encontra-se uma chave seletora de voltagem 115/230 Volts. Nada de controle remoto ou algum acessório que possa encarecer o produto.

O par de caixas K20 recebe potência nominal de 40 watts, tem um tweeter de domo de tecido de 1,25 polegada, 1 woofer de 5 polegadas de cone de resina de papel poroso (imitando Kevlar), corte de frequência em 2,8kHz e toda a fiação interna é de cobre OFC. O duto é frontal, possibilitando que as pequenas caixas possam ser colocadas bem próxima às paredes. Sem tela: os falantes estão sempre expostos (o que pode ser um problema para quem tem crianças em idade de colocar os dedos em tudo).

Para o teste do amplificador V30, que nitidamente se mostrou superior às caixas K20, também utilizamos as caixas acústicas Pioneer SP-BS-22 e Emotiva B1 ambas bookshelf. Como os produtos da Voxoa vieram lacrados, deixamos em queima por 100 horas (tempo suficiente para o V30, porém não para as caixas K20, que necessitaram de um amaciamento bem maior: 350 horas).

O V30 é um amplificador surpreendente em termos de performance e detalhamento para sua faixa de preço. Sua sonoridade é muito agradável, porém engana-se quem ache que por sua topologia híbrida terá uma tendência a soar mais letárgico ou sem autoridade. Pelo contrário, com qualquer uma das três caixas utilizadas no teste, o V30 ►

se mostrou sempre no controle. Sua assinatura sônica é quente e seu equilíbrio tonal é muito correto para sua faixa de preço.

Falta, é óbvio, maior extensão nos dois extremos, porém essa falta é suprimida pela qualidade e naturalidade de sua região média, que é muito convincente e sedutora.

O melhor resultado em termos de sinergia foi com a utilização da caixa Pioneer (muito mais condizente com a potência do V30 e o valor de ambos os produtos). Neste setup percebemos nitidamente o quanto o V30 é superior as caixas K20. Para os interessados nesse integrado, sugiro enfaticamente que se ouça (se estiver dentro do orçamento) as caixas da Pioneer, pois o V30 sobe de patamar!

O V30 possui um sound stage correto, com menos largura do que profundidade. E seu ponto alto neste quesito é o foco e recorte. Os planos, em música com maior número de instrumentos, tendem a soar um pouco mais compactos (como se os músicos estivessem a ocupar um mesmo espaço). Contornamos esse problema afastando um pouco mais as caixas na nossa sala de home, de 1,80 m entre as caixas para 2,20 m, e diminuindo o toe-in das caixas para apenas 20 graus, o que ajudou a recuar o palco e ampliar o arejamento entre as caixas.

As texturas são o ponto alto do V30 (com qualquer uma das três caixas utilizadas), são quentes com enorme naturalidade e nos permitem ouvir com clareza a qualidade dos músicos, dos instrumentos e a qualidade de captação da gravação. Diria que a topologia híbrida do V30 favoreceu enormemente este quesito da metodologia.

Os transientes também se apresentaram muito corretos, com boa velocidade, e precisos em termos de andamento e ritmo. Claro que a micro-dinâmica foi superior à macro-dinâmica. Não se faz milagres em um sistema de entrada tão minimalista, porém o melhor resultado no quesito macro-dinâmica ocorreu com a caixa Emotiva B1 (um pouco fora, em termos de orçamento, da proposta). Faltou um pouco mais de potência para suportar os fortíssimos e essa falta de potência fica evidente com o endurecimento do sinal. Então, claro, é preciso entender as limitações do sistema Voxoa para determinados gêneros musicais, como música sinfônica e big bands.

OUVINDO O SISTEMA VOXOA DEPOIS DAS CAIXAS TOTALMENTE AMACIADAS

Como escrevi, a queima da K20 é bem longa. O usuário terá que ter paciência, pois sem a queima total a região alta se comporta de forma desequilibrada e desconfortável até. Acredito que os engenheiros quiseram 'compensar' a limitação de maior extensão na região alta do V30 com uma caixa bem aberta nessas frequências. E essa opção torna instrumentos como sax soprano, violino, flautim, trompete com surdina, instrumentos difíceis de escutar enquanto a K20 não estiver integralmente amaciada.

Então, futuros compradores deste sistema minimalista, tenham paciência e esperem. Com as 350 horas a caixa muda da água para o vinho. Os médios-altos recuam e essa tendência de brilho excessivo diminui satisfatoriamente. Porém, como também já disse, o V30 está acima das K20. E merece, se possível, uma opção mais à altura de sua performance.

Para o leitor ter uma ideia exata da superioridade: com a K20 a nota final do sistema é 6,8 pontos inferior a nota do V30 com a caixa Pioneer SP-BS-22. E quase 7 pontos na nossa metodologia, é uma diferença muito significativa!

O teste foi feito com o cabo de força original e com o cabo de força Chord Sarun. E os cabos de caixa utilizados foram o original (flamenguinho chinês que vem com a caixa K20) e os Ocos e o Reference da Sunrise Lab. Os cabos de interconexão foram da Emotiva e o QED Signature. O CD-Player foi o Emotiva CD-100 e o toca-discos foi o Voxoa T40 (que já possui pré de phono embutido).

CONCLUSÃO

Você deseja um sistema barato, com qualidades suficientes e fidelidade para escutar seus discos preferidos? Ouça esse sistema da Voxoa. O amplificador integrado é o componente que 'carrega o piano nas costas'. Um investimento que pode atender a expectativa de todos que dispõem de uma verba restrita, porém sonham em ouvir seus discos com uma maior fidelidade e emoção.

Para salas de até 12 metros quadrados, escritórios, casa de campo, esse sistema pode ser uma opção muito segura.

Na próxima edição falaremos do T40, um toca-discos de entrada com uma performance também muito convincente, que junto com o V30 formam um belo conjunto, para todos que possuem uma coleção de bolachões bem conservados! E, para aqueles que puderem investir um pouco mais, o amplificador V30 merece uma caixa mais condizente com seus atributos sonoros. ■

SISTEMA COMPACTO VOXOA V30 & K20 NOTA: 59,0



PRATA REFERÊNCIA

AMPLIFICADOR VOXOA V30
COM CAIXAS PIONEER SP-BS22

NOTA: 65,8



OURO RECOMENDADO

AVMAG #235

Alpha Áudio & Vídeo

(11) 3255.2849

Caixas acústicas K20: R\$ 1.200

Amplificador V30: R\$ 1.990

ÁUDIO

NETWORK CD RECEIVER SYSTEM PIONEER X-HM76

Fernando Andrette



Muitas vezes gasta-se bastante em um sistema mais simples, mais espartano, para por no quarto ou escritório, visando ouvir música de forma mais descontraída nesses ambientes, alternativamente ao sistema principal. O problema é que o audiôfilo usual é um fã de qualidade som: ele é criterioso, precisa que mesmo coisas mais simples - como um fone de ouvido intra-auricular para usar ocasionalmente com o smartphone, por exemplo - entregue um mínimo de qualidade de som, tenha um resultado final que não ofenda.

O sistema secundário do quarto, do home-office, não precisa ser competitivo com o sistema principal - e na maioria das vezes é não só economicamente inviável querer extrair mundos e fundos de um pequeno e simples sistema, como também há limitações de uma rede elétrica não-dedicada e, principalmente, da acústica e no posicionamento. Acaba acontecendo das duas uma: ou o audiôfilo gasta muito dinheiro nesse sistema secundário, procurando aplicar - às vezes sem sucesso - os mesmos princípios básicos de setup e sinergia usados em seu sistema principal, dificilmente chegando ao resultado que se procura, ou o audiôfilo compra algo 'for consumer' que nunca será minimamente satisfatório por ser ofensivamente torto ou excessivamente limitado - tamanho é o abismo entre o produto consumer e o audiôfilo!

Algumas empresas, entretanto, estão aproveitando novas tecnologias - como a amplificação digital classe D - combinadas com novas ideologias no desenvolvimento de produtos. A parte da classe D é interessante porque permite o desenvolvimento e a implantação de amplificadores mais leves, que ocupam menos gabinete, que usam fontes de alimentação menores - e isso, claro, gastando menos. A

parte da ideologia, no caso da japonesa Pioneer, vêm da preocupação há muitos anos com o desenvolvimento de produtos de nível superior - como as linhas Elite e Exclusive e, depois, a marca de caixas hi-end TAD.

Além de desenvolver caixas de referência de US\$ 60.000 para a TAD, o engenheiro e físico inglês Andrew Jones - já lendário no mercado de áudio - também desenvolveu as linhas de caixas consumer, de entrada, da marca-mãe, a Pioneer. Tendo se apaixonado por áudio, Jones usou os conhecimentos de acústica e eletromagnetismo aprendidos na faculdade para atuar no que ele chamou de verdadeira escola: seus anos na fabricante inglesa de caixas acústicas KEF. Mas, após um período em outra fabricante de caixas acústicas, a Infinity, Jones ganhou fama mesmo na TAD e, principalmente, na Pioneer, pois até suas caixas bookshelf de entrada passaram a ganhar reconhecimento audiôfilo - como 'best-buy'!

SOBRE O SYSTEM X-HM76

Entre as caixas desenvolvidas por Andrew Jones - que hoje é engenheiro de desenvolvimento da empresa alemã Elac - estão as pequenas books que integram o system X-HM76 da Pioneer aqui analisado. E essas caixas carregam muito da responsabilidade pela qualidade sonora desse system.

O X-HM76 é composto de um pequeno receiver digital e um par de bookshelves. O receiver ostenta um grande display de boa leitura, e tem toda a sua fácil operação e configuração feita através do controle remoto (exceto a ejeção do CD, que só pode ser feita no painel do aparelho, ninguém sabe porquê).

Com grande conectividade, o receiver pode reproduzir áudio analógico através de uma entrada RCA de linha, reproduzir CDs (o receiver vem com um CD-Player integrado), receber áudio via Bluetooth, FM analógica (a qual eu não ouvi), receber sinal digital através de entradas S/PDIF e ótica e, por fim, trabalhar como streamer, seja via rede fixa ou wireless (DLNA) ou via um dispositivo de armazenamento USB ligado no painel (há uma entrada USB na frente e outra atrás).

SETUP & COMPATIBILIDADE

A primeira coisa que é preciso entender sobre o X-HM76 é que ele não vai substituir um sistema de som hi-end, mesmo um de entrada. A idéia toda desse diminuto e altamente conectado system - no que que concerne o público audiófilo - é que ele seja uma segunda ou terceira forma de audição de música, uma feita de maneira mais informal, onde eu achei como melhor saída buscar o equilíbrio tonal mexendo no controle de graves do mesmo. Para ouvi-lo aqui em minha sala de audição, tive que subir os graves para +2, o que eu achei que não causou detrimento da qualidade de som geral. Acredito que, em alguns casos, apenas +1 no grave seja suficiente para sua compatibilização com o ambiente.

O que eu não recomendo: não trate ele como um amplificador com um par de caixinhas de entrada - não tem esse nível de elasticidade. Não mexa no controle de agudos, pois os que ele provê já são suficientes. Não use o controle Bass-Enhancer, pois o mesmo funciona como uma espécie de Loudness, dando ganho também nos agudos, e não é disso que o som desse equipamento precisa para atingir o equilíbrio tonal e qualidade de som.

Não é possível trocar o cabo de força do X-HM76 porque o mesmo é embutido. Mas é possível, caso for conectar algum equipamento analógico nele, ter o cuidado de escolher cabos de interconexão de boa qualidade. Outra coisa: a aquisição de um par de cabos de caixa mais decentes que os fiozinhos originais é, na minha opinião, obrigatório. Obtive bons resultados com cabos de caixa utilizados em bons sistemas hi-end de entrada.

O posicionamento das caixas tem que procurar o básico, como palco suficientemente grande e foco - mas se possível procurar também mais graves, um reforço ambiental - então não é bom ser muito ortodoxo.

As configurações de rede wireless são fáceis e rápidas, assim como o acesso a cada uma das entradas de programa. Após alguns testes, dispensei o uso de modalidades como o Bluetooth, devido à sua baixa qualidade, elegendo como a melhor opção (que é também a mais prática) o streaming de áudio via rede (com fio ou wireless) ou, melhor ainda, a partir de música estocada em pen-drives ou HDD externos, usados nas entradas USB do aparelho.

SISTEMA

O system X-HM76 da Pioneer chegou para mim lacrado, passando por mais de 150 horas de amaciamento até que o som 'soltasse' - porque o receiver já começa tocando quase sem congestionamento, com profundidade e timbre decentes. Parte do amaciamento foi feito separadamente entre caixas e receiver, e parte foi o conjuntinho completo em sua plenitude - assim pude ouvir melhor as excelentes caixas, exigir mais delas, ver até onde elas conseguiam ir. Durante todos os testes, como referência, foram usados o amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII e o SACD-Player Luxman D-06, e as caixas torre Dynaudio Focus 220 II "BySunriseLab". Também foram usados vários toca-discos de vinil, na entrada 'Line In' do Pioneer, através do pré de phono Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition. Os cabos de interconexão foram Sunrise Lab linha Reference, assim como os cabos de força (amplificador V8 e SACD D-06) foram Transparent PowerLink MM2 e MM2x, além dos cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 e Sunrise Lab Reference.

COMO TOCA

Quanto ao equilíbrio tonal, a falta de graves inerente ao tamanho de suas caixas acústicas é seu defeito mais grave, resultando em falta de extensão de graves e em corpos pequenos. O uso do controle tonal para um pequeno ganho nos graves, tornando sua audição mais prazerosa, é válido e funciona bem. Aqui a faixa de corno masculino grave, do CD de testes *Absolute Sound for Hi-Fi and at Home 2*, perde muito de seu impacto e dimensão ao perder informação de baixa frequência.

O ponto mais alto do X-HM76 é sua materialização do palco sonoro: profunda, descongestionada, com boa ambiência, com boa separação entre os instrumentos ou grupos de instrumentos. E já começa com esse palco bom desde o início do amaciamento. Aqui foi um prazer ouvir *Bartok: The Works for Piano & Orchestra* (Philips), com o pianista húngaro Zoltan Kocsis e o regente Ivan Fischer frente à Orquestra do Festival de Budapeste.

O X-HM76 provê belas texturas e recortes para as boas gravações de instrumentos acústicos - sendo esse um de seus pontos altos. Outra coisa é que muitos equipamentos mais simples, em questão aos transientes, simplesmente dão evidente impressão de falta de velocidade, com embolamento dos transientes e falta de pulsação e clareza. Não é o caso aqui: ouvindo a gravação audiófila e não comprimida *Live at Merkin Hall* (Stereophile) do grupo de jazz Attention Screen, em momento algum senti falta de pulsação ou clareza de intencionalidades.

A capacidade dinâmica do X-HM76 é limitada pelo tamanho de suas caixas acústicas e severamente limitada pela fraqueza de sua amplificação. Vejam, claro, que isso é um system feito para ficar em cima de

ÁUDIO

um aparador ou na estante do quarto ou escritório - mas são nessas condições, e como aparelho de som principal, que muitos têm esse tipo de system. Cuidados com seu posicionamento, claro, melhoram bastante seu som, mas tem mágicas que não dá para tirar da cartola - então a audição plena de música orquestral ou rock não é o forte do X-HM76.

O que eu considero o maior pecado de caixas de som pequenas e de ampliações mais simples - do sistema 'de entrada' em geral - é a falta de corpo harmônico em médias-baixas e baixas frequências. Aqui no caso do X-HM76, o problema se dá também por ter corpo harmônico irregularmente representado em outras frequências, como as das vozes, piano e metais. A irregularidade de corpos, e até a falta de um pouco de gordura neles, ficaram claras no CD *Jungle Soul* (Palmetto) do exímio Dr. Lonnie Smith com o magnificamente bem captado (e tocado) órgão Hammond B3, em gravação que mostra detalhes e texturas do Hammond como nenhuma.

A deficiência de alguns corpos harmônicos, assim como o equilíbrio tonal faltante fazem, para mim, que o X-HM76 não tenha um resultado

final muito orgânico. Por ter timbre decentemente correto, limpo, sem embolamentos e com boas texturas, considero o X-HM76 como musical.

CONCLUSÃO

Vale a pena o X-HM76? Se o que você procura é um som limpo, recortado, descongestionado e de timbre honesto, para audições mais informais, e respeita a limitações acústicas de um pequeno system, acho que o X-HM76 é uma boa opção para seu quarto ou escritório. ■

AVMAG #227

Pioneer
(11) 3642.1882
R\$ 5.399

NOTA: 70,0



OURO REFERÊNCIA

SISTEMA QUAD ARTERA: CD-PLAYER-DAC & AMPLIFICADOR

Fernando Andrette

Um olho no futuro com um pé no passado.

Esta talvez seja a melhor sensação que tive depois de conviver por um mês com o conjunto Artera da Quad. Lendo dois testes publicados lá fora: um pela Absolute Sound e outro pela What Hi-Fi, fiquei me perguntando como o mesmo produto pode ter avaliações tão antagônicas? A Absolute Sound adorou o sistema e a What Hi-Fi detestou! Com essa questão na cabeça, terminei minha avaliação e sentei para escrever o teste. Cada avaliador possui obviamente sua metodologia pessoal e, claro, seu gosto e expectativa em relação aos produtos que chegam para teste. Mais não é comum haver conclusões tão dispares, quando se trata de produtos que não possuem nenhum erro de concepção aparente ou defeito de fábrica.

Interessante é que lendo nas entrelinhas de ambos os testes, nota-se que na avaliação da publicação inglesa o 'desapontamento' só fica explícito no veredicto. Sente-se uma certa frustração em relação à leitura que o sistema da Quad deu a uma determinada música, que parece ser uma das obras de referência do articulista. E mesmo esse desapontamento se refere muito mais à 'interpretação' do sistema Quad, que não passou a 'tristeza' que a música têm!

Ao contrário, na publicação americana, o articulista não só se encantou com a assinatura sônica do conjunto, como indicou o power para produto do ano! Para você leitor que começou a nos ler agora,

e dá seus primeiros passos neste universo da alta fidelidade, vá se acostumando, pois a audiofilia vive, desde seu nascedouro, de muitos embates sem fim. E a Quad é um dos protagonistas desde seu início, no final dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta. Ou seja, estamos falando de uma empresa inglesa que não só fez historia no hi-end, como determinou caminhos a serem seguidos.

O conjunto Artera é composto de dois módulos separados: o Artera Play (CD-Player, DAC e Pré-amplificador) e o Artera Stereo (amplificador de 140 Watts em 8 Ohms Classe AB). Ambos são pequenos, bem acabados e podem ser colocados em qualquer estante ou rack.

No Artera Play o usuário tem à sua disposição um CD com carregamento de fenda (aquele que você empurra o disco goela adentro do equipamento), um DAC com duas entradas ópticas, duas coaxiais, duas RCA além de uma USB para ligação de um computador. Além de uma saída RCA e uma XLR (balanceada), e saídas coaxial e óptica. O Artera Stereo possui uma entrada RCA e uma XLR.

O controle remoto possui todas as funções para você operar o Artera Play, é de bom tamanho e fácil de visualizar. O Artera Play possui um DAC de 32 bits que aceita arquivos de 32-bit/384 kHz assim como DSD 64/128/256. O Artera Play também possui 4 filtros: Fast, Smooth, Narrow e Wide. O Fast é o filtro padrão (segundo o fabricante), o Wide possui um som 'mais limpo' recomendado para arquivos de alta



resolução, o Narrow é uma opção para a necessidade de alta tolerância com jitter, e o Smooth é para gravações acústicas. Mais adiante, descreverei minhas impressões em relação aos filtros.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos - caixas acústicas: Pioneer SP-FS52 (leia Teste 2 na edição 231), Kharma Exquisite Midí e Revel Salon 2. Cabos de interconexão: QED Signature RCA, QED Reference 40 XLR, Sax Soul Ágata RCA e XLR, e Kubala-Sosna Elation RCA. Cabos de força: Chord Sarum, Sax Soul Ágata, Transparent PowerLink MM2. Cabos de caixa: QED Signature, Sunrise Lab Reference e Transparent Reference XL MM2 e G5 (leia Teste 3 na edição 231).

O sistema chegou com apenas 100 horas de amaciamento. Fizemos a primeira avaliação e o deixamos queimando por mais 150 horas. Como tínhamos acabado o teste das caixas Pioneer, foi a primeira caixa que escutamos no sistema Artera, após as 250 horas de queima. O Artera Stereo não teve a menor dificuldade de conduzir a caixa com enorme autoridade, energia e equilíbrio. Nesse primeiro momento os cabos utilizados foram: QED Signature (RCA) entre o Artera Play e o power, e QED Signature de caixa, com o cabo de força Chord Sarum no Artera Play e o Sax Soul Ágata no power. Um setup

de extrema correção em termos de velocidade, precisão, corpo e na apresentação das texturas. O palco era menor em termos de profundidade e largura, mas com muito bom recorte, foco e planos. Depois de compreender a assinatura sônica do setup, achamos que poderíamos 'entender' as opções de filtros do Artera Play. Sou muito reticente em relação a filtros, pois ainda que observe diferenças, a sensação que tenho é que sempre ao trocar de filtro ganhamos algo e perdemos algo. No dCS Scarlatti, nossa referência, eu utilizo apenas o filtro 1 e sinceramente nem me lembro mais de trocar em nenhuma situação o filtro.

Depois de escutar gravações em DSD e PCM no Artera Play, acabei optando por manter o filtro em Fast, pois nas outras opções sempre fiquei com a impressão de perda de naturalidade nos timbres e nas texturas.

Definido o filtro, fiz a primeira alteração no cabo de interconexão, tirando o QED RCA e colocando o XLR. Nesta troca, notei mudanças interessantes: um ruído de fundo menor, um aumento de energia nas baixas e médias frequências e um recuo do palco, com melhoria na apresentação dos planos em obras sinfônicas. Depois de passar uma faixa de cada quesito de nossa metodologia, trocamos a caixa, já que a Revel Salon 2 tinha hora e data para sair de nossa sala. Escolhi a ►

ÁUDIO

Salon 2 por ser uma caixa mais exigente com amplificadores, e queria ver como o Artera Stereo conduziria a Revel. Saiu-se muito bem, manteve o controle ainda que seu comportamento térmico tenha subido alguns graus. O maior salto deu-se nos extremos, já que tanto os graves como os agudos ganharam maior extensão, corpo, peso e respiro.

A região média do conjunto Artera é muito correta, com transparência suficiente para um completo entendimento do acontecimento musical com um grau de calor e naturalidade muito cativante e bem vindo. O ouvinte jamais perde detalhes e pode relaxar sem riscos de sobressaltos!

Faltava ainda ouvir o conjunto com nossa caixa de referência, a Kharma Exquisite Midi, uma verdadeira 'pera doce' com seus 92 dB de sensibilidade e 4 Ohms (o fabricante afirma que o Artera Stereo passa para 240 Watts em 4 Ohms). Mantivemos o mesmo setup de cabos e repetimos os mesmos discos. O conjunto cresceu e muito em termos de macro-dinâmica. O Artera Stereo se sentiu em águas calmas e céu de brigadeiro. Pudemos observar como o conjunto Artera se completa para proporcionar uma apresentação sempre correta, sem arestas. Não prima por uma transparência absoluta, porém não nos impede de ouvir gravações tecnicamente limitadas. Não possui nenhum grau de pirotecnia que nos faça pular da cadeira, mas não se omite ou passa a sensação de letargia em passagens de maior dinâmica. Não nos faz pular esfuziantemente, mas nos mostra com precisão o tempo e ritmo para batermos os pés se assim desejarmos.

Por ser um sistema que se encontra na zona intermediária de preço, o usuário terá que ter um enorme cuidado na escolha do par de caixas e, principalmente, no set de cabos. O ideal em termos de caixas é que possuam sensibilidade superior a 89 dB e, se possível, uma impedância de 4 Ohms.

Faltava sabermos como funcionam separados, e se alguém carrega o outro. Por pura intuição minha escolha recaiu em ouvir primeiro o Antera Play ligado ao Hegel 30, primeiro com os mesmos cabos utilizados no teste e depois alterando os cabos para ver o que ocorria. Gostei ainda mais do Antera Play - o mesmo possui mais 'garrafas' para vender. Como dizia meu pai: 'possui bainha de folga'. Muito correto tonalmente, com um equilíbrio entre energia e relaxamento de players mais top, e um pré surpreendente para sua faixa de preço.

Para os que desejam um 'cérebro' para o seu sistema de áudio moderno em que o computador possui o mesmo peso da coleção de CDs, e a um preço acessível, o Antera Play deve entrar na lista de produtos a serem escutados. Um único detalhe: com o Hegel H30 para se ter este grau de performance foi necessário o uso de uma cabo balanceado XLR. Na opção RCA (com o mesmo cabo Ágata) o equilíbrio entre energia e relaxamento foi menor (com clara tendência para um som mais relaxado).

Faltava o inverso: ligar o Antera Stereo com nosso pré Dan D'Agostino. Não fez feio também. Gostei do seu silêncio de fundo e sua autoridade. Falta-lhe, porém, aquele grau a mais de refinamento que nos dá a sensação de que o acontecimento musical está ali na nossa frente. Mas em sua defesa é justo lembrar que na sua faixa de preço é difícil achar um power que possua esse refinamento.

CONCLUSÃO

Escrevi no teste do Audio Player da Mark Levinson nº 519 que uma nova tendência estava surgindo no mercado. E que o streamer da Mark Levinson por ser um ponto fora da curva em performance e preço estava fora de órbita da esmagadora maioria dos mortais. Mais que em breve muitos fabricantes perceberiam que integrar pré-amplificador, CD-Player, DAC e uma ampla conectividade digital é muito coerente e viável, e é uma realidade que veio para ficar, acreditem! E o Antera Play da Quad é uma prova irrefutável desta nova realidade de mercado, dando ao consumidor também a oportunidade de ter em seu sistema um componente que alia design, praticidade e qualidade de áudio superior. Este é o futuro já!

E para aqueles que desejam 'simplificar' seus sistemas e realizar um upgrade de uma só tacada no CD-Player, DAC e pré-amplificação, o Quad se apresenta na linha de frente de opções, e leva uma considerável vantagem ao ser uma marca com décadas de bons serviços prestados a audiofilia! E, acredite, isso tem um enorme peso no momento da escolha!

Eu recomendo uma audição do conjunto, mas não posso me omitir que o produto que se destaca neste conjunto é o Antera Play! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=S_QHRX7ATPK](https://www.youtube.com/watch?v=S_QHRX7ATPK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YTNJH1XRJJA](https://www.youtube.com/watch?v=YTNJH1XRJJA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QBU8BIOJHRE](https://www.youtube.com/watch?v=QBU8BIOJHRE)

ANTERA PLAY E ANTERA STEREO

NOTA: 77,5

ARTERA PLAY

NOTA: 81,5

AVMAG #231

KW Hi-Fi

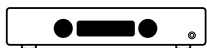
(48) 3236.3385

Artera Play - R\$ 13.000

Artera Stereo - R\$ 13.700



DIAMANTE REFERÊNCIA



H90 Integrated Amplifier



Better
than yours



H90

No Hegel H90 incluímos streaming, Apple Airplay®, uma variedade de conexões digitais e analógicas. Com entradas de nível fixo é fácil integrar o H90 em um sistema de Home Theater e automação. É um amplificador integrado completo, possui componentes de altíssima qualidade e o sistema de amplificação Sound Engine 2 diminui absurdamente qualquer distorção. Existe também uma saída de alta qualidade de fone de ouvido e uma tela OLED elegante.

H90 Sejam honestos. É melhor do que o seu.



SoundEngine2



DISTRIBUIDORA
EXCLUSIVA HEGEL
NO BRASIL

(016) 3621 - 7699
contato@mediagear.com.br
www.mediagear.com.br

REVENDAS MEDIATEAR

Studio Vip
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3242-6995

Hifi Club Áudio e Vídeo Hi-End
Belo Horizonte - Minas Gerais
Telefone: (31) 2555 - 1223

Essence in Home
Salvador - Bahia
Telefone: (71) 3022 - 8829

Studio Som
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3262 - 5421

ÁUDIO

PLAYER DCS ROSSINI

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=P8JTN81ZZIM](https://www.youtube.com/watch?v=P8JTN81ZZIM)

Sou usuário de sistemas dCS há mais de uma década. Todos os nossos discos lançados pela Cavi Records recorreram a modelos dCS tanto no momento da conversão analógico digital, como na fase de mixagem e masterização. E no sistema de referência da Cavi passaram o Puccini e seu respectivo clock, o Paganini e há mais de quatro anos utilizamos o sistema Scarlatti. A assinatura sônica dos digitais dCS são únicas, e aliam resolução e folga como nenhum outro excelente sistema digital. E ainda que tenha escutado excelentes players - que também são Estado da Arte - nesses últimos anos, não consegui ouvir nada que suplantasse a performance do Scarlatti.

Até que em 2014 tive a oportunidade de escutar um sistema completo Vivaldi em um sistema integralmente sinérgico e descobri em algumas poucas horas que estava diante de um novo estágio do domínio digital. Algo absolutamente inimaginável até aquele momento em termos de performance, transparência, naturalidade e conforto auditivo. Naquela audição inesquecível ouvimos obras de uma variedade dinâmica e complexidade, capazes de nocautear qualquer sistema superlativo. O Vivaldi não se privou em nenhum momento de nos mostrar que estava inteiramente à vontade, independente do

gênero e das artimanhas da obra. Escutamos um solo de bateria, grudados à cadeira, e a cada mínima variação dinâmica pudemos visualizar o que o solista estava executando em cada peça do seu instrumento. Saí daquela audição certo de que o Vivaldi é a fonte que nos coloca mais próximo do acontecimento musical, levando o quesito organicidade a um outro patamar de materialização física!

Agora quando me perguntam qual a diferença entre o Scarlatti e o Vivaldi, só respondo: escutem e saberão de imediato a diferença! Pois não tem nada de sutil, pelo contrário, as diferenças são todas audíveis e imediatas. Assim não poderia deixar de aceitar prontamente o convite para testar o Rossini, o primeiro produto derivado diretamente do Vivaldi e que foi apresentado ao mercado em 2015 e está a receber elogios rasgados em todas as principais publicações do mundo. A Ferrari Technologies a princípio tinha a intenção de disponibilizar o CD-Player Rossini e o seu clock, mas o clock foi vendido assim que foi liberado pela alfândega, então resolvi dividir esse teste em duas etapas. Primeiro testamos o Rossini e mais adiante voltaremos a ouvi-lo com seu respectivo clock. O motivo desta minha insistência é que de acordo com todos os testes já realizados com o conjunto, ►

sua performance é ainda mais surpreendente quando trabalhando em conjunto. E acredito piamente, pois quando realizei o upgrade no Puccini com a aquisição do seu clock, sua performance cresceu exponencialmente.

O Rossini está preparado para todas as plataformas existentes na atualidade. Seu DAC de 24-bit/384kHz e DSD128, também inclui um controle de volume para uso como pré-amplificador digital e um streamer UPnP controlado pelo app Rossini para dispositivos iOS. O aplicativo também permite a troca on-the-fly entre DXD e DSD, como a capacidade de selecionar 6 filtros PCM e 4 filtros DSD para a melhor performance de cada música. O usuário pode selecionar também as entradas AES/EBU, UPnP, USB (armazenamento), Digital (Coaxial e Toslink) e USB/PC. Além de um conjunto de entradas coaxiais de 75 ohms (BNC) para a conexão do clock externo Rossini.

O painel frontal segue o mesmo padrão de design e acabamento da linha Vivaldi. Com um painel à esquerda com tela iluminada que apresenta a fonte de entrada, nível de volume, filtro selecionado, reprodução da faixa, etc. Segundo o fabricante o chassi do Rossini, que pode ser prata ou preto, é moído a partir de alumínio usinado de grau aeroespacial, com amortecedores acústicos para reduzir a vibração mecânica e efeitos magnéticos. A regulação de energia é em multi-estágios com um par de transformadores que isolam circuitos analógicos, digitais e do clock interno. No coração do Rossini encontra-se a mais recente plataforma de processamento digital dCS, a tecnologia Ring DACTM, originalmente desenvolvida para a linha Vivaldi.

O Rossini na cor prata chegou integralmente amaciado, o que nos possibilitou colocá-lo imediatamente em teste. Ele foi ligado diretamente ao nosso sistema de referência e começamos ouvindo com o cabo de força Ágata da Sax Soul e depois, para fechamento do teste, trocamos pelo Transparent PowerLink MM2 para podermos comparar com o Scarlatti. O cabo de interconexão foi o Transparent Opus G5 XLR.

É preciso alguns dias para se compreender todo o potencial do Rossini, principalmente para quem já utiliza um sistema dCS. No caso específico do Puccini e do Paganini as diferenças serão rapidamente ouvidas, principalmente em gravações tecnicamente mais limitadas ou em gravações com importantes variações dinâmicas. No Rossini essas gravações soarão mais confortáveis e com uma recuperação de micro dinâmica muito superior! E essas observações foram feitas sem o uso do clock externo, o que me faz crer que com esse upgrade essas diferenças fiquem ainda maiores. Quando comparado diretamente com o Scarlatti essas diferenças não são evidentes, mas em termos de recuperação de micro-detalle sim. Escutei nuances em gravações comprimidas que não ouço no meu sistema Scarlatti. Mas a maior diferença nessa nova série da dCS encontra-se na capacidade de aliar energia com relaxamento. Esse é o grande pulo do gato.

Performance só comparável à música ao vivo, em escala real quando a música vai do silêncio ao fortíssimo e só nos damos conta do real impacto daquele momento alguns milésimos de segundos após essa intensa variação dinâmica ter ocorrido. Como diz um amigo músico: “primeiro sentimos, depois entendemos”. Em outras palavras, amigo leitor, entenda da seguinte forma: essa nova geração da dCS nos permite estar mais perto da música reproduzida eletronicamente como jamais estivemos! E não apenas em termos de resolução, mas também na forma da apresentação, extremamente mais realista e natural.

Detesto a comparação com o analógico, pois caminham em direções paralelas, cada um com suas virtudes e limitações, mas se preciso fazer alguma analogia com algo, prefiro a analogia com ouvir a Nona de Beethoven com instrumentos da época em que a obra foi executada pela primeira vez e com instrumentos produzidos no século XX. Tenho uma gravação alemã feita com instrumentos da época e com o mesmo número de músicos da orquestra e do coral com os quais a obra foi executada pela primeira vez. Foi decepcionante, para ser educado. Depois que escutamos a nona como ela é apresentada hoje, fica difícil ouvir como foi apresentada pela primeira vez! Sensação parecida é escutar seus discos preferidos no Vivaldi e no Scarlatti, ou agora no Rossini e no Puccini. São estágios do domínio digital distintos e por isso mesmo tão fáceis de perceber as inúmeras diferenças.

Arrisco até a dizer amigo leitor, que com o clock do Rossini as diferenças para o Scarlatti serão ainda menores e mais pontuais. E em relação ao Paganini com o clock externo, o Rossini deve ser difícil de ser batido. Conheço centenas de leitores que possuem uma coleção de CDs maravilhosa, com gravações históricas obrigatórias e muitas raras. Mas que se frustram ao colocar em seus sistemas e perceber que muitas, tecnicamente, estão abaixo do valor histórico da obra. Com essa nova geração da dCS esse problema está mais perto de uma solução, pois pela primeira vez constatei enorme diferença entre os filtros existentes no Rossini em relação à geração anterior, composta do Puccini ao Scarlatti.

Sinceramente, escuto 99% dos meus discos (independente da qualidade técnica) no filtro 1 no Scarlatti. Mas, no Rossini, a diferença é substancial, prazerosa e necessária para o ajuste nas gravações tecnicamente limitadas, com resultados muito acima do esperado! Fiquei então a imaginar o nível de melhora possível nas 4 unidades do Vivaldi! E como a mudança do filtro é simples e imediata, o usuário pode, antes de iniciar sua audição, escolher qual filtro é o mais indicado para cada gravação. Outra qualidade desses novos filtros da dCS é a sensação de maior tridimensionalidade de cada opção, tanto na percepção de foco e recorte, como de profundidade e largura da imagem sonora. E quando a gravação tecnicamente é de alto nível, essas características mudam ainda mais em cada filtro.

ÁUDIO

CONCLUSÃO

O leitor já acostumado com meus testes sabe que quando não descrevo cada um dos quesitos de nossa metodologia é que o produto em teste está em um patamar restrito apenas aos Estado da Arte de nível superlativo. Poderia escrever paginas e mais páginas detalhando cada faixa escutada nos oito quesitos de nossa metodologia. Prefiro nesses casos focar nos avanços tecnológicos e de performance e deixar que o leitor tire suas conclusões.

Com produtos desse naipe, o objetivo primordial do teste é relatar ao publico interessado que mais um degrau foi transposto e já está a disposição no mercado. E mesmo que esteja fora do alcance da esmagadora maioria, ouvi-lo para ter como uma nova referência do patamar em que o digital se encontra é fundamental a todos que amam esse hobby. É maravilhoso quando constatamos que aquele CD 16/44, do qual julgávamos já ter extraído todo o seu potencial em nosso sistema, ainda tem um sumo a mais para nos entregar. Foi

exatamente o que fiz: antes de embalar o Rossini para devolução, lembrei-me de colocar o CD Fragile do grupo Yes - prensagem Microservice - que ao longo de todos esses anos sempre soou duro, digitalizado, com agudos escondidos, tímidos e pouco naturais, e no Rossini no filtro 2 soou tão bem, diferente e confortável, que me fez escutar o CD inteiro como se estivesse ouvindo pela primeira vez! Essa é a magia do Rossini, um player que pode fazer o milagre que tantos audiófilos esperam há anos! ■

AVMAG #230
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 57.000

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

AUDIO PLAYER MARK LEVINSON N°519

Fernando Andrette

O universo hi-end possui um código de conduta muito peculiar. Todos que freqüentam as feiras deste segmento há muito tempo, conseguem fazer uma leitura exata das novas tendências com uma antecedência de até alguns anos. E, quando o mercado está amadurecido consistentemente, todos os fabricantes apresentam suas soluções para esses novos nichos. Foi assim há alguns anos com os DACs modulares, depois com os amplificadores classe D e suas versões híbridas, mais recentemente as caixas amplificadas sem fio e nos últimos dois anos, o que parecia uma tendência ainda em maturação sai do forno e é apresentada por diferentes fabricantes, para distintos segmentos. Falo dos audio players e streamers, produtos que em um único pacote o consumidor encontra um leitor de CD, DAC, reproduzidor streaming via rede e pré-amplificador.

A Mark Levinson, é verdade, tem levado sua proposta deste produto desde o final de 2015, para diversos shows. Sua apresentação extra-oficial se deu na CES 2016, mas só no começo de 2017 ele finalmente foi colocado à venda. Outros fabricantes, neste último ano, também apresentaram protótipos e a Quad há alguns meses já disponibiliza sua versão de audio player (que, por coincidência, também já recebemos para teste). Ouvindo com cuidado ambos os produtos, afirmo que os audio players vieram para ficar, pois são práticos, atendem as todas as exigências e necessidades de qualquer audiófilo ou melômano e existem opções para todos os bolsos!

Claro que o Mark Levinson 519 encontra-se em uma classe à parte e foi pensado para um nicho de mercado de audiófilos exigentes avessos a modismos, mas antenados com saltos de qualidade tecnológica, praticidade e sonoridade. Talvez isso explique o cuidado com que os engenheiros da empresa tiveram antes de colocar a venda este seu novo produto. E a atenção dada e receptividade da mídia na cobertura dos eventos nos quais o produto ainda era apenas um protótipo.

Pelas vendas desde o seu lançamento (principalmente para o mercado asiático), diria que todo esse cuidado estratégico foi muito bem orquestrado. Depois de testar o pré de linha da Mark Levinson N°526 (publicado na edição de abril), fiquei me perguntando se o N°519 não tiraria parte das vendas do pré de linha N°526, pois ao ouvir o N°519 praticamente na sequência do N°526 achei que para todos aqueles que não possuem um toca-discos, o N°519 parece uma solução muito consistente e com um DAC superior do que ouvimos no N°526. Mas este é um problema para o departamento de vendas da Mark Levinson resolver. E diria que é o tipo de problema que, de qualquer ângulo que se avalie, não paralisa as vendas de ambos, pois muitos audiófilos ainda desejam o melhor em termos de performance, independente do preço.

O audio player N°519, como todo Mark Levinson, possui uma construção notável e seu display acrescenta uma classe a mais a ►



esse produto. E ainda que não seja uma tela touchscreen, é muito útil aos que gostam de saber o que estão escutando e de que álbum é a faixa tocada. O que mais gostei em sua apresentação visual é que ele possui um forte apelo aos consumidores com menos de 40 anos (que se sentirão em casa), como também não 'assustam' os mais tradicionais - como eu - avessos à muito 'rococó'. É o sóbrio-elegante, que assim que acionado derruba qualquer preconceito pela sua confiabilidade, praticidade e sonoridade.

Racionalmente deveria chamá-lo de um três-em-um, mas o correto seria apelidá-lo de um quatro-em-um, pois ele também é um belo amplificador de fones de ouvido (entre os três melhores que escutei). Assim, o audiófilo pode escutar sua coleção de CDs, streaming de música via Wi-Fi, rede Ethernet, Bluetooth, USB de um computador, pen-drive ou HD externo, e também ligar outras fontes digitais. Para os mais jovens, o N°519 integrou também Spotify, Tidal, Qobuz, Deezer, Napster e rádio Internet. Sua entrada USB possui suporte para reprodução de arquivos DSD, além de um arsenal de entradas digitais como AES / EBU XLR, ótica, e coaxial.

Pelo controle remoto existe um botão chamado Clari-fi, para ser usado com arquivos de MP3 e AAC, 'reconstruindo' os arquivos de áudio comprimidos. Você tem todos os controles na palma da mão, através de seu completo controle remoto. No botão Select você pode digitar o nome do usuário, colocar senha para serviços de rede streaming, escolher os três filtros digitais para fontes de áudio PCM, e muito mais. O N°519 pode ser controlado através do aplicativo Mark Levinson Control, que o usuário pode fazer download para os dispositivos Android ou iOS.

No domínio digital, no N°519 o processador EES trabalha na resolução de 32-bit. Seu DAC interno - bastante similar ao do pré de linha N°526, mas sonoramente identificamos diferenças audíveis tanto de resolução, como de refinamento - pode trabalhar com PCM 32-bit / 192 kHz e DSD.

Suas especificações técnicas: entradas digitais AES/EBU XLR, 2 coaxiais, 2 óticas, 1 USB assíncrona e Bluetooth. Taxas de amostragem PCM: 32, 44.1, 48, 88.2, 96, 176.4 e 192 kHz. DSD: nativa 2.8 MHz e de dupla velocidade 5.6 MHz. Saídas analógicas: XLR e RCA. Saídas Digitais: XLR, coaxial e ótica. Controle: Ethernet, RS-232, trigger in & out, infravermelho. Aplicativos de controle: iOS, Android e via navegador web.

Antes de iniciar nossa avaliação auditiva é importante ressaltar que seu caminho do sinal é dual mono discreto, com acoplamento direto, para a menor perda possível, e seu amplificador de fones de ouvido possui um controle digital de volume integrado que anula a necessidade de um pré-amplificador separado. Seu gabinete também é em alumínio preto, da série 6000, com filetes de prata na sua frente. O botão de volume encontra-se a sua direita, o display ao centro com boa visualização a curta / média distância e, abaixo, no centro do gabinete, a abertura para CD. Eu não sou muito fã deste mecanismo em que você tem que inserir mais da metade do CD para o player 'puxar' o disco prateado, mas pelo menos no Mark Levinson todo esse processo mecânico é mais silencioso. Disco 'engolido', ele faz uma leitura de tempo do disco, números de faixas e coloca-o a tocar. O processo demora poucos segundos e quando está pronto uma barra iluminada nos mostra que foi 100% lido. Depois que começa a tocar o disco, o ►

ÁUDIO

processo é absurdamente silencioso. Mesmo em nossa sala, na calada da noite, foi impossível ouvir qualquer tipo de ruído mecânico.

Para o teste utilizamos basicamente o nosso sistema de referência, e o sistema todo Mark Levinson com o pré de linha N°526 e os monoblocos N°534. As caixas acústicas foram as Revel Salon2 e Kharma Exquisite Midi. Os cabos analógicos RCA foram Kubala-Sosna Elation e Sax Soul Ágata, e Transparent Opus G5 XLR. Cabo digital AES / EBU XLR Absolute Dream da Crystal Cable. Os cabos de força foram Transparent G5 e MM2, e Sax Soul Ágata.

Na segunda parte do teste retiramos os prés de linha utilizados (Dan D'Agostino e Mark Levinson N°526) e ligamos o N°519 direto no Power Hegel H30 ou nos monoblocos N°534. O audio player Mark Levinson é um componente que trará enorme prazer a quem desejar investir em um produto deste nível. Como CD-player sua performance é admirável e de um grau de refinamento extremo. O ouvinte só terá que se preocupar com a qualidade técnica das gravações, pois seu grau de fidelidade é absoluto. Gravações soam como foram captadas e masterizadas, sem nenhum tipo de efeito pirotécnico ou aveludamento. As boas soarão confortáveis, tanto no domínio de tempo, ritmo e inteligibilidade. E as soberbas serão reproduzidas sublimemente!

Essa é a síntese do que este audio player 519 oferece. Suas qualidades são evidentes, ainda que uma queima de 300 horas o colocará em um patamar ainda mais elevado em termos de refinamento e conforto auditivo. Seu silêncio de fundo é talvez sua maior virtude, pois permite o ouvinte observar nuances que em outros excelentes players não soam tão evidente e tão bem resolvido. Os melhores exemplos dessa virtude ouvimos em gravações de grandes corais em excelentes salas de concerto: os planos são retratados com enorme arejamento, permitindo ouvir os naipes de vozes de maneira coerente e plena no imaginário palco sonoro, seja nos pianíssimos ou fortíssimos. Importante é ressaltar que esse grau de pureza não pode ser compreendido como frieza ou assepsia. Encontra-se no limite desse tão difícil equilíbrio. E só será ultrapassado se o audiófilo assim desejar, ou se for muito infeliz na escolha da configuração.

No teste tanto com nosso sistema de referência, como com o sistema todo Mark Levinson, esse limite não foi ultrapassado. E ainda que em gravações mais duras e equalizadas em excesso, as audições em volumes corretos não causaram fadiga ou desistência em ouvir aquele disco.

Como todo excelente equipamento de, o N°519 sofreu alterações com as mudanças de cabos de interconexão e de força. Mas nada que desalinhasse sua assinatura sonora. O que não deixa de ser extremamente interessante para o usuário que pode fazer o ajuste fino de acordo com seu gosto. Claro que com toda configuração Mark Levinson a assinatura imposta era de todo o sistema Mark Levinson - uma

assinatura em que a precisão e o detalhamento se impõem de maneira mais contundente. Já com nosso sistema de referência, a precisão se manteve, mas o que predominou mais que o detalhamento foi a naturalidade. O que é ótimo, pois mostra que o N°519 é bastante 'flexível' ao gosto do ouvinte. Seu equilíbrio tonal é exuberante, os agudos possuem limpeza, corpo, extensão, arejamento e um decaimento incrível.

A região média é uma das mais naturais e orgânicas que tivemos a oportunidade de escutar. O acontecimento musical se torna presente, palpável, um convite a muitas horas de audição sem intervalos. E os graves são de uma energia e velocidade contagiante. A sensação por de trás deste excelente equilíbrio tonal se materializa na impressão de muitos dos discos terem mais informações do que ouvíamos em outros bons players, seja no detalhe da extensão de um acorde ou na segunda voz que parecia meio tênue e agora é limpa e audível. Brinco que estamos ouvindo uma nova mixagem, feita com menor compressão e um reposicionamento dos instrumentos de palco sonoro.

Como uma estrutura que vai ganhando forma a partir de uma base sólida - o equilíbrio tonal em nossa metodologia - começamos a notar que o soundstage também é de altíssimo nível, ao percebermos que mesmo as gravações com menor critério e cuidado na disposição dos instrumentos entre as caixas parecem mais confortáveis tanto em termos de foco e recorte. Mas o que mais chama atenção na qualidade do soundstage do N° 519 é que os planos de uma orquestra sinfônica não se apresentam em arco, com o meio mais recuado entre as caixas e os metais a soarem em cima dos contrabaixos no canal direito. Estou falando de gravações corretas como as da Reference Recordings - que em muitos CD-players caríssimos nunca os planos entre os naipes de metais e cordas se mostram arejados. No audio player da Mark Levinson você não só ouve os metais no fundo da sala, como percebe os contrabaixos e cellos à frente, com arejamento, foco e recorte corretos.

Galgando mais um degrau, chegamos à reprodução de texturas na nossa metodologia. O N°519 é um exemplo raro nesse quesito, pois se sua precisão retira um pouco do 'calor', por outro lado ele nos apresenta com um grau de intencionalidade supremo! Você terá a oportunidade de compreender o nível de dificuldade de cada arranjo e solo, e observar como cada músico de um mesmo tema 'interpreta' aquela peça musical e o quanto ele está pronto para aquele desafio. Ao ver essa possibilidade única de ter por algumas semanas um exemplar deste nível, peguei todas as minhas gravações do concerto para violino e orquestra Opus 35 de Tchaikovsky (uma dezena de gravações) e ouvi o primeiro movimento de todas essas dez gravações. Foi um exercício dos mais elucidativos. Todas são com grandes solistas, gravações premiadas, bem gravadas, com instrumentos de altíssimo nível - mas nas quais o Mark Levinson mostrou claramente os violinistas que se sentiram 'à vontade' e os que fizeram de forma quase 'burocrática'. Obtive uma 'radiografia' precisa da intencionalidade de cada um dos solistas. ►

Para os amantes de música erudita, que possuem varias versões da mesma obra, e que amam se debruçar em compreender as diferenças de cada interpretação, ouçam um conselho: escutem suas obras preferidas no N°519. Vocês terão uma ajuda substancial para perceber todas as diferenças.

Eu não gostaria de pontuar quesito por quesito de nossa metodologia, pois como sempre fiz com produtos Estado da arte, prefiro focar nas inúmeras virtudes, pois assim acredito que o leitor poderá ter uma ideia mais fidedigna do impacto causado pelo produto em audição. Então, se vocês me permitem, passarei para a segunda parte do teste, quando o N°519 foi usado como Pré de linha, ligado direto nos powers. Primeiro ouvimos o audio player ligado aos monoblocos Mark Levinson, com os cabos XLR Transparent Opus G5 ou Sax Soul Ágata. Mais do que tentar mensurar o quanto ele perde em relação aos dois prés de linha utilizados no teste, acho importante descrever como ele soa e quais seus atributos funcionando também como pré.

A maior diferença está na perda daquele espetacular palco sonoro em termos de planos. E ele perde parte considerável na profundidade e largura, porém o ouvinte só dará conta desta perda se não tiver um excelente pré de linha para fazer este AxB, do contrário tenho absoluta certeza que ele achará ótimo, pois foco, recorte e arejamento continuam soando de forma magistral!

O Equilíbrio tonal também não sofreu nenhuma alteração, porém o corpo dos instrumentos na região médio-grave nos pareceu audivelmente menor. Nada de diferente em relação às texturas e tampouco em relação à micro e macro-dinâmicas. A grande diferença que ocorreu foi entre a transparência e a naturalidade. Ele realmente ficou pendendo mais para a transparência.

Em relação a sensação de materialização física (organicidade), como pré de linha nas gravações audiófilas ficou até mais contundente! Como DAC, ligamos o transporte da dCS Scarlatti pelo cabo AES / EBU XLR Absolute Dream. Utilizamos os mesmos discos que ouvimos na avaliação do DAC do pré de linha da Mark Levinson e, como ainda estávamos com o pré da Mark Levinson fizemos até um AxB. Gostamos mais do DAC do audio player.

Tentamos extrair informações do fabricante, mas como estavam em Munique, não conseguimos ainda uma resposta. Achemos o DAC no audio player ainda mais bem resolvido em termos de equilíbrio tonal, silêncio de fundo e velocidade. Na faixa 5 do disco Canto das Águas (Cavi Records) a diferença de precisão na velocidade foi notória!

Por ultimo, cabe ressaltar o amplificador de fones de ouvido deste audio player. Só não foi melhor que o amplificador de fone DA-100 da Luxman, testado por nós recentemente (leia edição 200). Bateu todos os outros amplificadores por nós testados, ou que já tive. Para essa parte do teste utilizamos o fone Sennheiser HD800, resultando preciso em termos de silêncio de fundo, timbre, espacialidade e naturalidade.

CONCLUSÃO

Estamos falando de um produto que se propõe a substituir, de uma só fornada, pré de linha, transporte digital, conversor e, de bônus amplificador de fone de ouvido. E substituir à altura de pesos pesados do hi-end. Ele consegue? Sim. O faz com total garantia de ausência de arrependimento? Provavelmente. Desde que as peças a serem substituídas não sejam de nível tão superlativo, mas já sejam também de categoria Estado da Arte.

Então podemos considerá-lo um matador? Certamente. E esta tendência - da qual ele é um pioneiro no segmento de ponta - virá com força total nos próximos dois anos. A era de modulares está chegando ao seu esgotamento, por inúmeros motivos. Posso citar dois: praticidade e custos. E pelo pacote e performance que o N°519 oferece, ele se coloca em situação extremamente privilegiada neste momento de transição.

Se você deseja uma excepcional CD-Player e DAC, um ótimo pré de linha, curte audições solitárias em um bom fone de ouvido e seu sistema já é um Estado da Arte, meu amigo, ouça-o com extrema atenção, pois ele tem todos os atributos para te conquistar. E, racionalmente colocado na ponta do lápis, sua escolha parece quase inevitável! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7M9QVG0GODM](https://www.youtube.com/watch?v=7M9QVG0GODM)

**AUDIO PLAYER MARK LEVINSON N°519 -
COMO CD PLAYER**

NOTA: 99,0

**AUDIO PLAYER MARK LEVINSON N°519 -
COMO PRÉ DE LINHA**

NOTA: 90,0

**AUDIO PLAYER MARK LEVINSON N°519 -
COMO DAC**

NOTA: 90,0

AVMAG #233

AV Group
(11) 3034.2954
contato@avggroup.com.br
R\$ 137.758



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR MARK LEVINSON Nº526

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2SN5G4RL0GY](https://www.youtube.com/watch?v=2SN5G4RL0GY)

Nos nossos cursos de Percepção Auditiva sempre defendi que o audiófilo que irá montar seu sistema definitivo deveria começar escolhendo as caixas acústicas, pois são as caixas que darão a assinatura sônica do sistema. E aí um dia um dos participantes me perguntou e qual o segundo componente? Devolvi a bola para os participantes, e uma calorosa discussão de quase 1 hora se iniciou! Quando os ânimos se amainaram coloquei minha opinião, salientando que, dependendo do nível do sistema, depois de escolhidas com muito cuidado e segurança as caixas acústicas, eu optaria na sequência de escolher a fonte digital ou analógica e por último o amplificador integrado.

Mas, se fosse um sistema mais sofisticado, inverteria esta ordem e o segundo componente do setup seria o pré-amplificador. Muitos dos participantes não entenderam meu raciocínio e me questionaram o motivo de, em um sistema com amplificador integrado, eu inverter a ordem de prioridades na montagem do sistema. Ainda hoje continuo achando que o componente mais 'encardido' de escolher é justamente o pré-amplificador.

Powers, CD-Players, cápsulas e toca-discos excelentes, o leque de opções é enorme e se não houver restrições com a conta bancária, essa lista pode se estender a uma dúzia de opções! Pré-amplificadores, não! Ainda que o número de prés de linha que testei, e que teria, nesses vinte e um anos da revista, já esteja quase chegando a seis ou talvez sete, ainda assim é um número muito pequeno comparado aos outros itens do sistema.

Os grandes prés, aqueles que pegam o sinal da fonte e os entregam ao power sem alterar ou adicionar algo acredite, amigo leitor, são as exceções e não a regra. E os que possuem alta compatibilidade com cabos de interconexão, força e com as fontes, restringem ainda mais esta lista! Se eu servir de exemplo para alguém, é só ver o número de powers, toca-discos, cápsulas e fontes digitais que já tive em nossos sistemas de referência e ver a quantidade de pré-amplificadores que tive nos últimos trinta anos: apenas cinco pré-amplificadores - Jeff Rowland Coherence, Audiopax Model 5, Accuphase C-2810, darTZeel NHB-18NS e Dan D'Agostino Momentum. E olha que nos vinte e um anos da Áudio Vídeo Magazine testamos 52 prés de linha! Eu mesmo me assustei com o número (achei que era menos).

O Mark Levinson Nº526 se junta ao grupo de pré-amplificadores por nós testados, que eu utilizaria em nosso sistema de referência sem pestanejar. Mais adiante descreverei em detalhes o motivo desta afirmação, mas agora desejo me focar no motivo que o coloquei na chamada de capa como um pré de linha digno do século 21: o fato deste ser um pré projetado para atender a todas as demandas atuais que um audiófilo pode necessitar. Um DAC de alto nível interno, assim como também um excelente pré de phono tanto para cápsulas MM e MC.

Mas, além disso, uma construção com o padrão Mark Levinson de sempre em um belo chassi de alumínio 6063-T5 extrudado, e todos os recursos e performance que sempre fizeram jus a essa marca como uma das grandes referências do mercado hi-end.

Na década de 90 tive dois produtos Mark Levinson: os monoblocos N°33H e o transporte N°31. Lembro-me do impacto que foi escutar esses dois produtos e observar o grau de rigor técnico e de performance de ambos os produtos. O mundo sequer havia sido apresentado aos regeneradores de energia da PS Audio, e o 33H já regenerava a energia para uma performance mais limpa e precisa, em seu estágio de saída.

Ainda que o N°526 seja o segundo modelo da Mark Levinson, ele possui requintes e recursos similares ao top de linha, o N°52. E, segundo o fabricante, recebeu implementações que nem o top de linha possui. Desde que o grupo Harman comprou a Mark Levinson, todos os equipamentos utilizam somente componentes de nível militar, cuidadosamente escolhidos para suas tarefas específicas. Os transistores JFET são escolhidos aos pares e são encapsulados para que operem em condições idênticas. Os capacitores usados em locais críticos de filtragem possuem tolerância de apenas 0,2% e os resistores em locais críticos de ajuste de ganho e feedback são de nitreto de tântalo - um material extremamente dispendioso por ser excepcionalmente estável em relação à temperatura, que não é afetado por campos magnéticos e exibe um baixo ruído de fundo.

O seu pré de phono interno opera exclusivamente em classe A, utilizando capacitores de polipropileno de resistência fina. Seus canais são fisicamente separados e aceitam tanto entrada balanceada como RCA. Oferece ao usuário uma seção MM de ganho fixo com cinco configurações de carga capacitiva, e uma seção MC com três configurações de ganho e 10 configurações de carga resistiva. Utilizado pela primeira vez no amplificador integrado N°585 (já testado por nós) o Precision Link DAC transforma fluxos de dados digitais em áudio analógico. O conversor utilizado é o ESS Sabre32, com uma topologia patenteada para eliminação de Jitter e distorção, além de ser assíncrono, usando seu próprio clock na conexão com um computador, combinado com uma resolução de 32-bit, permitindo maior recuperação de detalhes da música. As saídas desse conversor são totalmente balanceadas, maximizando a largura de banda, diminuindo drasticamente a distorção, resultando em um sinal com um piso de ruído extremamente baixo. Segundo o fabricante, também contribui para este baixo nível de distorção a implementação de cinco fontes de alimentação independentes que operam o chip do conversor. Três opções de filtros digitais estão disponíveis para o usuário: o filtro Fast tem um roll-off íngreme para uma máxima atenuação de informações indesejadas de alta frequência, oferecendo (segundo o fabricante) as melhores medições de ruído e distorção. O filtro Slow possui um roll-off mais suave de altas frequências e exibe melhor os transientes. E o filtro Minimum Phase, com um roll-off íngreme nas altas frequências, traz uma resposta de transientes mais linear. Estes filtros são todos selecionáveis e a minha sugestão é que o ouvinte ouça as três opções

e escolha a que melhor soa na maioria dos seus discos e esqueça este recurso (pois senão você vai ficar maluco).

O 526 (deixem-me abreviar) oferece seis entradas digitais para total flexibilidade do usuário e do sistema. Uma entrada balanceada AES/EBU (XLR), duas entradas coaxiais (RCA), duas óticas (Toslink) e uma USB construída em torno de um chip processador da áudio CMedia USB, usando o padrão USB 2.0 de alta velocidade que recebe dados de áudio no formato PCM em até 32-bits/192kHz e em formato DSD nativo até a dupla velocidade (5.6Mhz). O chip CMedia transfere dados USB de forma assíncrona: transfere o máximo de dados possível reduzindo as demandas do computador e permite que o chip do DAC controle com precisão o fluxo de dados e faça seu próprio clock.

O N°526 oferece cinco entradas analógicas de nível de linha (duas XLR e três RCA), além da entrada de phono com aterramento. E, na saída o usuário têm a opção de XLR ou RCA, bem como uma excelente saída de fone de ouvido de 1/4 de polegada (6,3 mm) no painel frontal. O amplificador de fone de ouvido possui um circuito em classe A de 32 Ohms, empregando uma saída independente para uma maior fidelidade de sinal. Mas o requinte do 526 não acaba aí: possui também um filtro passa-alta de quarta ordem, selecionável, de 80 Hz, que possibilita a integração de um subwoofer simples ou duplo. Em termos de conectividade com outros equipamentos da marca, o 526 inclui controle Ethernet/IP, RS-232, USB para monitoramento e configuração via pagina web, além de 12V e uma entrada IR. Seu controle remoto também é usinado em alumínio e possui todos os comandos, para o usuário jamais ter que levantar da cadeira.

Deixei por último o controle de volume batizado pelo fabricante de R-2R. Na verdade, o controle de volume é de uma genialidade a parte, pois é de uma arquitetura engenhosa, complexa e de comprovada eficiência. As correntes através dos degraus são determinadas por resistências fixas, capazes de tolerâncias muito precisas, capazes de ser estreitamente combinadas entre si em valor. Interruptores analógicos orientam as correntes e, por não ter nenhum contato mecânico, jamais se desgastam como em potenciômetros de volume comuns. Por este motivo é que este controle de volume R-2R tornou-se a 'pedra angular da filosofia' dos novos pré-amplificadores da Mark Levinson.

Colocando o 526 para queima e avaliação auditiva

Como todo pré de linha de nível excepcional, o N°526 necessita de uma longa queima (e mais ainda seu DAC interno e seu pré de phono). Isso demandou semanas e mais semanas de audições até termos a certeza absoluta que o Mark Levinson estava integralmente amaciado! Para o pré de linha foram 520 horas! Para o DAC já se passaram 870 horas (sempre no mesmo filtro e sua sonoridade continua evoluindo) e para o pré de phono com uso de cápsula MC, 650 horas. ►

ÁUDIO

Ou seja, extrair todo o seu majestoso potencial demanda horas de queima, paciência e nada de apresentar para os amigos. As alterações são muito grandes e dramáticas do tirar da embalagem para seu total amaciamento. O mais crítico, na minha opinião, foi o DAC. Já havíamos notado essa mesma evolução crítica no integrado, mas buscando em minhas anotações percebi que o tempo de queima naquele produto foi menor. Qual motivo? Circuito menos complexo? Talvez nunca tenha a resposta.

Para o teste, ainda que tivesse a disposição também os mono-blocos N°536, deixei para escutar (mais por curiosidade) apenas nos últimos três dias de avaliação. As sete semanas em que ouvimos o Mark Levinson, ele esteve ligado em nosso sistema de referência: digital dCS Scarlatti, power Hegel H30 e um arsenal de caixas - JBL Project K2 S9900, Kharma Exquisite, Revel Ultima Salon 2 e Raidho 3.1. Os cabos utilizados foram Kubala-Sosna Elation, Sax Soul Ágata e QED Signature 40, todos RCA, e Sax Soul Ágata XLR e Transparent Audio Opus G5 XLR. De caixa: Sax Soul Ágata, Transparent Audio G5 Reference XL e Reference XL MM2. Cabos de força: todos Transparent Audio MM2 e Opus G5.

Quando você coloca pela primeira vez para ouvir o N°526, de imediato você sente estar entrando em contato com um pré de performance superlativa! É um encanto imediato com inúmeros de seus atributos, como transparência, velocidade e silêncio de fundo. Esses três atributos são o cartão de apresentação do Mark Levinson, mas isso é apenas uma alusão a seu potencial.

Com 200 horas, sua sonoridade já é outra, de uma espacialidade que coloca uma orquestra sinfônica a sua frente, um foco, recorte e planos que te deixará grudado na cadeira. Mais 100 horas e finalmente os extremos se apresentam de forma impactante. Você perceberá um recuo maravilhoso da região média, com um conforto auditivo imediato, pois os graves apareceram e encorporaram e os agudos ganharam naturalidade e extensão. Ou seja, para desfrutar de um perfeito equilíbrio tonal e sentir que a música começa a fluir com maior naturalidade e conforto, serão necessárias 300 horas! A partir daí, são só surpresas atrás de surpresas, e todas ótimas, é claro!

Enquanto o Mark Levinson não atingir seu amaciamento integral, muitos podem ter a impressão que se trata de um pré mais transparente que musical. Um erro grosseiro, que com mais 80 a 100 horas de amaciamento irá se dissipar por completo. É o tipo de pré que seduz, justamente por conseguir o equilíbrio perfeito entre transparência e musicalidade. E ele faz essa simbiose com tamanho mérito e folga que muitas vezes nos pegamos balançando a cabeça e voltando àquele trecho da música, só para se deleitar mais uma vez com como ele resolve aquela passagem. De qualquer disco, seja uma gravação de bom nível técnico ou mais limitado, o Mark Levinson consegue extrair tudo, mas com uma folga e um grau de inteligibilidade ímpar.

Os engenheiros da Mark Levinson debitam essa qualidade superior ao controle de volume patenteado por eles. Quem sou eu para duvidar que assim seja - porém acho que o resultado de tão bela performance esteja para além do controle de volume.

Eu já ouvi muitos sistemas completos Mark Levinson, de diferentes gerações, e este é o primeiro pré-amplificador deste fabricante que possui esta assinatura sônica - em que calor e inteligibilidade andam de mãos dadas independente do nível técnico da gravação.

Com 500 horas as cinco entradas de linha estavam realmente amaciadas. Chegou então o momento de ouvir primeiro o pré de phono e, depois partir para escutar o DAC interno. O pré de phono MC lembrou-me muito da assinatura sônica do darTZeel, com talvez um silêncio de fundo ainda melhor e uma região média-baixa mais cheia e calorosa (que eu particularmente sentia falta no darTZeel. Mas, como escrevi algumas linhas acima, o pré de phono ainda necessitava de maior queima, então o deixamos queimando por mais 150 horas.

Os ajustes disponíveis são muito úteis para extrair o melhor de vários tipos e modelos de cápsula. Achei as diferenças de ajuste até maiores que as do meu Tom Evans, porém em uma comparação direta com a nossa referência, o pré de phono interno do Mark Levinson é mais limitado, principalmente no corpo dos instrumentos e na apresentação do timbre. Nada que seja desabonador, muito pelo contrário, principalmente se o setup for menos sofisticado, em termos de braço e cápsula, que o utilizado para o teste. O pré de phono possui excelente silêncio de fundo, ótimo equilíbrio tonal e excelente resposta de transientes.

Era o momento de escutar o DAC interno. Foram necessárias mais duzentas e cinquenta horas de queima, e aí o DAC desabrochou! Utilizamos para o teste o transporte do dCS Scarlatti na entrada XLR AES/EBU, com o cabo Absolute Dream da Crystal Cable. Depois de 850 horas de amaciamento, o audiófilo terá uma ideia exata do conversor que o N°526 disponibiliza: excelente nível. Escolhemos o filtro Slow por acharmos que as altas frequências soaram mais naturais e harmônicas. Ao contrário dos filtros do dCS, que são mais sutis em termos de variações, as mudanças entre os três filtros do Mark Levinson foram muito mais dramáticas e audíveis (pelo menos com o setup de cabo e transporte que utilizamos). O DAC pode realmente ser a opção definitiva para todo audiófilo que utiliza computador ou um bom transporte. No teste do integrado utilizamos o mesmo conjunto transporte e cabo digital, e não extraímos essa mesma performance! No 526 o DAC se apresentou de forma muito mais precisa, com um excelente equilíbrio tonal, transparência, velocidade e, principalmente, organicidade.

Lembro-me que nas minhas anotações pessoais do teste do integrado, notei que o DAC poderia ter um pouco mais de materialização do acontecimento musical (organicidade) e que isso faria o DAC interno mudar de patamar. E foi exatamente isso que ocorreu no 526. ►

Grau de compatibilidade

O Mark Levinson se comportou maravilhosamente bem com ambos os amplificadores utilizados e, também, com os cabos de interconexão e as fontes analógicas e digitais externas que utilizamos. E como os monoblocos N°536 ainda não estavam amaciados, a sinergia obtida com o power Hegel H30 foi perfeita, demonstrando que ele não precisa dos seus pares para ter uma alta performance (é assim mesmo que um pré Estado da Arte deve funcionar: identificar quando está ligado a um dos seus semelhantes em termos de performance e dar o seu melhor).

CONCLUSÃO

A vida de prés concorrentes na sua faixa de preço ou até mesmo custando mais caro, ficará em difícil situação, pois em termos de performance é difícil concorrer com o Mark Levinson, e se o consumidor colocar na ponta do lápis os benefícios adicionais, como o pré de phono, pré de fone e o DAC, aí a balança tende 100% para o N°526. Eu não queria de maneira alguma estar na pele da concorrência, pois o Mark Levinson é um peso pesado e veio para conquistar uma enorme fatia de mercado.

Eu só posso indicá-lo como um dos mais sérios candidatos a estar no mais alto do pódio como a mais nova referência a ser batida, não só pelo seu excelente desempenho sonoro, como pelo pacote de soluções que ele agrega pela metade do preço de outros concorrentes.

Fará história esse novo pré da Mark Levinson. Quem viver verá! ■

PRÉ-AMPLIFICADOR MARK LEVINSON N°526

NOTA: 92,0

**PRÉ-AMPLIFICADOR MARK LEVINSON N°526 -
COM O USO DO PRÉ DE PHONO MC INTERNO**

NOTA: 100,0

AVMAG #228

AV Group
(11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
R\$ 137.758



ESTADO DA ARTE



**NOVO Amplificador Integrado
Sunrise Lab V8 Mk4**

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

 **SUNRISE LAB**

(11) 5594-8172 | contato@sunriselab.com.br

ÁUDIO

HEADPHONE AMPLIFIER LUXMAN P-1U

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QVEPYOYUTG](https://www.youtube.com/watch?v=QVEPYOYUTG)

Um velho amigo recentemente pediu ajuda para adquirir um amplificador de fone de ouvido realmente hi-end, à altura do seu HD800 da Sennheiser. Dentro daquelas conjunções planetárias para os que acreditam que nada é por acaso, ao devolver o ATM-2 para a Alpha Áudio & Vídeo no início do ano, a Marta me perguntou se eu não gostaria de testar a nova versão 3.0 do Luxman P-1u. Como eu já havia escutado a versão original em 2012 no Hi-End Show e apreciado muito, não tive dúvida: trouxe-o debaixo do braço.

Como tudo desse fabricante japonês - a construção e o acabamento são deslumbrantes! Digno de ser apreciado em detalhes, antes mesmo de ser colocado em uso. Botões suaves, ergométricos, sem nada que seja espalhafatoso ou de gosto duvidoso. Pesando quase 9kg, será prudente colocá-lo sobre uma base sólida e não empilhado em cima de outros componentes.

No seu painel frontal temos, da esquerda para a direita: o botão de liga / desliga, no centro as saídas para dois fones de ouvidos, mais à direita o seletor de escolha da entrada (XLR ou RCA) e, totalmente à direita, o volume. Nas costas: uma entrada XLR e uma RCA, uma saída de linha RCA e a tomada IEC destacável. Tudo simples e funcional.

A Luxman sempre defendeu o uso de classe A pura em seus amplificadores pela riqueza de detalhes, calor, musicalidade e ausência de fadiga auditiva. Nos seus 90 anos de vida, a Luxman desenvolveu e patenteou muitas de suas topologias, e atualmente esse fabricante

utiliza um circuito de redução de distorção chamado ODNF (distorção negativo feedback) Este sistema (segundo os engenheiros da Luxman), trabalha isolando o ruído e a distorção na saída do sinal e aplicando o feedback negativo para suprimir qualquer tipo de distorção. Os sistemas convencionais de realimentação tem um efeito adverso sobre a música, ao introduzir distorção em fase. Esse novo circuito patenteado pela Luxman, apresenta uma gama ultra-larga de resposta, e distorção ultra-baixa e que não usa compensação de fase para os circuitos de amplificação de sinal. Essa nova tecnologia também garante (segundo o fabricante) que um circuito servo DC seja minimizado. A tecnologia ODNF na versão 3.0 analisa o sinal em três etapas e corrige o ruído ou distorção encontrada nele.

Para o teste utilizamos dois fones de ouvidos: o Beyerdynamic DT-880 e o Sennheiser HD800. Ligamos o Luxman em duas fontes: direto no DAC dCS Scarlatti e no pré de fono Tom Evans. Os cabos de interconexão utilizados foram: XLR Transparent Opus G5 e Sax Soul Ágata XLR e RCA, e Kubala Sosna Elation. Cabos de força: Sax Soul Ágata e Transparent PowerLink MM2.

O manual veio todo escrito em japonês, portanto não conseguimos ter a menor ideia do quanto o fabricante indica de queima para o produto, mas percebemos desde o primeiro dia de uso que sua estabilização térmica é muito rápida (por volta de 50 minutos) e que o som, depois do circuito classe A em temperatura ideal, muda da água para o

vinho! Como ele necessita sempre dessa estabilização térmica, minha sugestão é que o usuário o ligue pelo menos uma hora antes de realizar suas audições, pois a diferença é realmente enorme. Mantivemos esse procedimento mesmo depois de 200 horas de amaciamento, pois continuou fazendo enorme diferença.

Por ter duas saídas, foi prazeroso poder escutar simultaneamente os dois fones de ouvidos que tínhamos para o teste. É covardia comparar o Sennheiser HD800 com o Beyerdynamic, são fones de categorias diferentes. Tão diferentes que o Luxman só com o Beyerdynamic teria uma nota pelo menos 4 pontos abaixo. E isso, na nossa metodologia, é substancial!

Deixamos o Luxman em queima de 50 em 50 horas. Como ele precisa de estabilização térmica para dar o seu melhor, sempre tivemos o cuidado de a cada 50 horas ouvir sempre as mesmas faixas, com o mesmo volume e o mesmo fone de ouvido. As mudanças mais efetivas ocorreram após 150 horas de queima. Melhor profundidade, maior extensão nas altas e maior corpo na região médio /grave. Com duzentas horas de amaciamento achamos que o equilíbrio tonal finalmente estabilizou.

Como o Beyerdynamic é um fone menos refinado que o Sennheiser (principalmente nos extremos), foi possível perceber que os extremos ganharam um maior conforto auditivo e as texturas se tornaram muito mais naturais. Mas, se você deseja ter uma ideia exata da performance desse Luxman, será preciso investir em um fone hi-end de referência. Com o HD800, chegamos a conclusão que o P-1u é de longe o melhor amplificador de fones de ouvido que já testamos! Muitos degraus acima de qualquer outro modelo.

Sempre comentei que tenho baixa resistência a longas horas de uso de fones de ouvidos. Depois de duas horas minha fadiga é alta! Com o Luxman fiz audições de mais de cinco horas sem nenhuma vontade de parar de ouvir! Algo impensável para mim, antes de conhecer o Luxman.

Depois de termicamente estabilizado e com o volume correto, a sensação literal é de um mergulho na música como jamais uma sala acusticamente tratada pode proporcionar. Ainda que a música esteja te rodeando, o conforto auditivo e o grau de inteligibilidade e imersão são únicos! O casamento com o HD800 foi simplesmente primoroso, e digo se ele fosse um pouco mais leve (30 % mais leve), eu não teria dúvida em investir em ambos, para aqueles dias que você deseja apenas mergulhar profundamente na música e esquecer do mundo.

As texturas são tão convincentes que por inúmeras vezes lembrei-me da sensação de estar ajustando os microfones para a gravação do disco timbres, em que ficava a 1 metro de distância dos instrumentos, buscando a mais fidedigna captação de cada instrumento. Com esse conjunto, fiz esse mergulho com todos os discos que escutei. E foram

centenas de gravações, de todos os gêneros e períodos. Até o hiss das gravações analógicas se misturavam de forma tão harmoniosa que em poucos segundos era deletado pelo nosso cérebro. Mas foram as gravações de instrumento acústicos que mais me impressionaram, pois a riqueza harmônica, os timbres, texturas, transientes e dinâmica tornaram-se minhas novas referências em termos de memória auditiva.

É como se você tivesse uma nova perspectiva do todo, muito mais próximo e íntimo. A música te envolve com tamanha sedução, que não existe espaço para pensar, refletir, interpretar. É como se a música te sugasse para si.

Com música amplificada os resultados variaram muito, pois as 'mazelas' praticadas na captação, mixagem e masterização foram expostas como uma ferida não tratada. Imediatamente você começa a procurar o volume certo e muitas vezes não acha. A quantidade de equalização e compressão nesse setup fica tão explícita que se você não amar musicalmente o que está a escutar, troca imediatamente o disco. Interessante como esse setup fez mais pelo digital que pelo analógico. Quando troquei finalmente para o vinil, pressupus que o 'nirvana musical' seria ainda maior. E não foi. Pois os discos com muito ruído de fundo se tornaram ainda mais evidentes, comprometendo a imersão auditiva total. Somente as melhores prensagens conseguiram em escala se comparar as melhores gravações digitais. Vivendo e aprendendo!

CONCLUSÃO

Como classificar o P-1u da Luxman? Desconcertante, essa é a primeira palavra que me veio a mente. E, quando ligado a um fone de ouvido Estado da Arte como o HD800? Deslumbrante! Ambos primam pelo mesmo objetivo. Oferecer a melhor performance possível, com a menor fadiga. A música, nas mãos do P-1u está entregue a um artista que conhece sua arte como poucos! Trata a música de forma fidedigna e se dá ao luxo de corrigir apenas o que não está escrito na partitura (ruidos). Para aqueles que desejam total isolamento do ambiente externo para ouvir suas obras preferidas, não vejo melhor escolha! ■

AVMAG #227
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 16.200

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO EMOTIVA BASX TA-100 E CD-PLAYER BASX CD-100

Juan Lourenço



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZS4FYSUTD2S](https://www.youtube.com/watch?v=ZS4FYSUTD2S)

A importadora AV Group, representante oficial da marca Emotiva no Brasil, disponibilizou para avaliação dois aparelhos da nova linha de eletrônicos e alto-falantes da empresa denominada BasX. São eles o amplificador integrado BasX TA-100 e o CD-Player BasX CD-100. Além de um terceiro membro da família BasX, o amplificador A-100, já está em fase de amaciamento para futura avaliação.

A Emotiva diz que a linha BasX é a mais acessível da marca. Ao recebermos a dupla TA-100 e CD-100 ficou difícil de acreditar que se tratava de aparelhos de entrada, pois a BasX não fica devendo em nada para as outras linhas da marca. A embalagem dupla de papelão reforçado, e o famoso tecido preto com o logo da empresa que envolve o belo gabinete, mostram o cuidado e esmero com que todos os produtos da marca são tratados.

A Emotiva percorre o caminho inverso da maioria dos fabricantes que possuem produtos nesta categoria de preço. Empregando tecnologias e materiais que são difíceis de encontrar em produtos mais acessíveis. Por exemplo: o chassi é construído em aço reforçado, o painel frontal e apliques laterais, e o botão de volume, são feitos em alumínio usinado, escovados e anodizados em preto. Os botões de operação foram reduzidos ao mínimo necessário, conferindo à linha BasX sofisticação e sobriedade vistos somente em aparelhos de nível intermediário que custam até cinco vezes o seu preço.

O amplificador integrado BasX TA-100 está em uma classe especial dentro da sua faixa de preço. Ele oferece um pacote completo de soluções analógicas e digitais muito além do convencional, se antecipando às novas tendências, visando atender as necessidades mais comuns do audiófilo ou melômano moderno por muitos anos.

Seus atrativos começam pelo DAC, que utiliza o já consagrado chip AD1955 24 / 192 com entradas USB 24 / 96 que dispensa instalação software, com entradas RCA coaxial digital S/PDIF 24 / 192 e ótica 24 / 192 Toslink. Pré de phono interno para cápsulas Moving Magnet (MM) e Moving Coil (MC) com chave seletora e conector para aterramento da cápsula, ambos no painel traseiro do aparelho. Amplificador para fones de ouvido com entrada do tipo P2 no painel frontal (a mesma utilizada em celulares), além do recurso de memória de volume, que mantém o volume do amplificador de fones no mesmo nível da última audição.

A sessão de pré-amplificação é bastante robusta e discreta, as placas do circuito interno FR4 têm construção SMD que transportam o sinal de áudio por caminhos mais curtos, reduzindo a utilização de fios internos que poderiam deteriorar o sinal de áudio. O BasX TA-100 possui duas entradas RCA de linha (CD e AUX), entradas RCA phono para toca-discos, saídas RCA para ligá-lo à uma potência externa e saídas RCA para conexão com até dois subwoofers.

O controle remoto é pequeno, porém completo. Novamente nos surpreende com a qualidade no acabamento tipo Black Piano e com teclas emborrachadas que parecem camurça.

Se o amigo leitor está se perguntando quando acabarão as vantagens do BasX TA-100, saiba que tem mais! Pois ele dispõe de entrada Bluetooth que possibilita utilizar os mais diversos serviços de streaming de música por meio de celulares e outros dispositivos compatíveis (requer adaptador Bluetooth aptX opcional), e possui um sintonizador FM com antena externa e memória para até 50 estações.

A amplificação classe A/B utiliza transformador toroidal e tem potência de 50 Watts por canal em 8 ohms (20 Hz - 20 kHz; THD < 0.02%) e 90 Watts em 4 ohms (1 kHz; THD < 1%).

O sistema de alimentação bivolt 115 / 230V - 50 / 60 Hz detecta automaticamente a tensão local sinalizando por meio de LED no painel traseiro se está ligado em 127 ou 220 Volts. Para maior proteção contra surtos elétricos o aparelho possui chave geral que desliga-o completamente da rede elétrica. A entrada de alimentação utiliza o plug IEC padrão C-7 (acompanha cabo de força modelo C-8, o popular plug 'oito').

O CD-Player BasX CD-100 utiliza o mesmo desenho de gabinete do TA-100, chassi feito em aço e painel frontal e apliques laterais em alumínio maciço. Na parte frontal do BasX CD-100, à esquerda, encontra-se o visor alfanumérico VDF azul de fácil leitura. Os botões discretos de operação estão logo abaixo do visor, no centro do painel o botão de abertura e fechamento da bandeja é acompanhado pelo belo botão circular liga/desliga circundado por LED de duas cores, como no TA-100.

Seu controle remoto com acabamento tipo Black Piano é pouca coisa maior que o do TA-100, pois contém todos os comandos de operação de um CD-Player comum.

O CD-100 possui um par de saídas RCA +7,5 dBV (2,35 V RMS) não balanceadas. O DAC CS4398 Advanced Multi-Bit Delta-Sigma possui saídas digitais RCA coaxial digital S/PDIF e ótica Toslink.

O conjunto ótico do transporte do BasX CD-100 lê discos SACD híbridos, HDCD e MP3, discos comerciais ou gravados no computador. Segundo a Emotiva, seu conjunto ótico poderoso é capaz de ler discos danificados que muitos CD-Players não conseguiriam.

No painel traseiro temos a entrada de alimentação IEC C-7 (acompanha cabo destacável), e o botão de desligamento geral do aparelho, sem os LEDs indicadores de tensão existentes no TA-100. O fornecimento de energia inclui múltiplas fontes de alimentação lineares, independentes entre as sessões analógicas e digitais, conduzindo o sinal sem interferências entre elas.

COMO TOCA

Para o teste do BasX TA-100 e do BasX CD-100 foram utilizados os seguintes equipamentos e acessórios: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, pré de phono Sunrise Lab The PhonoStage II SE, toca-Discos de vinil Technics SP-10 com braço Linn e cápsula 2M Bronze, toca-discos Voxoa T-40 com braço e cápsula MM originais (testado na edição 234), CD-Player transporte e DAC Luxman D-06, caixas acústicas Dynaudio Focus 220 MkII modada pela Sunrise Lab e Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, cabos de força originais dos aparelhos (mais para frente farei uma observação sobre uma comparação interessante que fizemos), cabos de interconexão Sunrise Lab Premier RCA, Sunrise Lab Reference II RCA, Sax Soul Cables Zafira III RCA e USB Wireworld Platinum Starlight, cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 e Wireworld Eclipse 6.

O BasX TA-100 chegou lacrado sem nunca ter visto a luz do dia. Já o CD-100 estava amaciado. Sem demora colocamos os dois aparelhos no rack e começamos as audições, e o integrado mostrou uma região média bastante frontal, os extremos pouco apareciam e não tinha muita articulação. Em dado momento as caixas ficaram mudas, e rapidamente desliguei o aparelho e fui ver o que acontecia. Após bater cabeça por quase uma hora, percebi que os conectores spade do cabo de caixa da Wireworld estavam muito abertos, enquanto o spade era atarraxado contra o borne o mesmo escorregava e perdia contato com o metal condutor. Quando testávamos com o Transparent - também spade - o problema não ocorria.

Com 100 horas os graves começavam a se desenrolar. Ainda tímidos, ensaiavam mostrar algumas nuances como pequenas modulações. Os agudos sim ainda eram ásperos e com decaimentos apressados, ainda sofriam com a interferência da região média muito frontalizada. Já o BasX CD-100 não, este já tocava solto. Quando em dupla com o V8 MkIV mostrava todo seu potencial sem nenhuma vergonha. A musicalidade tomava conta da sala, as texturas eram bastante coerentes com a sua faixa de preço. As altas não sofriam com asperezas nem decaimentos repentinos típicos do amaciamento. Seus graves eram gostosos de ouvir mesmo em volumes baixos. Quando colocamos os discos Diane Shuur - Love Walked in - faixa 2 (GPR 98412) e Shirley Horn - You Won't Forget Me - faixa 11 (Verve 847 482-2) notamos que o CD-100 tem ótimo equilíbrio tonal, a música soa gostosa de ouvir, todo o acontecimento musical é apresentado de maneira relaxada e sem excessos.

Só depois de 200 horas é que a coisa começou a ficar interessante para o TA-100, então passamos a utilizar o Luxman D-06 como transporte com os álbuns e faixas das cantoras Shirley Horn e Diane Shuur utilizados no CD-100. Foi possível perceber que o grau de refinamento do BasX TA-100 é ligeiramente maior que do CD-player.

ÁUDIO

A voz inebriante da cantora Shirley Horn soava sedosa e muito gostosa de ouvir, toda a intencionalidade do piano foi posta a nossa frente de forma exemplar, a bateria não soava preguiçosa, os ataques de baqueta no aro eram bastante convincentes. A voz poderosa da Diane Shuur era passada para as caixas de forma tão expressiva que por várias vezes esquecíamos quem empurrava as caixas! E isso não foi somente com as Pioneer, com as Dynaudio também. O grave e médio-grave ganharam mais corpo e definição, adicionando calor onde antes era frio e seco. Já os agudos não tinham a mesma característica molhada dos médios ainda estavam um pouco secos, então trocamos os cabos de interligação e tanto o Sax Soul Zafira III quanto com o Sunrise Lab Premier beneficiaram por demais a região alta do TA-100, as texturas e o deslocamento de ar melhorou significativamente. A região alta tinha mais brilho, e as notas agudas se mantinham suspensas no ar por mais tempo, se aproximando mais das médias e baixas frequências.

Passando para o TA-100, tocando pelo Luxman, no disco da Rebecca Kane Sextet - A Deeper Well - faixa 5 (Mapleshade Records), o integrado mostrou palco, foco e detalhamento de nível superior! A profundidade, o distanciamento da percussão e a separação dos demais instrumentos mostravam que este integrado não estava para brincadeira. Quando tocamos o mesmo disco pelo CD-100 pensamos que poderia cair bastante o nível da audição, pois havíamos acabado de ouvir o Luxman. Caiu, mas não a ponto de fazer com que a dupla se envergonhasse - tocaram com competência colocando o acontecimento musical em nossa sala com desenvoltura sem nos deixar confusos ou procurando com muito esforço o que acontecia na cozinha do palco.

Os transientes eram na medida e, de novo, não parecia estar ali uma dupla de entrada. As caixas se sentiram bastante à vontade com a potência do TA-100, mesmo a Dynaudio Focus 220, sendo uma caixa de porte avantajado, ele não se intimidou e desceu nos graves, com algumas gotas de suor, mas não deixou a peteca cair em nenhum momento, tornando as audições com esta dupla extremamente prazerosas.

Antes de deixar um pouco de lado o CD-100 para ouvir o pré de phono do BasX TA-100, experimentamos utilizar um simples adaptador de C-7 para C-14 (padrão nos cabos de força mais comprometidos com a audiofilia). O resultado foi bastante interessante. Mesmo com as limitações do adaptador, tanto o amplificador integrado quanto o CD-Player adoraram a utilização de cabos hi-end. Não dá para precisar quanto ganhariam em termos de pontuação, mas é certo que a qualidade da audição subiria e de quebra poderia corrigir alguma deficiência no sistema.

Passamos a utilizar o BasX TA-100 com o computador via cabo USB para ver como ele se saía, e confesso que fiquei bastante satisfeito com o nível de qualidade que o DAC via USB tem a oferecer.

Utilizamos diversos tocadores, via WASAP, Direct Sound, ASIO e Kernel. Apenas neste último dava algumas engasgadas, mas a apresentação musical era ótima!

Para avaliar o pré de phono interno do BasX TA-100 começamos com o toca-discos Voxox T40 e tivemos uma boa surpresa com esta dupla, suas qualidades sônicas casaram muito bem e a musicalidade foi o ponto alto entre os dois. Dos discos de jazz, rock e pop utilizados, nenhum soou estranho, demonstrando faltar alguma sinergia entre os dois. É claro que clássicos sempre serão o calcanhar de aquiles da maioria dos sistemas por aí, e neste caso não seria diferente.

Passamos então a utilizar o toca-discos Technics SP-10 com braço Linn e cápsula Ortofon 2M Bronze. Novamente nos pegamos saboreando cada trecho do disco Black Light Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens. Os transientes eram ótimos, as texturas muito bonitas, o foco e o recorte eram dignos de integrados mais caros. O equilíbrio tonal é bastante correto para sua faixa de preço, o grave tem bom corpo, e os agudos estão presentes, limpos e com ótima extensão. Com o Technics o palco cresceu em altura e foi mais para trás. O tamanho dos instrumentos aumentou, tendo mais ar entre eles, o que possibilitou ouvir música clássica de maneira mais relaxada. Então coloquei Mahler, Primeira Sinfonia, com Georg Solti conduzindo a London Symphony Orchestra (Decca / Speakers Corner Records). Sou suspeito para falar de Mahler, principalmente conduzido por Solti, mas devo dizer que este integrado conseguiu me arrepiar, ficou espetacular!

CONCLUSÃO

Após cerca de trinta dias com o BasX TA-100 e o BasX CD-100 pudemos observar com atenção o esmero e a qualidade com que a Emotiva desenvolveu essa linha que se diz modesta, mas que de modesta só tem o preço. Suas qualidades são de gente grande. Em dupla ou carreira solo, estes dois modelos vieram para suprir as necessidades do amante de música, fisingando-o com uma infinidade de fontes e conexões que dificilmente o fará cobiçar outros aparelhos por muitos anos. ■

CD-PLAYER EMOTIVA BASX CD-100
R\$ 4.106

NOTA: 67,5

**AMPLIFICADOR INTEGRADO EMOTIVA
BASX TA-100 - R\$ 5.480**

NOTA: 70,0

AVMAG #236

AV Group

(11) 3034.2954



OURO REFERÊNCIA

NAGRA

NO BRASIL



HD AMP



HD DAC

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

ÁUDIO

RÖST MUSIC SYSTEM DA HEGEL

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CCQQZLSSG5K](https://www.youtube.com/watch?v=CCQQZLSSG5K)

Röst é o nome de uma das ilhas mais bonitas da Noruega, ao norte, em Lofoten. Röst também pode significar ‘voz’ em norueguês, e esse nome foi escolhido como a “voz da Hegel” para o século vinte e um.

Um amplificador integrado que é uma plataforma tecnológica em um único gabinete: um power, um pré-amplificador e um conversor D/A - possibilitando ao usuário conectar qualquer dispositivo como um CD-Player, streamer, computador ou Google Cast Audio, iPhone, Macbook ou mesmo Apple TV usando o AirPlay, ou até mesmo um Sonos Connect. Além de também ser controlável por IP e poder ser integrado na maioria de soluções de casas inteligentes. Com uma enorme vantagem: uma performance hi-end! Com esse pacote atrativo o Röst ganhou o prêmio Eisa de 2016 / 2017.

Nas inúmeras avaliações que o Röst já teve nas revistas especializadas, além dos rasgados elogios, duas características se destacam: custo/benefício e versatilidade. O produto realmente chama atenção pelo seu pacote de atributos. Recomendaria àqueles que estão à procura de um produto com essas características, que leiam todos os testes já publicados. Dizem que a unanimidade é burra, mas quando falamos de inovação tecnológica de um fabricante tão conceituado como a Hegel, parece que esses elogios se enquadram no quesito de que para toda regra existem exceções!

O Röst é essa exceção, que tem encantado articulistas e consumidores. Foi pensado para atender um novo perfil de consumidores antenados em tecnologia, mas que reconhecem que a qualidade do áudio também deve rigorosamente ser de ponta!

Em termos de design ele possui um gabinete muito semelhante ao H80 MkII, porém os engenheiros da Hegel tiveram o cuidado de disponibilizar o produto também na opção Branca e não só na tradicional preta. Sua potência é de 75 Watts em 8 ohms, DAC interno 24-bit / 192kHz (não compatível com DSD), streamer UPnP / DLNA e AirPlay, e um amplificador de fone de ouvidos.

Seu grande diferencial em relação aos integrados de série é o seu mostrador OLED, com caracteres brancos em um fundo negro, que facilita toda a visualização mesmo a grandes distâncias. Possui duas entradas de linha RCA e uma XLR, além de uma entrada digital coaxial, três entradas óticas, uma USB (24-bit / 96kHz) e entrada Network.

Do H360 o Röst herdou a tecnologia patenteada SoundEngine, utilizada no estágio de saída, que aumentou para 2000 o fator de amortecimento, possibilitando o uso com mãos de ferro de qualquer caixa acústica. Como também está em teste o integrado H90, podemos fazer excelentes comparativos entre ambos.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: caixas acústicas Emit M20 da Dynaudio, Emotiva T1 e Kharma Exquisite Midi. Fonte de sinal: iPhone, sistema digital dCS Scarlatti, e analógico pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight com braço SME Series V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme, com cabos RCA Sax Soul Ágata. Cabo digital: coaxial Sunrise Lab Reference Magicscope (leia Teste 4 na edição 236). Cabo de caixas: Sunrise Reference Magicscope (leia Teste 3 na edição 236). Cabos de força: Sunrise Reference e Transparent PowerLink MM2.

O Röst enviado para nós era na cor preta. Uma pena, pois achei o branco muito mais bonito - questão de gosto. Como todos os produtos da Hegel por nós já testados, seu período de amaciamento é longo (cerca de 250 a 300 horas), porém o usuário já pode ouvir com satisfação o produto desde o momento que for instalado. O grosso da estabilização acontecerá nas primeiras 180 horas, com o recuo da região média e um ganho na extensão tanto das baixas como das altas frequências. O que é empolgante desde o primeiro instante é o prazer auditivo proporcionado pelo controle e velocidade dos graves, fazendo com que muitas caixas tenham um salto na apresentação dessa faixa do espectro audível.

Os médios-graves também são muito favorecidos, principalmente em caixas bookshelf. Depois de 180 horas, as mudanças serão mais pontuais e sutis, mas todas audíveis, pois com o recuo da região média e o aumento na extensão dos agudos, as ambiências e o equilíbrio tonal como um todo, se ajustam tornando as audições mais prazerosas e musicais.

Lendo a dezena de testes referentes ao Röst é possível que o leitor possa ficar um pouco confuso em relação à assinatura sônica do produto. Pois para alguns o som pareceu mais seco e controlado e para outros extremamente 'prazeroso', mesmo em longas audições. Avaliando o set de produtos usados dá para entender um pouco das diferentes interpretações. O Hegel Röst, como todos os produtos deste fabricante, possui uma assinatura sônica bastante expressiva. E diria que extrair todos os atributos dessa assinatura dependerá e muito dos cabos, e principalmente das caixas.

Vou dar um exemplo: um revisor de uma publicação escandinava, que possui um par de caixas Boenicke W8, ficou impressionado como o Röst com tão pouca potência deu conta de uma caixa com uma sensibilidade baixa (cerca de 82 dB) e com que mão de ferro conduziu os graves da caixa. A assinatura do conjunto lhe agradou imensamente e ele traduziu essa sinergia como simplesmente natural e rica em detalhes. Um outro teste (se não me falha a memória de uma publicação francesa) que utilizou caixas Focal e KEF traduziu a assinatura do Röst como mais para o seco e preciso.

Minha experiência com o H30 e audições com o H300, H360 e, agora, com o H90 e o Röst, me indicam uma outra direção: uma

assinatura sônica neutra, muito natural e com um grau de precisão muito alto! E que é suscetível a qualquer troca de cabo ou fusível! Essa versatilidade acho ser um enorme atributo e não um defeito! Fazendo um aXb entre o H90 e o Röst, com a mesma fonte (dCS Scarlatti), o mesmo cabo de interconexão (Ágata), o de caixa Reference da Sunrise Lab e a mesma caixa (Emotiva T1): tirando a diferença de potência que o H90 possui, a assinatura sônica foi a mesma.

Um amigo músico (violonista) que acompanhou esse comparativo perguntou que caixa eu utilizaria com esses amplificadores em um ambiente de 16 m², capaz de reproduzir qualquer gênero musical, que tivesse como ênfase naturalidade no timbre, com peso, velocidade e transparência? Não titubeei um só segundo: Boenicke W5SE. Mas isso é uma questão de gosto pessoal, nada mais que isso, pois para esse meu amigo, ao ouvir ambos os amplificadores com a Dynaudio Emit M20, ele já se deu inteiramente por satisfeito! E, para ele, esse setup já atenderia a todas as suas expectativas (que não são nada baixas em termos de performance artística, pois seu gosto musical além de eclético é muito alto).

Voltando ao Röst, sua sonoridade com o set de cabos e equipamentos que utilizamos se mostrou extremamente musical, com uma apresentação de planos e detalhes surpreendente para sua faixa de preço. Ouvir música sinfônica com um soundstage tão amplo foi um acontecimento. Os planos são precisos tanto em largura como profundidade, assim como o foco, recorte e a apresentação de ambiência. Você 'vê' literalmente o que está ouvindo, sem nenhuma sensação de perda de nenhum detalhe mesmo em passagens complexas.

Tivemos em alguns momentos que trabalhar com o volume próximo de 2/3 (quando a fonte era analógica) e mesmo assim o Röst se comportou impecavelmente! Senhor da situação, ainda que o calor gerado por longas horas de teste tenha sido considerável! Instrumentos acústicos e vozes são os pontos altos do Röst: existe aquele silêncio em volta do solista, holográfico e não bi-dimensional.

Você observa detalhes do movimento de cabeça dos cantores e toda sua técnica de afastar o microfone na sustentação de uma nota. Eu realmente me impressiono com a qualidade das texturas de qualquer amplificador da Hegel: você escuta toda a variação de cores e detalhes da qualidade do instrumento, da captação, a qualidade técnica do músico, e sua intencionalidade. Posso passar dias somente ouvindo dezenas de gravações, só para perceber a riqueza na apresentação das texturas. Nada mais contundente para avaliar esse quesito que quarteto de cordas ou naipe de metais.

Outro quesito que todos os amplificadores da Hegel se destacam é na apresentação de transientes. Os amantes de percussão precisavam ouvir seus discos preferidos em um amplificador da Hegel para ter uma noção exata do que estou escrevendo. Parece que os músicos estão 'pilhados', como diz meu filho. Ou como um outro grande ►

ÁUDIO

amigo músico sempre ressalta, parece que no Hegel a gravação que estamos escutando “sempre foi a boa”! Essa é uma linguagem muito comum no ambiente de gravação entre músicos e produtores: “gravar a boa”, aquela que não resta dúvidas que deve ser a escolhida para fazer parte do disco! Aquela em que todos deram o máximo! Em que, quando executados por músicos competentes, ao ouvirmos traduzimos nosso espanto em uma única palavra: “uau”!

Ouvir transientes em um Hegel nos remete a essa sensação de que aquela faixa foi realmente a melhor. Nada de displicência, insegurança ou bloqueio criativo. Tudo soa com enorme naturalidade e precisão em tempo e ritmo! Escrevo tudo isso, aí me pergunto: essa enorme legião de novos leitores que conquistamos entenderá o que estou descrevendo? Ou achará que é puro devaneio de um doido, que já está por tempo demais nessa estrada chamada audiofilia? Se ajuda a tranquilizar você leitor, acredite: no dia que você escutar um sistema correto, sinérgico e preciso, todas essas dúvidas se dissiparão. E só tem um problema: nunca mais você ouvirá ou aceitará um sistema meia-boca! Esse é o preço a pagar em busca de um sistema hi-end para escutar suas obras preferidas.

O Röst possui o mesmo ‘DNA’ dos irmãos mais famosos para apresentação de textura e transientes. Sua apresentação de micro-dinâmica é soberba! Você consegue ouvir detalhes tão sutis, mesmo em situações complexas com inúmeros instrumentos tocando simultaneamente. Já a macro-dinâmica possui limitações. O Röst não chega a perder o fôlego totalmente, mas dá uma certa ‘engasgada’, comprimindo o sinal e tirando a ‘magia’ na apresentação dos planos, trazendo-os todos para frente. Para contornar esse problema, se você tiver um gosto eclético e tiver a mania de ouvir em volumes exagerados, é buscar uma caixa de maior sensibilidade (algo acima de 90 dB).

Outra grata surpresa foi na apresentação do corpo harmônico (tamanho dos instrumentos). Neste quesito ele não ficou devendo em nada ao H90. Mesmo o corpo das altas, algo mais complicado em equipamentos da sua categoria de preço que geralmente possuem nas altas um corpo mais magro, esse não é o caso do Röst de maneira alguma. Pratos de condução, trompas, saxofone soam muito próximos do real!

Organicidade e musicalidade - como disse, no setup que utilizamos tanto de caixas como de eletrônica, esses dois quesitos são bastante expressivos em termos de apresentação. O Röst por ter uma assinatura mais para o neutro mostrou com maestria esses dois quesitos da metodologia, fazendo em muitos discos uma apresentação muito próxima da que atingimos com o H30. Menos refinado, é óbvio, mais extremamente coerente e harmonioso.

Toda essa longa explanação foi para apresentar o Röst como integrado. Faltava, porém, ouvir seu DAC interno ligado ao transporte Scarlatti e ao iPhone. Com o transporte Scarlatti e o cabo digital

coaxial da Sunrise Lab, o DAC interno nos surpreendeu. Esteve próximo ao DAC do H300, também testado por nós, porém sem a mesma transparência e extensão nos extremos. E, claro, sua performance reproduzindo o iPhone caiu um pouco mais!

Para o público a que se destina, acredito que essas minhas observações não farão o menor sentido, pois ninguém ligará um Röst a um transporte dCS Scarlatti. Então, para não parecer que perdi meu tempo fazendo algo inútil, busquei o meu Oppo BD-95 e o usei como transporte com o cabo da Sunrise, e comparei com o iPhone. Sim, aí tudo fez mais sentido! O Oppo é uma opção razoável e coerente para ser ligada ao Röst. Seu conversor é de muito bom nível, correto em termos de timbre, bom equilíbrio tonal, uma naturalidade convincente e convidativa na região média, porém falta maior peso nos graves e extensão nas altas.

Resumo da ópera: se o usuário tiver um bom CD-Player será importante ele fazer um a x b para ver se ele mantém o CD ouvindo pela entrada analógica ou se utiliza o DAC interno do Röst. Agora se ele só escuta streamer e computador, acredito que ele achará o DAC interno de bom tamanho para as suas expectativas!

CONCLUSÃO

A ‘Voz da Hegel’ tem muito a dizer e a ensinar aos concorrentes! Trata-se de um produto confiável, versátil e que atende a uma enorme legião de consumidores que deseja um sistema com qualidade hi-end e preço competitivo.

O Röst é merecedor de todos os prêmios e elogios recebidos! Com essa inovação, a Hegel mostra que o caminho para conquistar uma nova geração de melômanos e audiófilos passa por descer do pedestal de produtos elitistas, oferecendo a esses novos consumidores produtos que atendem as suas necessidades e superem suas expectativas em termos de performance! ■

AVMAG #236
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 15.641

NOTA: 86,0



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR INTEGRADO SUNRISE LAB V8 MK4

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=B5JQJIS1XM0](https://www.youtube.com/watch?v=B5JQJIS1XM0)

Acompanhar o desenvolvimento de um produto tão de perto e ainda por cima ouvir cada avanço significativo até o produto ser finalizado é uma experiência e tanto! Foi exatamente o que ocorreu com o V8 Mk4, que tivemos a oportunidade de acompanhar desde o seu primeiro protótipo. Conheci todas as versões anteriores e publicamos em nossas páginas os testes dos dois primeiros modelos.

Muitos dos nossos leitores, até nos questionaram a razão de não termos avaliado o MkIII - cheguei a questionar o próprio Ulisses, e a resposta foi bem convincente: 'Aguarde a versão Mk4, pois esse será um salto adiante'. A pergunta que todos que possuem as três versões anteriores certamente farão é: No que o Mk4 é tão diferente? Vou responder em dois blocos: primeiro as mudanças técnicas e no segundo bloco as auditivas!

ETAPA DE AMPLIFICAÇÃO: 'DIRECT POWER E DIRECT SIGNAL'

Configurada em duplo mono, a etapa de alimentação possui alimentações independentes, o que permite que a trajetória de sinal e de corrente sejam extremamente curtas (com excessão do transformador de força, toda a fonte de alimentação está na própria placa de amplificação). A corrente flui diretamente dos enrolamentos de cada canal do transformador, passando pelos diodos retificadores tipo Schottky que alimentam diretamente os 60.000 uF de capacitores e os transistores

de saída. O comprimento total da entrada AC dos diodos retificadores aos transistores de saída é de apenas 10 cm. E o curso do sinal de áudio da entrada na placa de amplificação aos transistores de saída é inferior a 5 cm.

O circuito de amplificação funciona em regime AB, sem realimentação sobre os transistores de saída. Esse circuito é totalmente simétrico e complementar, com a etapa de excitação trabalhando em classe A.

ETAPA DE PRÉ-AMPLIFICAÇÃO: 'DISTINCT SIGNAL ISOLATION e REAL BALANCED-UNBALANCED CIRCUIT'

Isolamento completo, do sinal do terra do equipamento selecionado em relação aos outros equipamentos plugados no amplificador. Este isolamento permite obtenção de uma apresentação musical superior (segundo o fabricante), eliminando a interdependência de aterramentos dos equipamentos conectados. Além da melhora do desempenho sônico, este sistema minimiza o efeito 'loop' de terra. Este cuidado no isolamento das entradas é mais comum nos pré-amplificadores Estado da Arte e (que eu conheça) não em integrados!

As várias fontes de alimentação das etapas de áudio são independentes sem realimentação e sem utilização de reguladores de tensão. Com a separação das fontes de alimentação e utilização de circuitos independentes para cada canal, o pré-amplificador trabalha num regime similar ao 'dual mono'.

ÁUDIO

DESIGN DE CIRCUITO DE SINAL

O novo V8 Mk4 possui um circuito minimalista e totalmente orientado ao trabalho em baixas impedâncias, reduzindo o ruído global e aumentando a resolução do sinal.

FONTES DE ALIMENTAÇÃO

O Sunrise Lab V8 Mk4 possui um potente transformador toroidal de 700 W de potência, com a possibilidade de utilização com várias tensões de rede elétrica, compatível com as distribuidoras de energia do Brasil e com a possibilidade (quando solicitado) de atender a necessidades específicas do usuário.

SISTEMA DE PROTEÇÃO ATIVO SEM FUSÍVEL: 'INTELLIGENT FUSELESS PROTECTION'

Com a enorme tendência no uso de fusíveis especiais para sistemas hi-end, a Sunrise decidiu investir em uma proposta radical e retirar o fusível de seu novo amplificador integrado. Acompanhei o desenvolvimento deste projeto desde o protótipo e ele se mostrou promissor desde o primeiro momento. Diferente de um 'não fusível' a Sunrise desenvolveu um circuito elétrico que monitora de forma eficaz a corrente de alimentação do transformador de força e outros pontos críticos do circuito. A função de proteção só entra em funcionamento se um dos problemas ocorrer como, por exemplo, um pico de corrente ultrapassar o limite estabelecido, ou um dos circuitos de amplificação de potência apresentar qualquer anomalia e ocorrer uma tensão DC na saída. E, ainda, aquecimento além do limite seguro do dissipador de calor em ao menos um dos canais de amplificação.

A proteção ocorre como se o aparelho houvesse sido desligado no botão On/Off. Nesta condição, um LED pisca continuamente no VU do equipamento, chamando a atenção do usuário. Quando o aparelho for desligado e religado após alguns segundos, o sistema é reiniciado e, na ausência do problema (de pico por exemplo), tudo volta à normalidade. E caso tenha havido um problema mais sério, o amplificador não desarma a proteção.

Antes de passar para a avaliação auditiva e explicar em detalhes as vantagens do 'não-fusível', seria interessante pontuar que as melhoras em termos sônicos são espantosas! E arrisco ressaltar que a maior diferença em termos de performance do Mk4 em relação às versões anteriores encontra-se neste novo sistema de proteção e o novo pré-amplificador.

DESIGN

O Sunrise Lab V8 Mk4 mantém parte do design dos modelos anteriores, porém sofreu algumas alterações que a mim deixaram uma ótima impressão. O chassi é em aço carbono de 1,6mm e o painel frontal em alumínio anodizado com acabamento preto fosco. O fabricante oferece duas opções de acabamento do V no painel frontal:

em madeira Ébano Macassar ou em alumínio preto. E a iluminação do VU pode ser regulada em: azul, âmbar ou desligada, através de uma chave no painel traseiro. Sua potência nominal em 8 ohms é de 125 Watts, dobrando para 250 Watts em 4 ohms. No seu painel traseiro temos três entradas RCA e uma entrada XLR, tomada IEC e um jogo de terminais de caixa. No painel frontal temos, à esquerda, o botão de liga/desliga, no centro o volume e o VU e, à direita, a chave seletora das 4 entradas.

O V8 Mk4, entre idas e vindas, ficou alguns meses em audição. Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: caixas acústicas Kharma Exquisite Midi, Emotiva T1, Pioneer SP-SF52 e Dynaudio Emit M20 (leia Teste 2 na edição 234). Sistemas digitais: DAC Luxman DA-150 (leia Teste 3 na edição 234) e dCS Scarlatti. Cabos de caixa: QED Signature, Sunrise Reference, Ocos e Transparent Reference XL MM2. Cabos de interconexão: Timeless Áudio Amati, QED Signature, Elation Kubala Sosna, Ágata Sax Soul e Transparent Opus G5. Cabos de força: Sunrise Definitive, Ágata da Sax Soul, Chord Sarun e Transparent Power Link MM2. Cabos digitais: Ágata Sax Soul, Zafira, QED 40 e Absolute Dream. Sistema analógico: Cápsula Air Tight PC-1 Supreme, toca-discos Air Tight e pré de phono Tom Evans Groove+.

O V8 Mk4 veio para teste com umas 200 horas de queima, facilitando muito a nossa logística, pois foi instalá-lo em nosso sistema de referência e sair ouvindo. Nas suas 'andanças' pela nossa sala nos meses anteriores, já tínhamos uma ideia do quanto essa nova versão era 'poderosa', mas deduzi que para descobrirmos seu 'teto', só testando-o ao limite.

Nas minhas inúmeras audições com o Mk3 escutei com diversos cabos de força, caixas acústicas e fusíveis! Diria que todos os melhores fusíveis hi-end que nos chegaram às mãos foram colocados no Mk3 (e conheço diversos leitores que possuem o V8 que utilizam fusíveis hi-end com um excelente resultado). Com essas informações tão consistentes, sempre questionei se não seria interessante o Ulisses oferecer ao mercado uma versão com um fusível mais top! E sua resposta foi categórica: "Estou com uma ideia de revolucionar a nova versão do V8, extraíndo o fusível". A única pergunta que formulei naquele momento foi a óbvia: "Isso é possível?". Ele então fez uma longa explanação sobre as vantagens de se eliminar o fusível. Ainda que eu saiba da capacidade criativa e determinação do Ulisses em buscar soluções inovadoras, achei que talvez sua ideia estivesse ainda no campo da teoria. E me enganei redondamente!

Dois meses após essa conversa preliminar, ele me fez ouvir uma primeira versão do circuito em um Mk3. E a proposta se mostrou inteiramente promissora, tanto em termos de proteção, como em termos sônicos. O Mk3 ganhou uma energia nos graves e um corpo em toda região que o modelo original jamais apresentou (mesmo com o melhor fusível e o melhor cabo de força). Outra melhora foi na apresentação ►

do silêncio, no foco, recorte e na ampliação do palco sonoro que ganhou tanto em profundidade, quanto em largura. Foi um início, diria, auspicioso e empolgante!

Essa primeira apresentação ocorreu no final de abril. E daquele momento até o modelo finalizado, o Ulisses foi descobrindo que as melhorias poderiam ir além, galgando um novo patamar de performance. Principalmente se ele também trabalhasse simultaneamente em uma nova topologia para o circuito de pré-amplificação, os resultados poderiam colocá-lo entre os melhores integrados do mercado! E com duas frentes de trabalho tão promissoras, tive a oportunidade de acompanhar em detalhe cada degrau e constatar a cada nova audição, que um produto 'diferenciado' estava surgindo.

Começo minha avaliação me dirigindo a todos que possuem as versões anteriores (e são mais de setenta V8 vendidos desde seu lançamento), marquem uma audição na Sunrise e escutem o Mk4. Tenho certeza absoluta que todos farão o upgrade de seus modelos para a nova versão. Pois não há como comparar as versões anteriores em nenhum quesito da nossa metodologia. Cheguei até a fazer o papel de advogado do diabo e sugerir ao Ulisses que fizesse um novo amplificador integrado com outro gabinete outra nomenclatura ou nome. E ele em seu propósito de sempre oferecer a seus clientes a possibilidade de upgrades em seu produtos não abriu mão de sua filosofia de trabalho. E quem irá ganhar com essa sua postura, primeiramente, serão todos os que possuem versões anteriores e poderão dar o mais seguro e consistente salto na qualidade final dos seus sistemas por uma fração do preço de um novo! Pois, acreditem, o salto é gigantesco! As versões anteriores parecem tímidas sonicamente em relação ao Mk4. Mesmo a versão Mk3, que é consistentemente superior às duas versões anteriores, não consegue em nenhum quesito de nossa metodologia equiparar-se ao Mk4. Para o teste fui buscar minhas anotações pessoais das avaliações do Mk1 e Mk2. Em termos de equilíbrio tonal ambos parecem faltar extensão nos dois extremos em relação ao Mk3. E em relação à última versão todos carecem de mais corpo, decaimento mais suave e natural, e parecem 'lerdos' em termos de velocidade. Ótimos exemplos de velocidade são gravações de andamento e levada de prato e instrumentos de percussão.

Nas versões anteriores, com menor extensão e menor inteligibilidade, acompanhar o andamento em exemplos com grande complexidade, necessita de uma redobrada atenção, o que pode nos fazer perder o 'todo' do acontecimento musical. No Mk4, com a sua transparência e apresentação de micro-dinâmica e sua impressionante velocidade, tudo transparece sem o ouvinte ter que focar ou pontuar nada. A música se torna presente em sua totalidade em todo o espectro audível.

Os agudos são precisos, com corpo, velocidade, decaimento e texturas totalmente palpáveis! Jamais beliscam, endurecem ou comprimem. Seja com instrumentos de sopro, cordas ou pratos. É de um

conforto auditivo absoluto, com tanta fidelidade que o audiófilo, ou músico experiente, consegue observar a qualidade dos agudos de suas caixas acústicas, e dos instrumentos (se a qualidade da gravação for de bom nível).

O Mk4 possui uma região média exuberante, tanto em termos de transparência como de corpo e naturalidade. Técnicas de vocalização, controle, sustentação e principalmente a escolha dos microfones na captação e mixagem são tão evidentes que alguns sustos ocorrerão (mesmo em gravações que julgamos conhecer muito bem). O Mk4 'descortina' os segredos de qualquer gravação, propondo uma apresentação realista e com uma energia que os não familiarizados com esse deslocamento de ar podem se assustar em um primeiro momento.

Porem, após alguns minutos, percebendo o prazer que essas audições proporcionam, (tamanho a folga apresentada em gravações tecnicamente ruins), não existe quem resista! Como não se seduzir, ao escutar aquelas gravações que fazem parte da nossa história, mas que havíamos deixado de lado, ao constatar que eram tecnicamente invioláveis de ouvi-las em um sistema hi-end? O Mk4 meu amigo, resgata essas gravações. E o faz com muita competência!

Alguns leitores nos falam de suas tentativas de escutarem seus discos de cabeceira, ouvindo-os em baixo volume e se queixam que quando se empolgam e abrem o volume o som não tem peso, corpo e energia, levando-os a desistir da audição. Convido-os a escutar suas gravações no Mk4. Ele não fará nenhum milagre, não irá corrigir falhas grotescas de captação, mixagem e masterização. Porém ele, como poucos outros amplificadores Estado da Arte que conheço, devido à suas inúmeras qualidades e coerência, disponibilizam uma 'folga' que é capaz de dar uma 'sobrevida' a essas gravações que as tornam novamente palatáveis sonicamente. Primeiro pelo fato de apresentarem energia e corpo suficiente nos graves e médios-graves que atenuam o desequilíbrio tonal, e conseqüentemente informações que pareciam não estar ali, emergem. E você consegue ter uma nova 'percepção' dessas gravações tecnicamente limitadas. Toda vez que um equipamento com essas características chega para teste, vou na minha coleção dos 'The Best Of' e escolho os mais 'encardidos' para escutar. O Mk4 extraiu dessas aberrações caça-níquel informações que pareciam perdidas para sempre!

Meu dois melhores exemplos são: Fragile da banda Yes, prensa-gem brasileira Microservice, e The Best Of Paco de Lucia, também Microservice. Em inúmeros sistemas hi-end a sensação é que um equalizador cortou todas as frequências abaixo de 120 Hz! Falta corpo, peso. Os contrabaixos soam magros, esqueléticos! E bumbo de bateria parece não ter sido utilizado!

Felizmente, uma nova geração de equipamentos está aí para nos mostrar que é possível sim ouvir gravações limitadas tecnicamente com prazer e recuperar uma parte de nossas discotecas que estavam ►

ÁUDIO

mofando em nossas prateleiras. E o Mk4 é o primeiro exemplo desta nova geração Made in Brazil a chegar ao mercado. E sabe o que é mais essencial? Ele custa muito menos que qualquer integrado importado também com essas qualidades!

Seus graves são de uma precisão estonteante! Velozes, precisos, com um decaimento sublime e o mais significativo: com uma energia avassaladora! As caixas são levadas ao limite de suas possibilidades e qualidades. Com mão de ferro o Mk4 extraiu o sumo do sumo de todas as caixas que utilizamos no teste. Os exemplos mais matadores foram às diversas gravações de contrabaixo elétrico de Jaco Pastorius, de Marcus Miller, e gravações solos de órgão de tubo. Você sente a energia correr pelo chão e subir pelas pernas - é uma sensação visceral se a sala e o sistema suportarem tanto deslocamento de ar e tanta pressão sonora. Os bumbos batem no seu peito, como coice com tanto controle que você terá que cuidar do volume para não ouvir os cone das caixas baterem.

Interessante que, com essa 'folga', você rapidamente se habitua a diminuir o volume e não aumentar, pois a quantidade de energia é tão grande que você acaba descobrindo o ponto ideal entre energia, inteligibilidade e ausência de fadiga auditiva, para realizar suas audições. O mais significativo é quando, na calada da noite, temos que diminuir drasticamente o volume. No Mk4 o equilíbrio tonal é o mesmo e o corpo e presença dos graves também! Seu comportamento em todos os nossos quesitos foi exuberante, porém, junto com seu equilíbrio tonal, três outros quesitos me seduziram: Textura, Corpo Harmônico e Musicalidade.

Suas texturas são as mais próximas do nosso sistema de referência, pois aliam uma paleta infinita de cores com um grau de intencionalidade impressionante. Uma noite ouvindo vários discos de bateristas com meu filho, percebemos o grau de preciosismo técnico dos músicos, assim como a qualidade das peles, pratos e baquetas, como se estivéssemos vendo e não só ouvindo a performance dos músicos!

O corpo harmônico me seduziu pela coerência de cima em baixo e pela capacidade de manter os tamanhos proporcionais dos instrumentos mesmo em captações muito próximas ou muito distantes (como música clássica). E na musicalidade, por ser a soma de todos os outros sete quesitos da metodologia, é muito difícil de conciliar o equilíbrio exato entre transparência e naturalidade. No novo V8 esse quesito atingiu um patamar só existente aos mais graduados Estado da Arte por nós avaliados!

No nosso Curso de Percepção Musical explico com inúmeros exemplos que quanto mais corretos, sinérgicos e coerentes forem os sete quesitos, melhor será a sensação de plena inteligibilidade e conforto auditivo. E o V8 Mk4 é de uma sedução sem fim. Esqueça qualquer possibilidade de fadiga auditiva, pois ele desconhece isso, independente do estilo, gênero e qualidade técnica da gravação. Esse

integrado o convida a desfrutar suas gravações como poucos conseguem, e entrega exatamente o que promete!

E um detalhe importante: quanto mais quente ele estiver, mais sedutora sua assinatura sônica se torna, pois ele esmiúça a música como poucos, nos transportando para dentro do acontecimento musical mantendo, porém, nossa total integridade de ouvinte (ou seja, a música ali a nossa frente com total naturalidade). Nos tornamos ouvintes privilegiados com cadeira cativa no melhor ponto de audição de cada gravação. É isso que você deseja e tanto procura? Então não perca tempo e marque uma audição! E se você não tem nenhum tipo de preconceito quanto à origem do produto, tenho certeza que você irá se impressionar!

Eu fiz essa mesma afirmação anos atrás quando ouvi e testei o pré-amplificador Model 5 da Audiopax, e minhas previsões se confirmaram integralmente (conquistando uma legião de admiradores aqui e no exterior).

O V8 Mk4 é um marco da indústria nacional de produtos hi-end e, acredite é o melhor amplificador integrado aqui já produzido! E terá certamente uma legião de admiradores tanto aqui como lá fora (já que estou sabendo que um V8 Mk4 já está na Europa aguardando para ser avaliado). Com uma grande vantagem: Custa uma fração de todos os concorrentes importados!

AVMAG #234
Sunrise Lab
(11) 5594.8172
R\$ 9.900

NOTA: 92,5



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR INTEGRADO LUXMAN L-590AX MKII

Fernando Andrette



Inicialmente, ao receber a proposta do importador para avaliar o L-590AXII, pensei em apenas fazer um breve teste do produto, já que sua versão anterior foi avaliada por nós na edição 207. Aos interessados, sugiro uma releitura do primeiro teste também. Segundo o fabricante, ainda que as modificações tenham sido pontuais tanto externamente como internamente, a nova versão do integrado top de linha da Luxman subiu de patamar.

Externamente o MK II, ganhou uma sutil linha dourada em torno dos seus medidores (VU) e os pés agora são pretos (em vez de prata). Já internamente os engenheiros da Luxman trouxeram os avanços dos modulares top de linha (pré e power) para essa nova versão MkII. Segundo o fabricante houve uma melhora significativa na relação sinal/ruído, passando para 107dB. Os transformadores também são novos e também houve a introdução de um novo buffer discreto na seção de pré amplificação. Assim o amortecimento do MK II é 30% maior que o modelo original.

A topologia continua sendo a mesma, amplificador com topologia push-pull Classe A, com 2x 30 watts em 8 ohms e 2x 60 watts em 4 ohms. O painel traseiro manteve as quatro entradas RCA, as duas entradas XLR balanceadas, as entradas phono MM/MC e uma opção PRE-OUT. Também no MkII é possível usar dois pares de caixas acústicas que aceitam qualquer tipo de conector. O atenuador de volume é o novo LECUA 1000WM (Luxman Electric Controlled Ultimate Atenuador). Segundo o fabricante como o LECUA não altera a impedância, a resposta de frequência é sempre uniforme e sem deterioração da relação sinal / ruído.

Para o teste do MkII fui buscar minhas anotações do L-590AX, para tentar repetir o mesmo setup e os mesmos discos para as primeiras

impressões. Ainda que não tenha sido possível repetir os mesmo setup de caixas e cabos, pudemos (graças as anotações detalhadas de cada disco utilizado) ter uma ideia das mudanças auditivas do MkII. Para o teste utilizamos: CD-Player Luxman D-06, nosso sistema digital dCS Scarlatti e as caixas Pioneer SP-BS22LR, Raidho C3.1, Revel Ultima Salon 2 (leia teste 1 na edição 229) e Kharma Exquisite Midi. Cabos de força: Ágata Sax Soul, Chord Sarun e Transparent Audio Opus G5 - 15A (leia teste 3 na edição 229).

O amplificador veio direto da alfândega para nossa sala de teste. Tudo chama atenção nos produtos desse fabricante: o cuidado com a embalagem dupla de papelão, o tecido que envolve o equipamento, a facilidade com que as peças de isopor se encaixam para proteger o produto de impactos e, claro, a surpresa com o produto em si. Um esmero de requinte e de bom gosto em todos os ângulos e detalhes. Seu design quase vintage, com detalhes de modernidade, como seus botões, e sua imponente construção, encantam até mesmo os olhares femininos mais frios e distantes. É impossível você ficar indiferente ao lançar um olhar sobre ele!

Como todo amplificador Classe A o usuário, mesmo depois do produto completamente amaciado, precisará sempre deixá-lo por pelo menos 40 minutos ligado antes de começar suas audições, pois ele precisa realmente deste tempo para dar o seu melhor. Mas, quando em sua temperatura ideal, prepare-se para ter audições inesquecíveis todos os dias, por muitos e muitos anos! Já havíamos nos rendido às qualidades do L-590AX, mas o MkII têm algo ainda mais sublime: seu grau de transparência !

Quando terminei o teste do modelo anterior, anotei nas minhas observações pessoais que sua assinatura sônica impunha certos limites ►

ÁUDIO

para a transparência da micro-dinâmica. Característica também presente em outros amplificadores Classe A que primam por uma naturalidade e musicalidade acima de tudo. Pois o MKII conseguiu um equilíbrio fantástico entre transparência, calor, naturalidade e musicalidade que nos arrebatava e nos faz completamente reféns de sua sonoridade. Cativa-nos, mas ao mesmo tempo nos permite acompanhar a narrativa musical sem perder nenhum detalhe se assim quisermos. Também senti melhoras significativas na reprodução da macro-dinâmica e um controle muito mais autoritário de quase todas as caixas utilizadas no teste. Engana-se quem achar que os 30 watts não foram suficientes para 'tocar' caixas com menor sensibilidade como a Pioneer. Claro que para tocar essa caixa o volume passou da metade, mas não houve sequer um resquício de fadiga auditiva. Para os que gostam de 'abusar' do volume uma dica importante: deve-se ter enorme cuidado com a ventilação do amplificador, pois ele esquenta! Já com caixas de maior sensibilidade, como as Kharma e as Raidho, nunca passamos o volume de 50% e o conforto auditivo foi absoluto.

O MkII possui agudos limpos com grande extensão e ótimo decaimento. Os amantes de ambiência irão se deleitar com a precisão com que este integrado reproduz os detalhes das salas de gravação ou salas de espetáculo. Os rebatimentos nas paredes laterais, as palmas na frente do palco, os planos, foco, recorte, são absolutamente apresentados com enorme fidelidade. Gravações ao vivo de ópera, em que os solistas se movimentam, o efeito holográfico e a organicidade são tão reais que praticamente vemos o que ouvimos. Tudo é palpável, mas eleve essa materialização para o plano do total conforto auditivo e você terá uma ideia mais aproximada do impacto que é ouvir música neste integrado. Um articulista descreveu como foi para ele ouvir seus discos preferidos: "como a verdadeira experiência de estar lá". Assino embaixo. Pois emocionalmente o MkII nos remete ao local da gravação de forma instantânea, sem truques ou pirotecnia.

Quando você tem em mãos um produto desta magnitude e sabe que essa experiência tem dia e hora para acabar, você sai em busca de todos os seus discos que mais te tocam! E aí reside o problema, o tempo disponível é muito menor do que desejaríamos. Por isso ainda que tenha o desejo de ouvir de tudo um pouco, me concentro primeiro em ouvir todos os exemplos usados para avaliar os quesitos da metodologia (que são mais de 100 discos), e depois se sobrar alguns dias, coloco meus discos de cabeceira. O MkII ficou apenas três semanas conosco, mas consegui escutar muitos CDs e LPs.

Seu pré de phono é muito bom (consequimos desta vez testar tanto a entrada MM como a MC). Gostei muito dele, principalmente do seu silêncio de fundo em ambas as opções. Achei apenas que a entrada MC faltou um pouco mais de corpo e energia na região médio/grave.

Discute-se muito nos grupos audiófilos o uso de controle de grave e agudo. Existem aqueles que abominam e os que gostam de poder

usar este recurso para ajustar melhor ao seu gosto, determinadas gravações. O meu pré de linha de referência possui este recurso assim como o meu anterior o Accuphase também possuía. Tenho que confessar que jamais utilizei. Fiz inúmeros testes mas, para o meu gosto, meu setup, minha sala, não gostei! Porém como para toda regra existe uma exceção, para ouvir a entrada MC do pré de phono do MkII o controle de tonalidade caiu como uma luva, pois os discos que achei que faltava um pouco de peso e fundação nos graves, o ajuste foi providencial! Então meu amigo, vivendo e aprendendo! Já com CD, em nenhuma circunstância fiz uso dos controles de tonalidade.

CONCLUSÃO

Sei que às vezes sou chato ao lembrar a você leitor de como é difícil ficar descrevendo item por item dos quesitos de nossa metodologia em produtos superlativos. Mas é verdade, produtos com este padrão de performance, encontram-se em uma classe à parte. E me parece muito mais proveitoso tentar descrever o grau de impacto emocional que ele nos causa do que ficar discorrendo como é sua região média ou seus transientes. Produtos Estado da Arte se sustentam em cima de três pilares: alto grau de inteligibilidade, zero de fadiga auditiva - mesmo em longas audições - e um grau de entrega emocional do ouvinte completa (a ponto de perder a sensação de tempo e espaço). Se você já teve a oportunidade de ouvir um sistema nessas condições entenderá o que estou a descrever. E se não teve esse privilégio, continue na busca até ouvir.

O MkII pode ser sintetizado desta forma: um integrado capaz de nos transportar para uma outra dimensão em que nada mais importa, a não ser o acontecimento musical e você. Em que se esquece tudo do lado de fora da sala de audição e que o desejo de perpetuar aquele momento é cada dia maior. Claro que um produto com essas qualidades precisa de parceiros à sua altura. O ideal é uma caixa com uma sensibilidade maior que 89dB, uma assinatura sônica também similar à sua: transparente, natural e musical. Uma sala com o mínimo de condições acústicas e uma elétrica decente. Quanto a gênero musical, o MkII não possui nenhuma restrição, e em relação a cabos também não. Ainda que não seja barato, o MkII não custa um caminhão de dinheiro e tenha uma certeza em mente: ele será muito provavelmente, seu integrado definitivo. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AZD086DEE3A](https://www.youtube.com/watch?v=AZD086DEE3A)

AVMAG #229
Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 48.000

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H360

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FZRBHEN4IQ](https://www.youtube.com/watch?v=FZRBHEN4IQ)



Para os novos leitores que começam a ‘vislumbrar’ o potencial de se ouvir em equipamentos com a melhor fidelidade que a tecnologia hoje disponibiliza, sugiro também a leitura do teste do modelo H300 da Hegel, que publicamos na edição 209. Lá eu conto um pouco da história deste importante fabricante de áudio hi-end norueguês e da incrível trajetória de Bent Holter, fundador e principal projetista da empresa, que utilizou seu Mestrado em Física de Semicondutores para desenvolver uma topologia revolucionária. Eu mesmo me fiz a pergunta ao receber o H360 para teste: “O que esses caras fizeram de diferente, para substituir um produto tão consagrado como o H300?”.

Antes de ouvir o que a própria Hegel tinha a falar, coloquei-o para uma primeira audição (como faço com todos os produtos que recebemos para teste). No hi-end, aquela máxima do “que fica é a primeira impressão” não deve ser levada muito à sério, pois a rodagem (queima) pode trazer muitas conclusões, boas e ruins! Mas, é fundamental essa primeira audição, para sabermos exatamente de que patamar o produto em teste já sai.

Como possuo todas as anotações dos produtos por nós testados, lá fui eu buscar o arquivo do H300, separar os discos utilizados naquela seção e passei a ouvir o H360. Antes de falar sobre essas impressões, vamos ao que o fabricante diz dessa nova versão. Ele manteve os mesmos 250 Watts em 8 ohms por canal (420 watts em 4 ohms), porém com uma astronômica diferença no fator de amortecimento, que no H300 era de 1.000 e agora é de 4.000! Em termos de design nada mudou, nem o tamanho do gabinete e nem tão pouco o visual simples com dois botões grandes de cada lado e o painel no meio. O botão de liga/desliga também continua em baixo do gabinete (é preciso tatear a mão para achá-lo: fica bem no meio do aparelho, bem na frente).

Voltando às especificações técnicas, com esse novo fator de amortecimento a Hegel se gaba de conseguir conduzir a mais ampla gama de caixas acústicas existente no mercado. O H360 manteve as mesmas entradas de linha (1 RCA, 1XLR) e uma entrada para Home que também pode ser configurada internamente para mais uma entrada normal RCA. No que a Hegel investiu pesado nesta nova versão do ►

ÁUDIO

H300 foi em um novo DAC onboard, capaz de suportar arquivos PCM 24-bit/192 kHz e modo nativo DSD64 e DSD128 via USB - e os engenheiros disponibilizaram no H360 um transformador separado só para o DAC. E todas possíveis entradas digitais (exceto uma AES/EBU, que particularmente acho uma pena a Hegel não disponibilizar).

O H360 também suporta AirPlay sem fio da Apple e pode funcionar com um streamer/renderizador de mídia digital DLNA para que o usuário possa conectar um dispositivo de armazenamento conectado à rede (NAS), que também é compatível com UPnP / DNLA através de um roteador local.

Na parte analógica o H360 tem algumas diferenças significativas em relação ao H300. Sua tecnologia patenteada SoundEngine foi atualizada e muitos dos avanços do power top de linha, o H30, foram aplicados no H360. A tecnologia SoundEngine não utiliza realimentação, ajusta a polarização dos transistores de saída para acomodar as condições de temperatura em constante mudança (dependendo da flutuação do sinal) ao invés de estabelecer uma polarização fixa para as condições mais usuais. O pré-amplificador utiliza seu próprio transformador, para manter o ruído de fundo o mais baixo possível.

O H360 foi ligado direto em nosso sistema de referência, substituindo o power H30 e o pré Dan D'Agostino. A fonte digital foi o dCS Scarlatti (completo) e depois somente o transporte Scarlatti, para avaliação do DAC interno do H360. As caixas acústicas utilizadas foram: Emotiva T1, Dynaudio Emit M20 e Kharma Exquisite Midi. Cabos de interconexão: Sax Soul Ágata (XLR e RCA), Kubala-Sosna Elation (RCA) e Timeless Audio Amati (RCA). Cabos de força: Transparent PowerLink MM2 e Definitive da Sunrise Lab. Cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 (na caixa Kharma) e QED Signature nas demais caixas. Fonte analógica: toca-discos Air Tight, braço SME Series V, cápsula Air Tight PC-1 Supreme, pré de phono Tom Evans Groove+. Cabo de interconexão: Sax Soul Ágata (RCA).

Seguindo à risca a audição dos mesmos discos e faixas usados nas primeiras impressões do H300, duas coisas nos pareceram evidentes: o silêncio de fundo do H360 e o seu controle das caixas acústicas. Seguimos, após a primeira audição, os mesmos passos de amaciamento do H300. Cem horas de queima e depois nova rodada de audições. O H360 é extremamente musical desde o momento que sai da embalagem. Porém como todo excepcional produto hi-end, o amaciamento lhe faz muito bem.

Com 100 horas os extremos ganham enorme extensão, sendo possível avaliar o grau de refinamento deste amplificador. Os graves possuem enorme autoridade, energia, peso, deslocamento de ar e corpo. O H360 toca com enorme folga qualquer gênero musical em qualquer circunstância. Com 200 horas, a maior diferença se dá na apresentação dos médios-graves, que ganha corpo e maior presença,

fazendo com que o equilíbrio tonal em todo o espectro audível se encaixe. Os médios altos recuam e os agudos ganham maior extensão e melhor decaimento. Com 380 horas, o H360 não sofreu mais nenhuma alteração importante, apenas sutis e pontuais mudanças com a troca de algum cabo de interconexão ou de força. Sua compatibilidade com todos os cabos e caixas foi excelente.

Ainda que ocorram mudanças na assinatura sônica dependendo do cabo ou da configuração, essas alterações são muito sutis. O que predomina é sua assinatura sônica, que é um misto de autoridade, energia, inteligibilidade muito acima da média e um conforto auditivo supremo! Você pode passar horas e mais horas em sua companhia, ouvindo de tudo em volumes consideráveis (se sua sala e sistema permitirem) e ainda assim sair revigorado de longas audições!

Para mim, o que mais me encanta no 'som Hegel' é sua capacidade de nos manter atentos, porém relaxados, a ponto de sairmos de cada audição desejosos de repetir o quanto antes aquele momento novamente. Recebo muita gente em nossa sala de testes, desde leitores, importadores e amigos de longa data. E de uma maneira geral, a 'interpretação' que essas pessoas fazem do Hegel é que soa um misto de válvula e transistor. Pessoalmente, não traduzo essa assinatura dessa maneira, porém tenho que concordar que muitas gravações me remetem ao calor e ao refinamento que eu tinha com os monoblocos da Air Tight ATM-3.

Mas quando ouço obras como a Abertura 1812 de Tchaikovsky, imediatamente volto à realidade que estou escutando um power transistorizado. Agora tenho que dar a mão à palmatória e concordar que sim, existe uma assinatura sônica Hegel. E como toda assinatura, haverá os que se identificam e os que não.

À medida que fui buscando as anotações feitas no teste do H300, depois de totalmente amaciado (400 horas), percebi o quanto o fator de amortecimento do novo H360 (4000 contra 1000) é responsável pela melhora no controle dos graves profundos. Ouvindo diversas gravações de órgão de tubo, ficou evidente que o H360 é muito mais similar ao power H30 do que ao integrado H300. A mesma sensação do grave percorrendo o chão e o incrível deslocamento de ar nos woofers, nos permite conceber o quão mais próximo o H360 chegou do power top de linha da empresa.

No outro extremo, com os mesmo exemplos, notamos um decaimento mais suave e um corpo ainda melhor (principalmente na reprodução de pratos de condução). Em termos de timbre não achamos grandes diferenças, porém em termos de micro-dinâmica e transparência, a evolução também foi notória. Com informações mais complexas, com vários instrumentos tocando em uma mesma região, é possível notar que o esforço para acompanhar o todo é muito menor. Os planos, assim como o foco e recorte, também se apresentam com maior respiro e silêncio de fundo. Constatamos essa diferença ao ►

ouvir dois corais russos cantando à capela. Fiz a seguinte anotação no teste do H300: “no minuto 2:28, no crescendo das vozes masculinas, a inteligibilidade dos tenores é comprometida com perda de foco e mudança no plano, como se as vozes fossem jogadas para frente”. O volume no H300 nesta faixa estava em 68. Com o mesmo volume, mesmo setup de equipamento e cabos, a inteligibilidade não sofreu alteração, foi possível acompanhar as duas linhas de barítonos e tenores sem perda de foco ou mudança de plano.

O H360 resolve com muito maior folga passagens com grandes variações dinâmicas! O mesmo ocorreu com os exemplos do quesito transientes. Na famosa faixa cinco do SACD Canto das Águas, o violão do André Geraissati ficou extremamente mais ‘preciso’. Apresento esse exemplo nos Cursos de Percepção Auditiva, para mostrar como em um sistema com melhor resposta de transientes uma apresentação que soa ‘displicente’ em um determinado sistema, pode se apresentar muito mais ‘precisa’ e atenta em um sistema que reproduza melhor este quesito de nossa metodologia. É ouvir para crer! O H360 também neste quesito se mostrou superior ao H300.

Deixei por ultimo os três quesitos que mais evoluíram nessa nova versão: Textura, Corpo Harmônico e Organicidade. As texturas se beneficiam enormemente do melhor silêncio de fundo e do maior equilíbrio tonal. Com esse avanço, o H360 consegue ser ainda mais refinado na apresentação tanto das paletas de cores como na expressividade e intencionalidade dos músicos e das obras. Seu corpo harmônico (o tamanho mais próximo do real quando ouvimos os instrumentos ao vivo sem amplificação) é de nos fazer acreditar que muito em breve os integrados não irão dever em nada neste quesito aos prês e powers Estado da Arte.

O H360 evoluiu muito na apresentação do corpo harmônico tanto nos médios-graves como nos agudos. Essa melhora permite ‘driblar’ nosso cérebro a acreditar que o acontecimento musical está ali na nossa frente. É óbvio que com um corpo harmônico mais correto, a organicidade (materialização física do acontecimento musical) se torna ainda mais verossímil! Para os amantes da materialização física, em suas salas, de suas obras preferidas, saber que se consegue essa ‘magia sonora’, com menos de 60 mil reais é uma notícia animadora!

Com todos esses avanços é inerente afirmar que o H360 é - até este momento - o melhor integrado que já testamos!

E o DAC, será que melhorou? Quando publicamos o teste do H300 achamos prudente dividir em dois blocos as notas: ele como integrado e ele sendo utilizado com seu DAC interno. Afinal, a grande maioria de nossos leitores, que partiram para esse setup, buscou um upgrade tanto na parte analógica, quanto digital. E muitos ficaram frustrados com a diferença de nota entre o H300 analógico e o digital. A mesma pergunta que você deve estar fazendo, eu também fiz: será que a distância diminuiu?

Sim amigo leitor, diminuiu, porém como a qualidade do integrado alargou em relação ao H300, essa diferença continua existindo. Para avaliar o DAC, utilizamos o transporte do dCS Scarlati ligado ao H360 com os cabos coaxiais Transparent Reference e QED 40. Utilizamos dois cabos tão distintos em preço e performance na busca de ter uma idéia exata das melhorias atingidas nessa nova versão.

Alguns dos pontos fracos do DAC no H300 era justamente sua extensão nos agudos, corpo harmônico de uma maneira geral, e macro-dinâmica. Nesses três quesitos as melhoras foram significativas. O novo DAC incluso no pacote do H360 possui melhor extensão nos agudos, com excelente decaimento, maior velocidade e melhor corpo. Os médios também ganharam corpo e maior inteligibilidade em passagens micro-dinâmicas. E a macro-dinâmica apresentou evolução, porém continua sendo muito criteriosa com a escolha do cabo digital. Ou seja, o usuário deverá guardar parte do orçamento para a escolha de um cabo digital de melhor performance.

CONCLUSÃO

Nunca, em tempo algum, os integrados evoluíram tanto. As opções são cada vez maiores para todos os bolsos e gostos. Para quem pretende fazer um investimento definitivo em um sistema Estado da Arte, possui espaço reduzido e deseja se concentrar na escolha de um setup minimalista, o H360 é uma das opções mais seguras de bons resultados e de uma satisfação imensurável!

Trata-se do melhor integrado testado por nós até o momento! Se você possui um gosto eclético, caixas também Estado da Arte, e busca o melhor par para conduzir seus sonofletores, escute o Hegel H360. Trata-se de um integrado refinado, versátil, com potência suficiente para domar qualquer caixa e tocar qualquer gênero musical. E se você já passou toda sua coleção de discos para um HD, seu conversor atenderá perfeitamente bem as suas expectativas.

Um produto que chegou para mudar a história dos integrados hi-end Estado da Arte: para antes dele e depois dele! ■

**AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H360
(SINAL DIGITAL ATRAVÉS DO DAC INTERNO)**

NOTA: 90,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H360
(SINAL ANALÓGICO)**

NOTA: 95,0

AVMAG #235
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 52.898



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

LUXMAN C-900U E M-900U - O CONJUNTO TOP DE LINHA DO LENDÁRIO FABRICANTE JAPONÊS

Fernando Andrette


PRODUTO DO ANO
EDITOR


ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DQ0FLDF9BJO](https://www.youtube.com/watch?v=DQ0FLDF9BJO)

Apresentados ao mercado em 2014, em comemoração aos 90 anos de vida da empresa, o conjunto da Luxman desde então só ganhou avaliações positivas e admiradores em todos os continentes. Aqueles que acompanham há décadas a trajetória deste gigante da audiofilia, sabem que em datas importantes a Luxman sempre brinda o mercado com uma nova linha de produtos. Foi assim ao comemorar seus setenta e oitenta anos de vida. E ao completar 90 anos, a Luxman decidiu que colocaria no mercado um pré e power de nível superlativo tanto em termos de construção, como acabamento e performance.

Ainda que muitos não gostem do estilo 'retrô', um olhar atento perceberá imediatamente que a qualidade de construção é simplesmente impecável! O painel frontal de ambos os produtos tem ½ polegada de espessura, e todo o restante do gabinete é de ¼ de polegada de espessura. O acabamento é em um suave tom de cinza, e olhando o imponente power M-900u de frente temos, na metade superior do painel, dois enormes VUs, com um vidro chanfrado que cobre os medidores. No lado esquerdo, embaixo, temos o botão de liga / stand-by e dois LEDs para indicação de RCA ou XLR e um pequeno botão para ajuste do brilho do VU ou para desligá-lo.

Nas costas temos os melhores terminais de caixas que já vi e utilizei. Os mais caros amplificadores hi-end do mundo deveriam se espelhar na qualidade desses terminais em que a forquilha encaixa com precisão e você usa a mão para apertar e não apenas dois dedos. Isso além de conforto se traduz em segurança, de que as forquilhas não vão se soltar e colocar em risco o equipamento.

No centro temos: entradas RCA em cima, um conector de terra ao meio, e embaixo as entradas XLR. Rente à base temos a entrada IEC e um pequeno botão para ligar o amplificador que depois não deve mais ser desligado, pois a partir daí o usuário só ligará o amplificador ou o deixará em stand-by acionando o botão no painel frontal. O fabricante diz que este procedimento assegura que a temperatura ideal seja atingida com apenas uma hora de uso.

A Luxman afirma que as grandes mudanças estão no interior com a nova versão 4.0 dos circuitos ODNF - que reduzem a distorção de alta frequência a níveis imensuráveis, e a substituição de cabos por barramentos de cobre grosso e puro que conectam a fonte de alimentação ao circuito de amplificação, tanto na entrada quanto na saída. Todos os componentes são testados um a um, casados e com tolerância de apenas 1%! Os capacitores, assim como o transformador, são feitos ►

com exclusividade para a Luxman pelo mesmo fornecedor há mais de cinco décadas! Para os aficionados por componentes e topologia, é um deleite olhar o coração do M-900u e, mesmo para um leigo, é possível perceber o grau de detalhe e limpeza na construção do equipamento.

Interessante que os engenheiros da Luxman não se prendem às informações técnicas. E para muitos podem até parecer bastante ‘comuns’ as especificações de potência, distorção harmônica e fator de amortecimento. Pois parecem iguais à inúmeros produtos hi-end, mas sugiro a todos que tenham o prazer de conhecer este conjunto, que observem o seguinte detalhe: a potência mencionada pelo fabricante de 150 watts por canal em 8 ohms, parece muito maior quando você o coloca para funcionar, em regime de extremo volume, mesmo com caixas de sensibilidade média de 86 a 88 dB.

CONHECENDO O PRÉ-AMPLIFICADOR C-900U

Achei pessoalmente o pré C-900u ainda mais belo que o power, e menos retrô, já que ele não carrega VUs em seu painel. Ainda que se imponha pelo design ‘anos oitenta’, seu porte e acabamento lhe dão uma apresentação mais harmoniosa e moderna.

De frente, à esquerda, temos o botão de liga/stand-by e o botão maior de escolha de entradas, dois botões de ajuste de graves e agudos, um pequeno botão para tirar do circuito esses ajustes, o painel com um espesso vidro com informações de volume, entrada utilizada, etc, outro pequeno botão de balanço e volume, e seleção de entradas RCA ou XLR.

No painel traseiro estão três pares de entradas single ended (RCA), e três entradas balanceadas (XLR), além de dois pares de saídas RCA e XLR e uma entrada de pré-amplificação para um processador A/V, conector de terra, cabo IEC e dois conectores para integração de controle remoto em sistemas completos Luxman.

O controle remoto é muito completo e por ele você pode acionar até o ajuste de brilho do painel e dar zoom para aumentar a visualização do volume (para pessoas como eu, que a distâncias maiores que 4 metros não consegue mais visualizar o volume). Outro detalhe importante é que, através do controle remoto, você pode selecionar o preset para cada uma das conexões balanceadas, para saber como está configurado com os outros equipamentos o pino dois e três - um cuidado extremo do fabricante para ajudar o usuário a extrair o máximo de seu sistema.

Segundo o fabricante a relação sinal-ruído é de 123 dB, e o volume utiliza os atenuadores LECUA 1000 (na sua quarta geração) que pode ser ajustado de 0,5 em 0,5 dB. Assim como nas especificações técnicas do power, a Luxman não dá nenhuma ênfase ao seu pré top de linha, deixando aos consumidores avaliarem sua performance.

Pegamos o conjunto com apenas 20 horas de amaciamento. Então como tínhamos apenas três semanas para o teste, já que existe uma fila de interessados em conhecer a dupla, o colocamos em regime de queima por 5 dias, ininterruptamente.

Para o teste utilizamos todo o tempo o nosso sistema de referência e mais dois pares de caixas: a Revel Salon 2 e a Emotiva Airmotiv T1 (leia Teste 2 na edição 232). Cabos de caixa: Sax Soul Ágata, Kubala Sosna Elation e QED Signature.

Antes de colocar em amaciamento ligamos ao nosso sistema de referência e fizemos uma primeira audição e, surpreso, observei que sua assinatura sônica era muito diferente do integrado Luxman 590 MkII que testamos recentemente, e também do pré CL-38u testado na edição 218 (maio de 2016). Sua folga e seu grau de realismo e transparência o levaram para uma direção que não havíamos extraído dos dois modelos acima citados.

Como o tempo corria contra nós, tratei de fazer as anotações dessa audição inicial e lá foi o conjunto ligado às caixas Airmotiv T1, que também necessitavam de amaciamento por 5 dias. Com 150 horas de amaciamento, muita coisa melhorou. Pontualmente as principais diferenças foram no ganho e extensão dos extremos e na precisão do foco, recorte e arejamento. Os mesmos discos apresentaram melhores planos, tanto em largura como em profundidade, e um foco e recorte com precisão milimétrica!

Os agudos são extensos, com um decaimento muito natural que nos permite um acompanhamento de todo trabalho nesta região sem nenhum esforço. Para quem é apaixonado por bateria (como eu), irá se deleitar em ouvir todo o trabalho de andamento feito nos pratos, como se o músico estivesse ali a nossa frente nos presenteando com sua habilidade e técnica.

Zero de brilho excessivo, tudo soa conforme foi captado e masterizado. Nenhuma gravação soou jamais estridente ou dura (exceto as tecnicamente com problemas). Para os que possuem resistência a agudos extremos como violino, flautim, sax soprano, tenham a certeza que com o conjunto da Luxman o prazer com esses instrumentos estará garantido.

A região média possui um grau de transparência que o levará a duvidar do que está a descobrir nos seus mais antigos discos de cabeceira, tamanha a quantidade de informação, ruídos de fundo, sussurros, barulhos de vazamento da sala de gravação que você descobrirá! Em algumas gravações dos anos sessenta e setenta, com reverberação analógica, foi possível observar a mistura do reverberador de mola com a acústica da sala (principalmente nos discos de rock e blues). Assim como a técnica vocal dos grandes cantores líricos, em gravações da Telefunken e EMI dos anos sessenta e setenta!

ÁUDIO



PRODUTO DO ANO
EDITOR

O conjunto da Luxman apresenta-nos a essência tanto da qualidade das salas de gravações, como também suas limitações em termos de equipamento e acústica. Para os melômanos este sistema seria como ter uma máquina do tempo à sua disposição e poder entender auditivamente a razão de muitas gravações de um mesmo período e estilo, gravadas no mesmo estúdio e com o mesmo maquinário soarem tão diferentes. Ao descobrir esse 'portal musical' proporcionado pelo conjunto da Luxman, não tive dúvida: revisei todo meu repertório de LPs de música brasileira instrumental e cantada dos anos setenta e percebi detalhadamente a concepção sonora dos principais selos como Philips, Som da Gente, EMI, CBS, RCA, Fermata, Continental etc. E com que facilidade consegui entender e separar o que era limitação técnica do que era limitação artística nessas obras. Só constatei o que já sabia há muito tempo: como as gravações de piano eram ruins em quase a totalidade das obras gravadas aqui! E as que conseguiam um padrão acima do mediano, era pela qualidade do músico (ex: gravações de Luiz Eça e Egberto Gismonti) muito mais do que pela sala e pianos disponíveis naquela época.

O mesmo ocorreu com inúmeras gravações de rock progressivo. As que soaram impecavelmente no conjunto Luxman foram os discos do grupo Gentle Giant e King Crimson (como eram bem gravados!). Ouvindo todos esses exemplos o que mais me seduziu no conjunto Luxman foi poder ouvir em volumes consideráveis e não ter que se preocupar se o som ficaria duro, frontalizado ou excessivamente cansativo.

Voltando aos exemplos usados em nossa metodologia, os graves são muito corretos em velocidade e precisão, o que corrobora para um perfeito acompanhamento de tempo e ritmo. Com 150 horas o conjunto Luxman ficou devendo apenas um pouco mais de peso e corpo nos médios-graves em relação ao nosso sistema de referência.

250 HORAS: UM NOVO SALTO

Com 250 horas o conjunto Luxman ganhou um equilíbrio tonal que nos permitiu dar início aos testes, e também pudemos chegar a algumas conclusões em relação à sinergia do conjunto com cabos e fontes. Ambos são muito exigentes com todos os detalhes e o cuidado extremo trará muitos benefícios ao sistema. A Luxman disponibiliza seu próprio cabo de força e, ao contrário de muitos fabricantes que abriram mão de oferecer um cabo de IEC de bom nível, os que vieram nos surpreenderam! Muito corretos tonalmente, eles podem ser utilizados tranquilamente enquanto o usuário vai avaliando outras opções. Porém serão os cabos de interconexão que precisarão ser escolhidos muito criteriosamente. E explico a necessidade deste cuidado: para que o conjunto da Luxman não acabe pendendo mais para a transparência.

Trata-se de um conjunto que pode apresentar diferentes assinaturas sônicas: mais para o neutro ou mais para o transparente. Cabe a cada um determinar o que mais lhe agrada. Porém se o usuário determinar que sua escolha do conjunto Luxman é pelo seu grau de neutralidade, o cuidado com os cabos deve ser redobrado. Nos testes utilizamos (na busca de sua maior neutralidade) Kubala-Sosna Elation entre o ►

DAC e o pré da Luxman e também o Timeless Amati XLR e RCA (leia Teste 3 na edição 232), e entre o pré e o power os Ágata da Sax Soul. E também o próprio cabo da Luxman, o JPR 10000 da linha Ultimate Audio Line.

Com o cabo da Luxman fomos para o extremo da transparência, com o Elation reduzimos um pouco essa transparência, e o melhor resultado em termos de neutralidade obtivemos com os Timeless Amati (RCA entre o DAC e o pré, e XLR entre o pré e power) e uma neutralidade mais 'molhada' com os cabos Ágata (RCA e XLR). E acredite amigo leitor, as diferenças são grandes e audíveis, com alterações significativas na velocidade (transientes), na micro e macro-dinâmica, na organicidade (materialização física do acontecimento musical) e corpo harmônico.

Como sempre escrevo: quem vai conviver com o sistema é que tem que escolher pelo seu gosto o ajuste fino do setup. É importante saber que o conjunto Luxman possui algumas variáveis sonoras que podem e devem ser ajustadas 'ao gosto do freguês'.

SEPARANDO O CONJUNTO

Para fechar o teste, faltava separar ambos e ver como funcionam isoladamente. A escolha recaiu em tirar o power e ligar o pré da Luxman com o power Hegel H30, com todas as opções de cabos que escutamos no conjunto da Luxman. Soou muito bem, com destaque para o silêncio de fundo e a transparência do Luxman. Ouvi detalhes que não escuto em meu pré de referência, porém a minha referência, em sinergia com o Hegel, soa mais quente e musical!

O casamento que parecia ser óbvio (a neutralidade do Luxman com a naturalidade e calor do Hegel) na prática ficou devendo, pois resultou em uma assinatura sônica que dependendo da qualidade da gravação ficava sublime ou insuportável de ouvir (sinergia é tudo em produtos Estado da Arte).

Então fomos para o outro lado: a neutralidade do Dan D'Agostino com a também neutralidade do power Luxman. Foi nitidamente uma sinergia superior! Mais agradável em todo o tipo de gravação, porém com menos transparência que o conjunto Luxman oferece e com um agravante: o preço! O pré da Luxman custa um terço do Dan D'Agostino!

CONCLUSÃO

O conjunto da Luxman foi feito para trabalhar em parceria. Possuem qualidades suficientes para justificar a escolha e o fato de serem melhores juntos do que separados. Seu grau de neutralidade é estupendo para sua faixa de preço e com um acabamento e construção que colocam em xeque-mate produtos concorrentes que custam muito mais e não oferecem nada semelhante em termos de construção, beleza e performance.

Se você gostar de sua assinatura sônica e não puder adquirir os dois, minha sugestão é que comece então pelo power. Seu grau de sinergia com outros prés me pareceu maior, e sua autoridade com caixas tão diferentes como a Revel Salon2, Kharma Exquisite Midi e Emotiva Airmotiv T1, foi admirável. Seus 150 watts em 8 ohms soam como se tivessem o dobro de potência, mesmo em salas grandes como a nossa (50 m² e caixas tão distintas em termos de sensibilidade e impedância).

Depois de tantos anos nessa estrada, ouvindo todo tipo de equipamentos e topologias, é natural que tenha criado algumas manias e, se vocês permitem uma sugestão, ouçam se desejarem o power da Luxman ligado ao pré também da Luxman modelo CL-38u, que testei em maio de 2016. Posso estar redondamente enganado, mas acho que poderia dar um casamento dos deuses, para quem clama por uma neutralidade equilibrada e deseja um pouco mais de musicalidade, nas gravações tecnicamente inferiores. Espero um dia poder fazer essa combinação e saber 'que bicho toca' e se 'der liga' garanto que conto para todos vocês.

Já para quem sempre sonhou com um sistema Estado da Arte com a maior neutralidade possível, não perca tempo: ouça esse sistema comemorativo dos 90 anos da Luxman que possui refinamento, acabamento luxuoso e uma linda história de quase cem anos de bons serviços prestados a audiofilia! ■

AVMAG #232
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 81.000 cada

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADORES MONOBLOCO MARK LEVINSON N°536

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Nossos leitores mais atentos já estavam nos cobrando o teste com os monoblocos N°536 da Mark Levinson, citados em inúmeros testes desde nossa edição de abril. Essa demora tem uma explicação: os monoblocos vieram juntos com o pré-amplificador (testado na edição 228) e o Audio Player (testado na edição 230), porém tiveram que ser devolvidos junto com os demais produtos para um evento que a AV Group realizou recentemente, o que exigiu a saída de todo o sistema e depois a volta dos monoblocos, para o encerramento do teste.

Essa 'parada obrigatória' exigiu que fizéssemos os testes em duas etapas: primeiro com o setup todo Mark Levinson (que ocorreu nos meses de maio e junho) e depois, em agosto, retomamos o teste agora com os imponentes monoblocos ligados ao nosso sistema de referência.

As caixas utilizadas no teste foram: Revel Salon 2, JBL Project K2 S9900 e Kharm Exquisite Midi (ainda que tenhamos ligado os amplificadores por curiosidade ou fechamento de nota de outras caixas, como a Pioneer SP-FS52 e a Emotiva T1). Ainda que seja mais trabalhoso realizar testes em dois tempos distintos, principalmente de amplificadores com esse tamanho e peso, gostei muito da experiência, pois, com assinaturas sônicas tão distintas entre o setup Mark Levinson e o nosso setup de referência, deu para se ter uma ideia exata da performance desses monoblocos. Lançados oficialmente em 2015, os N°536 mantêm a tradição deste fabricante em apresentar ao mercado monoblocos que farão história. Tradição que se iniciou no final dos anos setenta com o lançamento do lendário ML-2, com seus 25 Watts em Classe A e que custavam na época quase 7 mil dólares!

Em 1984, o grupo Madrigal comprou a Mark Levinson e manteve essa tradição com o lançamento do N°20.6, com 100 Watts de

potência, seguido pelo N°33H (que eu tive e foi minha referência por uns bons anos) com seus 150 Watts! Todos com a garantia de fornecer alta quantidade de corrente, independente da carga.

Em 2008, o grupo Harman comprou a Mark Levinson e lançou o N°53, um monobloco de 500 Watts de potência com uma fase de saída modulada em largura de pulso. Custando US\$ 50.000, tornou-se quase que um amplificador inviolável para inúmeros amantes da marca que sempre se mantiveram fieis a marca. Foi então que a equipe de engenharia decidiu que haveria espaço para o lançamento de um novo monobloco, com 400 Watts por canal, na faixa de US\$ 30.000! O resultado apresentado na CEDIA em 2015 é o N°536, com um novo design, caminhos de sinal discretos e uma topologia de circuito espelhado, com alta corrente de polarização. Os estágios de tensão e driver são baseados no estágio de ganho do amplificador integrado N°585 (leia teste publicado na edição 221), e o novo estágio de saída do N°536 foi definido para trabalhar em classe A até 3 Watts apenas.

O fabricante especifica que o N°536 provê 400 Watts em 8 ohms, 800 Watts em 4 ohms e permanece estável em 2 ohms. Seu gabinete é todo em alumínio extrudado 6063-T5 (utilizado somente pela indústria aero espacial).

Os circuitos de estágio são montados nas superfícies internas dos dissipadores de calor. Embora cada N°536 seja mono, ele utiliza dois estágios de saída totalmente diferenciados, em uma configuração de ponte, para reforçar a linearidade na saída. Isso ajuda (segundo o fabricante) o amplificador a permanecer estável mesmo em cargas de 2 ohms. Cada estágio de saída possui 12 transistores de potência bipolares (TO-264) discretos - cada um com classificação de 15 A, 260 V, 200 W. E 12 transistores bipolares (TO-220) discretos. ►

Cada uma das duas fontes de energia de alta corrente do N°536 contém oito retificadores Schottky TO-220 discretos e de alta velocidade e 18 capacitores de filtro paralelos. Com capacitância total de 169,200uF. E um transformador toroidal, de baixo ruído e 1800 VA, com enrolamentos secundários separados para cada etapa.

O N°536 utiliza conexões diretas ao próprio circuito do amplificador, acoplado a microprocessador, que monitora a operação do amplificador em tempo real, para a máxima confiabilidade em todas as condições. São diversos sensores de temperatura, acoplados a cada dissipador que monitoram temperatura de operação interna, tensão do trilho do fornecimento de energia, a corrente de saída e o nível de saída DC. Com isso o N°536 é impedido de superaquecimento por interruptores térmicos colocados dentro da carcaça do transformador de potência.

Seu painel frontal segue o padrão Mark Levinson, com apenas um botão, que alterna o amplificador entre ligado e Stand-by. Um LED indica o status de operação: vermelho quando o amplificador está pronto para uso, vermelho piscando enquanto o amplificador está em modo de espera e piscando em azul enquanto uma atualização está sendo instalada. Com a detecção de alguma falha, este LED se torna branco piscante, informando que o amplificador entrou em modo de proteção. Pode ser por superaquecimento ou curto-circuito no terminal de caixas. Agora, se o branco se torna estável, a falha indica queima de um transistor de saída (mas não na entrada) e neste caso o amplificador deverá ser levado à assistência técnica.

No painel traseiro temos: o interruptor de energia acima da tomada IEC, entrada de conectividade incluindo USB-A para atualizações, USB-micro para acessar página interna, RS-232 para conexão a um computador com uma porta serial, e um conector RJ-45 para um link Ethernet. E os conectores de entrada RCA ou XLR e, nos extremos em cima, quatro terminais de alto falantes.

Assim como todos os outros produtos da Mark Levinson quando entregues para o teste, os monoblocos também não tinham sequer 50 horas de uso, o que nos exigiu uma queima longa assim como seus pares. Fizemos uma primeira audição com todo o setup Mark Levinson (pré-amplificador N°526, CD-player N°519 e caixas Revel Salon 2) e depois o deixamos em queima ininterrupta por 100 horas.

Direi o óbvio, mas os monoblocos Mark Levinson foram idealizados para tocar com todo um sistema Mark Levinson. Em conjunto, a assinatura sônica deste fabricante se torna quase que imbatível em termos de sinergia e expõe com graciosidade e presteza tudo que este fabricante acredita em termos de alta fidelidade. Como tive ao longo de minha história produtos Mark Levinson, como o N°33H e o N°31 - um dos mais belos transportes até hoje construídos - diria que houve sim mudanças pontuais daqueles Mark Levinson para essa nova geração (e melhoras muito interessantes). Lembro-me que muitos audiófilos apreciavam o 'som ML' porém muitos desejavam um pouco mais de calor e menos de transparência. A nova geração da Mark Levinson que tivemos o prazer de testar, brinda a todos com um equilíbrio

audívelmente maior entre transparência e calor (ou subjetivamente também descrito como musicalidade - ainda que eu discorde - pois não necessariamente o que eu entendo por musicalidade é o mesmo que você amigo leitor entende, mais isso é assunto para um outro artigo).

O que estou tentando dizer é que essa nova geração manteve o que os fidedignos apreciadores da marca sempre exaltaram como suas melhores virtudes: um silêncio de fundo magistral que permite sem nenhum esforço escutar e apreciar nuances mínimas, e autoridade e folga em qualquer circunstância, mesmo nos fortíssimos! No setup Mark Levinson completo o ouvinte pode abrir mão de escutar somente os discos tecnicamente mais qualificados e usufruir toda a sua coleção de discos!

E o N°536 é parte fundamental nesse salto ao ser um dos amplificadores com melhor autoridade e controle de caixas acústicas! Ele trata com enorme controle e sabe como poucos tê-las trabalhando a favor do sistema, mesmo em condições críticas. Sua potência é suficiente para qualquer gênero musical e mesmo que o ouvinte goste de apresentações com volumes consideravelmente altos, se as caixas suportarem, a apresentação será muito satisfatória. As Revel Salon 2 são caixas que adoram ser colocadas em 'xeque', por isso mesmo fiz algo que poucas vezes faço: escutei obras sinfônicas com picos de até 112 dB! E o sistema se mostrou absolutamente com folga e nenhuma sensação de fadiga ou de compressão do sinal. Diria que esses monoblocos se sentirão à vontade em caixas do seu nível (como as Salon2) e em salas com dimensões adequadas para volumes mais próximos do real.

Para os que desejam ter em suas salas este par de monoblocos uma dica importante: sua queima é longa, bem longa. Para você extrair todo o seu potencial serão necessárias mais de 500 horas de queima! E você terá absoluta certeza que o amaciamento terminou quando os agudos ganharem um decaimento majestoso e uma naturalidade que o fará acreditar que finalmente os agudos são os mais verossímeis que você já escutou.

Os médios, ao contrario dos agudos, com 250 horas já soam muito naturais e equilibrados, tanto em termos de corpo, como de extensão e velocidade. Os graves necessitarão de um pouco mais de queima. Com 350 horas achei-os muito corretos, com ótima velocidade, extensão e decaimento. Porém faltava um pouco mais de corpo tanto na fundação do grave, como no médio grave. Esse corpo veio com quase 450 horas. É um grave de respeito, autoridade, velocidade e uma energia que impressiona e vicia! Ouvir bumbos de gravações analógicas de jazz dos anos sessenta é de um prazer impar, pois além de peso, quando bem captados possuem uma energia extra que muda a percepção de andamento e decaimento nessa região, tornando as audições desses discos muito mais prazerosas.

Interessante que essa energia e peso nos graves é uma característica dos monoblocos, pois nem o pré-amplificador e muito menos o Audio Player da Mark Levinson possuem essa energia a mais. E o ►

ÁUDIO

mais incrível é que não soa como turbinado - não é isso. Apresenta-se como se apenas a captação tivesse sido mais próxima e limpa! Essa limpeza talvez melhor explique essa sensação de tanta energia concentrada. Agora, alie essa limpeza com uma autoridade férrea e você terá uma vaga noção do que estou desejando descrever.

Gosto muito de explorar os graves ouvindo gravações de órgão de tubo, pois é um instrumento que possui muita energia e um decaimento longo. E ouvir essas gravações no N°536 foi uma experiência rara, pois além de um corpo magistral e ambiência fidedigna, o grau de inteligibilidade de cada nota e acorde é emocionante! Mesmo aqueles avessos a esse instrumento, se impressionarão com o grau de inteligibilidade proporcionado por esse conjunto de qualidades do N°536.

O imaginário palco sonoro desses monoblocos é magistral! Uma profundidade e largura que nos permite colocar em nossa sala de audição obras sinfônicas e perceber todos os planos, cada instrumento solo, se os músicos estavam em pé ou sentados, com uma folga que nos convida a relaxar e apenas apreciar aquela audição que pode ser inesquecível em termos de apresentação de foco, recorte e ambiência.

As texturas não foram tão 'sedutoras' como no meu amplificador de referência (porém ele não possui o grau de transparência do ML), mas são muito corretas e precisas em termos de intencionalidade. Os transientes, junto com a dinâmica, são o ponto mais alto das qualidades desse monobloco. Chega a beirar o preciosismo a velocidade e o andamento de qualquer obra que você coloque para escutar.

Mas o que mais me impressionou foi sua macro-dinâmica: visceral! Essa é a palavra que mais se adequa a sua performance. Ainda que no fortíssimo o grau de inteligibilidade deste amplificador é um ponto fora da curva! Com as três caixas (Revel, JBL e Kharma), ouvindo os mesmos exemplos da metodologia para o quesito macro-dinâmica, o sistema se comportou com uma folga e segurança que nenhum outro amplificador apresentou. Nenhum!

Depois das 500 horas de queima, a apresentação do corpo harmônico (tamanho dos instrumentos), principalmente nos exemplos com quarteto de cordas e grupos de câmara, foram exemplares. Uma referência em termos de precisão e fidelidade. E com seu grau de transparência a materialização do acontecimento musical (organicidade) na sala foi como comer pêssego doce! Os músicos estão literalmente a nossa frente, quase ao alcance de nossas mãos.

CONCLUSÃO

Nunca diga nunca!

Quantas vezes não ouvimos essa frase escrita acima. Sinceramente, como deixei por último o teste do N°536 deduzi (precipitadamente devo confessar) que os monoblocos teriam a mesma assinatura sônica dos demais equipamentos ML e fariam um conjunto coerente e harmonioso. Enganei-me redondamente! Pois os engenheiros da Mark Levinson tiveram o cuidado de desenvolver um power com uma determinada 'autonomia de voo' para alçar desafios mais longos - como, por exemplo, possibilitar que os N°536 possam ser também utilizados

em outras configurações. E só percebi essa possibilidade quando os monoblocos voltaram novamente para teste e tive a oportunidade de escutá-los em nosso sistema no lugar do Hegel H30.

Ainda que sejam assinaturas muito distintas (pois nosso sistema de referência, principalmente o pré Dan D'Agostino e o sistema digital dCS Scarlatti, são mais neutros que os ML), o 'encaixe' dos monoblocos N°536 resultaram em uma sinergia muito interessante. O que chamou a atenção imediata foi a folga e energia superior do ML em relação ao Hegel. Gravações com enorme macro-dinâmica soaram com uma folga muito superior, convidando-nos a escutá-las com volumes mais próximos do limite!

Porém, em determinadas gravações tecnicamente mais pobres, ocorreu um resultado inverso, com essa maior 'neutralidade' do nosso sistema. Tornando essas gravações mais difíceis de escutar em volumes mais próximos do ideal. Será uma soma de sinergia do sistema ou prevaleceu que a maior neutralidade com transparência do ML fizeram com que essas gravações ficassem menos 'palatáveis'?

Eu arrisco dizer que foi uma soma de tudo. Por isso minha insistência quase 'religiosa' de explicar a vocês em detalhes a importância de se escutar o maior número possível de gravações e não somente as impecavelmente gravadas, para se ter uma ideia exata das virtudes e limitações de todos os componentes. E isso leva tempo e exige paciência.

Então, voltando ao começo, os ML foram desenvolvidos para trabalhar preferencialmente em conjunto, pois o usuário que se identificar com a assinatura sônica do conjunto terá a garantia de estar seguramente montando uma configuração definitiva. Eles podem trabalhar separadamente? Claro que sim, porém será necessário se dispor a gastar mais tempo e procurar qual setup melhor se adequa aos monoblocos.

Se você gosta desses desafios, não vejo nenhum motivo para você não tentar. Agora, se você é objetivo e impaciente e ao ouvir um setup ML bateu o martelo, o caminho das pedras está feito! O que importa é que você saiba que esses monoblocos são feitos para durar um século e possuem virtudes sólidas que podem perfeitamente ser o 'som' que você procura há muito tempo. Se você é um amante de macro-dinâmica, autoridade, visceralidade e precisão em suas obras preferidas, você precisa ouvir o N°536, pois nestes quesitos podem haver amplificadores que se emparelham, mais dificilmente serão superiores. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q-9KZ-NVKOG](https://www.youtube.com/watch?v=Q-9KZ-NVKOG)

AVMAG #232
 AV Group
 (11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
 R\$ 103.318 (cada)

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Karma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS PIONEER SP-BS22-LR

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QALBYA-IFIC](https://www.youtube.com/watch?v=QALBYA-IFIC)

Todos nós que nos interessamos por áudio de qualidade há muitos anos temos alguns exemplos para dar aos mais jovens, de produtos que nos encantaram e possuíam como principal atributo diferencial o preço. Ainda que sejamos conhecidos como a publicação que só fala de produtos estratosféricos e inacessíveis à esmagadora maioria dos mortais, temos nos vinte e um anos de vida diversos produtos testados que fizeram história no áudio hi-end justamente pela composição de performance e preço baixo. E falo de uma legião de produtos com este perfil - e não apenas alguns gatos pingados!

Mas uma caixa acústica custando menos de 1000 reais o par e com a capacidade de recriar o acontecimento musical com tanta 'nobreza e fidelidade', nem eu mesmo, nos meus quase 50 anos de audiofilia, tinha escutado! Sempre acompanhei a carreira e sucesso brilhante do projetista Andrew Jones, e por todas as empresas que passou deixou um rastro de caixas acústicas de sucesso. Ele começou sua carreira se não me engano na Kef, depois se transferiu para a Infinity e, à seguir, para a TAD Labs (a divisão hi-end da Pioneer) onde desenvolveu caixas de mais de 80 mil dólares e paralelamente, nesta fase, aceitou o desafio de desenvolver uma linha barata para a Pioneer que custasse no máximo 500 dólares o par.

Em setembro de 2011 ele colocou no mercado seu primeiro projeto: a bookshelf SP-BS 41-LR (de 149,90 dólares o par). A caixa vendeu como água potável no deserto, e muita gente comprou depois de ler o teste na Stereophile afirmando se tratar da primeira book de mercado com som hi-end em preço de mid-fi. Os pedidos e as queixas de leitores a procura desta caixa 'milagrosa' foram tantos que a equipe de Andrew Jones resolveu, em final de 2013, dar sequência e começar

a desenvolver um novo modelo que, ao sair, ganhou o prefixo de SP-BS22-LR. Ela foi lançada em maio de 2014 ao preço de 159,90 dólares. E, na verdade, é ainda mais compacta que a BS41, pois agora seu gabinete é ainda menor e o falante de médio-grave é de apenas 4 polegadas. O tweeter continua sendo o modelo de 1 polegada de cúpula de tecido soft dome, mas ambos os falantes são novos.

Andrew Jones percebeu que os novos cones de polipropileno que ele estava testando possuíam uma resposta mais plana, uma melhor resposta dinâmica e os baixos mais encorpados e com melhor decaimento. O tweeter, com uma nova cúpula feita de um material proprietário da Pioneer, também tinha uma resposta mais estendida nas altas e um ímã maior para uma melhor resposta de alta-frequência fora do eixo, e com maior eficiência. Outro pulo do gato aplicado nesse novo modelo foi a reconstrução por completo do crossover (com apenas 6 componentes) que compreende um único capacitor de filme e um indutor de núcleo-ar na alimentação no corte do tweeter. O gabinete deste novo modelo também possui alterações em relação a série anterior. Agora a caixa tem paredes laterais suavemente curvas, o que lhe dão um ar mais atual e moderno.

Aos audiófilos que escolhem suas caixas batendo o nó dos dedos no gabinete das mesmas para ouvir a ressonância do gabinete, certamente torcerão o nariz para as pequeninas Pioneer, pois parecem não ter nenhum tipo de amortecimento, pelo contrário, parece que propositalmente o gabinete e sua ressonância interna foram usados a favor da resposta de baixas frequências.

O corpo que a região média-baixa ganha não só a coloca em uma nova categoria de caixas para o seu tamanho, como não pode ser confundido com coloração, pois ela não colore essa região do espectro audível e sim ajuda a estabelecer sua assinatura sônica.

Em muitos aspectos de sua sonoridade ela lembrou-me a Boenicke que eu testei, por justamente dar uma graciosidade e transparência sem impor uma assinatura sônica que tire as virtudes e também os defeitos de uma gravação.

Para mim, a BS-22-LR (permitam-me abreviar seu código), pertence ao grupo de mini monitores de estúdio de gravação, e podem ser usadas com segurança para mixagens e masterizações tamanho seu grau de equilíbrio, inteligibilidade e ausência de fadiga auditiva. O fabricante a descreve como uma caixa que se submete a 80 watts de música e 100 watts de pico por milissegundos. Sua resposta de frequência é de 55 Hz a 20 KHz, a impedância é de 6 Ohms (mínima de 4,4 Ohms) e a sensibilidade de 87 dB.

Para o teste utilizamos nossas duas salas de referência: a de home (com 12 metros²) e a de áudio (com 50 m²). Os equipamentos foram: amplificadores integrados Sunrise Lab V8 MkIV e Luxman L-590AXII. Usamos o Blu-Ray Player Oppo BD-95 e o sistema digital Scarlatti ►

da dCS como fontes. Cabos de caixas QED Signature, Sunrise Labs Reference, Sax Soul Ágata (leia Teste 2 na edição 228) e Transparent Reference LX MM2. Os pedestais de caixa foram Audio Concept

Quando entendi o produto que estava em teste, não tive dúvida e chamei uma galera de músicos para escutar e saborear comigo aquele momento. Agora também tenho que sempre incluir nesta lista meu filho e minha filha, pois ambos por motivos distintos começaram a querer ouvir o que o pai recebe mensalmente para teste. Meu filho por estar cursando produção musical está pesquisando equipamentos de áudio para montar seu home estúdio e minha filha por estar na fase de tudo miúdo, desde brinquedos até livros e smartphones. Todos ouviram, se impressionaram e descobriram mais um capítulo da audiofilia que mudou de patamar! Agora é possível ter uma caixa de excelente nível por menos de 1000 reais!

Claro que o audiofilo ou melômano interessado em ter essas belezuras, precisará se enquadrar em alguns pré requisitos básicos, como saber dosar os volumes, possuir uma sala de até no máximo 15 m² e, principalmente, ser apaixonado por escutar suas músicas preferidas em total imersão que ela proporciona. Se você possuir este perfil meu amigo, prepare-se, pois terá em mãos uma jóia de múltiplas facetas sonoras! Sua capacidade de reproduzir a música, com total coerência de ritmo e detalhes, é espantosa. O tamanho e a proporção dos instrumentos, ainda que de tamanho menor, são muito corretos, mantendo as proporções de cada um deles. Sua delicadeza e naturalidade na apresentação de vozes e qualquer instrumento musical é viciante. E mesmo gravações mais densas ou pobres tecnicamente, não causam nenhuma fadiga auditiva. E ainda que não se tenha nenhum milagre em um falante e gabinete tão minúsculo, na reprodução de baixas frequências, em nossa sala de home de 12 m², ela mostrou que sua resposta a partir de 55 Hz é suficiente para encher a sala e reproduzir qualquer gênero musical.

Sim amigo leitor, nestas condições escutei até órgão de tubo - claro que domando o volume - mas sua segurança e controle das baixas frequências reproduzindo um instrumento tão difícil foi exemplar.

Outro ponto forte deste mini monitor é a apresentação de texturas, que graças ao seu grau de transparência nos permite acompanhar cada detalhe do tecido musical sem perder de vista o todo. E sua capacidade de reproduzir a micro dinâmica a coloca em um patamar muito acima do seu preço!

CONCLUSÃO

O teste da Pioneer SP-BS22-LR não poderia ocorrer em melhor momento na história desta publicação, pois com o aumento exponencial de leitores a cada nova edição desde que ela é distribuída gratuitamente, exige que busquemos ampliar nosso leque de produtos testados, para atender a um número cada vez maior de leitores que estão começando a dar seus primeiros passos na audiofilia. A cobrança semanalmente está sendo cada vez maior de que precisamos apresentar mais testes de produtos de entrada. Agora, poder oferecer

a esses leitores produtos que possuem baixo custo mas alta performance é o melhor dos dois mundos. E, oxalá possamos ter uma legião de produtos como esse para apresentar aos nossos novos leitores a cada mês. Se iremos atender a expectativa, só o tempo e o mercado dirá, mas estejam certos que estamos empenhados em descobrir essas 'perolas' para todos vocês.

A quem se destina esse produto?

A todos que possuem um sistema de áudio estéreo, seja ele vintage ou um micro sistema, que já detectou que o elo fraco são as caixas. E, claro, como escrevi algumas linhas acima, a todos que possuam salas até 15 m² e não possuem nenhum tipo de tratamento acústico. Para esse leque de consumidores, a SP-BS22-LR cairá como um 'balsamo' sonoro em seus sistemas, e o prazer em ouvir e descobrir detalhes nunca escutados antes será enorme!

Que cuidados devo ter na instalação desses mini- monitores?

O ideal é um par de pedestais com altura suficiente para deixar os tweeters à altura dos ouvidos. Ou, se colocada em uma estante, com uma distância mínima de 1,60 m de tweeter à tweeter, entre elas. Elas gostam de trabalhar viradas para o ponto de audição e com espaço livre à sua volta. Também são exigentes, e merecem, um cabo à altura de suas qualidades - nada de fio "flamenguinho" por favor! Um bom cabo de cobre, de boa espessura, atenderá as necessidades. Outra dica: por ter uma sensibilidade média (87 dB), o amplificador deverá no mínimo ter 25 watts. E, por favor, não abuse no volume com essa jóia sonora, lembre-se que ela é um mini-monitor, capaz de desvendar segredos em suas obras preferidas que você jamais imaginou que existissem.

Como todos esse cuidados, suas audições serão regadas a um prazer auditivo indescritível, e se você tiver cara metade, ou filhos, eles irão agradecer pelo conforto auditivo proporcionado e a melhora significativa na inteligibilidade de todo o acontecimento musical. Mas ela também pode atender ao segundo sistema hi-end do audiofilo, em uma casa de campo, escritório ou quarto.

Atualmente o projetista Andrew Jones abraçou novos desafios. Convidado pela empresa alemã Elac, que abriu um laboratório de desenvolvimento de novos produtos na Califórnia, nos EUA, ele já desenvolveu para a empresa uma linha barata (mas não tão barata como a da Pioneer) que começa a dar o que falar nas feiras e no mercado. Este homem tem realmente a capacidade e o objetivo de levar à um público muito grande suas 'obras de arte sonoras'.

Agora você já pode conhecer uma de suas obras mais expressivas e consagradas. Sem nenhuma contra indicação, e que cabe no bolso de qualquer um, seja você um melômano ou audiófilo. ■

AVMAG #228
Pioneer
(11) 3642.1882
R\$ 899

NOTA: 72,0



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

CAIXA ACUSTICA EMOTIVA AIRMOTIV B1

Fernando Andrette



O mercado de caixas bookshelf é, atualmente, o que oferece o maior número de ofertas, com preços cada vez mais competitivos. É uma briga para 'cachorro grande', e conquistar uma fatia deste mercado é um trabalho bastante árduo e meticuloso. Uma dezena de dólares de diferença para menos, pode fazer toda a diferença na hora do consumidor escolher que bookshelf irá levar para casa.

E essa briga faz todo o sentido, quando olhamos para o volume de vendas na Europa e Ásia. Caixas de estante representam 65% do mercado global e, para algumas empresas, seu faturamento anual está quase que integralmente na venda de bookshelves. Para baratear custos, foi preciso rever planilhas de custos e até mesmo deslocar toda a produção para a China. E aquelas que se negam a fazer toda essa mudança logística, vêem suas vendas ano a ano perderem espaço para os produtos Made in China. Em um mundo globalizado não existem mocinhos e bandidos, e para sobreviver é preciso abrir mão de muitos 'princípios' se quiser continuar a dar as cartas.

Por outro lado, essa enorme competitividade traz muitos benefícios ao consumidor, afinal é preciso criar diferenciais efetivos e audíveis para conquistar um consumidor cada vez mais atento e exigente. Lembro-me de quando surgiram os gabinetes de vinil, em substituição ao acabamento em madeira - quantos não levantaram a voz, afirmando que esse tipo de barateamento de custos era burro, e em vez de avanço era um retrocesso. Atualmente, nenhuma caixa, seja ela bookshelf ou coluna, que custe menos de 1000 dólares, possui gabinete com acabamento em madeira.

E ninguém nem se lembra desse pormenor, afinal os componentes evoluíram o suficiente e a qualidade de amortecimento de gabinete idem, que a performance é muito superior aos primeiros modelos com gabinete de vinil! Atualmente, mesmo no Brasil, com toda a crise, temos opções para todos os gostos e bolsos. E muitas dessas bookshelves não podem ser confundidas com caixas de 'entrada', pois possuem 'pedigree' para serem a caixa de um sistema de qualidade por muitos e muitos anos.

Um outro problema que atormentava o consumidor que tinha que escolher uma Bookshelf - por problemas de espaço, muito comum nos anos oitenta e noventa - era a limitação de resposta nas baixas frequências. As melhores naquela época conseguiam, no máximo, uma resposta plana até somente 62 Hz (algumas até mais alta, como 70 Hz), o que limitava bastante a reprodução de diversos gêneros musicais. Atualmente, mesmo as mais modestas books respondem com autoridade até 50 Hz e, as mais sofisticadas, chegam a 42 Hz!

Nesse ano mostramos excelentes opções que vão de R\$ 700 o par à R\$ 3.500. E, para o primeiro semestre de 2018, já existe uma fila de bookshelves para teste. A Emotiva Airmotiv B1 se encaixa perfeitamente entre a nova geração de books que possuem enorme flexibilidade de posicionamento, podendo ser colocada tanto em uma estante como em um pedestal adequado, ocupando pouco espaço e tocando com muita autoridade, quando devidamente acoplado a um sistema de qualidade.

Os engenheiros da Emotiva se inspiraram no modelo de estúdio Airmotiv 5S, amplificada, para monitoração. Trata-se dos mesmos falantes: um médio-grave de kevlar de 5,25 polegadas e o tweeter de fita dobrada, que também é utilizado no modelo T1 (leia teste 2 na edição 232). O gabinete, de dimensões reduzidas, possui 17 cm de largura por 21 cm de profundidade e 27 cm de altura. A B1 utiliza uma almofada de amortecimento na base inferior do gabinete para absorver vibrações. Segundo o fabricante, a book possui uma resposta de frequência de 48 Hz a 28 kHz (+ou- 6 dB), impedância nominal de 8 ohms e suporta picos de 150 Watts e 70 Watts de potência contínua. O corte de frequência do crossover está em 2 kHz. E a sensibilidade é de 86 dB, segundo o fabricante.

Para o teste utilizamos o próprio sistema da Emotiva (leia na edição 236), amplificadores integrados Hegel H90 e H360. Fontes digitais: CD-Player Emotiva e sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Reference da Sunrise Lab, cabo de caixa Emotiva e Ocos.

Com a experiência de queima da T1, que foi longa (pelo tweeter de fita dobrado), fizemos uma primeira audição e a colocamos em queima por 200 horas. Acho que será muito difícil em um comparativo com outra Bookshelf similar em preço e performance, o ouvinte optar pela B1 se ela não estiver totalmente amaciada, pois seu som é magro, falta extensão em cima e embaixo, como se a caixa só tivesse médios! Ela ►

precisa realmente passar por todo o processo de amaciamento para 'desabrochar'. Com duzentas horas, já é uma outra caixa: os graves desceram, encorporaram e ganharam precisão e velocidade. Os agudos, no entanto, precisam de pelo menos mais 100 horas de queima para mostrarem todo o seu potencial. Com 200 horas eles estão presentes, porém seu decaimento é abrupto e falta ar e corpo. O que é possível notar e apreciar é a velocidade do tweeter de fita, espantoso! Com as 300 horas de queima, finalmente a B1 entrou em avaliação.

Utilizamos elas tanto na nossa sala de home (12 m²) quanto em nossa sala de referência (48 m²). Em ambas as salas com o pedestal da Audio Concept. Uma dica, para uma melhor apresentação do palco sonoro: é ideal que o tweeter fique acima da orelha, pois se ficar na mesma altura, pelo fato dele ter pouca dispersão lateral, dependendo da gravação, os agudos podem ficar muito proeminentes. Com o pedestal da Audio Concept o tweeter ficou a seis centímetros acima, ajudando muito no ajuste do equilíbrio tonal.

São caixas que podem ficar próximas às paredes sem problema algum. O reforço das baixas frequências pode até ser bem vindo, em casos que o usuário deseje maior peso nos graves.

Na sala de home as B1 ficaram a 1 metro da parede atrás das caixas, 2 metros afastadas entre elas (de tweeter a tweeter) e 0,50 metros das paredes laterais. Ela aceita bem toe-in acentuado, porém se for esse o desejo, haverá uma perda da profundidade com aumento da imagem nas laterais da caixa. Na sala de home optamos por apenas 20 graus voltadas para o centro da audição.

O equipamento utilizado na sala de home foi toda Emotiva e, no final do teste nesta sala, utilizamos o Hegel H90 com o CD-Player Emotiva e o Blu-Ray Oppo 95, com cabeamento todo Emotiva (interconexão e de caixa).

Para suas dimensões possui uma autoridade surpreendente, tanto na apresentação dos graves como nos médios-graves. Para gêneros com instrumentos eletrônicos não tem como se decepcionar. Os médios possuem excelente inteligibilidade mesmo em micro-dinâmica, e em termos de velocidade é uma bookshelf exemplar. Os agudos são naturais com impressionante velocidade e bom decaimento. Como frisei acima, o posicionamento do tweeter, em relação ao ouvinte, faz toda a diferença. É preciso atenção redobrada a esse ajuste, pois sua maior direcionalidade pode ser um problema em gravações com muito brilho.

Para se conseguir um melhor corpo harmônico em todo o espectro de audição, o ideal é que as caixas trabalhem no máximo a 2,80 m de distância entre elas. Foi essa a posição ideal em nossa sala de referência. Com os mesmos 1 metro da parede atrás das caixas. Em um ambiente tão improvável para o uso de uma caixa desse tamanho, foi possível perceber que as B1 realmente descem bem. Mantendo o volume dentro de uma boa margem de segurança, a B1 não se dobra, aceitando conduzir a música mesmo em variações constantes de dinâmica e andamento.

É uma caixa que atende perfeitamente o melômano e o audiófilo que procuram dar vida a um ambiente de até 16 m² e buscam uma book já com um certo refinamento em termos de equilíbrio tonal, transientes e textura, corpo harmônico coerente e musicalidade. Sua assinatura sônica está mais para o equilibrado, sem nenhum tipo de excesso.

Caso o usuário busque uma transparência acima da média, esta não será a melhor opção. Porém, para aqueles que possuem uma coleção de gravações tecnicamente limitadas, a B1 pode ser a caixa que retirará esses discos da prateleira e os recolocará novamente em uso.

Outro cuidado que o usuário terá que ter é com o volume. Ainda que ela se submeta a alguns excessos, seu pequeno falante de médio-grave tem um limite 'físico'. E se empolgar e ver o falante 'bater' o cone não é uma das experiências mais agradáveis, você há de concordar! Com esses cuidados, a B1 pode ser uma excelente opção, pois consegue oferecer um grau de inteligibilidade com baixa fadiga auditiva, de excelente nível em sua faixa de preço.

CONCLUSÃO

Com seus pares (CD-Player e integrado Emotiva) o casamento foi surpreendente, afinal foram projetados para trabalhar em conjunto. Com o Hegel H90, tive que em muitos momentos interceder, baixando o volume, pois realmente me empolguei e quase levei a pequenina B1 ao colapso! Tirando esse problema, também casou muito bem, pois o maior refinamento do H90 trouxe muitos benefícios à B1. Com o H90 foi possível perceber o quanto o tweeter de fita dobrado é veloz e refinado.

Os cuidados na escolha do cabo de caixa são secundários, porém acho que valeria a pena buscar uma solução que agrade ao bolso e ao ouvido. O cabo da própria Emotiva me pareceu bom tonalmente, porém com um corpo muito magro e pobre em termos de detalhamento de micro-dinâmica. O Sunrise Lab trouxe esse corpo, maior energia e melhor transparência. E o Ocos, um cabo difícil de achar (pois está fora de linha há muito tempo), trouxe um grande ganho ao equilíbrio entre os médios-altos e agudos, deixando todas as texturas, foco, recorte e ambiência muito mais presentes!

Na sua faixa de preço é uma bookshelf a ser considerada, principalmente se você procura um upgrade que permita você desfrutar mais horas de audição com maior prazer e baixa fadiga auditiva. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_2CKI8MJLZM](https://www.youtube.com/watch?v=_2CKI8MJLZM)

AVMAG #235
AV Group
(11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
R\$ 2.240 (par)

NOTA: 73,0



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EMIT M20

Fernando Andrette



Em seu aniversário de 40 anos, completados em 2016, a Dynaudio fez uma ampla reforma na sua linha de produtos e lançou a serie Emit, em substituição à linha de entrada DM. Segundo o fabricante, melhorias nos seus drives e no tweeter de cúpula de tecido permitiram uma ampla revisão em todos os seus produtos de entrada e uma maior capacidade de concorrer nesta faixa tão disputada de mercado. São três modelos: duas bookshelves - M10 e M20 - e um canal central.

O cone dos falantes de médio-grave continua sendo o de poli-propileno de silicato de magnésio (MSP), carcaça de aço em vez de alumínio fundido e uma bobina de 75 mm com um ímã de simetria dupla. O tweeter possui uma bobina de alumínio e utiliza ferro-fluido para sua correta refrigeração. Seu acabamento é espartano, como da série anterior, com gabinete em vinil, um único terminal para os cabos de caixa e um pórtico bass-reflex de pequeno porte.

No famoso teste de bater com o nó do dedo no gabinete, se percebe que é bem amortecido. Cada caixa pesa 7,5 Kg e suas dimensões são bastante generosas, com 35 cm de altura, 21 cm de largura e 26 cm de profundidade. Segundo o fabricante a resposta de frequência é de 50 Hz - 23 kHz, com corte do crossover em 2,6 kHz, impedância de 4 ohms e sensibilidade de 86 dB/W/m. O acabamento pode ser branco fosco ou preto fosco.

O fabricante indica para este modelo o uso de um pedestal e não uso em prateleira (caso a sala seja de tamanho reduzido, a M10 é o modelo mais indicado). Para brigar neste mercado de entrada, a Dynaudio impôs um preço bem agressivo e a diferença de preço entre o modelo M10 e o M20 é de apenas 100 dólares! Aqui não sei se o novo distribuidor, a Media Gear, terá essa mesma política de preços (entre os dois modelos), mas pela venda na Europa e os prêmios recebidos até o momento parece que essa estratégia se mostrou muito correta.

Para o teste, recebemos a M20 lacrada, junto com os amplificadores integrados da Hegel H360 e H90 (ambos já em amaciamento para futuras avaliações). Fizemos uma audição para as primeiras impressões, e a colocamos junto com o Hegel H90 para uma queima de 150 horas.

A M20 já saiu da embalagem tocando bem! Equilibrada, mostrando apenas que faltava maior respiro na região alta e um certo 'engessamento' (mais sutil) na fundação do grave. Macaco velho com amaciamento de caixas Dynaudio (afinal foram duas décadas de convivência com inúmeros modelos da marca), 'sentei a pua' no amaciamento. Essa etapa é essencial para se conseguir a melhor performance das caixas em um curto espaço de tempo. Caixas Dynaudio, após mais de 500 horas, ainda sofrem muitas melhorias (principalmente no extremo agudo). E o encaixe no equilíbrio tonal só ocorre completamente quando a região média recua, dando ao ouvinte a sensação que o palco ampliou-se bem atrás das caixas. E a última oitava de instrumentos como violino, flautim, trompete com surdina e pratos, perde aquele brilho e dureza excessivos.

Com as 150 horas iniciais já conseguimos fazer as primeiras audições com os discos da metodologia e também começamos a definir os equipamentos que seriam utilizados no teste.

Como é uma caixa na faixa de 4000 reais, definimos que seria interessante utilizarmos o conjunto 100 da Emotiva (CD-Player e amplificador integrado, que também estão em teste), o integrado da Hegel H90 e no final do teste utilizamos o V8 Mk4 (leia Teste 1 na edição 234). Os cabos foram o QED Signature 40 de interconexão e de caixa. E também o Luxman JPR-10000 e o Ortofon Reference Series Blue, ambos RCA.

Como as M20 ampliaram bastante a apresentação do palco sonoro à medida que o amaciamento ocorria, deixamos para fazer o ajuste fino de sua posição em nossa sala de teste apenas quando a caixa atingiu 320 horas! A primeira conclusão é que, ainda que seja uma bookshelf de dimensões razoáveis, ela não gosta de trabalhar encostada a nenhuma parede. Então é preciso uma sala de dimensões generosas (mínimo 12 m²) e a M20 necessita de respiro entre elas também (pelo menos 2,50 entre elas). Porém o mais crítico é em relação a parede atrás das costas. Pelo menos 1,00 m! Menos que isso os graves serão difíceis de domar (em uma sala sem nenhum tipo de tratamento acústico - neste caso acho que as M10 seriam mais adequadas).

Como toda caixa Dynaudio, sua assinatura sônica é uma combinação de velocidade, transparência e um corpo que ultrapassa suas dimensões. Seu equilíbrio tonal só será pleno após todo amaciamento, no entanto isso não impede o ouvinte de observar uma região média muito natural e quente desde o primeiro momento. A Dynaudio carregou por muito tempo a fama de ser uma devoradora de amplificadores! A fama prevaleceu, no entanto isso já não é mais verdade! Mais do que muitos Watts de potência, o que ela necessita é de um power que se imponha com autoridade e possua características semelhantes.

Toda Dynaudio gosta de ser submetida a testes que exijam grandes variações dinâmicas e velocidade, está no DNA deste fabricante. A M20 não foge a regra - aceita ser colocada à prova! Se você fechar os olhos, em nossa sala de teste (com 48 m²) e ouvir a M20, você jamais conseguirá imaginar que todo aquela massa sonora está saindo dela! Você pensará estar ouvindo pelo menos uma coluna de dimensões razoáveis!

Ela se saiu extremamente bem com os três integrados, com maior identificação em refinamento com o H90 e o V8 Mk4. Com o V8 Mk4 a M20 se sentiu completamente à vontade, foi uma sinergia dos deuses, pois ambos se beneficiaram da energia, do deslocamento de ar e da macro-dinâmica, independente do gênero musical. Na nossa sala as M20 ficaram a 1,23 m da parede as costas e 3 m de distância de tweeter a tweeter.

Todas Dynaudio que testei não gostam de toe-in acentuado, preferindo ficar quase que paralelas às paredes laterais. E quando possuem espaço à sua volta (como é o caso na nossa sala de teste) para conseguirmos uma maior profundidade no plano das orquestras sinfônicas, deixamos a M20 apenas 15 graus voltadas para o ponto de audição. Nesta posição ampliamos significativamente a profundidade dos metais e percussão nas gravações de música clássica.

O usuário pode escolher. Se sua preferência é que os instrumentos saiam para fora das caixas na lateral: diminuam o toe-in, deixando-as paralelas as paredes laterais. Já os que gostam de maior profundidade

entre as caixas, o processo é o inverso, girem de 15 a 25 graus as caixas para o ponto de audição.

O cuidado com a altura e rigidez do pedestal também é fundamental para o controle e o correto equilíbrio dos graves (tanto em inteligibilidade, como em velocidade). Utilizamos o pedestal da Audio Concept, com o tweeter um 'nada' acima do ouvido, quando sentado, e entre as caixas e a base do pedestal utilizamos os spikes da Lando (muito eficientes, para desacoplar as caixas do pedestal).

Com 320 horas não sentimos mais mudanças significativas nos extremos. A M20 possui um agudo padrão Dynaudio: natural, com excelente extensão, arejamento e decaimento suave. O tweeter de cúpula de seda é muito eficiente, com ótima dispersão tanto vertical como horizontal. O que mais me encanta nos tweeters deste fabricante é a velocidade e o corpo dos instrumentos! Existem muitos tweeters com uma excelente naturalidade, porém pecam na apresentação do corpo, sendo muitas vezes tímidos em tamanho.

Nossa referência são os pratos de bateria do disco *Lacrimae* do André Mehmari. Em um sistema correto eles soam magistralmente naturais, com excelente decaimento e é possível acompanhar o corpo harmônico de cada prato. Claro que em uma bookshelf não se terá o mesmo corpo em tamanho de uma coluna, mas a M20 mantém uma 'coerência' na proporção dos instrumentos muito satisfatória.

A região média de toda Dynaudio (quando bem ajustada) é sempre muito transparente, com uma recuperação de micro-dinâmica exemplar! Você escuta as mais sutis variações sem nenhum esforço. É um deleite na calada da noite, em volumes reduzidos, perceber que nenhum tipo de informação presente se perde.

Os graves, para quem nunca conviveu com caixas deste fabricante, podem confundir. Para os que não gostam, acham que é um grave seco. Para os que admiram, gostam justamente por ser um grave com enorme autoridade, velocidade, precisão, sem nenhum tipo de coloração. Essa é uma briga antiga entre Dynaudistas e os que não as apreciam.

Quando testei a Platinum, eu escrevi justamente sobre essa característica e citei por experiência própria que em relação a minha Temp-tation (caixa que mantive como minha referência por quase seis anos), que algo havia mudado nos novos projetos da Dynaudio. E o grave em relação à minha caixa possuíam mais peso e corpo, na medida certa. Tive essa mesma impressão ao lembrar que, em relação à antiga linha DM, a M20 possui um grave bem mais encorpado e que certamente irá seduzir até mesmo uma parcela dos que tinham restrições a essa característica.

Tocando com o V8 Mk4, ninguém dirá que o grave da M20 é seco - pelo contrário, irá parabenizar o fabricante por ter 'revisto' essa característica. As texturas são excelentes tanto em termos de apresentação ►

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

MELHORES DO ANO 2017

ÁUDIO

do invólucro harmônico, como na intencionalidade. E os transientes são capazes de nos fazer piscar a cada batida da baqueta em uma caixa com a esteira fechada! Nada de letargia, tanto no andamento quanto na precisão de velocidade.

Sua apresentação de macro-dinâmica está para muito além dos que nossos olhos deduzem. Você acha que ela não vai suportar, vai se perder, engasgar, embolar, endurecer, e lá vai ela desafiando as leis da física, ainda mais um bocadinho! Ainda é óbvio que o limite está lá e basta um descuido na altura do volume para os falantes entrarem em colapso, mas para os 'ajuizados' no volume correto não haverá nenhum desatino ou surpresa desagradável! O corpo harmônico, como já mencionei, é bastante coerente e nos apresenta surpresas como tamanhos bem próximos do real! A materialização física do acontecimento musical dependerá muito mais do grau de refinamento de todo o sistema e, claro, da qualidade da gravação. A M20 não faz feio em gravações primorosas como Anhele, onde o barítono José Cura está lá, à nossa frente, cantando com exclusividade!

CONCLUSÃO

O salto em relação à linha DM foi gigantesco! Não pensem que estou sendo bonzinho. A maior diferença está no grau de refinamento da nova linha. Maior silêncio de fundo, melhor resolução em macro-dinâmica e um grave com um corpo muito mais correto, que possibilita um equilíbrio tonal, em todo o espectro audível, muito melhor. E isso diminui significativamente a fadiga auditiva.

O ponto negativo (se podemos chamar assim) é que com este salto a eletrônica ligada a M20 também terá que ser mais 'refinada e correta', pois a M20 entrega literalmente o que recebe! Então o interessado pela M20 terá, antes de tudo, que fazer a fatídica pergunta: "meu sistema está à altura da M20?".

Se já tiveres um sistema sinérgico, um bom integrado e uma fonte já com um certo refinamento e equilíbrio e uma sala com dimensões razoáveis, aliados a um gosto musical eclético, então a resposta é sim! Pela sua faixa de preço, poucas bookshelves possuem 'pedigree' para brigar com ela! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GHPA44OJSS0](https://www.youtube.com/watch?v=GHPA44OJSS0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3YUZJZRETOE](https://www.youtube.com/watch?v=3YUZJZRETOE)

AVMAG #234
Media Gear
(16) 3621.7699
R\$ 3.265,62 (par)

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

CAIXAS ACÚSTICAS PIONEER SP-FS52 BY ANDREW JONES

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Muitos leitores ficaram contentes com o teste da caixa Pioneer bookshelf modelo SP-BS22-LR na edição 228. E bastante surpresos com a pontuação e com a performance do produto. Mas deixei propositalmente o melhor para esta edição: a coluna de três vias da mesma série, também projetada pelo Andrew Jones, modelo SP-FS52.

Andrew Jones foi consultor da Pioneer por muitos anos. Primeiro trabalhou no desenvolvimento das caixas acústicas da TAD (divisão hi-end deste fabricante) e antes de sair da empresa, aceitou o desafio e desenvolveu para a própria Pioneer toda a linha SP-FS. Seu objetivo era demonstrar para o mercado que é possível sim ter caixas hi-end com preço de mid-fi. Agora, contratado pela empresa alemã Elac, ele continua seguindo essa filosofia e apresentou em Munique uma série de caixas que custam menos de 2500 dólares e que foram uma das grandes surpresas do evento! Jones, quando aceitou o desafio de produzir as caixas mais baratas do mercado, com um desempenho de alta qualidade, exigiu que sua equipe tivesse controle total do projeto, da escolha dos fornecedores e ao desenvolvimento dos falantes e crossover.

Jones, em uma entrevista recente a uma publicação polonesa, afirmou que todos os seus projetos de caixas acústicas são pensados de fora para dentro, começando pelo gabinete, litragem e principalmente como ela será usada pelo consumidor em seu sistema. Para a linha SP-FS, ele partiu de um design curvo do gabinete, para redução de ondas estacionárias dentro dele, mas também pela facilidade de ser colocada em qualquer ambiente, fosse ele acusticamente tratado ou não.

Definido o gabinete, ele trabalha simultaneamente no desenvolvimento do crossover e na escolha dos alto-falantes. A coluna SP-FS52 utiliza um crossover minimalista de alta qualidade com apenas 8 componentes. Desde o princípio Jones descartou (para baratear custos) uma coluna de duas vias e meia, como é muito comum nesse segmento do mercado. Ele quis oferecer ao público uma coluna de três vias com dois woofers de 5-1/4 polegadas, um falante de médio de 4 polegadas e um tweeter de 1 polegada de domo de tecido.

Os falantes foram desenvolvidos pela equipe de engenheiros da Pioneer sob supervisão de Jones, e o grande pulo do gato foi a rigidez do cone, com uma maior ventilação, para uma melhora significativa na resposta dos graves. O falante de médios também utiliza um cone rígido, porém de baixa massa, para uma resposta linear dos médios-graves aos médios-altos. O cuidado com o tweeter domo foi aumentar a eficiência do mesmo, para que tocassem mais alto, usando menos energia.

Pronta a caixa, passou por diversos testes de audição antes de ser colocada em produção. Não contente com o resultado, Jones resolveu fazer mudanças, para que o falante de médio e o tweeter ficassem mais ►

ÁUDIO

próximos do nível do ouvido do usuário. Com isso o gabinete cresceu em altura mais 8 cm. Sua resposta é de 40 Hz a 20 KHz, impedância nominal de 6 ohms, potência máxima admissível de 130 watts, corte de frequência em 250 Hz e 3 kHz, e cada caixa pesa 11,7 kg.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: sistema Quad Antera (leia Teste 1 na edição 231), amplificador Sunrise Lab V8 MkIV e integrado Luxman L-590AX MkII. Cabos de caixa: QED Signature e Sunrise Lab Reference. Fonte digital: Mark Levinson Audio Player n°519 e Audio Player Quad Antera.

Seu tempo de amaciamento é obviamente maior do que da bookshelf porém como acontece com a bookshelf, ela também já sai tocando muito graciosamente. Falta extensão nos dois extremos, maior velocidade e melhor tridimensionalidade, mas já é muito interessante acompanhar sua evolução. A SP-FS52 necessitou de 250 horas para seu completo amaciamento. Depois desse período, a única mudança foi de uma sutil melhora no recuo dos planos, com 320 horas. Portanto é uma caixa que pode sim ser desembalada e ir diretamente para o 'centro das atenções'.

Tinha uma certa expectativa em relação a esse modelo, depois de me surpreender tanto com a bookshelf, porém não imaginei que ela superaria a todas as minhas expectativas! Posso dizer que vivi para ver uma coluna de menos de 2000 reais tocar como uma coluna hi-end que custa até quatro vezes seu valor! Incrível e emocionante!

É uma caixa com inúmeras qualidades: fácil de tocar e o faz com muita qualidade e fidelidade. Sua assinatura sônica é quente, com boa transparência e extremos com bom decaimento, corpo, peso e velocidade. Vozes e instrumentos acústicos soam naturais e com enorme coerência. Os graves descem com autoridade e mesmo em crescendos muito complexos não perdem a inteligibilidade do acontecimento musical. Mesmo em nossa sala, se comportaram dignamente e quando ligadas a nossa sala de home-theater com 12 m², eliminou por completo a necessidade do uso de subwoofer, tanto para shows como para filmes.

Ela não se acanha com nenhum gênero musical e gosta de tocar com os volumes próximos ao ideal de cada gravação. Mesmo com uma sensibilidade de 87 dB, nenhum dos amplificadores usados teve dificuldade de conduzi-las. Seu soundstage é muito correto, tanto em termos de altura e largura como de profundidade. Bem posicionadas parecem estar desligadas, e gostam de um pouco de toe-in.

Na nossa sala de referência, ficaram com 25 graus viradas para o ponto de audição com 1 metro das paredes laterais e 1,40 da parede às costas das caixas. Na sala de home ficaram a 0,80 cm das paredes laterais e 0,95 cm da parede às costas das caixas, com 15 graus voltados para o ponto de audição. Para um soundstage com melhor definição de planos e profundidade, o ideal é que elas trabalhem com pelo menos 2,80 m de distância entre elas.

Seu foco e recorte são muito bons. Com pequenos grupos é possível 'ver' o posicionamento de cada músico entre as caixas. Outra qualidade muito rara em caixas mais de entrada é na apresentação da

altura correta dos músicos, pois em muitas caixas parece que os músicos estão sempre tocando sentados - na SP-FS52 isso não ocorre. Se o músico ou o cantor está em pé, você observará perfeitamente a altura.

É uma caixa com excelente resposta de transientes, o que nos permite acompanhar tempo e ritmo sem necessidade de esforço adicional algum. E sua macro-dinâmica, meu amigo, é incrível tanto pelo seu tamanho, como pelo seu preço. Achei que em alguns exemplos fosse desintegrar seus falantes. Mas nada disso ocorreu, pois além de aceitarem sem nenhum constrangimento tais exemplos, o peso e energia dessas faixas foram reproduzidos com grande autoridade. Falo de obras sinfônicas como Sagração da Primavera, Sinfonia Fantástica e Quadros de uma Exposição. Com o volume correto, foram audições com enorme inteligibilidade e conforto auditivo! Sua micro-dinâmica, graças à sua correta transparência, também é de bom nível. Claro que para uma performance melhor neste quesito, seria necessário um maior silêncio de fundo, mais aí entramos nas questões de inércia dos gabinetes, o que não se pode ainda conseguir nessa faixa de preço. Porém, acreditem nada que desabone a apresentação de micro-dinâmica.

Outra grata surpresa: apresentação do corpo harmônico. Para aqueles que clamam por uma apresentação coerente quanto ao tamanho aproximado de cada instrumento, acharam a caixa. Outro dia um novo leitor me pediu um exemplo de gravação com bom corpo harmônico para entender como funciona este quesito em seu sistema. Sugerí vários CDs de quarteto de cordas, pois para quem está iniciando seus passos na audiofilia, fica mais fácil de entender este quesito ouvindo na prática. Também sugeri o nosso CD Timbres, pois lá temos diversos instrumentos acústicos e fica fácil observar o corpo (tamanho) do instrumento como o violino, cello e o contrabaixo acústico. Ele, depois de ouvir o CD Timbres, me ligou decepcionado dizendo que no sistema dele os três instrumentos (violino, cello e contrabaixo acústico) soaram com o mesmo tamanho, mesmo sua caixa sendo uma coluna de três vias. Disse para ele não desistir, pois mesmo em sistemas muito mais caros isso também ocorre, principalmente se os CD-Players forem mais antigos, pois essa sempre foi uma das maiores limitações do CD-Player. Tanto que a primeira coisa que um leigo observa ao escutar um setup bem ajustado analógico, é como no vinil tudo soa maior!

Voltando ao teste, a SP-FS52 possui excelente resposta de corpo harmônico. Orgão de tubo, tímpanos, trompas, piano em gravações solo, nos fazem balançar a cabeça e pensar como essa simplória coluna consegue tamanho feito! O que mais admiro no projetista Andrew Jones é que ele consegue um grau de equilíbrio muito preciso, fazendo com que as qualidades superem, e muito, as limitações. Já havia observado essa filosofia na bookshelf, porém nesta coluna as limitações foram diminuídas drasticamente, na mesma proporção que ampliaram-se as qualidades. Então a surpresa e o impacto são ainda maiores, pois superam de longe todas as expectativas! Mesmo no quesito organicidade, foram muito além do esperado.

Nos exemplos de vozes, fica comprovado que a limitação de preço e de componentes foram ultrapassadas. Com uma apresentação de altura correta, uma naturalidade tímbrica acima da média, só poderia resultar em uma sensação de presença física muito boa.

Some todas essas qualidades e a SP-FS52 nos presenteia com uma linda musicalidade. Quente, natural, rica e com zero de fadiga auditiva, mesmo com gravações mais limitadas tecnicamente.

CONCLUSÃO

Tirando aqueles que duvidam até da própria sombra e acham impossível um produto tão barato ser bom, acredito que nossos novos leitores ávidos por fazerem um upgrade em seus sistemas, ou dar o pontapé inicial em um sistema de melhor nível, irão querer conhecer essa incrível coluna. Em tempos de vacas magras e tantas incertezas, nada melhor que descobrir que existe uma caixa com muitas qualidades por menos de 2000 reais! Você não acha?

Ela precisa de muito pouco para você extrair todos os seus benefícios: um amplificador e uma fonte digital ou analógica coerente, um cabo de boa qualidade e uma sala no mínimo de 12 metros quadrados, até uma sala de 25 metros quadrados. Fácil de posicionar,

compatível com qualquer gênero musical (só não escutei batidão e sertanejo) até Prince ela tocou com autoridade! E uma coerência musical impecável! Excelente inteligibilidade e zero de fadiga auditiva. Se este pacote de qualidades interessa, ouça-as. Acredito que ficará tão surpreso quanto eu fiquei! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O0ADZPFWXKE](https://www.youtube.com/watch?v=O0ADZPFWXKE)

AVMAG #231

Infotel
(11) 3642.1882
R\$ 1.698 (o par)
Pode ser vendida por
unidade - R\$ 849

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA



Toca-Discos Thorens TD-309

THORENS®



QUAD Artera

QUAD
the closest approach to the original sound



Flux HI-FI
Electronic Stylus Cleaner

**FLUX
HIFI**



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

Rua do Gramal, 1753 - Loja 10 - Campeche - Florianópolis/SC
fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385



www.kwhifi.com.br

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA EMOTIVA AIRMOTIV T1

Fernando Andrette



A empresa norte-americana Emotiva, sediada em Franklin, Tennessee, começou primeiramente a atender o mercado de áudio profissional e, posteriormente, ampliou sua atuação para o mercado de home-theater e, mais recentemente, para o mercado hi-end estéreo. Dan Laufman trabalhou para muitas empresas de áudio hi-end nos Estados Unidos e viu que nas últimas duas décadas os preços estavam a subir estratosféricamente! Foi quando decidiu montar sua própria empresa e convidou alguns engenheiros especialistas a se juntarem a ele.

Desde a fundação, a Emotiva prima por produtos que possuem a melhor relação custo-performance possível, para que mais consumidores possam desfrutar de equipamentos de áudio e vídeo de qualidade. Pelo visto todo o esforço vem dando consistentes resultados, pois a Emotiva é hoje distribuída em todos os continentes e o número de dealers espalhados pelo mundo praticamente triplicou nos últimos 5 anos! Seus produtos têm recebido o reconhecimento tanto de público como da crítica especializada, e a concorrência está cada vez mais atenta a esse enorme prestígio.

No Brasil a AV Group tornou-se o importador oficial da marca e, para atacar de frente o contrabando, está com uma promoção de lançamento que praticamente acaba com o produto ilegal. Uma ótima notícia para todos que desejam ter garantia oficial de fábrica e assistência técnica profissional!

Quando a AV Group nos chamou para ouvir os produtos da Emotiva em seu show room, ficamos que nem criança em uma loja de doces, sem saber o que pegar para escutar e testar.

Achamos que pela retração do mercado, o melhor seria um conjunto composto de um integrado, um CD-Player e um par de caixas Bookshelf, e também a caixa top de linha Airmotiv T1, que pode ser utilizada tanto como caixas frontais de um sistema de home-theater, como também em um sistema hi-end estéreo. Pelo seu porte, suas especificações e o preço de lançamento abaixo de R\$ 7.000, não tivemos dúvida que deveríamos começar pela T1.

A Linha Airmotiv é composta dos seguintes modelos: a T1 é uma coluna de três vias, a B1 uma bookshelf, e a central C1. Todas utilizam os mesmos falantes, com destaque para o tweeter ribbon introduzido há alguns anos na série Airmotiv Stealth, oferecida ao mercado de pro-áudio como monitor de estúdio.

Na T1, com excelente resposta de frequência e baixa distorção, os falantes de médio de 5,25 polegadas e os dois falantes de 6 polegadas utilizam cone de tecido, sendo que o falante de médio possui um plug de metal no centro do cone para uma dispersão mais homogênea. ►

A T1 é uma caixa imponente, com 1,02 m de altura (com spikes), 22 cm de largura e 30 cm de profundidade. Seu peso é de quase 22 kg. O painel dianteiro é feito de MDF de 25 mm, com um design facetado idêntico ao monitor de estúdio deste fabricante, com o objetivo de minimizar os efeitos de difração e interações com as paredes laterais da sala de audição. As laterais e a parte traseira da caixa são feitos de HDF de 15 mm, coberto com um vinil texturizado e preto cetim.

A T1 possui quatro terminais para bi-cablagem ou bi-amplificação. O pórtyco bass-reflex é de grande dimensão e encontra-se logo abaixo dos terminais. O fabricante disponibiliza dois tipos de spike: um com borracha e outro de metal.

Como a T1 necessita de um longo amaciamento (mais de 400 horas), nossa sugestão é que a queima seja feita com os pés de borracha e, somente depois de definida a posição final das caixas, troque o spike pelo de metal.

Na nossa sala as diferenças foram enormes, principalmente no recorte, velocidade e inteligibilidade das baixas frequências. As especificações técnicas também impressionam: resposta de 37 Hz a 28 kHz (+3/-3dB), eficiência de 88 dB (2.83 V/1m), potência nominal de 150 watts, pico de 300 watts e impedância de 4 ohms.

As caixas vieram com menos de 20 horas de uso. Fizemos uma primeira avaliação com o sistema da Luxman (leia Teste 1 na edição 232) e, como toda a região média estava muito proeminente, deixamos a T1 em queima por 100 horas antes de escutá-la novamente. Aos marinheiros de primeira viagem que começaram a nos ler recentemente: todo produto necessita de amaciamento. Caixas acústicas principalmente! Pois possuem componentes eletrônicos (crossover) e mecânicos (suspensão e cone dos alto falantes) - ambos necessitam de amaciamento.

Para o teste utilizamos nosso sistema de referência e o pré e power da Luxman. Cabos de caixa: QED Signature e Reference da Sunrise Labs.

Com 100 horas os graves já se mostraram com enorme extensão, peso, energia e excelente corpo, contribuindo para que o desequilíbrio na região média, que estava muito presente, melhorasse drasticamente. Porém os agudos continuaram recuados e engessados. Como tínhamos data para devolver o par de Luxman, resolvemos colocar a T1 para continuar o amaciamento com a eletrônica Emotiva (integrado e CD-Player) e só voltamos a escutar as caixas com 200 horas. E como essas 200 horas fizeram bem para a T1! Os agudos finalmente ganharam extensão e principalmente corpo, o que fez com que os médios se equilibrassem ainda mais.

Diria que, para os loucos por mostrar para os amigos sua nova aquisição, 200 horas é o mínimo, para não se passar vergonha! Porém, se aceitas um conselho, espere 400 horas, pois a diferença não é



apenas significativa, é essencial! Com 400 horas a caixa possui um outro (e muito melhor) equilíbrio tonal, pois os médios finalmente se encaixaram e o grau de naturalidade e conforto auditivo é ampliado exponencialmente! Antes desta longa queima, a sensação é que em muitas gravações os médios possuem mais luz do que o necessário, o que pode levar a uma conclusão errada sobre a T1. Ela realmente possui uma região média muito aberta e transparente, porém, depois de amaciada, com os extremos a se encaixarem, as audições se tornam muito agradáveis e sem nenhuma fadiga auditiva.

Seus agudos são suaves, com um decaimento muito correto. E o que encanta é a velocidade dos agudos e a naturalidade. No outro extremo, os graves são surpreendentes e possuem uma autoridade e energia difícil de se ouvir nessa faixa de preço e tamanho de caixas! Você chega a duvidar que a caixa consiga tamanho controle de baixas frequências com um corpo tão verossímil (principalmente na reprodução de órgão de tubo).



ÁUDIO

O palco sonoro não é tão profundo e nem tão largo, já a altura é muito boa. Com isso os planos na reprodução de música sinfônica sempre se mostraram com menor arejamento entre os instrumentos. Já para grupos menores o foco e recorte foram muito bons.

A T1 é uma caixa com excelente resposta de transientes e uma dinâmica fabulosa para o seu tamanho e preço. Ouvimos gravações realmente 'encardidas', com variações dinâmicas muito intensas e com pressões sonoras próximas de 98 dB de pico nos fortíssimos, e a T1 aguentou sem nenhuma fadiga ou endurecimento do acontecimento musical.

Os nossos leitores de longa data devem ter estranhado eu não ter falado do posicionamento das caixas em nossa sala. É que eu as testei em duas posições bem distintas, para ver como os graves se comportavam: mais afastadas das paredes e mais próximas. Seu comportamento em termos de equilíbrio tonal é muito diferente dependendo da posição. E isso me levou a entender o objetivo do fabricante de manter os médios da caixa com mais 'luz', pois dependendo do posicionamento da caixa na sala essa 'luz' adicional nos médio-altos se torna essencial para o correto posicionamento da caixa na sala. Explico: como o pórto da caixa é enorme e virado para trás, todo o cuidado com o posicionamento da caixa em relação à parede nas costas e a parede lateral definirá se o usuário terá um grave limpo ou borrado. Se você gostar de um grave mais cheio, deve aproximar a T1 da parede as costas até o limite de não perder a inteligibilidade. Quando achar este ponto, perceberá que o médio-alto também se encaixou, e aquela 'luz' adicional recua como mágica! Com a caixa mais afastada da parede as costas, dependendo da gravação o médio-alto pode voltar a se apresentar mais proeminente. Então, amigo leitor, tudo é uma questão de administrar o posicionamento correto da T1 para o seu gosto e a acústica da sala.

Em nossa sala de teste, para fechar o teste, utilizamos a T1 afastada 1,20 da parede as costas da caixa, e 1,40 das paredes laterais, com a caixa virada suavemente para o ponto de audição (20 graus). Só depois de acharmos a posição ideal é que substituímos os pés de borracha pelo spike de ponta. Aí uma surpresa: os graves secaram e perderam corpo. Conseqüentemente, o médio-alto voltou a se tornar proeminente, o que nos levou a reposicionar as caixas, para 1,08 m da parede as costas das caixas e 1,32 das paredes laterais e um novo ângulo das caixas, em relação ao ponto de audição, de 25 graus. Assim pudemos passar toda a metodologia e fechar a nota.

Para um leigo pode parecer um trabalho hercúleo. Acredite em seus ouvidos e numa boa dose de paciência, e discos bem gravados, e você chegará lá no posicionamento correto de suas caixas (desde que a acústica da sala não seja uma catástrofe, é óbvio).

Com esses ajustes finais pudemos desfrutar de audições com um grau de inteligibilidade excelente e uma fadiga auditiva nula (mesmo com longas horas de audição).

CONCLUSÃO

Quando você entra no site de uma empresa e lê seus compromissos éticos profissionais, por mais que o seu desejo seja acreditar que aquilo que você está lendo é verdade, sempre fica uma dúvida no ar: será mesmo?

Aí como a comunicação hoje em dia é instantânea você busca ouvir a opinião daqueles que já se aventuraram e aceitaram o desafio de conhecer o produto e estão ali dando o seu testemunho. Você então consegue ter uma ideia mais precisa se aquela empresa conseguiu ou não conquistar uma fatia de mercado.

A Emotiva está há 12 anos no mercado. Isso quer dizer no mínimo uma coisa: eles estão acertando muito mais do que errando, pois uma década é tempo suficiente para se saber se algo é um engodo ou se é para valer! E ainda que existam também críticos, o número de usuários satisfeitos com a marca e seus produtos é muito mais relevante. Estou há muito tempo neste mercado para saber uma coisa: os oportunistas em um mercado tão competitivo como o hi-end, não sobrevivem por muito tempo. Podem até ter seus dois anos de fama, mais depois sucumbem.

Construir uma caixa como a T1, que no mercado americano custa menos de 1000 dólares, com essa performance tão consistente é para poucos. E ainda conseguir tanto atender ao mercado mais sofisticado de home-theater como ao de áudio estéreo hi-end, é um belo e significativo desafio. E, acredite, a T1 encara e vence esse desafio.

Para os que desejam uma caixa capaz de tocar qualquer estilo musical, trabalhar em salas de 12 m² até em salas com mais de 30 m², com autoridade e graciosidade, devem ouvir a T1 com muito interesse, pois ela se mostra uma opção muito segura para todos que desejam uma performance hi-end com preço de caixa mid-fi. Os cuidados são os básicos: sala que permita resposta abaixo de 40 Hz e uma amplificação no mínimo de 100 watts por canal, cabos de preferência de puro cobre e o mínimo de 1 metro no posicionamento das caixas em relação às paredes. Com esses cuidados o resultado será muito gratificante, acredite! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G5YZH5RE6WQ](https://www.youtube.com/watch?v=G5YZH5RE6WQ)

AVMAG #232

AV Group
 (11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
 Preço sob consulta

NOTA: 82,5



ESTADO DA ARTE

CAIXA ACÚSTICA JBL PROJECT K2 S9900

Fernando Andrette

Existem produtos que entram na nossa esfera de interesse no momento em que lemos ou apreciamos uma imagem bem detalhada. Foi exatamente o que ocorreu quando, alguns anos atrás, vi um artigo na revista japonesa Stereo Sound da caixa top de linha da JBL a Everest DD6600. Ainda que não tivesse entendido nada do que disseram da performance da caixa, pela quantidade de páginas dedicadas ao produto, deu para perceber o quanto ela impactou os editores.

A revista Audio alemã meses mais tarde também a colocou no topo do ranking das caixas hi-end e o mesmo aconteceu em outras publicações importantes do mercado Europeu. Voltando ainda mais no tempo, lembro-me também de um teste na Hi-Fi News, se não me engano de 2002, muito efusivo, descrevendo as qualidades da Project K2 S9800SE, como uma caixa que alçava a JBL na linha de frente das caixas Hi-End de ponta. Por se tratar de uma marca com inúmeros admiradores tanto na área de pró áudio como também de audiófilos, acompanhei de perto a tentativa de inúmeros importadores de comercializar a linha Project no Brasil, mas sem sucesso.

Quando a AVGroup me disse que, na sua tratativa comercial com o grupo Harman, estava inclusa a distribuição da linha Project da JBL, tive a certeza que finalmente teríamos a possibilidade de ouvir, testar e entender o motivo do mercado japonês ser o maior e mais fiel consumidor dos modelos DD66000 e da K2 S9900 (mais de 70% desses dois modelos são fabricados para esse mercado). Ambos os modelos em termos de design nos remetem imediatamente aos anos 60 - mas não se engane, pois por de trás desse design retro, esconde-se muita tecnologia de ponta.

Os alto-falantes da linha Project da JBL, assim como toda a eletrônica Mark Levinson, vêm da mesma divisão de AV da Harman Internacional, e são projetados, montados e vendidos às dezenas, quase que em uma produção artesanal. A empresa dinamarquesa de design Dan Ashcraft foi encarregada da tarefa de criar um visual para a K2 S9900 que mantivesse características da sua antecessora, a K2 S9800, mas com as cornetas de médio e agudo com painel curvo e ampla abertura frontal como na Everest.

Muitos devem estar se perguntando o motivo de ser 9900. A resposta é simples, é a nona geração dos falantes Project, desde que os primeiros falantes dessa linha especial surgiram na década de 50. O gabinete utilizado é curvo tanto na frente como na parte de trás, os painéis de MDF de 25 mm de espessura são formados utilizando duas camadas de MDF totalmente desacoplados um do outro, com ranhuras preenchidas com uma espuma e cola.

Seu acabamento em laca de piano é simplesmente deslumbrante e suas curvas com ampla abertura das cornetas, criam um visual atraente e que ainda com uma largura considerável, não se torna agressivo e nem tampouco intimidada o ouvinte com suas dimensões. Cada caixa



PRODUTO DO ANO
EDITOR



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PYQ5XJOICC8](https://www.youtube.com/watch?v=PYQ5XJOICC8)

ÁUDIO

pesa 82 kg e possui um woofer de 15 polegadas com cone de papel, imã de Alnico e bobina de 100 mm, com estrutura fundida pesando 16 Kg. Completam uma corneta de Sonoglass com diafragma de magnésio de 4 polegadas para os médios e uma corneta com diafragma de berílio de 1 polegada para as altas frequências. As placas de crossover são separadas para cada corte de frequência e ficam na base do gabinete. O crossover possui corte em 900 Hz (24 dB / oitava) e 15 KHz (24 dB / oitava). A resposta de frequência é de 48 Hz a 50 KHz (-6 dB), a sensibilidade é de 93 dB (2.83V / 1m), a impedância nominal é de 8 Ohms, com 7 Ohms mínimo à 100 Hz. Suas dimensões são 560 mm x 1200 mm x 350 mm.

No painel traseiro as conexões estão todas em uma carcaça de alumínio fundido sob pressão, com dois controles de nível para presença e altas frequências com ajuste para -0,5 dB, 0dB e +0,5 dB. E dois terminais para bi-amplificação. O gabinete é apoiado em quatro pés de aço inoxidável com ponta ou opção de sem ponta para pisos de madeira ou carpete.

As caixas vieram com apenas 50 horas de amaciamento. Procurei informação sobre o tempo indicado pelo fabricante, mas houve controvérsias, assim instalamos a Project em nossa sala de referência e a colocamos em substituição a nossa caixa de referência, a Kharm Exquisite Midi. Nessas horas que vemos o quanto somos feitos de 'pré-conceitos': achei que por ser uma caixa tipo corneta e estar com apenas 50 horas de amaciamento, elas estariam inaudíveis nas altas frequências. Queimei meu par de orelhas e a língua, pois saíram tocando magistralmente bem! Sem nenhum resquício de gritaria nas altas frequências, desconforto ou desequilíbrio tonal.

São belas, suntuosas, grandiosas e corretas em todos os exemplos que ouvimos. Animado e desconcertado, estendi mais um pouco essa primeira audição e coloquei discos que jamais escuto nesse primeiro contato, de tão impactante que ele foi. O único 'inconveniente' foi não ter um bom foco nesse primeiro momento, pois com sua enorme abertura frontal, seu posicionamento merece enorme cuidado, o que obviamente deixei para depois, já que precisava primeiro descobrir o quanto seu equilíbrio mudaria com amaciamento.

Fiz todas as anotações e as deixei amaciando por 100 horas, já que tinha que dar continuidade ao teste do pré de fone da Luxman (leia Teste 2 na edição 227). O sistema utilizado em todo o teste foi o nosso de referência (Power Hegel H30, pré-amplificador Dan D'Agostino, sistema digital Scarlatti da dCS, toca disco Air Tight, braço SME V, cápsula PC1-Supreme, pré de phono Tom Evans, cabos Sax Soul Agatha no setup analógico, XLR Transparent Opus G5 no setup digital até pré Dan D'Agostino, e XLR Sax Soul Agatha entre o pré de linha e o Power. Cabos de força todos Transparent PowerLink MM2, exceto no pré de phono: Sax Soul Agatha.

Com quase uma semana de teste, nos chegou o pré-amplificador top de linha da Mark Levinson 526 e os powers monoblocos 536 (ambos os testes serão apresentados na edição de abril e maio). Como o tempo era curto, ouvi a K2 S9900 apenas por dois dias ligada ao

conjunto Mark Levinson. Portanto, aos interessados pela sinergia da JBL com a eletrônica Mark Levinson, sugiro que tenham um pouco de paciência e aguardem as duas próximas edições que poderei então ser mais detalhista.

Trabalhei por quase uma década em estúdios de gravação com monitores JBL 4343 e 4345. Tenho que confessar que não foram os meus monitores de estúdio favoritos, nunca apreciei seu equilíbrio tonal nas médias altas e altas frequências., tanto que sempre precisei utilizar protetor auricular para ficar na sala acompanhando mixagem e masterização. Então, quando comecei a ler avaliações da S9800SE na década passada, por experientes articulistas, de que essa caixa da linha Project não possuía a assinatura sônica dos monitores JBL, comecei a me interessar em ouvir. Este dia então finalmente chegou, e não poderia ser mais promissor, já que tanto a nossa sala de referência como o nosso sistema estão impecavelmente ajustados.

Com 150 horas de queima, foi possível observar o quanto o falante de 15 polegadas precisa de queima, ele ganhou extensão, peso e a região médio / grave mais corpo. Com essa mudança, o que já tinha sido gratificante na primeira audição, tornou-se ainda mais sedutor e convidativo. E passei a explorar essa melhora, com a audição de discos de órgão de tubo, solos de bateria e grupos de percussão.

Outra mudança muito bem vinda foi na profundidade da imagem sonora, que se beneficiou com a maior extensão dos graves e um melhor recorte das baixas frequências. Mas minha experiência com cornetas me dizia que uma queima de pelo menos 350 horas seria muito bem vinda, e foi o que fiz: deixei mais 150 horas em amaciamento para ver o que mudaria nos médios altos e nos agudos. Com 300 horas diria que tivemos uma ideia exata de todo o potencial da caixa, pois as melhoras foram significativas em todos os quesitos da nossa metodologia. Começaria por destacar foco, recorte e profundidade. Essas caixas possuem a capacidade de recriar palcos muito, muito largos e com enorme profundidade. Seu foco e recorte são cirúrgicos, possibilitando o ouvinte desfrutar de planos e mais planos, como se estivesse em uma sala de concerto! A altura não é tão impressionante, mas é muito correta e também verossímil nas gravações audiófilas.

Outra melhora gritante é na velocidade e decaimento nos dois extremos do espectro audível. Pratos e ambiência se tornaram tão detalhados e presentes que nos fizeram descobrir em inúmeras gravações que o tempo de decaimento, antes do silêncio era bem maior do que estávamos acostumados a escutar. Mas, a melhora mais impressionante foi na região média, com uma apresentação do acontecimento musical de forma muito presente, explícita sem no entanto ser fatigante em momento algum. Detalhes de técnica vocal, sustain de pedais de guitarra, chaves de instrumentos de sopro, tudo que se esconde por de trás das camadas harmônicas, aparece de forma tão consistente que a sensação é que a micro dinâmica ganhou maior relevância em todo o acontecimento musical!

Nesse quesito, micro-dinâmica, é a caixa mais 'perturbadora' que escutamos nos vinte e um anos da revista! Nada passa despercebido, ►

mas tudo dentro do contexto sem tirar a atenção do todo. Interessante que no teste publicado em uma revista sueca, o articulista também teve esse choque ao escutar micro-detahes em gravações que ele julgava conhecer integralmente e cita passagens em discos seus de cabeceira detalhes que ele jamais havia escutado em caixa nenhuma. Para os aficionados por precisão e detalhe esta caixa os deixará malucos, pois ela consegue jogar luz nas cavidades mais sombrias ou propositadamente 'escondidas' pelo engenheiro de gravação no momento da mixagem. Ouvi dezenas de gravações em que os defeitos emergiram como boias, mostrando micro-desafinações, vaciladas na digitação e até mau gosto mesmo na escolha de um determinado efeito sonoro.

Outra grande qualidade da K2 S9900 é a resposta de transientes. Meu amigo, caixa de bateria é um tiro não uma baqueta esmurrando a pele com a esteira fechada. É tão preciso que a sensação é que estamos a um metro de distância do baterista! E como a S9900 adora tocar alto, os amantes de volumes consideráveis se sentirão no céu! A única ressalva que faço, é que para se ouvir em volumes mais altos será preciso uma sala de no mínimo 40 m², pois do contrário os médios podem começar a soar duros.

Falando em distância ideal, me animei tanto em falar dos atributos da caixa que me esqueci de dizer como elas ficaram posicionadas em nossa sala. Como sua profundidade é pequena (menos de 40 cm), elas podem ficar mais próximas da parede às costas. Mas pela sua largura, é prudente que elas fiquem o mais distante possível entre as caixas e também em relação às paredes laterais. E elas gostam de toe-in, mas não muito acentuado.

Depois de um dia de avaliação de posicionamento, chegamos a 1,20 m da parede as costas da caixa, 4,00 m entre elas e, também 1,20 m das paredes laterais. Elas ficaram com 30 graus, viradas para o ponto de audição, e depois que estavam com 450 horas de amaciamento, diminuímos o ângulo para apenas 20 graus. Com essa diminuição, obras sinfônicas, ganharam melhor plano lateral e recorte e foco ainda mais precisos. Outra dica é que ela chegou a trabalhar mais distante da parede as costas da caixa (1,80 m), mas perdemos peso e corpo nos graves profundos. Por isso optamos pelo 1,20 m. Ainda que a distância entre as caixas seja mais importante, achar o ponto ideal para a resposta dos graves possibilita que a assinatura sônica e o equilíbrio tonal da caixa sejam magníficos! E mais crucial ainda é que o ouvinte esteja pelo menos a 3,5 m de distância das caixas, do contrário esqueça abusar do volume. Em nossa sala ficamos a 4,60 m das caixas, o que permitiu todo tipo de 'abusos' - já que a caixa gosta realmente de tocar alto.

Em relação aos ajustes de presença e ganho nas altas frequências, ambos ficaram em flat, pois achamos que o resultado foi sempre ruim acentuando ou diminuindo o ganho. Talvez em eletrônicas com menor grau de transparência ou resposta no extremo alto, seja viável o uso desse recurso. Mas não foi de maneira alguma o nosso caso.

Não testamos a possibilidade de bi-amplificação (ainda que tivéssemos outro amplificador de alto nível a disposição). Talvez quando estivermos iniciando o teste dos monoblocos da Mark Levinson, se ainda estivermos com a JBL, façamos a bi-amplificação. Mas, sinceramente, pelo grau de performance atingido, não senti sequer a necessidade de experimentar tal opção.

CONCLUSÃO

Dizer que foi a melhor JBL que ouvi em toda a minha vida é pura redundância - e pode soar até estranho, já que deixei claro que não morro de amores pelos monitores JBL. Mas, por outro lado, demonstra o quanto essa linha Project me cativou e impressionou. Está entre as cinco caixas hi-end Estado da Arte que mais me impactaram, e mudaram minha opinião a respeito deste fabricante. Mas também minha opinião em relação às caixas tipo corneta, pois ainda que visse muitos atributos nessa topologia, tinha também restrições principalmente ao timbre de vozes. Tudo isso foi por água abaixo depois de ouvir a Project K2 S9900. Sua performance é de tão alto nível em todos os quesitos de nossa metodologia, que apenas recomendar essa caixa não seria justo. Então vale 'grifar' aspectos que acho que são muito importantes e não podem passar batido.

Começaria por destacar sua sensibilidade e sua impedância, ambas extremamente amigáveis com qualquer tipo de amplificador (single-ended ou transistorizado). Seu design e sua facilidade em se posicionar mais próximo da parede às costas, graças a sua pouca profundidade. Sua recuperação de micro-dinâmica, que nos permite detalhar e entender o que realmente ocorreu no momento da gravação e desfrutar tudo isso novamente em nossa sala de audição. Sua velocidade, facilidade em tocar alto sem falta de equilíbrio, e seu maior mérito: ser transparente sem perder calor, beleza e musicalidade. É uma pena não estar mais com o amplificador da Air Tight (qualquer modelo), pois acredito que o casamento seria dos deuses!

Ou pelo menos o Audiopax Maggiore (a cada audição ficava imaginando o que seria esse casamento com qualquer um desses amplificadores), pois pela facilidade com que essas caixas tocam o audiofilo ou melômano pode ampliar seu leque de eletrônica exponencialmente! E, o mais subjetivo, mas não menos importante: seu DNA de monitor de estúdio, sem nenhum dos defeitos de muitos monitores, que é um som mais duro e frontalizado. Nada disso! A Project K2 S9900 é uma caixa hi-end que coloca a JBL entre os melhores fabricantes de caixas Estado da Arte da atualidade.

Se você deseja ouvir caixas desse nível com características desconcertantes, e possui sala e eletrônica condizente, escute-as. Garanto que você não irá se arrepender! ■

AVMAG #227

AV Group
(11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
R\$ 353.578

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA REVEL ULTIMA SALON 2

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
MAG

Em recente evento da AV Group realizado em São Paulo para revendedores e instaladores, tive a oportunidade de escutar por alguns minutos em uma sala, com no máximo 20 m², a Salon 2 tocando com um sistema Mark Levinson. Uma sala sem nenhum tratamento acústico e uma Salon 2 sem nenhum amaciamento, chamou a atenção por dois aspectos: seu controle de graves em uma situação tão precária e o detalhamento de todo o acontecimento musical. Ouvi quatro ou cinco trechos de músicas, e ainda que com restrições por falta de amaciamento, sai daquele primeiro contato com a certeza que o potencial da caixa sequer tinha sido apresentado.

Eu não tive muito contato com a Salon 1, a não ser na casa de um leitor muitos anos atrás quando tive a oportunidade de escutar a caixa por algumas horas. A sala era em 'L', com uma janela do lado esquerdo e um corredor do lado direito, que impediam de ouvir planos, foco e recorte corretos. Em algumas gravações havia um buraco entre as caixas, mas com a Salon 1 totalmente amaciada foi possível detectar inúmeros dos seus atributos, como uma excelente dinâmica, transparência presente mesmo em gravações tecnicamente mais limitadas, um enorme arejamento e uma apresentação impecável de ambiências. O tweeter nas costas da caixa certamente era o responsável por esse arejamento e detalhamento da sala de gravação. Os graves também me pareceram muito corretos e com uma energia, peso e deslocamento de ar muito impactantes (física e auditivamente).

Quando a Revel lançou a Salon 2, a expectativa de mercado foi muito grande, pois a nova versão estaria a substituir uma caixa realmente consagrada pelo mercado e amada por inúmeros articulistas e audiófilos. Para os engenheiros da Revel, a Última Salon 2 é a expressão máxima do que a tecnologia pode apresentar de mais moderno e eficiente em termos de caixas acústicas hi-end. Tudo é novo nesta geração, a começar pela aparência muito mais elegante em termos de apresentação. Ainda que seja uma caixa de grande volume e peso - 1,35(A) x 35,6(L) x 58,4(P) cm e 80 Kg - com as opções de acabamento em Mogno ou Black Piano, ela não destoa de ambientes sofisticados e modernos.

Em relação a sua antecessora a Salon 2 ficou mais alta, mais leve e menos pesada. É uma caixa de quatro vias com três woofers de 8 polegadas, um mid-woofer de 6.5 polegadas, um mid-range de 4 polegadas e um tweeter de 1 polegada. Sua impedância é de 6 ohms (mínimo de 3.7 ohms), sensibilidade de 86.4 dB, cortes de frequência em 150 Hz, 575 Hz e 2.3 kHz. Sua resposta de frequência é de 23Hz a 45kHz.

Os falantes são todos novos. As unidades de médio-grave e médio-alto usam diafragmas de titânio (material escolhido segundo o fabricante por sua maior resistência à tração e linearidade de resposta). Para aumentar o desempenho magnético os engenheiros optaram por

ímãs de neodímio e cones de alumínio, escolhidos pela facilidade em que reduzem a distorção de segundo harmônico.

O tweeter com cúpula de berílio possui muito baixa densidade e muito alta rigidez, podendo alcançar resposta linear até 50kHz: duas vezes mais alto que o tweeter de alumínio da Salon 1. Com este novo tweeter, os engenheiros chegaram à conclusão que o tweeter traseiro da Salon 1 não seria mais necessário na nova Salon 2. Os woofers também usam cones de alumínio pela rigidez e baixa massa, possibilitando uma resposta mais precisa e linear. Foi definido também o uso de placas de crossover separadas para cada uma das quatro faixas de frequência, para evitar distorção ou interferência magnética.

As ligações são ponto a ponto soldadas e grandes indutores de núcleo-ar são usados em cada placa. Os grandes terminais da caixa possibilitam o uso de bi-amplificação ou bi-cablagem, se assim o usuário desejar. No painel de controle nas costas da caixa, o usuário terá a sua disposição dois controles rotativos para ajustar o nível de ganho do tweeter e a compensação de baixa frequência para deficiências na sala de audição. Ambos os controles possuem três posições - no tweeter são: 0, ± 0.5 e ± 1 dB. E no controle de baixa frequência, a resposta dos graves pode ser limitada em 5dB de 30 a 50Hz, ou mantida flat. O duto de bass reflex da Salon 2 é apontado para o chão, por isso sua base possui aberturas na frente, atrás e dos lados. Como na nossa sala é acusticamente tratada, utilizamos durante todo o teste, ambos os ajustes em flat. Apenas por curiosidade 'brincamos' com os ajustes, ao final de nossa avaliação, para ver como o equilíbrio tonal da caixa era ou não alterado.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos - amplificadores: Hegel H30 e monoblocos Mark Levinson N°536, e integrado Luxman L-590AXII. Pré-amplificadores: Mark Levinson N°526 e Dan D'Agostino Momentum. CD Players: Mark Levinson N°519 e dCS Scarlatti. Fonte analógica: toca-discos Air Tight Acoustic Masterpiece, braço SME Series V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme. Pré de phono: Tom Evans Groove+. Cabos de interconexão: Kubala-Sosna Elation (RCA), QED Signature 40 (RCA), SaxSoul Ágata (RCA e XLR) e Transparent Opus G5 (RCA). Cabos digitais: Transparent Reference e Crystal Cable Absolute Dream (AES/EBU). Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Reference G5 e SaxSoul Ágata. Cabos de Força: Chord Sarun, SaxSoul Ágata, Transparent Opus Power Cord (leia teste 3 na edição 229) e PowerLink MM2.

A Salon2 veio para teste com apenas 50 horas de amaciamento e pela nossa experiência recente com a Revel F208 Performa3, para iniciar o teste deveríamos dar a ela no mínimo 500 horas de amaciamento. E foi o que fizemos. Após as primeiras impressões e anotações iniciais, colocamos a Salon 2 em queima, viradas uma de frente para a outra, com apenas 10 cm de distância entra ambas, um terminal ►

ÁUDIO

invertido de uma das caixas, cobrimos como nosso velho e surrado edredon e, a cada 100 horas a colocamos para uma nova rodada de audição, com os mesmos discos, mesmo setup de equipamento e cabos, e o mesmo volume. As primeiras 200 horas parecem fazer pouca diferença (o que certamente levará os audiofilos apressados a roer unhas e começar a achar que não fizeram uma boa escolha). Interessante que entre o começo da queima até aproximadamente 300 horas o que mais oscila é justamente a região média-baixa e média-alta - hora o som é mais frontal, e hora mais recuado. Essa região só estabilizou quando os graves se soltaram e ganharam extensão, corpo e peso, o que fez com que as audições se tornassem mais prazerosas e com menor fadiga auditiva.

Primeiro os médios-graves se 'encaixaram' (com mais de 300 horas de amaciamento) e, quando os médios-altos também recuaram, os agudos começaram a perder o brilho em excesso (principalmente na reprodução de pratos, flautin, saxofone soprano, etc). Mas, é um longo caminho de peregrinação auditiva antes de se atingir o nirvana! Acredite: munido de paciência, o objetivo será alcançado. Com 400 horas os agudos deram uma bela ajeitada, ganharam corpo, a extensão e decaimento se tornaram muito mais presentes e um início de arejamento e ambiência apareceu. Ainda em determinadas gravações se sentia uma certa ardência, mas a cada dia menor.

Em compensação, do baixo fundamental até os médios-altos, a transparência, a holografia, a materialização e a velocidade já nos davam um sólido vislumbre do que viria a acontecer. Como os graves já se mostraram sólidos como uma rocha com 450 horas de queima, a pilha de discos de órgão de tubo e baixos acústicos tornou nossas audições noturnas cada vez mais tentadoras. Os graves atravessavam a sala e subiam pelas pernas, nos transportando para o local da gravação. Graves com este corpo, peso, velocidade e deslocamento de ar, em nossa sala só havia escutado com as Evolution Acoustics MM3. De outra maneira, jamais consegui tamanha fidelidade na fundação da última oitava baixa de um órgão de tubo. Impressionante!

No cardápio musical, com quase 500 horas de amaciamento, entraram finalmente as gravações de percussão de instrumentos japoneses, obras sinfônicas de Bela Bartok e diversos compositores russos. Duas audições fantásticas ocorreram com a audição da Sagração da Primavera de Stravinsky (diversas versões) e Concerto para Dois Pianos, Percussão e Orquestra - gravação Philips com Marta Argerich e Nelson Freire, regência de David Zinman com a Orquestra de Amsterdã.

Com a introdução de gravações de piano solo, com 500 horas de amaciamento, começamos efetivamente a avaliação auditiva da Salon2. Raras gravações de referência ainda tinham, em algumas passagens, um resquício de dureza nas altas, mas no geral 90% dos discos da

metodologia já podiam ser reproduzidos com enorme fidelidade. Ouvindo Keith Jarrett - Paris / London Testament - me dei conta que as diferenças de acústica e da assinatura dos pianos utilizados em ambos os concertos são ainda mais nítidas (já escrevi um artigo a respeito da diferença na qualidade dessas gravações e até instiguei os leitores a darem sua opinião a respeito).

Acredito que grande parte dessa 'beleza reveladora' da Salon2 seja sua região média, que consegue a fina arte do equilíbrio entre a transparência absoluta e uma delicadeza e naturalidade emocionante. A prova mais cabal deste equilíbrio você escuta ao reproduzir vozes. São tão 'palpáveis, realistas e presentes que seu cérebro literalmente esquece se tratar de uma reprodução eletrônica. E não estou falando de gravações soberbas, falo de gravações comerciais em que apenas o engenheiro de gravação fez uma captação correta, sem firulas tecnológicas.

Mas ainda havia uma surpresa a ser apresentada, que só ocorreu com quase 630 horas de amaciamento. Foi um fim de tarde em que depois de buscar minha filha na escola, e deixar um disco da Banda Mantiqueira em 'repeat', ao sentar para escutar se finalmente os agudos haviam 'encaixados', percebi que o recuo do palco havia ocorrido de forma magistral. O foco e recorte ganharam uma precisão milimétrica, possibilitando ver e ouvir cada posição correta de cada músico na sala do Estúdio Comep (que tão bem conheço). Em termos de imagem, a Salon2 é uma das caixas que mais encantaram. Animado, resolvi fazer um último ajuste fino na posição das caixas e repassar desde o começo todos os discos da metodologia. No próprio site da Revel, seus engenheiros indicam que para se extrair uma imagem sonora 3D, a Salon 2 necessita do melhor distanciamento possível em relação às paredes laterais e às suas costas. Pela nossa experiência com colunas de grande porte, nunca a distância da parede às costas da caixa é menor que 1,30 a 1,40 m. E das paredes laterais de 1 a 1,10 m. No período de amaciamento, a Salon 2 estava a 1,35 m da parede às costas, 1 m das paredes laterais e voltadas para o centro de audição apenas 10 graus (o que permitia ter visão, do ponto de audição, de parte da lateral das caixas). Para o teste no ajuste fino, chegamos a 1,54 m da parede às costas, 1,12 m das paredes laterais e um ângulo de 20 graus, voltadas para o centro de audição. A mudança em termos de largura foi maior que a de profundidade e altura, mas em compensação o arejamento entre os instrumentos em pequenos grupos como quartetos, quintetos e sextetos foi magnífico.

A Salon 2 realmente precisa de espaço. Extrair seu magnífico potencial em termos de dinâmica e materialização do acontecimento musical (organicidade) requer salas com mais de 24 m², pois se estiverem sem um mínimo de espaço entre as paredes que a circundam, muito deste encanto e magnitude se perdem.

Em termos de velocidade é uma das caixas mais arrebatadoras que testamos. Ouvir um solo de percussão ou o pizzicato de cordas nos dá a oportunidade de perceber que muitas caixas e sistemas parecem mais lentos ou 'flácidos'. Na Salon 2 parece que o grau de atenção e precisão dos músicos é total, o que confere graciosidade e um senso de ritmo e de tempo perfeitos! O andamento parece ser muito mais inteligível e preciso - mostrei para o meu filho diversas gravações do King Crimson em que a precisão do andamento é essencial para o acompanhamento do discurso musical, e ele também ficou encantado como a caixa Salon 2 faz tudo com tão alto grau de precisão, nos entregando de bandeja um som relaxado e tão convidativo que nos leva a explorar outras e mais outras gravações, que julgamos conhecer bem!

Com 700 horas de amaciamento, eu ainda sentia falta de um pouco a mais de corpo na apresentação de pratos de condução, quando tocados mais próximo do centro do prato (pode parecer o chato querendo achar pêlo em ovo, mas é parte de nossa função, em produtos desse nível, explorar todas as possibilidades). Foi aí que me veio a ideia de esticar mais 100 horas de amaciamento para ver se esse 'nadinha a mais' vinha ou não. Como tinha que acabar o teste do integrado Luxman (leia teste 2 na edição 229) coloquei gravações com muita informação na região alta e deixei queimando para ver o que ocorria. Pois bem, com 800 horas, o corpo cresceu e no CD Black Light Syndrome, do grupo Bozzio Levin Stevens, faixa 3, na parte final do tema o baterista Terry Bozzio utiliza um set de pratos tocados na campana com timbres distintos e corpos também diferentes, dependendo da aproximação ou do distanciamento do centro. Este era o 'pêlo em ovo' que estava me incomodando. E, com 800 horas de amaciamento, a reprodução deste exemplo ficou integralmente convincente e muito similar ao que escuto em outras grandes caixas que tivemos o privilégio de ouvir.

CONCLUSÃO

Começo pelo óbvio: os 'desesperados.com', sem paciência para aguardar o imprescindível amaciamento, precisarão mudar seu comportamento se quiserem comprar a Revel Salon 2. É um trabalho zen! Ou então comprem esta que nos foi enviada para teste, que já se encontra com quase 900 horas de queima.

Ouvir a Salon 2 retirada da embalagem e querer tirar alguma conclusão das caixas é um 'crime sonoro', pois elas não expressam de maneira alguma seu enorme potencial, que desabrocha depois de integralmente amaciadas. São caixas para sistemas definitivos, em que tudo ao seu redor também já está redondo, afinado e para ouvidos também experientes que desejam extrair o último sumo de suas obras musicais preferidas. São muito exigentes com tudo, mas principalmente com dois detalhes: tamanho da sala e amplificador (já que sua sensibilidade não é alta). Seus 86.4 dB aceitaram até tocar com o

Luxman de 30 watts classe A, mas ambos ficaram muito aquém do que rendem com o parceiro certo. Elas se deliciaram com o Hegel e o Mark Levinson, pois gostam de ser conduzidas com autoridade.

Atendendo a essas duas reivindicações, o audiófilo só terá em troca uma performance incrivelmente realista e emocionante. E com uma estupenda vantagem, ombreando com caixas muito mais caras que ela! Em dias tão difíceis economicamente, essa questão se tornou central na hora de escolher um opção Estado da Arte em caixas acústicas. O retorno em termos de prazer auditivo e economia será garantido por uma dezena de anos, tenha absoluta certeza disso! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3GQLODKZOP4](https://www.youtube.com/watch?v=3GQLODKZOP4)

AVMAG #229
 AV Group
 (11) 3034.2954
contato@avgroup.com.br
 R\$ 172.052

NOTA: 98,5



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

RECEIVER PIONEER VSX-1131

Henrique Bozzo



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DMKVEPXVQQS](https://www.youtube.com/watch?v=DMKVEPXVQQS)

INTRODUÇÃO

Aos pacientes leitores dos meus testes esclareço que ao longo de duas mudanças seguidas de endereço (residencial e da Empresa), fiquei “fora do ar”, mas estou retornando a escrever após este longo período. Vamos então ao que realmente interessa, o teste do Pioneer VSX 1131. A Pioneer é uma grande marca mundial, conhecida pelos produtos de qualidade em várias áreas. Tem muito sucesso na área automotiva e náutica. Possui entretanto uma linha de áudio e vídeo bem ampla e tradicional. De fato, nunca foi perfeitamente representada no Brasil, igualmente com o que ocorre com outras boas marcas, devido ao contrabando que inviabiliza uma operação comercial sadia. De fato existe a entrada ilegal de produtos importados porque os impostos de importação, tarifas e outras taxações no nosso país são completamente absurdas.

Os representantes legais ou distribuidores tem sofrido bastante, não só pelos impostos elevadíssimos como pela concorrência des-

leal do mercado paralelo. Entretanto, a A INFOTEL DISTRIBUIDORA (www.infotelistribuidora.com.br que é o distribuidor máster para a marca PIONEER HOME AV) tem feito um grande trabalho viabilizando a comercialização legal e dando garantia de atendimento da marca no Brasil.

A Pioneer é uma empresa Japonesa de produtos eletrônicos, fundada por Nozomu Matsumoto, em 1938. Tem como uma das principais acionistas a Apple, sendo a desenvolvedora dos filtros de áudio usados nos ipods e iPhones. Produz vários tipos de produtos, como alto-falantes, CD players, DVD players, e componentes eletrônicos para uso em computadores Apple, entre outros.

DESIGN

O Receiver Pioneer tem um design e acabamento característico dos produtos japoneses, bem simples e sóbrios. Tem um robusto painel anodizado preto. Display bem visível com letras grandes e sistema de Dimmer para permitir o controle de luminosidade do painel e não atrapalhar a atenção do espectador na imagem da tela de projeção ou TV. ►

O TESTE

Depois de ligado a todas as caixas e devidamente configurado, começamos o teste com a perseguição cinematográfica de Fast and Furious. O VSX-1131 tirou de letra. Enquanto os carros rasgam através das estradas, o Receiver mostra todos os nuances de sons com fidelidade e boa separação de canais.

A mudança de engrenagens, a moagem de metal no metal, os motores rugindo e choramingando contra a tensão da perseguição furiosa - há muito detalhe para desfrutar e o caráter muscular do VSX-1131 funciona brilhantemente com um filme tão repleto de ação. Os diálogos são claramente entendidos com extrema fidelidade da voz dos atores.

Sem dúvida a imagem sonora é mais delicada que no cinema, não só pelas caixas, mas também pela delicadeza dos médios do Pioneer.

Recomendamos ligar o modo de som Pure Direct para um toque mais HiFi.

No modo stereo ouvi muitos CDs e gravações audiófilas a partir do Media Server com qualidade 192 KHz / 24 bit. Experimentei diversos generos musicais do Rock a música Clássica. O que mais me impressionou, e que chegou mais perto ao som transparente do LP foi o álbum The Dark Side of the Moon do Pink Floyd. O Pioneer gostou de tocar o Classic Rock. O segredo, no entanto, foi usar o subwoofer no modo stereo complementando o grave das caixas principais L&R.

A escala do som (faixa dinâmica) é impressionantemente grande. O amplificador de 100Watts por canal oferece uma grande quantidade de volume - e isso mesmo antes de conectarmos os canais Atmos. É maravilhosamente aberto e espaçoso, permitindo muito espaço para a extremidade superior. Permite várias configurações de caixas e três posicionamentos das caixas Atmos no forro.

Há a queda inevitável de qualidade e clareza ao transmitir músicas do smartphone através do Bluetooth e do Spotify Connect, comparado ao Media Server mas ainda há uma sensação de solidez em toda a música. Vale a pena brincar com os modos de som para alternar entre estéreo e surround, também.

Surround faz tudo parecer maior e melhor, mas o estéreo clássico encaixa tudo no lugar certo.

PRINCIPAIS RECURSOS E CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Ao ligar pela primeira vez, o Receiver nos conduz a um menu de configuração inicial bem claro e amigável. Aconselho entretanto, qualquer usuário final a ler o manual antes de percorrer as perguntas do menu inicial, ou chamar um bom engenheiro de A/V para lhe configurar corretamente o equipamento.

AUTOMAÇÃO E CONECTIVIDADE

A Pioneer disponibiliza um aplicativo para celular que faz o comando completo do Receiver via IP. Nós acabamos usando o controle remoto para funções básicas, mas o aplicativo gratuito vale a pena baixar quando você quiser tocar com as configurações de som do Receiver.

O Receiver pode se conectar na rede local e internet via WiFi ou por meio de um cabo padrão Ethernet.

O controle remoto é menor e menos esbelto que o anterior - todos os botões supérfluos (como as teclas numéricas) foram excluídos em favor de manter o controle remoto simples e



ARTE ACÚSTICA

TRATAMENTO ACÚSTICO PARA SALAS DE AUDIÇÃO MUSICAL

- Material de baixo custo •
- Acabamento personalizado •
- Rápida instalação •

FREDERICO RIBEIRO

(81) 99987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br

VÍDEO

fácil de usar. Os principais botões de navegação e volume são grandes, de forma distinta e dispostos para que seja intuitivo para usar em segundos - não temos nenhum problema em encontrar os botões certos no escuro.

O controle via uma central de automação só pode ser feito através de Ir Flasher no painel frontal ou por IP. Não há conexão de P2 IR ou interface RS-232.

ÁUDIO E VÍDEO

Dolby Atmos, suporte HDR, 4K, Google Cast até o streaming de música em alta resolução, o VSX-1131 tem tudo isso.

O VSX-1131 tem um amplificador de 7 canais com 160W por canal (a 6 ohms).

A configuração máxima de caixas de som para Dolby Atmos vai até 7.2.2 (com sete alto-falantes, dois subwoofers e dois canais de Atmos).

Aqueles que desejam experimentar o formato de som surround DTS: X também podem fazê-lo após a atualização do firmware.

Todas as conexões HDMI no Receiver suportam 4K / 60p, com as três primeiras entradas HDMI sendo HDCP2.2 certificadas - o que significa que essas entradas são capazes de reproduzir os discos recém-lançados 4K Blu-ray.

Eles também suportam os mais recentes padrões de gama de cores HDR (alto alcance dinâmico).

Junto com as sete entradas HDMI (uma das quais está na frente), a Pioneer também inclui duas entradas ópticas digitais e uma entrada coaxial (algo que seu rival Denon AVR-X2300W não inclui).

O Pioneer VSX 1131 tem duas saídas HDMI, conexões analógicas, uma tomada de fone de ouvido de 6,3 mm, uma entrada de 3,5 mm e uma porta USB para carregar smartphones.

Você não será capaz de reproduzir músicas do seu smartphone através de um cabo USB. Para ouvir as músicas do seu celular é necessário usar a conexão wireless Bluetooth ou AirPlay via banda dupla wi-fi (5 GHz e 2,4 GHz). Você pode transmitir arquivos de alta resolução até 24-Bit / 192kHz nos arquivos FLAC, AIFF e WAV através da sua rede local WiFi doméstica.

Você pode reproduzir também arquivos DSD pelo WiFi.

O Receiver Pioneer é compatível ainda com Google Cast e pode reproduzir o conteúdo a partir de qualquer aplicação compatível (como o iPlayer da BBC, o Netflix, o YouTube).

Há suporte nativo para Spotify, Tidal e Deezer.

Além de todos estes recursos, a qualidade de áudio e vídeo é excelente e o Pioneer lida muito bem com o chaveamento HDMI não

apresentando nenhum problema com os diversos dispositivos conectados, o que é bem raro acontecer devido aos inúmeros problemas do protocolo HDMI.

CONCLUSÃO

A linha de produtos VSX da Pioneer nem sempre teve o sucesso unânime da série SC-LX da linha superior. Nesta faixa de preço, altamente disputada, os seus tradicionais competidores AV são Denon e Sony, principalmente nos últimos dois anos.

O VSX-1131 pode não igualar o equilíbrio entre potência e sutileza que tanto se fala dos Receivers da linha superior SC-LX da Pioneer, mas é um excelente produto e custo-benefício.

Isso não significa que o VSX-1131 seja inferior aos seus concorrentes Denon, Onkyo e Sony. Muito pelo contrário, no meu teste se mostra bem superior.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- CDs da Metodologia de áudio
- THX Demo Disc II
- DVD AVIA PRO
- DVD - Digital Video Essentials
- Blu-ray HD Digital Video Essentials
- Blu-ray HQV Benchmark
- DVD - Limite Vertical Superbit
- Blu ray - Fast and Furious
- Blu-ray - Batman - The Dark Knight
- Blu-ray - Tony Bennett - An American Classic
- Blu-Ray - Speedway
- High Def Movies & Test Patterns - eMedia (Digital Home Server)
- Blu-ray 3D - NASA Space Station
- Blu-ray 3D - AVATAR
- USB - Conteúdo 4K LG

EQUIPAMENTOS:

- Fone de Ouvido Beyerdynamic - DT 770 Pro
- DVD / Blu-ray Oppo Digital BDP 93
- DVD / Blu-ray Panasonic BD60
- eMedia - Digital Home Server - (Blu-ray / DVD / CD / DVDAudio) Player & Media Server
- AppleTV
- Decoder NET

- Cabos e conectores: HDMI / Componente / Speakers – Supra / Van Den Hul / AcousticZen
- Cabos de alimentação: Furutech
- Filtros e condicionadores: Monster / Panamax
- Tela de Projeção – AVA PROJECTA – Revelation 100 polegadas
- Minolta CS-200 colorimeter
- Minolta LS-100 light meter
- Microfone Yamaha
- Analisador de espectro / áudio meter – HP True RTA Analyser
- dB Sound Level Meter – Radio Shack
- TV LG OLED THX 55"
- Caixa Central Dynaudio Focus
- Caixas L&R = Dynaudio Contour 3.1
- Caixas JBL Control One - surround
- Caixas Tannoy Sensys DC1
- Automação – Lutron / Crestron / iPad



AVMAG #229
Infotel
(11) 3642.1882
Preço sugerido: R\$ 5.949

NOTA: 90,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

VÍDEO

TV SONY OLED 4K XBR-65A1E

Jean Rothman



A Sony A1E é a primeira TV OLED 4K do gigante conglomerado japonês. A empresa já tinha há vários anos um monitor OLED profissional utilizado por diversos estúdios de cinema e considerado como referência em masterização e pós-produção. Mas agora a A1E é uma nova aposta da Sony no mercado de consumo com posicionamento hi-end.

A TV OLED A1E é um passo acima da grande arma da Sony a partir de 2016, aZ9 (testada por nós na edição 223). Esse modelo não está sendo substituído, mas sim continuará a ser vendido ao lado da A1E, com ambos compartilhando o status de “flagship”. O modelo testado possui 65 polegadas e é o único disponível no mercado nacional. A Sony também fabrica a A1E com 55 polegadas, mas não há previsão de chegada em nosso país.

Além da resolução 4K e das capacidades de HDR, o design é muito inovador. Principalmente pelo novo sistema de som que não utiliza falantes convencionais.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A maioria dos televisores utiliza um suporte de pedestal para manter seus painéis planos na mesa, mas a A1E da Sony utiliza um apoio traseiro semelhante a um grande porta-retratos. Visto de lado, o painel OLED ultra-fino, na verdade, recua alguns graus e fica apoiado por um suporte inclinado na direção oposta. Ele abriga as entradas, a fonte de alimentação e um subwoofer. Visto de frente, o efeito é impressionante: uma vez que o suporte é basicamente invisível, na A1E a borda inferior repousa diretamente sobre o móvel, e não há falantes visíveis. É apenas um retângulo preto minimalista, muito bonito. O suporte traseiro é um pouco espesso para os padrões das TVs atuais, fazendo com que a TV fique um pouco afastada (aprox. 7 cm) quando montada em paredes ou painéis.

RECURSOS

A Sony A1E possui o processador X1 Extreme também encontrado no modelo Z9. O painel OLED não possui fonte de iluminação como os ►

modelos LCD. Como diferencial positivo desta tecnologia os pixels se auto iluminam, e quando estão apagados proporcionam um nível de preto espetacular, comumente chamado de preto absoluto. Consequentemente, o resultado é um contraste infinito, trazendo imagens de qualidade quase insuperável e fazendo jus à fama da tecnologia OLED.

A Sony A1E continua a usar a interface de TV Android, que é compatível com o Google Cast. É ótimo se você já utiliza ecossistema do Google, pois não exige um Chromecast separado. O aplicativo de controle remoto de TV Android é um pouco básico, mas é estável e responsivo. O controle remoto é agradável, com uma parte traseira de metal e uma frente de borracha.

Na seção Smart há uma boa seleção de aplicativos. Além da Netflix e Amazon compatíveis com 4K e HDR, você também terá à disposição YouTube e Globo Play, entre outros.

A TV INTEIRA É UM ALTO-FALANTE

Então, onde estão os falantes, você pode perguntar? Apresentando uma inovação em TVs, eles são incorporados na tela com uma tecnologia que a Sony chama de superfície acústica. Pequenos transdutores atrás da tela realmente fazem com que ela vibre para produzir as frequências mais altas, enquanto que o subwoofer no suporte traseiro cuida dos graves. A vibração é imperceptível ao olho humano e não tem efeito sobre a qualidade da imagem, mas o conceito é simplesmente incrível.

O principal argumento da Sony é que seu design de alto-falante centralizado significa que o diálogo realmente parece que está saindo da boca do ator. E de fato é o que constatamos em nossos testes. A qualidade de áudio é bem superior à de outras TVs do mercado, aproximando-se bastante de um soundbar de entrada. Para uma TV deste nível nós sempre recomendamos um bom sistema com Receiver e caixas acústicas separadas.

QUALIDADE DE IMAGEM

Uma das primeiras coisas que chama a atenção é o nível de brilho. A Sony A1E é bem mais luminosa do que as TVs OLED das gerações anteriores. Os picos luminosos tradicionalmente tem sido uma preocupação com as telas OLED, mas com a A1E nota-se que houve uma sensível evolução neste quesito.

O nível de preto absoluto da Sony A1E aumenta bastante nossa percepção de contraste. As imagens ganham uma riqueza e nível de detalhes extraordinário. Não há nenhum vazamento de luz quando temos algum objeto brilhante sobre fundo escuro. Cenas filmadas no espaço em filmes de ficção são realmente de cair o queixo.

Não perca a oportunidade de conhecer a OLED A1E, tenho certeza que você irá se surpreender.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil-HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XPB7EB_OMGA](https://www.youtube.com/watch?v=XPB7EB_OMGA)

AVMAG #235

Sony
www.sony.com.br
Preço sugerido: R\$ 22.999

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV SAMSUNG PONTOS QUÂNTICOS QN88Q9

Jean Rothman



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YJBK0DLPL8](https://www.youtube.com/watch?v=YJBK0DLPL8)

INTRODUÇÃO

A linha de TVs apresentadas pela Samsung em Março é composta pelos modelos Q7, Q8 e Q9. Esta última, objeto de nosso teste é o topo de linha da marca em sua nova geração de painéis utilizando pontos quânticos.

Introduzindo novidades como conexão por fibra ótica “invisível”, suporte de parede no-gap e uma riqueza de cores sem precedentes, a fabricante coreana continua com força total na disputa pelo estado da arte em TVs.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

Aproveitando e endossando o comentário de um articulista americano, temos a sensação que o time de designers da Samsung inspirou-se no filme 2001: Uma Odisséia no Espaço. O design da Q9 lembra o misterioso monolito preto do filme, graças às suas bordas polidas, desenho plano e de linhas retas. Ela não está entre as TVs mais finas do mercado, mas seus delicados porém robustos pés dão um ar de modernidade e beleza. E o novo suporte de parede no-gap permite que ela seja montada praticamente colada à parede, inovação muito bem vinda e que deixa a QLED ainda mais bonita.

Neste momento, os leitores perguntarão: “Se a TV está colada na parede, como são as conexões? Por onde entram todos os cabos HDMI?”

Aí entra uma das mais inteligentes soluções da indústria de TVs dos últimos tempos. O conhecido One Connect, pequena caixa metálica onde são feitas todas as conexões, substituiu seu cordão umbilical com a TV por um finíssimo cabo transparente de fibra ótica praticamente invisível com 5 m de comprimento. Opcionalmente pode-se adquirir este cabo com 15 m, permitindo que os equipamentos fiquem do outro lado da sala e a TV reine sozinha na parede.

O novo controle remoto smart mantém o design do ano passado, porém com acabamento prateado metálico com resultado muito bonito e elegante. Em minha opinião, é atualmente o melhor e mais fácil de usar entre todos os controles de TVs que conheço. Possui 2 botões táteis em forma de minúsculos joysticks para controle de volume e canais, permitindo seu acionamento sem jamais termos que desviar os olhos da tela. Além disso, permite aposentar praticamente todos os controles de dispositivos, podendo controlar decodificadores de TVs a cabo e players de Blu-ray / DVD. Também recebe comandos de voz, mas é necessário manter um botão pressionado para ativar o microfone.

O One Connect possui 4 entradas HDMI 2.0a, 3 portas USB e Wi-Fi integrado, além de porta RJ45 para conexões de rede cabeadas. Também permite uso de fones de ouvido sem fio com tecnologia bluetooth.

A Q9 utiliza um painel LCD com iluminação pelas bordas horizontais. A Samsung alega que conseguiu níveis de preto tão baixos quanto o modelo KS9800 do ano passado que possuía iluminação local distribuída por todo o painel.

RECURSOS

Nesta geração, o novo HDR 10 (high dynamic range) pode atingir surpreendentes 2000 nits de brilho e apresenta um volume de cor de 100%, segundo o fabricante.

A nova interface “Eden” facilita muito a navegação entre dispositivos e a parte Smart da Q9. Permite que o usuário customize a fileira de ícones e adiciona uma segunda fileira com links dinâmicos, conforme o aplicativo selecionado.

Conteúdo em 4K pode ser acessado através dos aplicativos Netflix, Amazon, Globoplay e a oferta de títulos vem aumentando bastante.

O comando de voz na Q9 funciona surpreendentemente bem. Infelizmente a TV que testamos veio diretamente da Coreia e só aceita comandos em inglês. Acredito que as TVs que serão vendidas também aceitarão comandos de voz em português. O sistema aceita comandos usando sintaxe simples, como “volume up” ou “switch to HDMI 1”. Essa facilidade me poupou bastante tempo durante a calibração da TV. Bastava dizer “white balance 2 point” para entrar diretamente no menu desejado, economizando 22 cliques no controle remoto de cada vez.

AUDIO

A Q9 possui falantes na parte inferior e como na maioria das TVs atuais a qualidade é satisfatória, mas não está no mesmo nível da imagem. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para aproveitar melhor sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

O upscaling de imagens SDR (Full HD) para UHD (4K) da Q9 é excelente, apresentando uma enorme riqueza de detalhes sem artefatos ou exageros nos contornos. As cores, caros leitores, graças à nova geração de pontos quânticos é simplesmente incrível. Cores profundas e vivas sem prejudicar a naturalidade da imagem. Tons de pele e natureza impecáveis, somados a uma enorme profundidade e detalhamento. Os níveis de preto são muito bons para uma TV edge lit. A Samsung alega que seus engenheiros conseguiram níveis de preto tão bons quanto os modelos com iluminação direta (full array). Em cenas que a tela está completamente escura com somente um pequeno texto no centro notei um pequeno vazamento de luz nas bordas, mas que não chega a incomodar no uso diário.

As imagens em UHD HDR são simplesmente deslumbrantes. Atingindo picos de brilho de 1500 nits com uma janela de 10% da tela em área e podendo chegar até 1800 nits em pequenas áreas, a Q9 é a TV com maior luminosidade que já testamos. Significa que os picos de luz são extremamente brilhantes. E graças a um excelente software, a imagem mantém níveis extremos de detalhes tanto em áreas brilhantes quanto nas sombras, simultaneamente. A Samsung Q9 consegue atingir 100% da gama de cores do DCI-P3, padrão para salas de cinema, além de atingir 100% de volume de cores, segundo o fabricante.

Graças à sua enorme reserva de brilho, a Q9 é uma excelente TV para se assistir durante o dia ou em ambientes iluminados.

CONCLUSÃO

A Q9 entra em 2017 no topo de nossa lista, tornando-se a TV a ser batida. Recomendo aos amigos leitores uma visita à loja mais próxima para conhecê-la de perto. Como diria o Fernando Andrette, se eu tivesse que escolher uma TV para levar a uma ilha deserta, escolheria atualmente a Q9, sem dúvidas. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil-HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4K HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix: Diversos trechos em SDR, UHD e HDR
- Amazon: Diversos trechos em SDR e UHD
- Globoplay: Ligações Perigosas

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Samsung UBD-K8500
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital

AVMAG #230
Samsung
www.samsung.com.br
Preço sugerido: R\$ 86.999

NOTA: 107,0



ESTADO DA ARTE



VENDAS E TROCAS



1.

VENDO

1. Cabo Kubala Sosna Elation (RCA - 1,5 m), impecável. R\$ 10.000.
2. Cabo van den Hul The Mountain Hybrid 3T (XLR - 1,0 m), lacrado. R\$ 2.000
3. Braço SME Series V (preto), lacrado e impecável. US\$ 6.000

2.



3.



Editora CAVI

(11) 5041.1415
fernando@clubedoaudio.com.br

VENDO

- Integrado Rega Osiris. R\$ 25.000
- CD Player Rega Isis. R\$ 25.000
- Caixa acustica Dynaudio Contour SR - Maple. R\$ 5.000
- Caixa B&W Zeppelinn Air. R\$ 1.800
- Cabo de Caixa Siltech Anniversary 770L G7 - 2,5 m. R\$ 6.000
- Cabo Digital VDH Digi-Coupler (1,5 m) - (RCA/RCA). R\$ 700
- Cabo Digital Wireworld USB Platinum Starlight - 1 m (Geração 6). R\$ 1.800
- Caixa Klipsch In/Outdoor AWS 525 - Branca. R\$ 1.150
- Elevador de Cabo de Caixa SI 6 peças. R\$ 1.000
- Rack Target 3 Prateleiras. R\$ 750

Dimas

dimascassita@hotmail.com

1.



2.



3.



4.



VENDO

1. Koetsu Rosewood Signature Platinum. U\$ 7.495.
2. Cabo Ortofon Reference Black. R\$ 2.800.
3. Toca-discos Air Tight T-01 sem braço e sem cápsula. R\$ 25.000.
4. Braço Jelco. R\$ 5.800.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador Estabilizado



Módulo Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100



O MELHOR SOM ALIADO A MAIS ALTA TECNOLOGIA



NOVA LINHA DE RECEIVERS YAMAHA AVENTAGE RX-Ax70

A nova linha de Receivers AV Yamaha AVENTAGE RX-Ax70 apresenta o que existe de melhor em áudio e em vídeo.

Além das tecnologias Dolby Atmos e DTS:X aprimorando a imersão sonora em até 7.2.4 canais* com áudio tridimensional, agora os receivers possuem HDR e o padrão Dolby Vision que conferem cores mais vívidas e maior extensão de contraste juntamente com upscaling para 4K Ultra-HD.

A linha AVENTAGE é capaz de reproduzir os detalhes mais sutis do áudio e imagem de alta definição para a mais impressionante experiência de cinema dentro de sua casa.

Explore a melhor qualidade sonora com a maior quantidade de recursos Yamaha.

*RX-A3070

AVENTAGE



Baixe o aplicativo MusicCast



musicCast
musiccast.yamaha.com.br